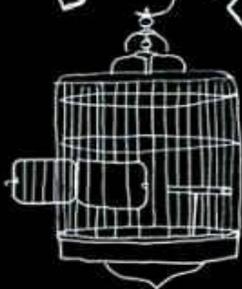


intrínseca

A SORTE DO AGORA

DO AUTOR DE
O LADO BOM DA VIDA



MATTHEW QUICK

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

MATTHEW QUICK

**A
SORTE
DO
AGORA**

Tradução de Alexandre Raposo



Copyright © 2014 by Matthew Quick

TÍTULO ORIGINAL

The Good Luck of Right Now

PREPARAÇÃO

André Marinho

REVISÃO

Carolina Rodrigues

Juliana Souza

DESIGN DE CAPA

www.crushed.co.uk

ADAPTAÇÃO DE CAPA

ô de casa

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

REVISÃO DE EPUB

Juliana Pitanga

E-ISBN

978-85-8057-761-7

Edição digital: 2015

1ª edição

TIPOGRAFIA

Bembo

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

1. O RICHARD GERE GERE VOCÊ-EU IMAGINÁRIO
2. AQUELE HOMEM ANDAVA COM PROSTITUTAS
3. INFELIZMENTE, ACHO QUE NEM EU SOU TELEPATA
4. ACABARIA TENDO QUE ENTRAR NO PADRE MCNAMEE PARA FAZER O INVENTÁRIO
5. O CÉREBRO DISSECADO DE CHARLES J. GUTEAU
6. "UMA SITUAÇÃO COMPLICADA DEVIDO A SUA OPRESSIVA TENDÊNCIA DE SE SUPERANALISAR"
7. SEU USO DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL ME DEIXOU MUITO DESCONFIADO
8. "UMA VEZ QUE NÃO SOMOS CAPAZES DE SUPORTAR A VISÃO DE SUA MISÉRIA"
9. DE FATO HAVIA PADRÕES NO UNIVERSO
10. SUA MÃE CONTOU SOBRE A TEORIA DELA?
11. NÃO ENTENDI QUE TIPO DE MATEMÁTICA MAX ESTAVA USANDO, MAS ELE PARECIA TÃO ANIMADO QUE NÃO O INTERROMPI
12. DE ACORDO COM CIENTISTAS, A TECTITA SE FORMOU QUANDO METEORITOS MAIORES COLIDIRAM COM A SUPERFÍCIE DA TERRA MILHÕES DE ANOS ATRÁS
13. ELES GOSTAVAM MAIS DE ALFACE DO QUE DE CENOURAS
14. ESTA É A COISA MAIS RACIONAL A SE FAZER NO MOMENTO, DADAS AS CIRCUNSTÂNCIAS INFELIZES QUE SUCEDERAM
15. POBRE, OBEDIENTE E HUMILDE SERVO

16. ENTENDI AS MENSAGENS DOS NOSSOS BISCOITOS DA SORTE
MELHOR DO QUE TINHA PENSADO

17. OS GATOS DE RUA DA COLINA DO PARLAMENTO

Agradecimentos

Sobre o autor

Conheça os outros títulos do autor

Leia também

Para minha família: papai, mamãe, Megan e Micah

Se você quer que os outros sejam felizes, pratique
compaixão. Se você quer ser feliz, pratique compaixão.

— DALAI LAMA

Certamente deve ter havido atores melhores do que
eu que não fizeram carreira. Por quê? Não sei.

— RICHARD GERE

O RICHARD GERE VOCÊ-EU IMAGINÁRIO

Prezado Sr. Richard Gere,

Na gaveta de calcinhas da minha mãe, enquanto eu separava as peças de uso frequente das “pouco usadas” que poderia doar para o brechó local, encontrei uma carta que você escreveu.

Como deve lembrar, a carta era sobre as Olimpíadas de 2008, realizadas em Pequim, na China, e você defendia um boicote por causa dos crimes e das atrocidades do governo chinês contra o Tibete.

Não se preocupe.

Não sou um desses “caras malucos”.

Logo percebi que aquela era uma carta-modelo que você enviara para milhões de pessoas por meio de sua instituição de caridade, mas minha mãe fingia muito bem, a ponto de acreditar que você havia assinado a carta especialmente para ela, e deve ter sido por isso que a guardou — acreditando que você tocara o papel com as mãos, lampera o envelope com a língua —, imaginando que aquele papel representava um elo tangível com você... que talvez algumas de suas células, partes microscópicas do seu DNA, estariam com ela sempre que segurasse a carta e o envelope.

Mamãe era a sua maior fã, e uma fingidora nata.

“Veja, ele assinou de próprio punho”, lembro-me de ela dizer para mim, cutucando o papel com o indicador. “É do Richard Gere! Do astro de cinema *RICHARD GERE!*”

Mamãe gostava de comemorar as pequenas coisas. Como encontrar uma nota de dólar amassada esquecida no bolso do casaco, ou quando não havia fila nos correios e os vendedores de selos eram sorridentes e educados, ou quando estava fresco o bastante para nos sentarmos do lado de fora de casa em pleno verão, uma época em que a temperatura costuma cair drasticamente à noite, mesmo que a meteorologia tenha previsto umidade e um calor insuportável. Dessa forma, a noite acabava se tornando um presente inesperado.

“Venha desfrutar deste ventinho estranho, Bartholomew”, dizia mamãe. Então nos sentávamos do lado de fora e sorriamos um para o outro como se tivéssemos ganhado na loteria.

Mamãe conseguia fazer pequenas coisas parecerem milagrosas. Esse era o talento dela.

Richard Gere, talvez você já tenha rotulado minha mãe como esquisita e perturbada, como a maioria das pessoas.

Antes de ficar doente, ela nunca engordou nem emagreceu, nunca comprou roupas novas e, portanto, ficou perpetuamente presa à moda de meados dos anos 1980. Tinha o cheiro da naftalina que guardava nas gavetas e no armário, e seu cabelo costumava ficar achatado no lado em que se deitava no travesseiro (quase sempre o esquerdo).

Mamãe não sabia que impressoras podiam facilmente reproduzir assinaturas, porque ela era velha demais para usar a tecnologia moderna. Perto do fim, costumava dizer que “os computadores foram condenados pelo livro do Apocalipse”, mas o padre McNamee me disse que isso não é verdade, embora pudéssemos deixar minha mãe acreditar que era.

Nunca a vi tão feliz quanto no dia em que sua carta chegou.

Como deve ter percebido, minha mãe não esteve muito lúcida durante seus últimos anos de vida, e, quando a demência extrema se estabeleceu, ficou difícil distinguir as fantasias de seus últimos dias do mundo real.

Tudo ficou confuso com o tempo.

Nos bons momentos — se dá para acreditar que houve —, minha mãe realmente pensava (fingia?) que eu era você, que Richard Gere estava morando com ela, cuidando dela, o que deve ter sido uma ótima alternativa para a verdade: seu filho normal e malsucedido era seu principal cuidador.

“O que teremos para o jantar hoje à noite, Richard?”, perguntava ela. “É um grande prazer finalmente poder passar tanto tempo com você, Richard.”

Era como quando eu era criança e fingíamos estar jantando com um convidado famoso — Ronald Reagan, São Francisco, Mickey Mouse, Ed McMahon, Mary Lou Retton —, que ocupava uma das duas cadeiras na cozinha, sempre vazias, exceto quando padre McNamee vinha nos visitar.

Como já disse, mamãe era uma grande fã sua — provavelmente você já se sentou à mesa da nossa cozinha, mas, para ser sincero, não me lembro de uma visita específica de Richard Gere durante minha infância. De qualquer modo, eu era condescendente e interpretava meu papel, então você se manifestava através de mim, mesmo eu não sendo tão bonito; portanto, eu era um substituto medíocre. Espero que você não se importe que eu o tenha representado sem sua permissão. Era uma coisa simples, que deixava minha mãe feliz. O rosto dela se iluminava como o show de luzes natalinas da loja Wanamaker’s toda vez que você nos fazia uma visita. Depois que a quimioterapia e uma cirurgia no cérebro falharam, após as ânsias de vômito que se seguiram, era difícil fazê-la sorrir ou ficar feliz com qualquer coisa. Por isso continuei com a brincadeira de você e eu virarmos nós.

Tudo começou certa noite, após assistirmos a nossa velha fita de vídeo de *Uma linda mulher*, um dos filmes favoritos da minha mãe.

Quando os créditos começaram a subir, ela deu um tapinha no meu braço e disse:

“Agora vou para a cama, Richard.”

Olhei para ela, que sorriu, quase maliciosa, como as meninas sensuais faziam com os lábios pintados e brilhantes quando eu

estava no ensino médio. Aquele sorriso lascivo me deixou enjoado, porque eu sabia que significava problemas. Aquilo também não tinha a ver com minha mãe. Foi assim que comecei a morar com uma estranha.

Perguntei:

“Por que você me chamou de *Richard*?”

Ela apoiou suavemente a mão na minha coxa e, com uma voz muito sedutora e cheia de juventude, respondeu, piscando:

“Porque esse é o seu nome, bobinho.”

Durante nossos trinta e oito anos de convivência, mamãe nunca tinha me chamado de “bobinho”.

O homenzinho furioso que vivia no meu estômago golpeou meu fígado.

Eu sabia que estávamos em apuros.

“Mãe, sou eu... Bartholomew. Seu único filho.”

Quando fitei seus olhos, ela parecia não me enxergar. Era como se estivesse tendo uma visão, vendo algo que eu não conseguia enxergar.

Isso me fez pensar se minha mãe usara algum tipo de bruxaria feminina e, de algum modo, me transformara em você.

De forma que nós — você e eu — tínhamos nos tornado um só na cabeça dela.

Richard Gere.

Bartholomew Neil.

Nós.

Mamãe tirou a mão da minha coxa e disse:

“Você é um homem bonito, Richard. É o amor da minha vida, mas não vou cometer o mesmo erro duas vezes. Você fez sua escolha, então vai ter que dormir no sofá. Vejo você de manhã.”

Depois subiu a escada com certa leveza, movendo-se mais rápido do que vinha fazendo havia meses.

Ela parecia em êxtase.

Como os santos com halos retratados nos vitrais de São Gabriel, mamãe passava a impressão de ser guiada por uma divindade. Sua

loucura parecia sagrada. Ela estava banhada em luz.

Por mais desconfortável que essa mudança tenha sido, gostei de ver minha mãe iluminada. Feliz. E fingir sempre foi algo fácil para mim. Fingi a vida inteira. Além disso, havia a brincadeira da minha infância, então é claro que eu tinha prática.

De algum modo — quem pode dizer exatamente como essas coisas acontecem? —, ao longo de vários dias e semanas, mamãe e eu acabamos caindo na rotina.

Nós dois começamos a fingir.

Ela fingia que eu era você, Richard Gere.

Eu fingia que minha mãe não estava enlouquecendo.

Fingia que ela não ia morrer.

Fingia que não teria que enfrentar a vida sem ela.

As coisas progrediram, como dizem.

Quando ela acabou confinada ao sofá-cama da sala de estar, com uma bomba de morfina espetada no braço, eu fingia ser você vinte e quatro horas por dia, mesmo nos momentos em que mamãe estava inconsciente. Isso me ajudava toda vez que eu fielmente apertava o botão da morfina e ela fazia uma careta.

Para ela, eu não era mais Bartholomew, e, sim, Richard.

Então decidi ser mesmo Richard e dar um merecido descanso a Bartholomew, se é que isso faz algum sentido para você, Sr. Gere. Bartholomew andava fazendo horas extras como filho de sua mãe havia quase quatro décadas. Bartholomew foi esfolado vivo emocionalmente, decapitado e crucificado de cabeça para baixo, assim como o apóstolo Bartolomeu, de acordo com várias lendas, mas apenas de forma metafórica no mundo moderno de hoje e agora.

Ser Richard Gere era como apertar minha própria bomba mental de morfina.

Eu era um homem melhor quando era você: mais confiante, mais controlado, mais seguro de mim mesmo do que jamais fui.

Os funcionários do hospital colaboraram com a brincadeira. Eu os instruí com firmeza a me chamarem de Richard sempre que

estivéssemos no quarto com minha mãe. Eles me olharam como se eu fosse louco, mas fizeram o que pedi, porque eram contratados.

A equipe do hospital cuidava da minha mãe só porque era paga para isso. Eu não tinha qualquer ilusão de que aquelas pessoas se importavam com a gente. Elas consultavam o relógio do celular cinquenta vezes por hora e sempre pareciam muito aliviadas quando vestiam o casaco no fim do turno, como se nos deixar fosse o mesmo que ir a um lugar maravilhoso ou sair de um necrotério e entrar na festa do Oscar.

Enquanto mamãe dormia, às vezes os funcionários do hospital me chamavam de Sr. Neil, mas sempre que ela estava acordada eu era você, Richard, e eles faziam o que eu pedia por causa do dinheiro que recebiam da seguradora. Chegavam até a usar um tom muito formal e reverente quando se dirigiam a nós. "Podemos fazer alguma coisa para que sua mãe fique mais confortável, Richard?", perguntavam toda vez que ela estava acordada, apesar de nunca terem me chamado de Sr. Gere, o que não era um problema para mim, pois mamãe e você se tratavam pelo primeiro nome desde o início.

Quero que saiba que minha mãe realmente gostava de assistir às Olimpíadas. Ela nunca perdia as competições — também costumava ver com a mãe dela — e isso lhe dava muito prazer, talvez porque nunca tenha saído da região da Filadélfia durante os setenta e um anos que passou na Terra. Ela costumava dizer que assistir às Olimpíadas era como tirar férias no exterior a cada quatro anos, mesmo depois de terem mudado os jogos de inverno e verão para anos diferentes, de forma que as Olimpíadas passaram a ocorrer a cada dois anos. Mas tenho certeza de que você já sabe disso.

(Desculpe por ser redundante, mas estou escrevendo como Bartholomew Neil — alguém diferente de você de todas as maneiras imagináveis. Espero que tenha paciência comigo e perdoe minha banalidade. Não estou fingindo ser Richard Gere enquanto escrevo. Sou muito mais eloquente quando sou você. MUITO. Bartholomew Neil não é nenhum astro de cinema. Bartholomew Neil nunca

transou com uma top model. Bartholomew Neil nunca saiu da cidade onde você e eu nascemos, Richard Gere, a Cidade do Amor Fraternal. Infelizmente, Bartholomew Neil está ciente desses fatos. E Bartholomew Neil também não é um grande escritor, como você já deve ter percebido.)

Mamãe adorava ginástica olímpica e, em particular, os homens de abdome trincado, que “se moviam como anjos guerreiros”. Ela batia palmas até ficar com as mãos rosadas toda vez que alguém fazia o movimento da cruz nas argolas. Era o seu favorito. “Forte como Jesus em seu pior dia”, dizia ela. Também via cada segundo das cerimônias de abertura e de encerramento. Mamãe assistia a qualquer evento olímpico que passasse na televisão.

Mas quando recebeu sua carta — aquela que mencionei anteriormente — descrevendo as atrocidades cometidas pelo governo chinês contra o Tibete, minha mãe decidiu não assistir às Olimpíadas sediadas na China, o que foi um grande sacrifício para ela.

“Richard Gere tem razão! Devíamos mandar um recado à República Popular da China! É horrível o que estão fazendo com o povo tibetano! Por que ninguém mais se preocupa com os direitos humanos básicos?”, disse ela.

Devo admitir que, por ser muito mais pessimista, resignado e apático do que minha mãe, insisti inutilmente para que assistíssemos às Olimpíadas. (Por favor, me perdoe, Sr. Gere. Eu tinha pouca fé naquela época.) Falei que o fato de assistirmos ou não nem sequer seria documentado, muito menos teria qualquer impacto sobre as relações exteriores. “A China nem vai saber que não estamos assistindo! Nosso boicote será em vão!”, protestei, mas mamãe acreditava em você e na sua causa, Sr. Gere. Ela fez o que você pediu, porque o amava e tinha a fé de uma criança.

No final das contas, também não assisti aos Jogos Olímpicos, o que inicialmente me deixou perturbado, pois essa era uma atividade mãe-filho tradicional na família Neil, mas faz um tempo que já superei isso. Agora me pergunto se o boicote da minha mãe, a

morte dela e o fato de eu ter encontrado a carta que você escreveu para ela... se talvez essas coisas signifiquem que você e eu devemos estar unidos de algum modo cósmico relevante.

Talvez você esteja destinado a me ajudar, Richard Gere, agora que minha mãe se foi.

Talvez tudo isso faça parte da visão dela, sua fé se concretizando.

Talvez você, Richard Gere, seja o legado da minha mãe para mim!

Talvez você e eu realmente devamos nos tornar NÓS.

Para demonstrar ainda mais a sincronicidade de tudo isso (você já leu Jung? Eu já. Está surpreso?), mamãe vaiou impiedosamente os chineses em 2010 nos jogos de Vancouver — até mesmo os saltos e piruetas das patinadoras chinesas, que eram tão graciosas —, o que aconteceu pouco antes de eu ter começado a notar a demência dela, se não me falha a memória.

Não aconteceu de repente. Teve início com pequenas coisas como esquecer os nomes das pessoas que encontrávamos quando saíamos, deixar o forno ligado durante a noite, não lembrar que dia era, se perder no bairro onde morou a vida inteira e perder os óculos com grande frequência, normalmente na própria cabeça, ou seja, pequenos lapsos cotidianos.

(Mas ela nunca se esqueceu de você, Richard Gere. Ela falava com você-eu todos os dias. Outro sinal. Ela nunca esqueceu o nome Richard.)

Para ser sincero, realmente não sei direito quando começou o declínio mental dela e também fingi não perceber por bastante tempo. Eu nunca fui particularmente bom com mudanças. E só decidi ceder à loucura da minha mãe e ser você bem depois. Sou lento para a dança, sempre estive atrasado para o baile cósmico, como pessoas mais sábias que nem você sem dúvida devem dizer.

Os médicos me falaram que não era culpa nossa, que mesmo se tivéssemos levado minha mãe lá antes provavelmente as coisas teriam acabado da mesma maneira. Eles nos disseram isso quando ficamos agitados no hospital, quando não nos deixaram ver mamãe depois da operação e começamos a gritar. Uma assistente social

conversou com a gente em uma sala particular, enquanto esperávamos permissão para ver nossa mãe. E, quando a vimos, as ataduras na cabeça dela a faziam parecer mumificada, e sua pele estava amarelada pela doença, era simplesmente horrível. A julgar pelos olhares de preocupação que os funcionários do hospital nos lançavam, estávamos visivelmente aterrorizados.

Em nosso nome, a assistente social perguntou aos médicos se poderíamos ter feito algo mais para evitar que o câncer evoluísse, se havíamos sido negligentes. Foi quando os médicos nos disseram que não era culpa nossa, apesar de termos ignorado os sintomas durante meses, afastando os problemas das nossas vidas.

Mesmo assim.

Não foi culpa nossa.

Espero que acredite em mim, Richard Gere.

Não foi culpa minha, nem sua.

Você só mandou uma carta, mas ficou com a minha mãe até o fim: em sua gaveta de calcinhas e ao lado dela, através de mim, seu médium, sua encarnação.

Os médicos afirmaram repetidas vezes que não poderíamos ter feito mais nada.

O tumor cerebral em forma de lula que estendera profundamente seus tentáculos no cérebro da nossa mãe não era algo que pudéssemos prever nem derrotar. Foi isso que os médicos nos disseram diversas vezes, em linguagem tão simples e direta que até mesmo homens menos inteligentes poderiam compreender com facilidade.

Não foi culpa nossa, Richard Gere.

Fizemos tudo o que podíamos, inclusive fingir, mas algumas forças são poderosas demais para simples humanos. E a assistente social do hospital confirmou isso com um gesto de cabeça triste e relutante.

“Nem mesmo um ator famoso como Richard Gere poderia ter fornecido um atendimento melhor para a sua mãe”, respondeu a assistente social quando mencionei você, compartilhando com ela

minha preocupação por ser um fracassado, incapaz até de cuidar da própria mãe. Sendo que esse era meu único trabalho no mundo, o único objetivo que já tive.

Fracassado miserável!, gritou o homenzinho no meu estômago.
Retardado! Idiota!

Faz só algumas semanas, mais ou menos, que o câncer em forma de lula no cérebro acabou com a vida da nossa mãe — um borrão extenso e breve (que se estende e se encolhe na minha memória) —, depois que a cirurgia e a quimioterapia não conseguiram curá-la.

Os médicos pararam de tratá-la.

Eles nos disseram: “É o fim. Desculpe. Tente mantê-la confortável. Aproveite ao máximo o seu tempo. Se despeça.”

“Richard?”, sussurrou minha mãe na noite em que morreu.

Só isso.

Uma.

Única.

Palavra.

Richard?

O ponto de interrogação foi audível.

O ponto de interrogação me assombra.

O ponto de interrogação me fez acreditar que toda a vida dela poderia ser resumida pela pontuação.

Não fiquei chateado por mamãe ter dito sua última palavra para o Richard Gere você-eu imaginário, o que também incluía a mim, seu filho de carne e osso.

Eu era Richard naquele momento.

Na cabeça dela, e na minha.

Fingir pode ajudar muito.

Agora, apesar de ser inverno, ouvimos os pássaros pela manhã, quando nos sentamos sozinhos na cozinha para tomar café. (Devem ser pássaros da cidade, fortes e resistentes, sem medo de baixas temperaturas. Ou então aves preguiçosas demais para migrar.) Minha mãe sempre deixava a televisão aos berros, porque gostava de “ouvir as pessoas falando”, por isso eu nunca tinha percebido o

canto dos pássaros. Trinta e nove anos nesta casa, e esta é a primeira vez que ouvimos o canto dos pássaros à luz do sol da manhã, enquanto tomamos nosso café na cozinha.

Uma sinfonia de pássaros.

Você já ouviu pássaros cantando? Ouviu realmente, de verdade?

É tão bonito que chega a doer no peito.

Minha conselheira de luto, Wendy, diz que preciso me esforçar para ser mais sociável e ter um “grupo de apoio” formado por amigos. Ela esteve aqui na minha cozinha certa vez, quando os pássaros cantavam pela manhã, e fez uma pausa no meio de uma frase, aproximou o ouvido da janela, estreitou os olhos e franziu o nariz.

Então perguntou:

“Está ouvindo isso?”

Assenti.

Ela deu um sorriso arrogante pouco antes de dizer naquela voz otimista de líder de torcida, como só uma pessoa muito jovem seria capaz de ter:

“Eles gostam de ficar juntos, em bando. Percebe como estão felizes? Como estão alegres? Agora você precisa encontrar o *seu* bando. Deixar, finalmente, o ninho, por assim dizer. Até mesmo voar. *Voar!* Há muito céu lá fora para pássaros corajosos. Você quer voar, Bartholomew? *Quer?*”

Ela disse todas essas palavras rapidamente, então ficou sem fôlego assim que terminou seu brado de estímulo. Seu rosto estava vermelho que nem o peito de um pintarroxo, como sempre fica quando ela está expondo o que considera ser um argumento extremamente notável. Ela me fitou com olhos arregalados — “*kaleidoscope eyes*”, como cantam os Beatles —, e eu sabia o que responder, sabia o que eu deveria dizer, o que a deixaria muito feliz, o que legitimaria sua presença na minha cozinha e a faria sentir como se seus esforços importassem, mas eu não podia dizer aquilo.

Simplesmente não podia.

Eu me esforcei muito para manter a calma, porque parte de mim — o núcleo sombrio e malvado dentro de mim, onde vive o homenzinho furioso — queria agarrar os ombros de passarinho de Wendy e chacoalhar todas as sardas para que saíssem de seu lindo rosto juvenil, enquanto eu berrava com ela, gritando com força suficiente para jogar seu cabelo para trás: “Sou mais velho do que você! *Me respeite!*”

“Bartholomew?”, chamou ela, me olhando sob suas finas sobrancelhas alaranjadas, da mesma cor que as folhas secas na calçada.

“Não sou um pássaro”, respondi com a voz mais calma que consegui naquele momento, e olhei fixamente para meus cadarços marrons, tentando permanecer imóvel.

Não sou um pássaro, Richard Gere.

Sei que já sabe disso, porque você é um homem sábio.

Não sou um pássaro.

Não sou um pássaro.

Não.

Sou.

Um.

Pássaro.

Seu fã e admirador,

Bartholomew Neil

AQUELE HOMEM ANDAVA COM PROSTITUTAS

Prezado Sr. Richard Gere,

A fim de sanar as lacunas no conhecimento coletivo que temos um do outro, fui à biblioteca e pesquisei sobre você na internet.

Os frequentadores têm autorização para procurar qualquer coisa, exceto pornografia. Sei disso porque certa vez vi um sujeito (com dreads cinza que faziam sua cabeça parecer um agave morto e empoeirado) ser expulso da biblioteca por estar vendo pornografia na internet. Ele estava sentado ao meu lado, esfregando a genitália sob a calça jeans imunda e incrivelmente larga. Na tela havia duas mulheres nuas, de quatro, feito cães, lambendo o ânus uma da outra. Elas ficavam gemendo: "hummmm-assim!" e "hummmmm-aaaah-ISSO!". Lembro-me de ter rido, porque era muito ridículo. Quer dizer, as mulheres agindo como cães, não o fato de o homem ter sido expulso.

(As pessoas realmente gostam de ver mulheres se comportando dessa maneira? Acho difícil de acreditar, mas, se está na internet, deve existir um mercado para isso. E não só de frequentadores malucos de biblioteca, mas de pessoas com computadores em casa, onde essas exposições são permitidas.)

Uma bibliotecária mais velha se aproximou e disse:

"Isso não é apropriado. O senhor não pode se comportar dessa maneira aqui. É totalmente inaceitável! Existem regras, senhor. Senhor, por favor."

O homem gritou com a bibliotecária, recusando-se a ir embora. Ele disse:

“Não sou nenhum senhor! Eu sou um homem! H-O-M-E-M HOMEM! H-U-M-A-N-O SER H-U-M-A-N-O!”

Isso fez a velha bibliotecária dar um passo atrás. Ela não gostou do fato de ele ter soletrado para ela.

A essa altura, todos na biblioteca tinham se virado e estavam olhando.

Fiquei feliz que a Meninatecária não estivesse ali para ver.

(A Meninatecária não teria sido capaz de lidar com a situação, e gosto disso nela. Ela age com uma belíssima lentidão. Pensa muito antes de se mexer. Certa vez eu a observei organizar livros que haviam sido danificados. Não tenho certeza, mas, com base nas minhas observações, supus que era seu trabalho decidir quais deveriam ser jogados fora e quais deveriam ser consertados e mantidos. A maioria das pessoas olharia de forma superficial e rapidamente daria um destino ao livro: direita ou esquerda, restaurar ou descartar. Mas ela examinava os livros com muito cuidado, analisando cada um deles como se fossem preciosas borboletas mortas que talvez ela pudesse fazer voar novamente, apenas sendo gentil o bastante. Durante três horas inteiras eu a observei do outro lado da biblioteca enquanto fingia ler o jornal. Era algo milagroso de se ver, até que uma das outras bibliotecárias apareceu e gritou com a Meninatecária por estar demorando muito. Ela disse: “Esses livros não foram encadernados com ouro, Elizabeth!” A Meninatecária estremeceu ao ouvir aquelas palavras e se escondeu atrás do longo cabelo castanho que cobre seu rosto, da mesma forma que uma cachoeira esconde a entrada de uma caverna misteriosa. A bibliotecária mais velha separou os livros restantes em menos de cinco minutos enquanto a Meninatecária observava através do cabelo com os ombros caídos. Vi a Meninatecária começar a mover as mãos para pegar vários livros à medida que eram jogados na pilha de descarte, mas ela conseguiu se conter e seus dedos não se afastaram mais de quinze centímetros

das suas coxas cobertas de veludo branco. A impressão que dava era que a Meninatecária queria intervir e argumentar a favor de vários daqueles exemplares.)

Você já reparou que muitas vezes as melhores pessoas do mundo não têm poder, Richard Gere?

A China tem poder.

O Tibete não tem poder.

Está impressionado com minha pesquisa e meu conhecimento sobre sua causa favorita?

Quando a polícia chegou, o homem da pornografia — que provavelmente era um sem-teto, porque cheirava a tripas de peixe apodrecendo dentro de uma bota de couro velha — balançou a cabeça diversas vezes, como se estivesse realmente consternado, até mesmo decepcionado, e então gritou:

“Paguei impostos minha vida toda! Dezenas de vezes! Milhares de dólares. Eu já financiei o governo dos Estados Unidos, que é seu empregador! Você! E você! E *you*! Todos vocês são funcionários públicos! Servidores públicos. Vocês trabalham para *a gente*! Para as pessoas! Não o contrário. Eu sou *seu* chefe. Você! *Você!* **VOCÊ!**”

Ele apontou o dedo indicador para todos os funcionários da biblioteca e para os policiais.

“Agora quero o que é meu por direito! Este é um país livre! Se quero ver pornografia, eu posso, porque é meu direito constitucional como cidadão americano. Pornô para todo mundo!”

O sujeito esbravejou durante algum tempo, mencionando como os presidentes americanos adoravam sexo. O vestido manchado por Bill Clinton. Thomas Jefferson fazendo amor com suas escravas. JFK e Marilyn Monroe. Imediatamente, escrevi a maior parte daquilo no meu caderno, porque era interessante, real, espontâneo, mesmo que continue sem confirmação e, muito provavelmente, seja um exagero.

Mas reconheci uma coisa importante que a maioria das pessoas não entende: aquele sem-teto estava fingindo que tinha o direito de falar aberta e livremente, e fingir pode ser mais importante do que

se contentar com o que é aceito como verdadeiro, o que todo mundo aceita como fato. (No caso, o fato era o seguinte: os sem-teto não devem falar com pessoas com teto, especialmente de forma confiante.) Fatos nem sempre são tão importantes quanto o fingimento. Nesse dia, fingir deu àquele homem o poder do qual precisava para dizer o que pensava. A maioria dos funcionários públicos nunca diz o que pensa, e por isso todos ficaram com muito medo do sem-teto. Ele interrompeu a vida dos outros com pornografia e interessantes revelações presidenciais. Se ao menos mais pessoas fingissem por boas causas... Se ao menos a Meninatecária pudesse fingir de modo mais eficaz, ela realizaria grandes feitos, tenho certeza. O problema é que os loucos fazem todo o fingimento e tomam toda a iniciativa. Já percebeu isso?

Eu sempre anoto coisas interessantes e importantes.

Não consumo pornografia porque sou católico e tento não me masturbar, mas nem sempre sou bem-sucedido nos meus esforços.

Você já se masturbou, Richard Gere?

Aposto que você não se masturba há muito tempo, pelo menos desde que ficou famoso. Quando alguém se casa com uma top model como Cindy Crawford, provavelmente não precisa mais se masturbar. (Sei que você não é mais casado com Cindy Crawford, mas com Carey Lowell. Como já falei, andei pesquisando a seu respeito.) Por que você precisaria de pornografia com mulheres tão belas em casa?

Os budistas acham errado se masturbar?

Eu costumava amarrar minhas mãos à cabeceira da cama — dá para fazer isso sem ajuda se praticar bastante, até dominar a arte de fazer laços firmes ao redor dos pulsos — em um esforço para evitar me masturbar enquanto dormia. Mas, então, minha mãe — que parecia nunca se cansar de me soltar pela manhã, quando eu clamava por liberdade — me disse com certa relutância que era melhor eu me masturbar do que transar com mulheres estranhas que têm doenças como aids, herpes e gripe. Ela disse que dá para pegar gripe transando com estranhos e que muitas pessoas morrem

dessa doença todos os anos, motivo pelo qual sempre tomamos vacinas contra gripe em setembro.

Mas minha mãe também me disse que, caso eu sentisse necessidade de me satisfazer, eu mesmo deveria cuidar da questão. Ela me falou isso quando eu estava com uns vinte anos e fui preso por tentar contratar uma prostituta que era uma policial disfarçada.

O padre McNamee arranjou um advogado para ajudar na minha defesa e me levou até um brechó para comprar um terno. Os homens que trabalhavam lá eram homossexuais e, portanto — segundo o padre McNamee —, entendiam de moda. Eles foram muito legais e me ajudaram a encontrar o traje perfeito para o tribunal.

“Como ele ficou?”, quis saber o padre McNamee quando saí do provador.

“Inocente”, disse um dos homossexuais, e depois sorriu com orgulho.

“Católicos não deveriam ser a favor da homossexualidade, não é?”, perguntei ao padre McNamee enquanto caminhávamos de volta para casa.

“Católicos também não deveriam ser presos por solicitar serviços de prostitutas”, disse ele de forma severa, quase maldosa, mesmo sabendo que eu era (e ainda por cima parecia ser) inocente.

“Gostei dos homossexuais que me ajudaram a encontrar meu terno. Isso é errado de acordo com a Igreja Católica?”, perguntei. “Só quero uma resposta definitiva.”

“Cá entre nós, confidencialmente, não é errado”, respondeu o padre McNamee. “Também gosto deles. Conheço Harvey há trinta anos.”

“Quem é Harvey?”

“O dono da loja. Ele é meu amigo.”

“Então você tem amigos homossexuais?”

“É claro”, murmurou ele rapidamente.

Certa vez, durante um jantar em nossa casa, minha mãe disse ao padre McNamee:

“Setenta e cinco por cento dos padres são gays. É por isso que a igreja considera a homossexualidade um pecado. Os presbitérios seriam uma completa orgia romana caso não fosse.”

Os dois riram muito ao ouvir isso, talvez por já terem bebido algumas garrafas de vinho.

No tribunal, o juiz disse que aquilo tinha sido uma cilada, porque a policial — que estava usando peruca cor-de-rosa, minissaia de couro, sutiã pontudo em forma de cone e os saltos mais altos que alguém já vira na vida — havia me parado no caminho de casa para a biblioteca e se esfregado na minha perna, me chamando de “Papaizinho Bebê” (o que era confuso, porque como uma pessoa pode, ao mesmo tempo, ser pai e bebê?) e pedindo dinheiro.

Perguntei de quanto ela precisava, e a mulher respondeu: “Vinte por um boquete. Sessenta por qualquer outra coisa que você quiser.” (Anotei isso depois no caderno de Coisas Interessantes que Ouvi.) Ninguém *nunca* se esfregara na minha perna daquela maneira, era como se tivesse pintado um clima. Parecia que eu estava congelado no tempo e no espaço, como um homem das cavernas preso no gelo, ou em âmbar, talvez. Então, balancei a cabeça concordando em dar algum dinheiro à mulher de cabelo cor-de-rosa, principalmente porque pensei que aquilo a faria feliz, e minha boca estava seca demais para que eu conseguisse falar.

Para ser sincero, também achei que aquilo a faria continuar se esfregando na minha perna, o que era muito, muito gostoso, como se eu fosse uma pilha de panquecas, e ela, a manteiga derretendo, escorrendo sobre mim. Também fiz isso porque ela havia me hipnotizado com os lábios, os olhos e a mente, com sua maquiagem, seu cheiro e seu suor. Eu queria que ela ficasse se esfregando na minha coxa para sempre.

Panquecas e manteiga.

Eu me senti muito sortudo, como se tivesse ganhado um prêmio.

Mas assim que tirei o dinheiro da carteira, todos aqueles homens pularam de trás das árvores e das latas de lixo apontando armas, exibindo distintivos e gritando para eu ficar de joelhos e colocar as

mãos atrás da cabeça. Eles tinham um megafone que machucava meus ouvidos e me fez sentir como se um enxame de vespas furiosas estivesse atravessando minha mente.

Quando algemaram meus pulsos às costas, eu estava com tanto medo que fiz xixi nas calças, e os policiais gritaram comigo porque não queriam que “o mijo” manchasse o banco da viatura. Um deles me chamou de “retardado filho da puta”, eu me lembro disso porque mais tarde também anotei no meu caderno. Não gosto de ser chamado de retardado, apesar de ter sido chamado assim várias vezes, o que é injusto e, talvez, até mesmo cruel.

Ele disse:

“Outro retardado filho da puta. Mijou nas calças. *Olha!*”

Os homens riram, e a mulher de peruca cor-de-rosa acendeu um cigarro enquanto revirava os olhos para mim e balançava a cabeça.

“Devíamos acabar com o sofrimento desse patético saco de bosta”, disse um policial baixinho.

Ele estava vestido feito um mendigo, mas tinha pendurado no pescoço o distintivo, que brilhava sob as luzes da rua. Empunhava uma moderna pistola portátil, como as que os policiais usam na televisão. Fiquei preocupado achando que ele fosse atirar bem entre os meus olhos, porque o homem olhou para mim como se não acreditasse na minha existência. Tudo o que ele precisava fazer era puxar o gatilho para que eu desaparecesse para sempre. Ele tinha esse poder.

“Sinto muito”, falei, e era verdade. Eu não queria ser a causa de tantos problemas. Estava começando a acreditar que o policial furioso tinha razão a meu respeito. “Eu não tive intenção de causar qualquer problema.”

Ele balançou a cabeça com desgosto — como se eu fosse um cocô de cachorro em que ele tinha acabado de pisar acidentalmente — e, em seguida, foi embora, arrastando as solas dos sapatos na calçada fria e áspera até ficarem completamente limpas de mim.

Espero que você já tenha se dado conta de que não sou um retardado, Richard Gere.

Tenho uma "inteligência acima da média".

Ao menos era o que minha mãe sempre dizia. Ela contava que atingi uma pontuação extraordinariamente alta em um teste de QI não convencional que minha escola obrigara os alunos a fazer, mas que o mundo nem sempre mede a inteligência da maneira correta.

"O mundo gosta mais de dinheiro do que da verdade", minha mãe também costumava dizer. "Então, estamos ferrados!"

Ela morria de rir quando dizia isso.

"Você é só um pouco desligado", dizia minha mãe. "Desligado da *melhor* forma possível. Você é perfeito assim. Meu filho lindo. Bartholomew Neil. Eu amo muito você."

Minha jovem conselheira de luto, Wendy, diz que sou "emocionalmente perturbado" e que tenho "atraso no desenvolvimento" por ter mantido um "relacionamento codependente" com minha mãe durante tantos anos.

Acho que Wendy não gosta muito da minha mãe.

Certa vez, ela disse que minha mãe me consumia, o que passou a impressão de que mamãe era uma canibal com um osso atravessado no nariz, me cozinhando em um caldeirão enorme sobre uma pilha de tocos de madeira em chamas.

Mamãe não era nem um pouco assim. Ela não era canibal.

Anotei tudo isso no meu caderno.

Wendy me disse que eu era "emocionalmente perturbado" e que tinha o "atraso no desenvolvimento" quando perguntei por que eu precisava de uma conselheira de luto, pois eu já não estava mais triste por minha mãe ter morrido. Falei para ela que estava em paz e que não chorava à noite nem qualquer coisa parecida. Eu não tinha nenhuma dor com a qual lidar. Ela estava perdendo tempo.

"Minha mãe morreu em paz, por causa da morfina", afirmei. "E vou vê-la outra vez no céu."

Wendy, a conselheira de luto, ignorou minha menção ao céu e disse:

"Você diz que ainda não chorou. *Ainda*. Provavelmente está reprimindo muitas emoções."

“Pássaros reprimem as coisas?”, perguntei em tom de brincadeira, mantendo o olhar fixo nos cadarços dos meus sapatos. Wendy riu bastante, o que me fez sentir como se eu a tivesse surpreendido com a própria metáfora dela, e, portanto, eu não era um retardado.

Mas, como eu estava dizendo, mamãe teve que me tirar da prisão, o que demorou tanto tempo que minha calça já estava seca quando ela chegou lá. Mas minhas coxas ficaram assadas por causa do atrito com o jeans molhado, já que fiquei andando de um lado para outro o tempo todo em que estive preso.

Havia um porto-riquenho interessante na minha cela, que usava maquiagem e ficava mandando beijinhos para mim, dizendo que queria “me traçar com delicadeza” sempre que os policiais não estavam por perto. Sei que ele era porto-riquenho porque usava uma camiseta que dizia: PORTO-RIQUENHOS FODEM MELHOR. Mas acho que talvez ele pudesse não ser porto-riquenho, e só alguém que gostava de transar com porto-riquenhos. No entanto, isso foi algo interessante e incomum, então anotei no meu caderno.

Naquela noite, depois de pagar a fiança para que eu saísse da cadeia e de me levar para casa, mamãe me disse que a autossatisfação, embora tecnicamente fosse um pecado para a Igreja Católica — às vezes mencionada como pecado de Onã —, devia ser o caminho para mim. Ela não estava realmente brava comigo por eu ter sido preso, ainda mais depois que lhe contei o que havia acontecido, como a mulher de cabelo cor-de-rosa praticamente surgira de um beco e começara a se esfregar na minha perna antes que eu pudesse dizer ou fazer qualquer coisa. Mamãe assentiu e disse que gostaria de ter conversado comigo sobre autossatisfação antes que tudo isso acontecesse, mas que esse tipo de conversa costumava ser tarefa do pai. Meu pai morreu muito antes de eu ter idade suficiente para falar sobre sexo, de modo que mamãe não deve ser responsabilizada por isso.

Naquela noite, minha mãe entrou no meu quarto, sentou-se na beirada da cama, como costumava fazer quando eu era criança, e,

apontando para o crucifixo em cima da cabeceira — que me deu de presente de crisma —, disse:

“Aquele homem andava com prostitutas. Ele também foi preso. Então, você está em boa companhia, Bartholomew. Não deixe isso dilacerar você por dentro, está bem?”

Como não respondi, mamãe acrescentou:

“Eu preferia que você tivesse esbarrado em uma Vivian Ward em vez de em uma policial disfarçada.” Ela estava se referindo à personagem de Julia Roberts em *Uma linda mulher*, mas nem preciso lhe dizer isso. “Quero mais. Quero o conto de fadas”, falou minha mãe, assim como Julia Roberts lhe disse no filme. “Quero o conto de fadas para você, Bartholomew. Se eu não pude ter, quero que você tenha. Então continue acreditando em contos de fadas, está bem? Continue acreditando que até mesmo algumas prostitutas são mulheres de bom coração. Acredite. Até mesmo finja!”

Não sei o motivo — talvez porque minha mãe tenha sido sempre tão esperançosa a meu respeito, e porque eu nunca tenha conseguido confirmar suas confiantes teorias sobre seu filho único —, mas tive que desviar o rosto do dela. Senti as lágrimas brotando, a pressão aumentando por trás dos meus olhos. Mamãe acariciou meu cabelo por alguns minutos, como ela fazia quando eu era criança. Mesmo estando velho demais para ser acariciado assim, fiquei feliz por ela ter feito aquilo. Ela fez adormecer o homenzinho furioso no meu estômago. Era como se sua mão tivesse sido capaz de realizar um milagre naquela noite.

“Quero o conto de fadas para você, meu doce e ingênuo menino”, disse ela outra vez antes de apagar a luz e sair do quarto.

O mais provável é que meu pai tenha sido assassinado por membros da Ku Klux Klan que odiavam católicos, e, portanto, não tenho lembranças dele. As pessoas esquecem que, antigamente, a KKK odiava católicos tanto quanto odiava negros e judeus. Mamãe dizia que ninguém mais se importa se alguém odeia católicos por causa de todos esses padres pedófilos, e é por isso que as pessoas esquecem que a KKK provavelmente ainda odeia os católicos.

(Mamãe também falava que, se os padres continuassem molestando garotinhos, a KKK logo teria um índice de aprovação superior ao da Igreja Católica.) Foi também por essa razão que, de acordo com minha mãe, o assassino do meu pai nunca foi julgado e nenhum jornal cobriu o homicídio, e talvez seja por isso que não consegui encontrar qualquer menção ao crime na biblioteca.

“Os católicos neste país já viveram épocas muito difíceis”, minha mãe costumava dizer quando eu era criança. “Seu pai, um bom católico, saiu para comprar um maço de cigarros e nunca mais foi visto. A polícia diz que ele nos deixou para morar com outra família em Montreal, sua cidade natal, mas nós sabemos que não foi nada disso.”

Mamãe sempre fez o melhor que pôde e não deve mesmo ser culpada por minha prisão. Certa vez perguntei se meu pai também era um bom fingidor, e ela respondeu que sim. Aparentemente, era muito parecido comigo.

Por que meu pai não conseguiu proporcionar um conto de fadas para minha mãe?

Por que a maioria das pessoas não consegue proporcionar à outra um conto de fadas?

Você sabe por quê, Richard Gere?

Seus filmes lhe ensinaram isso?

Seu fã e admirador,
Bartholomew Neil

INFELIZMENTE, ACHO QUE NEM EU SOU TELEPATA

Prezado Sr. Richard Gere,

Acordei esta manhã, preparei um café e tentei ouvir os obstinados (ou preguiçosos) pássaros matinais, mas o homenzinho furioso no meu estômago estava irado, gritando: *Idiota! Neandertal! Imbecil!*

Foi muito desconcertante, porque eu não fazia a menor ideia do que o tinha deixado irritado. Normalmente, percebo na mesma hora o que o está incomodando, pois em geral é o que também está me incomodando.

Quebrei a cabeça, mas não conseguia lembrar.

Servi o café e, quando tomei o primeiro gole, percebi o que era.

Em minha última carta fugi completamente do assunto, falando sobre coisas desconexas do passado. Nem sequer lhe contei o que aconteceu de mais importante comigo ontem a caminho da biblioteca, o que me fez sentir que sou realmente um imenso e completo idiota.

(Eu me distraio com facilidade com coisas interessantes, e, por isso, as pessoas costumam ter dificuldade em conversar comigo, razão pela qual não falo muito com estranhos. Prefiro escrever cartas, em que há espaço para registrar tudo, ao contrário das conversas na vida real, em que é preciso lutar para dizer o que tem que ser dito e nem sempre conseguimos.)

Na biblioteca, encontrei uma matéria do *Huffington Post* que dizia que você foi "abençoado pelo Dalai Lama no Templo Mahabodhi em Bodh Gaya". O jornal era de 18 de março de 2010. Havia fotos de

você se curvando para o Dalai Lama e ele se inclinando para tocar sua testa com as mãos unidas como em oração. Tinha também uma foto de você rezando com os olhos abertos, enquanto usava fones de ouvido caríssimos da marca Bose. Fiquei imaginando o que você estava ouvindo. Em seu pulso esquerdo havia contas de madeira e no direito, uma velha pulseira de couro. A julgar pelos seus olhos, você estava extasiado.

Você se lembra daquele dia?

Já viu essa foto?

Ser abençoado por Dalai Lama deve ter sido uma grande honra, e quero parabenizá-lo agora mesmo, embora isso tenha ocorrido há quase dois anos. Acho que, para você, foi o equivalente a encontrar o papa. Eu ficaria muito animado caso conhecesse o papa, até mesmo o novo, que é alemão. Mamãe nunca gostou dos alemães porque o pai dela morreu na Segunda Guerra Mundial. (Mas eu não tenho nada contra os alemães.)

Então, achei uma matéria no *Syracuse Buddhism Examiner*, que dizia: "A revista *Time* publicou uma lista abrangente dos altos e baixos dos últimos doze meses e classificou a 'Autoimolação de Monges Tibetanos' como a notícia 'menos divulgada' de 2011." Havia uma imagem de um monge em chamas. Parecia um pilar de lava flamejante. Difícil acreditar que a foto era de um homem de verdade queimando vivo porque o tom laranja-avermelhado era quase bonito e o homem estava completamente imóvel.

(Além disso, pensei em como era normal ver um homem em chamas no computador da biblioteca, mas não duas mulheres nuas lambendo uma à outra. Quem faz as regras? Morte tudo bem. Sexo, não. Mães podem morrer. O câncer vem quando a pessoa menos espera.)

Fiquei bastante tempo olhando para o homem em chamas, mas não conseguia fazer minha mente acreditar que se tratava de uma pessoa. Não que eu estivesse duvidando ou desconfiando da legenda. Só foi muito difícil acreditar que essas coisas realmente

acontecem. Que as pessoas do outro lado do mundo se importam tanto com *algo* a ponto de atear fogo a si mesmas.

Pelo que entendi, esses monges fizeram autoimolação para atrair atenção para a sua causa: a volta de Dalai Lama ao Tibete.

Mais adiante, a matéria dizia que "a revista *Time* admitiu que, para o Tibete ganhar destaque nos noticiários, geralmente é preciso que um presidente dos Estados Unidos afrente Pequim se encontrando com Dalai Lama, ou que uma grande celebridade como Richard Gere arrecade fundos".

Quando li essa declaração, me dei conta: você, *meu* amigo, Richard Gere, é mais poderoso que um presidente dos Estados Unidos, porque nem sequer citaram o nome do presidente, mas mencionaram o seu.

Qual é a sensação de ser mais famoso, poderoso e icônico do que Barack Obama?

Também percebi que você poderia fazer mais pelo Dalai Lama se promovesse um jantar para os monges budistas dispostos a queimarem até a morte. O sacrifício deles dificilmente chega aos noticiários, morrem anônimos, mas o fato de você ter sido abençoado por Dalai Lama saiu no *Huffington Post*.

Você é um homem poderoso, Richard Gere.

Fico feliz por ter escolhido confiar em você nesse período difícil da minha vida. Quanto mais aprendo a seu respeito, mais percebo que minha mãe tinha razão ao guardar sua carta na gaveta de calcinhas. Talvez ela soubesse que eu precisaria do seu conselho depois que ela se fosse e deixou a carta para que eu a encontrasse, como uma pista. É quase como se ela ainda estivesse me ajudando, certificando-se de que você e eu estamos nos correspondendo.

Em um site chamado Tibet Sun, li (e copiei no meu caderno de Coisas Interessantes que Ouvi) o seguinte: "Um ex-monge budista, que ateou fogo a si mesmo na semana passada em protesto contra o domínio chinês no Tibete, já teria sido declarado morto em decorrência das queimaduras. Ele foi o décimo segundo tibetano a

se incendiar no Tibete desde março deste ano, em protesto contra o domínio de Pequim no Tibete. Sete já teriam morrido.”

Doze monges atearam fogo ao próprio corpo tentando conseguir o mesmo que você.

Isso, é claro, me fez lembrar dos doze discípulos de Jesus Cristo, incluindo Bartolomeu (às vezes mencionado como Natanael), que tem o mesmo nome que eu.

Pergunto-me se você, Richard Gere, não seria o Jesus Cristo do budismo moderno.

O que me fez imaginar se você já pensou em atear fogo ao próprio corpo, afinal, você também é budista. Imagine a repercussão nos noticiários. Todos ao redor do mundo ficariam atônitos se o famoso e humanitário ator de Hollywood Richard Gere se sacrificasse.

Imagine só que poder!

Seu melhor papel!

Espero sinceramente que não ateie fogo a si mesmo porque acabei de começar a escrever para você. Eu gostaria de prosseguir com esta conversa, então, por favor, não siga o mesmo caminho desses monges tibetanos. Acredito que você pode fazer muito mais estando vivo do que morto, e não parece que os sacrifícios deles estão colaborando muito para enfraquecer a China. Além disso, existe a pista — a que encontrei na gaveta de calcinhas da minha mãe — e, talvez, você esteja destinado a ajudar não só Dalai Lama, mas também a mim, Bartholomew Neil. Sua autoimolação não me ajudaria em nada neste momento. Pelo menos, eu não vejo como.

Ninguém nos Estados Unidos sabe que os monges estão fazendo este grande sacrifício, o que me deixa muito desanimado.

“A vida é uma merda”, diz minha jovem e ruiva conselheira de luto, Wendy, sempre que chegamos a um impasse em nossa conversa.

Esse é seu clichê-padrão.

Suas palavras de sabedoria para mim.

“A vida é uma merda.”

Quando Wendy diz isso, é como se ela estivesse fingindo que não estamos juntos por causa do seu trabalho, mas porque somos amigos de verdade. É como se estivéssemos tomando cerveja no bar, como fazem os amigos na televisão.

“A vida é uma merda.”

Ela sussurra essa frase. Como se não devesse dizer isso para mim, mas quisesse que eu soubesse que sua conversa alegre e sua positividade fazem parte do jogo de fingimento.

Assim como ser um pássaro.

E tentarei unir as sardas do rosto dela para criar figuras — como novas constelações — e posso até formar um coração se eu realmente me esforçar.

Seu rosto é oval.

Às vezes, seus olhos são da cor de um céu de primavera às duas da tarde de sábado, outras vezes, são da cor do gelo polar.

Ela é bonita como se fosse uma irmã mais nova.

Mas, voltando aos monges, não tenho certeza se eu atearia fogo ao meu corpo por algum motivo. Às vezes tenho a impressão de que simplesmente não acredito o bastante em nada a ponto de fazer uma contribuição significativa para o mundo, agora que já não tenho que cuidar da minha mãe.

Às vezes tenho vontade de sentir a paixão e a determinação que você deve sentir quando pensa na volta do Dalai Lama ao Tibete, mas nunca tive sentimentos tão intensos.

De modo geral, eu apenas me contentava em passar o tempo com a minha mãe, e ela dizia que o tempo que ficávamos juntos lhe bastava.

Ela dizia que precisava de mim, e era bom ser necessário para alguém.

Ela nunca sugeriu que eu deveria estar fazendo algo mais da minha vida, como ganhar dinheiro e beber cerveja no bar com os amigos, e às vezes acho que essa atitude negligente foi um erro, sobretudo ao criar um menino órfão de pai.

Agora que mamãe não está mais entre nós, tenho pensado se já não está na hora de encontrar algo pelo que me apaixonar. Talvez antes de fazer quarenta anos. Eu gostaria de beber cerveja com um amigo no bar, ao menos uma vez.

Eu gostaria de levar a Meninatecária a algum lugar legal, talvez à estação de tratamento de água atrás do museu de arte, de onde dá para ouvir o rio correr.

Wendy diz que a "próxima fase da minha vida" poderia ser a melhor. Quero acreditar nisso, mas ela é apenas uma menina que ainda não acumulou muita experiência de vida. Eu gosto dela, mas não a considero uma confidente.

Você é meu confidente.

Eu gostaria de tomar cerveja com você no bar, Richard Gere.

O que você acha?

Eu seguiria feliz um conselho seu.

Você acha que eu deveria me apaixonar por alguma coisa?

Devo confessar que, quanto mais pesquiso na internet, mais me solidarizo com a *sua* causa, Richard Gere.

Dalai Lama parece ser um homem extraordinariamente bom. Andei lendo sobre ele e suas filosofias. Ele diz que devemos renunciar ao nosso senso de individualidade.

Dalai Lama afirma que "devemos reconhecer que o sofrimento de uma pessoa ou de uma nação é o sofrimento da humanidade. Que a felicidade de uma pessoa ou de uma nação é a felicidade da humanidade".

No livro *Uma mente profunda*, do Dalai Lama, você escreveu no prefácio que nossas vidas são como o feixe de luz que sai de um projetor de cinema, iluminando a tela, que é o vazio. Gostei disso. Ficou bom, ficou bonito.

É verdade?

Vou ler mais sobre budismo.

Mas quanto a me apaixonar por algo, talvez eu devesse começar com uma coisa menor do que me preocupar com a China.

Nem sequer consigo falar com a Meninatecária, e já faz anos que venho tentando secretamente fazer isso. Estou em desvantagem porque não sou bonito como Richard Gere. Tenho um e noventa de altura, muito pelo nos braços e nos ouvidos, mas não o bastante na cabeça. Além do mais, acho que meu nariz não é simétrico, embora ninguém nunca tenha comentado nem zombado de mim por causa disso. Mas os espelhos não mentem.

Às vezes, mando recados mentais para a Meninatecária, mas não acho que ela seja telepata. Infelizmente, acho que nem eu sou telepata.

Agradeço qualquer colaboração que você possa dar.

Seu fã e admirador,
Bartholomew Neil

ACABARIA TENDO QUE ENTRAR NO PADRE MCNAMEE PARA FAZER O INVENTÁRIO

Prezado Sr. Richard Gere,

Padre McNamee parecia distraído na última noite de sábado.

Primeiro, ele anunciou que a missa seria realizada em memória da minha mãe, mesmo que eu não tivesse solicitado nem preenchido a ficha necessária para isso. Também não fiz nenhuma doação para a igreja. E o que é ainda mais estranho: ele já dedicara a missa da semana anterior para minha mãe. Por ser budista, você provavelmente não deve saber, mas não é comum celebrar duas missas em memória de alguém num intervalo tão curto de tempo.

Então, mesmo não sendo um funeral, Páscoa ou Natal, padre McNamee insistiu em acender e balançar o incensário, para enorme desgosto dos outros sacerdotes, que tentaram detê-lo colocando as mãos no seu ombro e murmurando que ele se contivesse, mas padre McNamee não se deteve. Os outros sacerdotes só pararam de murmurar irritados quando os esforços do padre McNamee para se livrar deles acabaram arremessando o incensário feito um estilingue, e o objeto saiu voando pelo santuário. Houve um suspiro coletivo quando ele foi lançado em direção ao vitral, mas, felizmente, a gravidade foi mais forte e o incensário se quebrou ao bater na parede de pedra. Uma pequena nuvem de fumaça subiu antes que os coroinhas conseguissem apagar o incenso e limpar a bagunça.

Contudo, padre McNamee nem sequer se deu conta da interrupção.

Em circunstâncias normais, ele teria feito uma piada, talvez com alguma referência à vitória de Davi sobre Golias. Padre McNamee costuma ser muito engraçado e popular — suas sessões animadas de bingo atraem centenas de idosos, e ele já arrecadou dinheiro várias vezes para causas nobres fazendo uma espécie de show de comédia que combinava “homílias com humor” —, mas depois do incidente com o incensário, quando não conseguiu aliviar os temores da congregação, deu para sentir a tensão aumentando dentro da igreja de São Gabriel.

Havia alguma coisa errada.

Todos sabiam disso.

Os outros sacerdotes trocavam olhares.

No entanto, a missa prosseguiu, e todos continuaram com o ritual de sábado à noite. E finalmente chegou o momento de o padre McNamee fazer a homilia.

Ele assumiu o púlpito, baixou o queixo, agarrou as bordas de madeira, inclinou-se para a frente e olhou fixamente para nós sem dizer nada.

Isso continuou por pelo menos sessenta segundos, mais ou menos, e causou mais agitação do que o incidente com o incenso.

“Hummmmmmm”, disse ele, afinal. Ou melhor, gemeu.

O barulho parecia borbulhar de dentro dele feito um arrote monstruoso que esperara muito pelo momento oportuno de explodir.

Então ele começou a rir até lágrimas escorrerem pelo seu rosto.

Quando parou de dar risada, tirou a túnica — ficando de calça e camiseta diante de nós — e disse:

“Renuncio aos meus votos! Estou agora, neste exato momento, me destituindo oficialmente!”

Ouviu-se um grande suspiro na congregação.

Então padre McNamee desapareceu ao entrar no alojamento dos padres.

Todos começaram a murmurar e a olhar uns para os outros, até que padre Hachette se levantou e disse:

“Vamos cantar o hino cento e setenta e dois: ‘Eu sou a videira.’”

O órgão começou a tocar e os bancos rangeram quando todos se levantaram ao mesmo tempo. A congregação começou a cantar alegremente, aliviados por estarmos mais uma vez em terreno familiar.

De pé sozinho no último banco, escondi meu caderno de Coisas Interessantes que Ouvi dentro do hinário e comecei a escrever.

Quando terminamos, padre Hachette disse:

“Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, este dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer’, João, 15:5. Podem se sentar.” (Também anotei isso. Precisão confirmada.)

Não lembro o que padre Hachette falou durante sua homilia improvisada, porque eu não conseguia parar de pensar no padre McNamee. Algumas vezes cheguei a cogitar me levantar e ir até o alojamento dos padres ver se ele estava bem, encorajá-lo, dizer que não devia deixar de ser padre. Eu sentia um calor no peito. Isso me fez pensar que eu deveria ajudar de alguma forma, mas o que podia fazer?

Padre McNamee é um padre realizado e confiável. Ele ajuda muitas pessoas. Por exemplo, ele criou o famoso programa que reúne jovens problemáticos do centro da cidade e os “transforma” em conselheiros durante seu projeto de verão para crianças deficientes. Esse evento sempre ganha destaque no noticiário local.

Ele veio visitar minha mãe diversas vezes quando ela estava doente e conseguiu que um membro da igreja cuidasse de todos os trâmites legais necessários para que a casa passasse para o meu nome depois da morte dela, pois mamãe não tinha feito um testamento. Padre McNamee conseguiu que Wendy viesse me visitar uma vez por semana, sem custos para mim, porque minha mãe me deixou bem pouco dinheiro. Ele também falou muito bem dela no enterro, chamando-a de “Mulher de Cristo” (anotei isso no meu caderno), e, como eu não tinha outros parentes vivos, depois ele me

levou até o litoral e caminhamos juntos pela praia para eu “desanuviar a mente” da morte da minha mãe.

“Parecemos Jesus e seus discípulos à beira-mar”, falei para ele enquanto passeávamos perto da fria arrebenção. Deve ter entrado um pouco de areia nos olhos do padre McNamee, porque ele começou a esfregá-los. Eu o ouvi gemer de dor enquanto as gaivotas grasnavam no céu. “Você está bem?”

“Estou”, respondeu ele, gesticulando para que eu me afastasse.

O vento esvoaçou uma de suas lágrimas, que pousou no lóbulo da minha orelha.

Em seguida, caminhamos por bastante tempo sem dizer nada.

Ele me fez companhia em casa na primeira noite após o enterro da minha mãe, e tomamos mais uísque do que provavelmente deveríamos — padre McNamee acabou bebendo três vezes mais do que eu, o que logo o deixou vermelho e embriagado —, mas foi bom contar com sua presença.

Padre McNamee nos ajudou muito, a minha mãe e a mim, ao longo dos anos. “Deus o enviou para nós”, ela costumava dizer. “Padre McNamee foi mesmo mandado para nós.”

Há alguns anos, finalmente confessei o pecado da masturbação ao padre McNamee, e ele não me fez sentir envergonhado por isso. Sussurrou por meio da tela do confessionário:

“Um dia, Deus lhe mandará uma esposa, Bartholomew. Tenho certeza disso.”

Pouco depois, a Meninatecária começou a trabalhar na biblioteca, e muitas vezes me perguntei se aquilo não tinha sido obra de Deus. Voltei a me lembrar da *Sincronicidade* de Jung. *Unus mundus*.

Agora rezo a Deus pedindo a coragem necessária para falar com a Meninatecária, que sempre parece brilhar na biblioteca do mesmo jeito que Maria brilha no vitral toda vez que o sol invade a igreja de São Gabriel.

Mas a coragem nunca vem.

Rezo por palavras, mas elas evaporam instantaneamente sempre que vejo a Meninatecária na biblioteca. Também fica muito calor,

como se meu cérebro estivesse fervendo dentro do meu crânio.

Talvez o você-eu imaginário tivesse mais chances, mas quero que a Meninatecária se apaixone por Bartholomew Neil e não por nós, Richard Gere. Você a conquistaria com um sorriso ou com uma piscadela... Seria tão fácil para você... Eu quero ganhar o afeto dela, só que os meus caminhos são mais longos.

Pelo que tenho lido sobre budismo, esse desejo é o que me mantém longe da iluminação. Mas então lembro que você tem uma esposa, e se Richard Gere, o grande budista e amigo do Dalai Lama, pode ter tais desejos, isso deve ser bom para mim também. Certo?

Quando a missa de sábado passado terminou, o padre Hachette não me deixou falar com o padre McNamee nem me deu permissão para entrar no alojamento dos padres. "Reze pelo padre McNamee, Bartholomew. A melhor coisa que você pode fazer é rezar. Reze para o Senhor", repetia o padre Hachette enquanto dava tapinhas no meu peito como se estivesse acariciando um grande animal de estimação, talvez um dogue alemão. "Acalme-se", prosseguiu. "Vamos manter a calma. Todos nós. Todos e cada um de nós."

Talvez eu estivesse mais irritado do que imaginava, embora o homenzinho furioso no meu estômago não estivesse tentando destruir meus órgãos internos. Era outro tipo de irritação. Costumo ficar agitado quando me preocupo. Independentemente disso, o padre Hachette parecia assustado. Muitas vezes, as pessoas têm medo de mim quando fico agitado ou irritado. Mas nunca fiz mal a ninguém, nem mesmo na escola, quando costumavam me empurrar e me chamar de retardado.

(O pior dia da minha vida se transformou em uma das melhores experiências que já tive no ensino médio, mas, no geral, aquilo me fez sentir retardado. Uma bela garota chamada Tara Wilson veio até o meu armário e, com uma voz muito sensual, me convidou para ir com ela até o porão da escola no intervalo do almoço. Eu sabia que era ali onde os alunos iam transar no horário da aula e fiquei animado com o fato de que uma das meninas mais populares da minha sala queria me levar até lá. Eu também sabia que era uma

armadilha. O homenzinho furioso no meu estômago xingava, chutava e pisoteava, dizendo para eu não cair nessa. *Não seja o retardado deles!*, gritou o homenzinho furioso. Mas eu sabia que aquela era minha única chance com Tara Wilson, e era legal demais fingir que ela queria me levar para o porão da escola, mesmo parecendo tão nervosa e suada no inverno. Por isso, fingir foi muito difícil. Ela chegou a segurar minha mão enquanto descíamos a escada, o que foi maravilhoso. Este breve minuto de mãos dadas provavelmente foi a melhor coisa que aconteceu comigo na escola. E ainda penso em Tara Wilson — na maneira como ela fixava a franja com laquê, no cordão de ouro de três voltas que usava, na coleira de ouro em que estava escrito T-A-R-A e que tinha um pequeno diamante no canto inferior direito, no modo como ela fumava Marlboro feito uma estrela de cinema na esquina após a aula, como ela jogava a cabeça para trás e soprava a fumaça para cima em direção às nuvens enquanto ria — como uma chaminé bela e maravilhosa —, o cigarro descansando na curva de seus dedos formando um V, como o símbolo de paz e amor. Mesmo tendo me enganado, ainda gosto muito dela até hoje e espero que tenha uma boa família em algum lugar e que esteja se saindo bem. Espero que Tara Wilson esteja feliz. Quando chegamos ao porão, ela me levou até um canto escuro. Havia uma dúzia de colegas lá embaixo, todos meninos. Eles me rodearam e começaram a gritar: “Retardado! Retardado! Retardado!” Antes que eu me desse conta do que estava acontecendo, diversas mãos me agarraram, e então fiquei sozinho dentro de um armário de despensa escuro, de onde não dava para sair nem ver nada. Gritei e bati na porta durante horas, mas ninguém apareceu. Por fim, comecei a fingir que estava em casa dormindo profundamente na minha cama e que aquilo era um terrível pesadelo. Fingi que acordaria logo, que mamãe prepararia o café da manhã, o que ajudou por algum tempo. Mas depois o homenzinho furioso no meu estômago ficou irritado, chutando, gritando e me mandando fugir, então tentei derrubar a porta com o ombro, mas era como tentar mover uma montanha com a mente.

Meu bíceps começou a doer e a inchar, e finalmente escorreguei para baixo na escuridão, me perguntando se ia morrer ali. Rezei, pedindo que Deus me salvasse, mas ninguém apareceu. Ficou frio, e passei a noite ali dentro, tremendo sobre o concreto, e mamãe ficou terrivelmente preocupada a ponto de chamar a polícia. Quando desisti de vez, uma luz se acendeu e me cegou. "Ah, meu Deus. Você está bem?", ouvi. Era Tara. Foi no dia seguinte, antes que qualquer pessoa tivesse chegado à escola. Ela me deu uma garrafa de água e um saco com biscoitos de chocolate. Fui logo bebendo a água, porque estava com muita sede. "Desculpe", disse ela. "Eles me obrigaram a fazer isso." Meus olhos se adaptaram à luz. Sua maquiagem escorria pelo rosto, e ela parecia tão arrependida e infeliz que a perdoei naquele exato momento. Tara me disse que um colega chamado Carl Lenihan havia tirado sua roupa quando ela desmaiou bêbada em uma festa e, em seguida, a fotografado. Carl a obrigava a fazer coisas para ele desde então, usando as imagens como chantagem. Tara implorou para que eu não contasse a ninguém que havia me deixado sair. Ela chorava histericamente enquanto explicava tudo isso, agitando as mãos, dizendo que pensou que eu poderia ter morrido com a fumaça da fornalha e que estava esperando do lado de fora quando o zelador chegou para abrir o portão e que estava muito feliz por eu estar bem — por eu estar vivo. Mas, então, do nada, Tara Wilson fez uma coisa bem estranha. Ela me abraçou por bastante tempo e chorou na minha camisa, repetindo sem parar que estava muito arrependida. Tara chorava e tremia tanto que pensei que ela fosse morrer. Não sabia se ela queria que eu retribuísse o abraço ou não, então só fiquei ali parado. Em seguida, ela puxou minha cabeça para baixo, me deu um beijo no rosto e subiu a escada correndo, saindo do porão da escola. Nunca mais falou comigo. Quando eu passava por Tara nos corredores, ela desviava o olhar. Nunca contei a ninguém que passei a noite no armário frio e escuro do porão da escola. Não sei por quê. Não fingi que isso nunca aconteceu ou que foi só um sonho. Guardei para mim mesmo. Você, Richard Gere, é a primeira pessoa para

quem conto. Eu disse para minha mãe que tinha passado a noite atrás do museu de arte observando o rio, que a correnteza havia me hipnotizado e não senti o tempo passar. Não acho que ela tenha acreditado em mim, mas também não me chamou de mentiroso, o que achei bom. Só ficou olhando nos meus olhos por bastante tempo e, então, pareceu esquecer o assunto. Minha mãe entendeu que certas coisas devem ser deixadas de lado. Palavras podem ser usadas como armas que causam grande estrago. Todos os meninos populares da minha turma me chamaram de "Tara" ou de "menino do armário" até eu me formar. Às vezes, eles me chamavam de "o retardado da Tara". E ela nunca mais me dirigiu a palavra. Foi quando descobri que às vezes as pessoas legais sentem a necessidade de fingir serem más e horríveis. Desde Tara, vi muitas pessoas fingirem ser rudes, cruéis e grosseiras. Você também já percebeu isso, Richard Gere? Gente que prefere fingir ser má em vez de boa? Não entendo por que as pessoas fazem isso, mas sei que a maioria toma a mesma atitude de Tara, e isso me deixa confuso com frequência.)

De volta à igreja, perguntei ao padre Hachette:

"Poderia pedir para o padre McNamee me ligar esta noite?"

"Claro, claro", disse o padre Hachette. Seu rosto estreito estava vermelho como uma placa de PARE, e seus poucos fios de cabelo esvoaçavam logo abaixo da saída de calefação na parede. "Vá para casa e reze. Direi para o padre McNamee ligar para você. Agora vá, Bartholomew. Deus o abençoe."

Não acreditei que o padre Hachette ia fazer o que pedi, porque ele não foi convocado por Deus da mesma forma que o padre McNamee. Dá para perceber isso só de olhar em seus olhos e pelo fato de ele não ajudar tanta gente na igreja. Não que seja um péssimo padre, ele só não é um "verdadeiro escolhido" como o padre McNamee. Ao menos era isso que minha mãe sempre me dizia. Contudo, mesmo sentindo queimar no peito aquela sensação de Deus-quer-que-você-faça-algo, fui para casa, imaginando que o

padre McNamee acabaria entrando em contato comigo, porque ele sempre nos visitava.

Quando cheguei em casa, padre McNamee estava sentado nos degraus da entrada. Sua barba branca parecia ainda mais ameaçadora, e o nariz estava vermelho e brilhante. Havia dois sacos de papel pardo à sua esquerda e uma pizza à direita.

“Comunhão”, disse ele. “Vai repartir o pão comigo?”

Assenti, apesar de não ter gostado do aspecto selvagem nos olhos azul-celestes do padre McNamee, que me sugavam como poderosos redemoinhos.

Havia alguma coisa errada.

Se ele fosse uma casa, uma de suas janelas estaria quebrada, e a porta, escancarada. Parecia que ele tinha sido arrombado e roubado. Eu ainda não tinha certeza do que estava faltando e sabia que acabaria tendo que entrar no padre McNamee para fazer o inventário, se é que isso faz algum sentido. Eu não imaginava que padre McNamee pudesse me magoar de algum modo, mas também não conseguia me livrar da sensação de que havia algo errado com ele, e que eu deveria ser cuidadoso. Ele estava comprometido, como dizem nos filmes de espionagem e nos programas de televisão sobre presidentes, primeiros-ministros e agentes secretos.

Comemos e bebemos na cozinha.

“O corpo de Cristo”, disse padre McNamee ao colocar uma fatia de pizza de cogumelo no meu prato.

Ele não se serviu de uma fatia. Apenas bebeu seu uísque Jameson.

Tentei comer, mas não estava com muita fome.

Eu ainda queria descobrir o que havia sido roubado de dentro do padre McNamee.

“O sangue de Cristo”, disse ele, quando despejou um dedo de uísque no meu copo. “Beba.”

Tomei um gole e senti queimar.

Ele virou sua dose de uma só vez, e seu rosto imediatamente ficou vermelho.

Minha mãe teria dito que ele “enrubesceu”.

“Bartholomew”, começou padre McNamee. “Agora que saí da igreja, preciso de um lugar para morar. Tecnicamente, nem sequer tenho as roupas do corpo. Um amigo de infância muito bem de vida está me mandando dinheiro, mas não é nenhuma fortuna. Se você me aceitar em sua casa, também posso lhe oferecer minhas orações.”

“Você realmente vai sair da igreja? Vai mesmo renunciar aos seus votos?”

Ele assentiu e se serviu de mais uísque.

“Por quê?”

“Êxodo.”

“Êxodo?”

“Êxodo”, repetiu ele.

“Como Moisés?”

“Mais como Aarão.”

Quando eu era criança, minha mãe lia histórias bíblicas para mim, e frequentei a igreja toda semana durante a vida inteira. Lá eu sempre lia a Bíblia, por isso sabia que Aarão foi o porta-voz de Moisés quando ele tirou os judeus do Egito.

“Não entendo o que você está querendo dizer”, falei.

Padre McNamee virou mais três dedos de uísque e serviu-se de outra dose.

“Já sentiu como se Deus falasse com você, Bartholomew?” Ele me encarou até eu baixar os olhos para minha fatia de pizza. “Será que Deus lhe mandou alguma mensagem ultimamente? Você sabe do que estou falando? Você é a secretária eletrônica que grava a voz de Deus? Pode me aconselhar? O que Deus lhe disse recentemente? Será que Ele lhe mandou alguma mensagem... para mim ou para mais alguém?”

Primeiro, pensei na Meninatecária. Em seguida, pensei em você, Richard Gere, e na carta que minha mãe havia deixado para mim. Eu me perguntei se aquela carta poderia ser uma mensagem de Deus, mesmo você sendo budista. (Caminhos misteriosos.) Mas eu não

disse nada sobre você para o padre McNamee. Não sei por quê. Talvez por ele estar parecendo uma casa arrombada.

“Eu o vi crescer”, disse o padre McNamee. “Você sempre foi diferente. E realmente levou uma vida de monge. Sempre na biblioteca lendo, estudando. Tendo uma existência simples e tranquila com sua mãe, e agora...”

Ele olhou pela janela da cozinha por um longo tempo, embora não houvesse nada para ver, exceto o reflexo da luz do teto que parecia uma lua elétrica.

“Seu pai foi um homem religioso. Sua mãe lhe contou isso?”

“Sim”, respondi. “Ele foi martirizado. Morreu pela Igreja Católica, foi assassinado pela Ku Klux Klan.”

“*Ku Klux Klan?*”, indagou o padre McNamee.

“De acordo com a minha mãe, sim.”

Padre McNamee sorriu com perplexidade, quase como se sentisse cócegas.

“O que mais ela lhe falou sobre seu pai?”

“Que ele *foi* um homem bom.”

“Ele *foi* um homem bom.”

“Você o conheceu?”

Padre McNamee assentiu solenemente.

“Ele costumava se confessar comigo, muito tempo atrás. Era bastante religioso. Estava por dentro do assunto. Deus falava com ele. Tinha visões. O sangue dele corre em suas veias.”

“E o sangue da minha mãe também”, acrescentei, sem saber por quê.

Padre McNamee nunca tinha falado comigo daquele jeito, nem quando estava caindo de bêbado. Mas minha mãe costumava contar sobre as visões do meu pai. Certa vez ela me disse que ele fechava os olhos com tanta força que tudo que conseguia ver era a cor vermelha. Em seguida, ele ouvia as vozes incognoscíveis dos anjos, que descreveu como o barulho estridente do vento ao passar por florestas verdejantes, só que mais musical e divino. Meu pai era capaz de entender os anjos.

“Ela vive através de você”, disse o padre McNamee. “Sua mãe. Isso é verdade.”

Quando ficou óbvio que ele não diria mais nada, perguntei:

“Você realmente quer morar comigo?”

“Quero.”

“Por quê?”

“Há muito tempo, Deus me disse para fazer uma coisa, mas só estou fazendo agora. Principalmente porque, neste exato momento, Deus está me dando um gelo.”

“O quê?”

“Não fui claro?”

“Não. Quer dizer, foi”, respondi. Era muita coisa para assimilar. “O que Deus lhe disse exatamente?”

“Deixe a igreja e vá morar com Bartholomew Neil.’ Já falei que isso faz muito tempo. Acho que Deus está com raiva de mim, porque não o ouvi.”

Balancei a cabeça. Deus nunca falaria com o padre McNamee a meu respeito. O que ele disse não era verdade. O padre estava apenas tentando fazer com que eu me sentisse melhor. Dizendo mentiras inocentes. Fingindo. Incluindo a mim em seu chamado, porque ele sabia que eu não era um escolhido e sentia pena.

“Você parece surpreso, Bartholomew. Deus fala com as pessoas por meio da Bíblia. Ele está sempre falando com a gente.”

Olhei para a minha fatia de pizza de cogumelo e pensei em como o padre McNamee havia decaído. Comecei a me preocupar, achando que o câncer em forma de lula também estava atacando o cérebro dele.

“Você não tem nada para me dizer, Bartholomew? Nenhuma palavra de Deus? Nada?”

Ele olhou para mim, ergueu o copo de uísque e perguntou:

“E então?”

“Por que quer morar comigo?”

“Acho que Deus tem um plano para você”, disse o padre McNamee. “Infelizmente, Ele não fala mais comigo. Então, não sei

exatamente que plano seria esse. Mas a boa notícia é que estou aqui para ajudar você a realizá-lo, caso queira." Ele bebeu outro gole de uísque e perguntou: "Então, qual é o plano, Bartholomew?"

Apenas olhei para ele.

"Você realmente não sabe, não é mesmo?", disse ele, inclinando a cabeça para o lado e olhando para mim através do seu espesso círculo branco de barba e cabelo. "Deus não tem falado com você ultimamente?"

"Não faço ideia."

"Nenhuma? Nem mesmo uma suspeita? Uma inclinação? Um sentimento? *Nada?*"

Fiz que não com a cabeça, me sentindo envergonhado.

"Você não ouviu nenhum chamado?"

"Desculpe", respondi, porque eu não tinha ouvido nada nem remotamente parecido com um chamado.

"Então acho que devemos esperar", disse ele. "E vou rezar. Deus pode não estar mais falando comigo, mas Ele talvez ainda esteja ouvindo."

"Perdoe-me, padre, mas você está falando sério sobre tudo isso? Não é brincadeira?"

"Não é brincadeira", confirmou o padre McNamee.

"Você vai mesmo abandonar a Igreja Católica?"

"Eu me destituí oficialmente. Não vou abandonar. *Já* abandonei."

"Ainda posso confessar meus pecados para você?"

"Tecnicamente, não. Não como católico. Mas como homem, com certeza."

Eu não sabia o que dizer, então bebi meu uísque.

Queimou.

Padre McNamee tomou metade da garrafa antes de desmaiar no sofá. Eu me sentei na poltrona e o observei. Ele tinha antebraços grossos e era barrigudo, apesar de ser todo firme, e não flácido como um homem gordo. Parecia uma batata com cabeça, braços e pernas. Sua barba o deixava parecido com Papai Noel. E sua pele era cheia de buracos, áspera e esfolada, como se tivesse levado uma

vida árdua, trabalhando no vasto campo dos homens, colhendo almas.

Pele de batata.

Uma batata gigante.

"Irlandês", mamãe costumava dizer. "Padre irlandês."

Coloquei um cobertor sobre o padre McNamee, e ele começou a roncar alto.

Lá em cima, anotei no meu caderno tudo de que consegui me lembrar e me perguntei se o padre McNamee realmente acreditava que Deus tinha um plano para mim agora que minha mãe se fora, ou se ele só estava bêbado. Fiquei acordado a maior parte da noite pensando e refletindo.

Pela manhã, encontrei o padre McNamee ajoelhado na sala, rezando. Eu não queria interromper, então fui preparar café, ovos fritos na manteiga e molho picante. Também cortei e fritei algumas fatias de *scrapple*, que é uma mistura de carne de porco com farinha de milho, bom para ressaca. Padre McNamee sempre comia *scrapple* depois de passar a noite bebendo uísque irlandês. Sei disso porque ele já dormiu várias noites no nosso sofá. Mamãe costumava fritar isso para ele.

"Bom dia, Bartholomew", disse o padre ao tomar seu lugar à mesa da cozinha. "Você sabe que não precisa cozinhar para mim. Mas obrigado."

Servi a refeição.

Bebemos café.

Os pássaros de inverno cantaram para nós.

"Os ovos estão bons", elogiou ele.

Assenti.

Eu queria perguntar a ele sobre o plano de Deus para mim, mas alguma coisa me deteve.

"E aí, o que exatamente você faz todos os dias por aqui, Bartholomew?"

"Costumo ir à biblioteca."

"O que mais?"

"Escrevo no meu caderno."

"Isso é bom. O que mais?"

"Ouço os pássaros."

"E?"

"Costumava cuidar da minha mãe."

"Sua mãe não está mais com a gente."

"Sei disso."

"Então, o que vai fazer *agora*? O que vamos fazer *hoje*?"

Eu não tinha a menor ideia, então olhei para o padre, esperando que me dissesse. Mas ele apenas se concentrou na comida, e, ao terminar, sua barba branca estava repleta de listras de molho picante, parecendo uma daquelas bengalinhas doces do Natal.

"Deus ainda não falou com você, não é mesmo?"

"Acho que não", respondi.

"Deus pode ser degenerado assim mesmo."

Padre McNamee foi até a sala e se ajoelhou. Ficou nessa posição por horas. Comecei a me preocupar, achando que talvez ele tivesse morrido, porque estava imóvel como uma rocha.

Agucei os ouvidos, tentando escutar a voz de Deus, mas só ouvi os pássaros.

Eu me perguntava se talvez devesse falar sobre você para o padre McNamee, Richard Gere, mas, por algum motivo, não falei... e também não vou falar.

Você é meu confidente, Richard Gere. Não pretendo compartilhar meu fingimento com ninguém, porque o fingimento frequentemente acaba quando você permite que não fingidores tenham acesso aos mundos melhores e mais seguros que você cria para si mesmo.

Eu gostaria que fôssemos amigos secretos, Richard Gere.

Acho que posso aprender tanto com você quanto com o padre McNamee e gostaria de manter esses dois mundos separados por enquanto. Como a Igreja e o Estado. Aprendi isso na escola, na aula de história que eu tinha junto com Tara Wilson. A separação da Igreja e do Estado. Não que você seja o meu Estado, porque não é.

E, evidentemente, padre McNamee também não é mais minha Igreja.

Seu fã e admirador,
Bartholomew Neil

O CÉREBRO DISSECADO DE CHARLES J. GUILTEAU

Prezado Sr. Richard Gere,

Tive um sonho muito estranho na noite passada:

Do calçadão da praia de Ocean City, eu observava o sol nascer. Fazia calor, por isso devia ser verão, mas não havia ninguém em um raio de quilômetros, o que me fez pensar que não era. O sol aquecia meu rosto na temperatura certa enquanto ondas arrebatavam ao longe e gaivotas grasnavam mais acima. Até mesmo a grade de metal em que eu havia me recostado estava tão quente quanto o braço de uma mulher.

Eu me sentia muito tranquilo nesse sonho, até que ouvi minha mãe gritando:

“Richard! Richard, me ajude! Socorro, Richard! Vou cair! Socorro!”

Olhei ao redor, mas não conseguia ver minha mãe em lugar nenhum, nem mais ninguém.

“Richard”, gritou ela. “Ajude-me, por favor! Não estou conseguindo aguentar mais! Dói! QUEIMA!”

Finalmente entendi que ela estava debaixo do píer.

Procurei por uma escada que me levasse até a praia, mas não consegui encontrar.

Quando olhei além da grade, tudo que vi foi o mar, com raios de sol refletindo aqui e ali, feito uma galáxia cintilante.

A praia desaparecera.

“Richard! Richard! Ajude-me!”, gritou ela.

Eu sabia que, mesmo chamando seu nome no sonho, ela se referia a mim por causa de todo o fingimento que tínhamos praticado antes de ela morrer.

Fiquei de joelhos, olhei pelas frestas do deque e vi minha mãe pendurada por um fio elétrico que soltava fagulhas e dava choques. Mais abaixo havia um grande e interminável buraco negro. Ela parecia jovem, igual quando eu era criança. Tinha cabelo comprido e preto, e seu rosto ainda era macio e sem rugas. Talvez estivesse com a mesma idade que tenho agora.

Aquilo não fazia sentido.

Onde estava a areia?

Onde estava o mar?

“Mãe!”, gritei quando nossos olhares se encontraram.

Por um breve segundo, percebi que ela também tinha me visto através das frestas entre as tábuas de madeira, pois suas pupilas focaram em mim, e uma expressão estranha, quase horrorizada, surgiu em seu rosto.

Ela soltou o fio e começou a cair — diminuindo cada vez mais de tamanho à medida que se afastava — e também passou a envelhecer. Dava para ver seu cabelo ficando branco e mais curto, as rugas surgindo em seus olhos, abrindo caminho por seu rosto, enrugando suas mãos e seus braços.

No sonho, gritei:

“*Mamãe!*”

“Bartholomew?”, ouvi um homem murmurar.

Quando abri os olhos, padre McNamee estava sentado na beirada da minha cama, assim como minha mãe costumava fazer quando eu era criança.

Pisquei para ele.

Apenas a luz do corredor atrás dele estava acesa. As luzes no meu quarto continuavam apagadas, então, por isso, seu corpo era uma silhueta. Levei um segundo para perceber que não estava mais sonhando.

“Você estava gritando enquanto dormia”, disse ele. “Está tudo bem?”

“Eu estava sonhando”, respondi.

Queria contar para ele com o que eu estava sonhando, mas me pareceu muito louco naquele momento. Demoro um pouco para me lembrar dos meus sonhos depois que acordo, então não disse nada.

“Também não estou conseguindo dormir”, disse o padre McNamee. “Quer um sanduíche?”

“Não, obrigado”, respondi, porque não estava com fome.

“Tudo bem. Mas será que você gostaria de me fazer companhia enquanto como o meu?”

“Tudo bem”, concordei, e então segui o padre McNamee até a cozinha.

Sentei-me à mesa, e ele preparou um sanduíche de queijo suíço e presunto no pão de centeio.

“Você sabe alguma coisa sobre o vigésimo presidente dos Estados Unidos?”, perguntou ao se sentar. “James A. Garfield?”

Apenas o observei mastigando, tentando acordar de vez.

Ele tinha manchas amarelas de mostarda na barba.

“Estou lendo um livro sobre ele”, prosseguiu. “Está lá em cima, na mesa de cabeceira.”

Assenti.

Ele fez um gesto com o sanduíche, sacudindo-o na minha direção para dar ênfase, a alface pendurada quase caindo.

“James A. Garfield foi o vigésimo presidente do nosso grande país. Parece ter sido um homem bom e nobre. Queria fortalecer o movimento pelos direitos civis. Fornecer educação para todos. Garantir que todas as crianças, negras e brancas, soubessem ler.”

Eu queria saber por que padre McNamee estava dizendo tudo aquilo para mim no meio da noite, mas não perguntei. Estava com muito sono, e aquela experiência começava a parecer cada vez mais com outro sonho bizarro.

“Você sabe quem foi Charles J. Guiteau, Bartholomew?”

Neguei com a cabeça.

O padre acabou de mastigar um pedaço, engoliu e disse:

“Esse homem baleou o presidente Garfield e alegou que Deus o tinha mandado fazer aquilo. O que é ainda mais estranho é que, quando Garfield foi baleado em uma estação de trem em Washington, supostamente teria dito: ‘Meu Deus, o que é isso?’ Como se estivesse questionando a vontade de Deus. Garfield não esperava ser baleado naquele dia. Achava que estava fazendo bem para o mundo, executando a obra de Deus, talvez. Mas duas balas o fizeram questionar Deus. ‘O que é isso?’, perguntou a Ele.”

Aquilo parecia uma das homilias do padre McNamee. Muitas vezes ele fazia alusões históricas em seus discursos. Mas por que ele estava me dizendo aquilo no meio da noite? Seria o uísque?

“Guiteau gritou: ‘Arthur é o presidente agora!’” Um pedaço de alface voou do sanduíche do padre McNamee e caiu na mesa, deixando uma mancha de mostarda. “Arthur era vice-presidente na época. Então, Guiteau exigiu ser preso. Mais tarde, alegaria que Deus o tinha usado para determinar o rumo da história.”

Padre McNamee deu outra grande mordida, mastigou e engoliu.

“Você está bêbado?”, perguntei, porque aquele sermão tarde da noite foi intenso, até mesmo para o padre McNamee.

“Ex-padres irlandeses não sucumbem à embriaguez, só ficamos mais falantes ao bebermos uísque.” Ele piscou e acrescentou em seguida: “Como não se sabia muito sobre bactérias naquela época, as pessoas tocavam as feridas com os dedos sujos. Assim, os buracos de bala do presidente Garfield infeccionaram, e ele teve uma morte lenta e dolorosa. No final, o levaram para o litoral de Nova Jersey.”

Esta menção ao litoral me fez lembrar do meu sonho, vendo minha mãe desaparecer no grande buraco debaixo do píer.

Sincronicidade?, pensei.

“E, quando Garfield finalmente morreu, sua esposa teria gritado: ‘Ah! Por que devo sofrer uma injustiça tão cruel?’”

Padre McNamee fez uma pausa para terminar a primeira metade do seu sanduíche de presunto no pão de centeio.

Ele lambeu a mostarda do polegar e disse:

“Durante o julgamento, Guiteau xingou os juízes e o júri e parecia alheio ao fato de que seria executado. Na verdade, ele se considerava um herói e tinha certeza de que o novo presidente o perdoaria. Os advogados discutiram se ele era lúcido o suficiente para ser julgado. Obviamente o homem era louco, mas o julgaram e o executaram mesmo assim.”

Assenti, porque entendi que aquele era o fim da história, mas estava cansado demais para dizer qualquer coisa.

Padre McNamee perguntou:

“Você não quer conversar, não é mesmo?”

Olhei para o relógio do micro-ondas e disse:

“São três da manhã.”

Ele aquiesceu e comeu depressa a outra metade do sanduíche.

Achei que seria grosseiro sair dali, por isso não fiz isso.

Ao terminar, ele se levantou, deu dois tapinhas no meu ombro e disse:

“Durma bem, Bartholomew.”

Eu o ouvi subindo a escada, então subi também e logo estava de volta a minha cama.

Fiquei ali deitado pensando no presidente Garfield e em seu assassino, em minha mãe caindo em um enorme buraco e envelhecendo no processo. Acabei me perguntando se haveria alguma ligação entre tudo aquilo.

Quando o primeiro raio de luz atravessou minha janela, senti o cansaço pesando em minha cabeça, porque eu havia passado a noite inteira refletindo.

Tomei banho, me vesti e preparei o café da manhã.

Padre McNamee estava relutante em comer o que eu tinha preparado, dizendo que não queria que eu o servisse o tempo todo, que ele deveria cozinhar para si mesmo, mas falei:

“Eu costumava cozinhar para a minha mãe, então posso muito bem fazer isso para você. Além do mais, cozinhar faz com que eu sinta menos falta dela.”

Uma expressão muito triste tomou seu rosto.

“Agradeço muito por você ter me deixado ficar aqui, Bartholomew.”

Então, o padre McNamee e eu comemos em silêncio e os obstinados (ou preguiçosos) pássaros da manhã fizeram sua sinfonia no frio do lado de fora.

Eu queria perguntar se nossa conversa no meio da noite sobre o vigésimo presidente não tinha sido um tanto maluca, mas desisti. Talvez eu sentisse medo de estar enlouquecendo, assim como mamãe e Charles J. Guiteau. Acho que eu não suportaria enfrentar mais uma batalha contra a loucura. Também estava com medo de ter que começar a fingir para o padre McNamee, por estar morando comigo, afinal, ele mesmo agia de modo bastante peculiar.

Acho que eu não seria capaz de fingir novamente em benefício de outra pessoa, porque agora precisava fingir por mim, para que eu pudesse continuar vivendo após a morte da minha mãe. Mas também fiquei preocupado, pensando que o padre McNamee estava tentando me dizer algo que eu era muito idiota para entender.

Não seja o retardado de Tara outra vez!, gritou o homenzinho furioso no meu estômago. *Não confie em ninguém e sempre guarde tudo para si!*

Quando terminamos de lavar e secar a louça do café, padre McNamee disse:

“Pegue o seu casaco. Quero mostrar uma coisa para você.”

Sem dizer nada, andamos por bastante tempo em meio ao tráfego sob a luz matinal do sol de inverno, em direção ao centro da Filadélfia, terminando na South Twenty-Second Street.

“Chegamos”, informou o padre McNamee, e então o segui através das colunas cinza e das pesadas portas de madeira de um prédio de tijolos que, no final das contas, era o Museu Mütter.

Lá dentro havia vários órgãos e partes do corpo humano preservados em recipientes de vidro, esqueletos deformados, instrumentos cirúrgicos e várias outras curiosidades. Logo percebi

que era um museu de medicina, mas também parecia um pouco como entrar em um filme de terror.

Paramos em frente a um item da exposição e padre McNamee disse:

“Olhe só isso.”

Era um frasco antigo, do tipo que talvez as pessoas usassem para preservar frutas. Estava selado na parte de cima por uma barra de metal e um pouco de cera. Dentro havia um líquido amarelo e algo parecido com alcachofras.

“O cérebro dissecado de Charles J. Guiteau”, disse o padre McNamee. “Eles o preservaram devido a sua importância histórica e para que as gerações futuras pudessem aprender algo com isso.”

“O que poderiam aprender?”, perguntei.

Eu não conseguia entender como as partes no interior do frasco poderiam formar um cérebro humano inteiro, mas o museu parecia muito oficial, então eu sabia que devia mesmo ser o cérebro de Charles J. Guiteau, tal como estava descrito no rótulo. Ainda assim, não parecia real.

“Ele era um homem doente. Os médicos precisam estudar as doenças para compreendê-las, para que possam ajudar outras pessoas doentes”, disse o padre McNamee.

Não gosto de ficar olhando para cérebros cortados, e, enquanto pensava que aquelas partes algum dia estiveram dentro de um crânio que via, ouvia, respirava, falava e comandava um corpo para andar pelo mundo, comecei a achar que fosse vomitar. Talvez tenha sido porque eu não dormi na noite anterior e estava me sentindo exausto, mas nunca gostei de pensar em desmembramentos.

“Podemos ir agora?”, perguntei, desejando que o padre estivesse novamente com o seu colarinho branco de padre em vez da camisa social vermelha e amarrotada que ficou cor-de-rosa depois de tantas lavagens.

Padre McNamee olhou para mim.

“Isso te incomoda, não é mesmo?”

“Um pouco”, respondi, imaginando quem poderia não ficar assustado com tudo isso.

“Vamos, então”, chamou o padre, e nós fomos.

Andamos alguns quarteirões até que perguntei se poderíamos nos sentar por um segundo.

Sentei-me nos degraus de uma casa de três andares.

“Você está bem?”, perguntou o padre McNamee.

“Por que me acordou no meio da noite?”

“Você estava gritando. Tendo um pesadelo.”

“Por que me mostrou aquele cérebro mutilado?”

“Você está bravo comigo?”, quis saber o padre.

Eu não queria mesmo responder àquela pergunta, então continuei quieto.

Eu estava um pouco bravo.

Tudo estava acontecendo rápido demais.

Padre McNamee sentou-se ao meu lado e observamos o tráfego por bastante tempo, mas não respondi à sua pergunta.

O enjoo melhorou.

A raiva diminuiu.

Ficamos sentados por tanto tempo que meu traseiro e minhas coxas começaram a absorver o frio do concreto.

Um sujeito que vestia um sobretudo e um cachecol caro de seda se aproximou e disse:

“Esta é a minha escada, e vocês estão atrapalhando.”

Padre McNamee balançou a cabeça e falou:

“Perdão.”

O homem passou por nós sem dizer mais nada. Seu joelho bateu no meu ombro enquanto eu tentava me levantar, e pedi desculpa, mesmo não tendo sido culpa minha. Tive a leve impressão de que o homem me dera a joelhada de propósito, como se quisesse me machucar.

Fomos embora.

Depois de uns quinze minutos de caminhada, padre McNamee disse:

“Deus já falou com você?”

“Não”, respondi.

“Pode apostar que Deus não falou com Charles J. Guiteau”, comentou o padre McNamee.

Não falei nada.

Eu não queria mais falar sobre Charles J. Guiteau.

Sobretudo, eu não queria pensar em seu cérebro dissecado, conservado para sempre em um frasco.

“Quer saber como tenho tanta certeza de que Deus não mandou Guiteau matar Garfield?”

Senti o olhar do padre McNamee voltado para mim, então aquiesci. Eu realmente não estava interessado, mas sabia que assentir era a coisa mais fácil a fazer. Era o que ele queria, o que acabaria mais depressa com aquela discussão.

“Deus não manda você fazer coisas ruins. Deus não manda você matar o seu presidente. Mesmo quando Ele falou para Abraão matar Isaac, ele não o deixou fazer isso. Enviou seu anjo para detê-lo. Aquilo foi um teste. Mas Deus já testou você, Bartholomew, com a doença da sua mãe, e descobriu que você é bom, tem um coração de ouro. Você aguentou muito bem.”

Não gostei do que o padre McNamee disse porque sugeria que Deus tinha deixado minha mãe ter câncer para me testar, e se isso fosse verdade, acho que eu não conseguiria mais acreditar em Deus.

“Algo me diz que em breve você vai ajudar outras pessoas de formas sutis”, disse o padre McNamee.

Pensei que, ao matar o presidente Garfield, Charles J. Guiteau talvez imaginasse que estava fazendo o que era melhor para o país — que talvez ele acreditasse mesmo, de verdade, que estava fazendo a coisa certa. Ou talvez ele fosse apenas louco. Mas eu não queria discutir com o padre McNamee. Ele parecia tão confiante, como se tivesse feito a homilia mais importante da sua vida. E eu começava a acreditar que talvez ele estivesse enlouquecendo.

“Deus nem sempre usa palavras para falar com a gente, Bartholomew”, disse ele, enquanto esperávamos o sinal abrir. “Às

vezes, simplesmente temos pressentimentos. Palpites. Você já teve algum?"

Neguei com a cabeça.

Seguimos em silêncio pelo restante do caminho até em casa.

Padre McNamee se ajoelhou na sala para rezar outra vez. Eu saí e fui até a biblioteca, apreciando a sensação de estar em movimento, sentindo o ar frio em meu nariz e o sol quente em meu rosto.

A Meninatecária não estava trabalhando.

Fingi estar lendo revistas de atualidades como a *Newsweek* e a *Time*, mas fiquei pensando no meu sonho, minha mãe caindo no grande buraco negro debaixo do píer.

Quando voltei para casa várias horas depois, padre McNamee ainda estava rezando, de olhos bem fechados, punhos brancos de tão apertados um contra o outro, lábios murmurando palavras em uma velocidade alarmante, têmporas úmidas de suor.

Ele não jantou.

Ainda estava ajoelhado quando fui para a cama.

Eu me pergunto o que ele diz para Deus durante tantas horas.

Seu fã e admirador,
Bartholomew Neil

“UMA SITUAÇÃO COMPLICADA DEVIDO A SUA OPRESSIVA TENDÊNCIA DE SE SUPERANALISAR”

Prezado Sr. Richard Gere,

Wendy chegou lá em casa para sua visita de rotina enquanto o padre McNamee rezava na sala, como costuma fazer por horas a fio, mesmo quando estou vendo televisão. Nada o incomoda enquanto ele está rezando. É como se ele entrasse em transe profundo. Mesmo que alguém despejasse água gelada em sua cabeça, ele nem sequer se encolheria.

“O que *você* está fazendo aqui?”, perguntou Wendy ao padre McNamee.

“Ele está rezando”, respondi, pois o padre nem ergueu o olhar. “Vamos para a cozinha.”

“Por que ele está rezando na sua sala, Bartholomew?”

“Ele sempre reza na minha sala.”

“Desde quando?”

“Desde que veio morar comigo. Ele se destituiu e agora...”

“*Padre McNamee?*”, gritou Wendy.

Como ele não respondeu, ela se aproximou e cutucou o braço dele três vezes.

Padre McNamee abriu um dos olhos, como se tivesse passado o tempo todo fingindo que estava rezando, e disse:

“Pois não.”

“O que está acontecendo aqui?”, perguntou ela.

“Estou morando com Bartholomew.”

“Por quê?”

“Estou cuidando de um assunto antigo que não é da sua conta.”

“É uma má ideia.”

Padre McNamee suspirou.

“Você é tão jovem, Wendy. Admiro sua juventude.”

“Você me pediu para ajudar Bartholomew a se tornar independente...”

“E daí?” Padre McNamee se levantou, olhou para o teto e acrescentou: “Desculpe-me, Senhor.”

“Isso não fazia parte do acordo”, disse Wendy.

“Vamos conversar lá fora, pode ser?”

Wendy e o padre McNamee saíram pela porta da frente e conversaram na calçada. Fiquei observando-os pela janela, mas não conseguia ouvir o que diziam. Padre McNamee balançava a cabeça, confiante. Wendy continuava apontando o dedo indicador para o rosto dele. Isso durou uns quinze minutos.

Por fim, padre McNamee saiu caminhando pela rua.

Wendy inspirou profundamente algumas vezes, dando de ombros, antes de reparar que eu estava olhando para ela pela janela. Por uma fração de segundo pareceu ter ficado com raiva, mas depois sorriu e andou em direção à casa.

“Podemos nos sentar na cozinha?”, perguntou ela ao entrar.

Passou por mim antes que eu pudesse responder, o que não era muito característico dela.

Wendy tirou o casaco florido e pendurou-o no encosto da cadeira da minha mãe. Em seguida, nos sentamos à mesa da cozinha, mas os passarinhos não estavam cantando, o que parecia ser alguma espécie de sinal.

“Você quer que o padre McNamee more com você?”, perguntou Wendy.

Suas sobrancelhas cor de laranja estavam quase juntas. Seu cabelo da mesma cor estava preso em um rabo de cavalo. A parte

de cima de suas orelhas sardentas estava tão iluminada que parecia translúcida.

“Não me incomoda.”

“Isso não é resposta”, disse ela.

Dei de ombros.

“O padre não parece bem. Ele tem agido de forma estranha?”, perguntou ela.

Dei de ombros outra vez, porque ele andava esquisito, mas eu não queria dizer isso. Talvez eu só não quisesse ficar sozinho e sabia que o padre McNamee provavelmente iria embora caso eu dissesse que não o queria ali. Era confuso, então fiquei quieto.

“Vou tomar isso como um sim”, disse Wendy, interpretando mal o meu silêncio. “Olhe, Bartholomew, sei que tenho falado para você encontrar uma turma e fazer amigos. Lembra que definimos seu objetivo de tomar uma cerveja em um bar com um colega em algum momento nos próximos três meses?”

Assenti.

“Bem, acho que ter o padre McNamee morando aqui não vai ajudá-lo a atingir esse objetivo.”

“Por quê?”, perguntei.

“Você passou quase quarenta anos da sua vida cuidando da sua mãe. Não ficou nem dois meses por conta própria antes que um homem muito mais velho do que você se mudasse para a sua casa. *Não está vendo um padrão se repetindo?*”

Eu não fazia ideia do que ela estava falando, o que me fez sentir como um Neandertal. Tenho certeza de que você, Richard Gere, sabe exatamente o que ela queria dizer e deve ter detectado o problema duas ou três cartas atrás.

“Eu não entendo”, respondi.

Ela mordeu o lábio, olhou pela janela por um segundo e, em seguida, disse:

“Padre McNamee falou que espera que você revele uma mensagem de Deus?”

Eu sabia que dizer a verdade não seria uma boa ideia, então não respondi.

“Entendo que o padre McNamee tenha sido seu líder religioso durante a vida toda, que sua fé e a Igreja Católica são muito importantes para você. Entendo que o padre McNamee se preocupa muito com você. Afinal, foi ele quem me fez entrar em contato com...”

“O que aconteceu com o seu pulso?”, perguntei.

As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse impedi-las. Havia um hematoma roxo e amarelo em seu pulso esquerdo, que parecia doloroso e horrível. Consegui vê-lo sob sua manga enquanto ela gesticulava com as mãos.

“O quê?”, perguntou Wendy, puxando a manga para baixo, cobrindo o hematoma.

Seu olhar me fez estremecer.

“Ah”, disse ela. Então, olhou para cima e para a esquerda, o que interpretei como um sinal clássico de alguém que está mentindo. “Caí de patins na Kelly Drive. Deveria ter usado minhas munhequeiras. Mas elas ficam *tão* esquisitas... Estou bem.”

Não acreditei nela, mas não disse nada. Wendy é uma péssima mentirosa. Ela voltou a falar sobre o padre McNamee, contando algo sobre padre Hchette ter entrado em contato com ela, por estar muito preocupado com o padre McNamee. Ele não tinha mencionado aonde iria. Nem sequer se despedira de ninguém. Ela teria que relatar seu paradeiro ao padre Hchette. Lembro-me de ter ouvido as palavras “saúde mental” diversas vezes, mas não posso conjecturar mais porque estava criando cenários na minha mente sobre o hematoma de Wendy, para explicar por que seu pulso estava amarelo e roxo, em vez de ouvir seu discurso sobre o padre McNamee. Se Wendy tivesse caído de patins, ela poderia ter torcido ou quebrado o pulso — isso era verdade —, porém, não acho que teria ficado com um hematoma de cores tão terríveis. Mas pode ser que eu estivesse errado sobre isso. Não sou médico.

Imaginei que talvez um cachorro a tivesse mordido, mas não vi marcas de dentes nem casca de ferida. Será que Wendy tinha uma cobra de estimação que se enrolara em torno do seu pulso com muita força e, por isso, estava com medo de que levassem o animal caso contasse a verdade?

Talvez.

Mas nenhuma dessas hipóteses colava. Temi o pior: que algo horrível estivesse acontecendo, e Wendy fingisse que não.

O homenzinho furioso no meu estômago não estava feliz.

“Você está preocupado comigo, Bartholomew?”, perguntou Wendy. Então, ela olhou para mim do mesmo jeito que mamãe, quando ela começou a me chamar de Richard, igual às meninas sexualmente ativas na escola, inclinando a cabeça para a frente, me encarando e mexendo as sobrancelhas. Assim como Tara Wilson me olhou antes de me levar para o porão da escola. “Você não tirou os olhos do meu pulso.”

Olhei para os cadarços marrons dos meus sapatos.

“Que fofo”, disse Wendy, de modo quase malicioso.

Não gostei do que ela estava fazendo. Usando minha preocupação por ela contra mim. Usando sua beleza como arma.

“Padre McNamee não é louco”, afirmei. “Ele só está...”

Pensei em contar a Wendy sobre Charles J. Guiteau, que existem loucos bons e maus, mas eu sabia que ela não entenderia.

Wendy disse:

“Aliás, não acho que você esteja emocionalmente preparado para morar com outra pessoa, ainda mais uma que tenha a idade da sua mãe.”

“Por que você está dizendo isso?”

“Porque você precisa se esforçar para fazer amigos da idade certa. Encontrar um grupo de apoio com pessoas de idade apropriada. Achar seu caminho.”

“Ser um pássaro”, falei.

“Tudo bem, talvez tenha sido uma metáfora idiota. Admito.”

Wendy me observou olhando para os meus cadarços por bastante tempo. Eu conseguia sentir seus olhos em mim. Então ela perguntou:

“Você está bem?”

Assenti.

“Já pensou em se juntar ao grupo de apoio do qual lhe falei?”

“Ainda estou pensando no assunto.”

“Você gostaria de falar sobre alguma coisa em especial esta semana?”

“Não, obrigado.”

“O que você e o padre McNamee fazem juntos?”

“Coisas de homem.”

“Coisas de homem?”

“Sim.”

“Não vai me contar?”

“Você não é homem”, respondi e sorri em seguida, porque era bom ter segredos de homem, como se eu estivesse ainda mais perto de beber uma cerveja com um amigo no bar. Você teria ficado orgulhoso de mim, Richard Gere. De verdade.

“Entendo”, disse Wendy, e depois riu de um jeito bom. “Sobre o que você tem lido na biblioteca esta semana?”

“Sobre Dalai Lama”, respondi, porque era verdade. “E o Tibete.”

“Interessante. Alguma razão em especial?”

“Você sabia que os monges tibetanos vêm fazendo autoimolações em forma de protesto contra o domínio chinês?”

“*Autoimolações*. Tipo morrer queimado?”

“Tipo, não. Exatamente isso.”

“Eu não sabia.”

“Por quê?”

“Como assim?”

“Por que você não sabia? Por que *ninguém* sabe?”

“Não faço ideia. Se é verdade, era de se esperar que fosse noticiado.”

“É verdade. Pode procurar na biblioteca, na internet.”

“Era de se esperar que Richard Gere estivesse divulgando isso”, disse Wendy, e depois riu. “Esse é o assunto dele, não é? O Tibete?”

A princípio, não consegui acreditar que ela havia mencionado seu nome, mesmo considerando a teoria da sincronicidade de Jung. O fato de ela ter dito essas duas palavras me surpreendeu. Mas então — quando me dei conta do que ela queria dizer — o homenzinho no meu estômago ficou furioso, chutou e socou meus órgãos internos.

“Você não deveria debochar do Richard Gere. Ele é um homem sábio e poderoso”, falei. “Está fazendo um trabalho bom e relevante. Você não entenderia. Ele está ajudando as pessoas. Muitas pessoas!”

“Tudo bem, tudo bem”, disse Wendy, tirando da bolsa o fichário com anotações sobre mim. “Caramba, não sabia que você era tão fã do Richard Gere.”

Eu queria dizer a ela que não só sou seu fã, que você é meu confidente. Queria contar para ela sobre o Richard Gere você-eu imaginário, mas eu sabia que isso me traria mais problemas e não valeria a pena. Wendy não entenderia nossa correspondência. Ela quer que eu seja um pássaro. E que frequente seu grupo de apoio com pessoas de idade apropriada. Mas pássaros não se tornam amigos de famosos astros de cinema que são humanitários internacionalmente conhecidos.

Não odeie Wendy.

Não é culpa dela.

Ela quer mesmo me ajudar.

Só não sabe como, mas não é culpa dela.

Wendy tem apenas vinte e poucos anos — a idade que eu tinha quando fui preso por deixar a policial disfarçada de prostituta se esfregar na minha perna. Ninguém sabe nada quando tem vinte e poucos anos. Lembre-se de quando você tinha essa idade, Richard Gere. Você se recorda do tempo que passou em Nova York e em Londres, quando interpretou o papel principal na montagem do musical de *Grease*? As críticas que recebeu foram sensacionais — você era uma pessoa muito mais realizada do que Wendy é agora

—, mas seria capaz de me aconselhar naquela época? Não. Então pegue leve com Wendy. Ela é só uma jovem fazendo o melhor que pode.

“Posso ser sincera com você?”, perguntou Wendy.

Assenti.

“Ainda não me formei.”

Pisquei para ela, esperando que prosseguisse, mas ela me olhou como se tivesse dito tudo que eu precisava para entender.

“Você sabe o que isso significa, não sabe?”

Neguei com a cabeça.

“Significa que ainda não sou uma terapeuta licenciada.”

Olhei para ela.

“Estou praticando com você. Por isso não cobro.”

“Obrigado.”

Wendy riu, muito animada e surpresa, como se eu tivesse contado uma piada.

“Olhe, gosto de ser sincera com as pessoas. A terapia de grupo faria bem para você. Mesmo. Ajudaria. Pode até fazer um amigo de idade apropriada, talvez até mesmo beber sua cerveja no bar. Realmente acho que você deveria ir. Mesmo. Mesmo. Mesmo. Mas também sou *obrigada* a convencê-lo a ir. Estou sendo avaliada. Todos os meus colegas já convenceram seus pacientes a participar da terapia de grupo, e você está me deixando numa situação difícil. Eu não deveria lhe dizer tudo isso, eu sei. Mas será que você poderia frequentar a terapia de grupo por *mim*? Para que eu não seja expulsa da matéria? Faria isso por mim? Por favor?” Wendy uniu as mãos como se estivesse implorando. O hematoma em seu pulso surgiu novamente debaixo da manga da camisa, tão feio quanto uma barata saindo de uma fresta na tábua no assoalho. O homenzinho chutou de leve o meu rim. Então, ela ergueu as sobancelhas e disse: “Por favor?”

“Ir à terapia de grupo a ajudaria a se sair bem numa matéria?”, perguntei.

Isso lançava nova luz sobre o assunto: ir à terapia de grupo para ajudar Wendy em vez de a mim mesmo. Não sei por que isso deixou a terapia de grupo mais atraente, mas foi o que aconteceu, talvez porque eu não precisasse de ajuda e não quisesse perder tempo fazendo uma coisa que não ajudaria ninguém.

“Na verdade, ajudaria *muito*. Mais do que você imagina. Não tenho ido muito bem na faculdade.”

“Se eu frequentar a terapia de grupo, você faria algo por mim?”, perguntei, porque de repente tive uma boa ideia.

“Claro! Qualquer coisa!”, respondeu Wendy, praticamente pulando da cadeira.

“Será que você poderia me dar aulas sobre como impressionar uma mulher?”

Wendy fez cara de limão azedo e perguntou:

“Como assim?”

“Quero saber como me aproximar de uma mulher para que ela queira tomar uma cerveja comigo no bar.”

“Você está tornando sua meta mais alta, Bartholomew.”

“Isso é bom?”

“É muito bom!”

Ela parecia mesmo feliz. Wendy é como uma criança. Muito fácil de agradar.

“Você pode me ajudar?”, perguntei.

“Quem é essa garota?”

“Não quero dizer.”

“Tudo bem”, respondeu ela, sorrindo sob aquelas finas sobrancelhas cor de laranja. Tracei rapidamente a constelação em formato de coração que suas sardas formam. “Eu entendo.”

“Nunca saí com uma garota.”

“Não tem problema.”

“Você não me considera um retardado agora que lhe contei que nunca saí com uma garota?”

“Não considero ninguém um *retardado*, porque esta é uma palavra que nunca deveria ser usada.”

Sorri.

“Esse é um objetivo apropriado para a sua idade”, disse Wendy.
“Definitivamente, vou te ajudar.”

“Então?”

“Então o quê?”

“Como faço para conseguir isso?”

“Por que não me deixa pensar em um plano de ação e conversamos sobre isso semana que vem? Vamos dar um jeito em você e fazer o melhor que pudermos para que consiga a menina, Bartholomew. Prometo”, disse Wendy.

Ela escreveu alguma coisa em um pedaço de papel, rasgou-o e entregou-o para mim.

*Sobrevivendo ao luto
Segunda-feira, 20h
Walnut Street, 1.012
Terceiro andar
Diga ao Arnold que eu que indiquei.*

“Você vai?”, perguntou Wendy.
Olhei para o pedaço de papel.

Sobrevivendo ao luto

“Tudo bem”, respondi. “Eu vou.”

Nesse exato momento, a porta da frente se escancarou. Padre McNamee estava ali, com o rosto vermelho de frio.

“Nossa querida Wendy já lhe convenceu a me botar na rua, Bartholomew?”, perguntou ele ao entrar na sala.

Wendy inspirou fundo e em seguida bufou ruidosamente por entre os lábios. Ela se levantou, foi até o padre McNamee na entrada da cozinha e disse:

“Por que me pediu para ajudar Bartholomew se não respeita minha opinião?”

“Eu respeitosamente discordo da sua opinião”, respondeu o padre McNamee. “Mas ainda a respeito muito.”

“Não estou entendendo que tipo de jogo você está fazendo aqui”, disse Wendy.

Padre McNamee sorriu e piscou para mim.

“Vou relatar seu paradeiro ao padre Hachette”, afirmou ela.

“Já não respondo mais à Igreja Católica. Eu me destituí.”

“Não entendo o que está acontecendo, mas não estou gostando! Nem um pouco!”, gritou Wendy.

Ela abriu caminho até seu casaco florido, pegou a bolsa em cima da mesa da cozinha e, em seguida, saiu correndo da casa, batendo a porta.

Padre McNamee e eu nos entreolhamos.

Então Wendy entrou de volta na casa e disse:

“Você vai a essa reunião, não vai, Bartholomew?”

“Que reunião?”, perguntou o padre McNamee.

“Bartholomew?”, insistiu Wendy, ignorando o padre McNamee. “Prometa para mim.”

“Prometo”, falei, mas não revelei a parte dela no acordo.

Não queria que o padre McNamee soubesse que eu pretendia dar em cima da Meninatecária. Não sei por quê.

“Muito bom”, disse Wendy. E saiu outra vez.

“Ela é mal-humorada”, afirmou o padre McNamee.

Ele estendeu a mão, apertou meu ombro uma vez e depois foi para a sala continuar rezando.

Eu não fazia ideia de por que Wendy não queria que o padre McNamee morasse comigo. Também não entendi por que o padre McNamee pediu para Wendy me ajudar e, depois, descaradamente desconsiderou as opiniões dela.

Mas na verdade eu não queria pensar em nada disso.

Sentei-me na cozinha tentando ouvir os pássaros, mas eles simplesmente não cantaram naquele dia.

O perfume de Wendy permanecia no ambiente.

Damasco.

Limão.

Gengibre.

O que eu faria em seguida, agora que minha mãe se fora?

Fiquei pensando em você, Richard Gere.

Na página dezessete da biografia que Peter Carrick escreveu, ele discute o seu relacionamento com Cindy Crawford, dizendo: "Ele [você, Richard Gere] admitiu que era difícil tomar decisões e viu o processo como algo definitivo em vez de transitório, uma situação complicada devido a sua opressiva tendência de se superanalisar."

Quando li isso, soube que o você-eu imaginário não foi um acidente, porque sempre fiquei paralisado por meus pensamentos obsessivos, e foi por isso que comecei com o jogo do você-eu Richard Gere quando minha mãe ficou doente. Sendo você, eu não tinha que pensar por mim mesmo, e isso evitava que eu cometesse erros. Eu me perguntava se você já tinha brincado disso e então me dei conta de que você é ator e faz isso o tempo todo, não é?

Em seu livro *Uma mente profunda*, Dalai Lama escreveu: "Para mudar nossa vida, devemos primeiro reconhecer que nossa situação atual não é satisfatória."

Parece que tanto Wendy quanto o padre McNamee querem que eu mude de vida.

Mas eu não diria que estou insatisfeito, ainda mais desde que tenho você para me aconselhar, Richard Gere.

Seu fã e admirador,

Bartholomew Neil

SEU USO DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL ME DEIXOU MUITO DESCONFIADO

Prezado Sr. Richard Gere,

Outra noite, ouvi uma batida na porta da frente e, ao abri-la, encontrei padre Hachette me olhando através de seus óculos redondos, o branco do seu colarinho iluminado pela luz da varanda. O padre disse:

“Sei que ele está aí.”

“Quem?”, perguntei, porque o padre McNamee me instruíra a me “fazer de bobo” caso o padre Hachette viesse procurá-lo. Na noite anterior, quando o padre McNamee estava muito bêbado, ele se referiu ao padre Hachette como “aquele que foi deixado para trás” e “o homem sem olhos para ver nem ouvidos para ouvir”.

“Acho que você sabe exatamente de quem estou falando”, retrucou o padre Hachette.

“Desculpe”, falei, tentando fechar a porta.

“Tudo bem, tudo bem”, disse o padre Hachette. “Será que você poderia pelo menos sair para falar comigo?”

Hesitei por um segundo, mas não conseguia ver mal algum em falar com ele, então saí.

“Cigarro?”, ofereceu o padre enquanto acendia um.

“Não, obrigado.”

Ele sabe que não fumo.

Observamos a rua enquanto ele dava algumas tragadas. Fazia frio, por isso, não havia ninguém do lado de fora das casas.

“Padre McNamee está doente, Bartholomew.”

Imediatamente imaginei o câncer em forma de lula atacando seu cérebro. Mas não falei nada, porque sabia que a probabilidade de conhecer duas pessoas com câncer no cérebro era mínima. Ainda assim, não consegui evitar um medo irracional.

“Ele tem transtorno bipolar. Sempre teve. Mas parou de tomar os remédios mais ou menos quando sua mãe morreu.”

“Ele não parece doente”, afirmei.

“Você sabe o que é transtorno bipolar?”, perguntou, soltando a fumaça na noite.

“Sei.”

“O que é, então?”

Não respondi, porque não tinha certeza. Só uma ideia geral. Mas não sou médico.

“É um desequilíbrio químico”, disse o padre Hachette. “Às vezes, os bipolares têm certas substâncias químicas em excesso no cérebro, que os deixam felizes e lhe dão a ideia de que podem fazer qualquer coisa. Isso pode levar a um comportamento inconstante, impulsivo e arriscado.”

Pensei em Charles J. Guiteau matando o presidente Garfield.

“Esses surtos de euforia são sempre seguidos de baixas de ânimo terríveis, de depressões profundas. A pessoa bipolar pode se tornar suicida e perigosa. Entende o que quero dizer?”

“Padre McNamee não está deprimido”, falei. “Eu o conheço há muito tempo e nunca o vi triste de uma forma que represente perigo.”

“Tomamos conta dele quando não estava se sentindo bem, Bartholomew. Nós o mandávamos para retiros. Ouvíamos suas queixas, fazíamos ele tomar os remédios. Era uma grande responsabilidade. E muito cansativo. Costumava ser mais trabalhoso do que qualquer um de nós podia dar conta. Conseguimos muitos recursos através da igreja. Estou dizendo tudo isso porque,

francamente, acho que você está se responsabilizando por um fardo pesado demais. Somos muitos, você é só um.”

Ele estava errado, é claro, porque tenho você, Richard Gere.

“Gosto da companhia do padre McNamee”, falei.

“Então você admite que ele está morando aqui?”, perguntou o padre Hachette. E, em seguida, caiu na risada.

“Não admito nada”, falei.

Idiota!, gritou o homenzinho furioso dentro de mim.

Fique calmo, sussurrou você, Richard Gere, no meu ouvido, e imaginei que podia vê-lo ao meu lado. Você estava translúcido, como um fantasma. Mas depois se foi.

Ouvimos um barulho vindo de dentro da casa. Pareciam passos pesados.

Padre Hachette se virou e, quando olhei para a janela, as cortinas se fecharam rapidamente. Padre McNamee estava nos espionando, e pensei que talvez ele quisesse que padre Hachette soubesse que eu o estava escondendo, porque não estava sendo muito discreto.

“Como ele é adulto e se destituiu em público, legalmente não há nada que a gente possa fazer no momento”, contou padre Hachette. “Mas eu queria que você soubesse que quando o padre McNamee entrar em depressão — *e ele certamente vai entrar* —, você precisará de ajuda.”

Assenti, porque era a coisa mais fácil a fazer.

“Ele verá chuva quando só houver sol. Vai desconfiar das pessoas. Ficará inacreditavelmente triste e começará a gritar com você, a distorcer os seus pensamentos. Nesse momento você vai perceber que não é mesmo capaz de lidar com essa situação.”

“Tudo bem”, falei, embora não acreditasse no padre Hachette.

“Entendo por que se sente atraído pelo padre McNamee. A paixão dele pode ser bonita”, disse o padre Hachette. “Extremamente bonita. Como a de João Batista. Ou até mesmo como a de Elias.”

“Bonita?”

“Muito. Todos fomos seduzidos por ele ao longo dos anos. Às vezes, sua paixão até parece divina. E ele pode ser bastante

profético, estranhamente profético. Todos fomos atraídos por sua paixão, envolvidos por ela.”

Lembrei-me dos olhos do padre McNamee me sugando como redemoinhos.

“Alguma pergunta, Bartholomew? Imagino que seja muita coisa para você digerir.”

“Acha que Deus parou de falar com o padre McNamee?”, perguntei. “Foi por isso que ele deixou a igreja?”

“Deus conversa com todos nós, só que fala mais com uns do que com outros.” Padre Hachette jogou a guimba do cigarro na calçada e voltou a cutucar meu peito como se eu fosse um dogue alemão. “Já disse tudo o que precisava dizer. Você sabe onde me encontrar, dia ou noite. É só descer a rua, na São Gabriel. Diga ao padre McNamee que sentimos falta dele, está bem?”

“Ok.”

Apertamos as mãos e depois ele foi embora.

Ao observá-lo descer o quarteirão, tive a impressão de que o padre Hachette parecia aliviado, quase como se estivesse flutuando.

Por quê?

“O que aquele velho falou de mim?”, perguntou o padre McNamee quando entrei. O que era estranho, porque ele e o padre Hachette pareciam ter a mesma idade.

“Ele disse que você tem transtorno bipolar”, contei.

“E que eu deveria estar sendo medicado, não é?”

Assenti.

“O que você acha?”, indagou ele.

“Sobre o quê?”

“Se devo ou não ser medicado.”

“Não sei.”

“Pareço louco?”

“Não”, respondi, porque eu sabia que era isso que ele queria que eu dissesse. “Mas não sou médico.”

“Você sabia que, muito provavelmente, Jesus era bipolar?”, perguntou ele, balançando a cabeça com grande entusiasmo. “Um

dia pregava o amor aos seus inimigos e, no outro, derrubava as mesas dos comerciantes. Oferecia a outra face, mas, em seguida, era todo espadas e justiça.”

O padre ergueu a mão direita e prosseguiu:

“Tenho-vos dito isso, para que em mim tenhais paz’, João 16:33. ‘Não cuideis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer paz, mas espada’, Mateus 10:34. Buscando multidões para curar, alimentar e impressionar, mas, depois, fugindo de barco para lugares tranquilos, rezando sozinho em jardins. E se Jesus tivesse sido medicado?” Ele passou os dedos pela barba. “Você acha que ele estava tão ansioso assim para dedicar sua vida ao mundo? Não é uma coisa razoável, racional, afinal de contas. As pessoas não se voluntariam para a crucificação quando produtos químicos acalmam seus corações, suas mentes e almas. Ninguém ia querer que Jesus tomasse pílulas que alteram o humor, não é? E, como católicos, deveríamos viver nossas vidas como Ele, certo? *Certo?*”

Assenti porque o que ele estava dizendo parecia lógico.

Padre McNamee meneou a cabeça uma vez e disse:

“Além do mais, foi por isso que Deus nos deu o uísque.”

Então, ele se ajoelhou na sala e continuou a rezar.

Pela primeira vez na vida resolvi faltar à missa, porque não queria ver o padre Hachette de novo nem ter outra conversa confusa. E padre McNamee e eu estávamos comungando diariamente, três vezes por dia, a cada refeição. Você, Richard Gere, apareceu para mim diversas vezes, como um fantasma na escuridão do meu quarto, e me disse que não tinha problema faltar à missa, que eu poderia rezar e falar com Deus em qualquer lugar. Mas, por ser budista, não tenho certeza se posso confiar em você sobre esses assuntos.

Padre McNamee rezou sem parar, e nada mais realmente aconteceu até que fui à biblioteca segunda-feira de manhã. A Meninatecária estava trabalhando. Pensei nas metas que eu traçara com Wendy. Em como eu queria tomar uma cerveja no bar com a Meninatecária.

Não há nada que eu queira mais do que falar com a Meninatecária.

Rezei para pedir forças.

Ela estava usando coturnos pretos, calça jeans e um suéter branco comprido que parecia um vestido e cobria tudo, dos ombros aos joelhos. Por cerca de uma hora eu a observei empurrar o carrinho pelos corredores enquanto devolvia em ordem alfabética os livros aos seus lugares. Ela lia as lombadas de cada um por trás de seu longo cabelo castanho e, então, fitava as estantes, seus olhos zigzagueando pelas prateleiras.

Sempre que encontrava o lugar certo, ela balançava a cabeça uma vez e apertava os lábios como se dissesse: "Sim, acho que encontrei seu lar, Sr. ou Sra. Livro."

Em seguida, ela se ajoelhava ou subia na pequena escada anexa ao carrinho antes de abrir espaço para o livro que estava sendo devolvido. Ela retornava o livro à prateleira, certificava-se de que a lombada tinha sido alinhada com as demais e, em seguida, batia na parte superior do exemplar com o dedo indicador, como se dissesse: "Perfeito."

Durante todo o tempo que passei observando a Meninatecária eu fingi que você estava falando comigo, Richard Gere. Você dizia: *Olhe para ela, Bartholomew. É perfeita para você. Vá falar com ela. Pergunte o que gosta de ler. Pergunte se ela gostaria de observar o rio passando atrás do museu de arte. Diga que você gosta da roupa dela. Que ela faz seu trabalho com precisão e eficiência, o que você valoriza muito. Convide-a para tomar uma cerveja. Por que não? O que tem a perder? Lá está ela. Vá! É tão simples quanto caminhar cinco metros e dizer dez palavras, garotão. Vamos lá!*

Enquanto falava comigo na biblioteca, você me chamava de "garotão".

Vamos lá, garotão. Ela está bem ali. Ficarei com você o tempo todo. Estarei na sua mente lhe dizendo o que fazer. Vamos, garotão! Podemos fazer isso. Confie em mim.

Foi bom ouvir sua voz na minha cabeça — mesmo que eu só estivesse fingindo —, ainda mais porque você é sempre muito bom e confiante com o sexo oposto, dentro e fora da tela.

Toda vez que a Meninatecária subia até o topo da escada eu pensava naquela pergunta que você faz para Julia Roberts no fim de *Uma linda mulher*: “O que aconteceu depois que ele escalou a torre e a salvou?”

E Julia Roberts responde: “Ela o salvou também.”

Eu me perguntava se talvez a Meninatecária e eu diríamos algo parecido um para o outro depois de termos saído algumas vezes, e, na minha mente, você respondia: *Com certeza. Claro que diriam, garotão. É fácil. É só ir até lá e dizer oi. Escute o que estou lhe falando e não há como dar errado.*

Mas não fiz o que você me disse para fazer.

Não falei oi.

Não fiz nada.

Quero agradecê-lo por ser paciente comigo, Richard Gere, por nunca ter gritado nem me chamado de retardado. Você só disse coisas positivas e encorajadoras na minha mente e foi tão gentil que quase tive vontade de chorar. Entendo por que mamãe o amava e admirava tanto, embora o homenzinho no meu estômago não estivesse se divertindo. Ele ficava gritando: *Ei, idiota! Richard Gere não está falando com você! É só a sua imaginação! Que tipo de homem adulto finge desse jeito? Só os retardados!* A cada frase, ele me dava um chute ou um soco, e minhas entranhas doíam.

Mas você ignorou aquele homenzinho furioso no meu estômago e simplesmente continuou me incentivando, Richard Gere.

Você até chegou a aparecer para mim por um breve instante na biblioteca. Tempo suficiente para me dar um sorriso antes de sua imagem evaporar.

Obrigado.

Fiquei ouvindo você falar na minha cabeça por mais de duas horas até eu perceber que precisava sair e comer alguma coisa antes de comparecer à reunião Sobrevivendo ao Luto.

Comi batata assada com salada no Wendy's porque estava pensando em Wendy, minha conselheira de luto, no momento que passei pela lanchonete da menina ruiva e então me lembrei da sincronicidade de Jung e decidi entrar.

Sorri enquanto comia no Wendy's, pensando na minha conselheira de luto e no fato de que coincidências não existem.

Pensando na Wendy no Wendy's.

Depois fui até o endereço que ela me deu.

Walnut Street, 1.012

Terceiro andar

Tinha uma cafeteria no primeiro andar, e quando pedi informações me disseram para ir até uma porta na ruazinha ao lado. Havia uma campainha, uma caixa preta com botões numerados e um pequeno buraco em que a pessoa deveria falar. Como eu não sabia o código de entrada, apertei o botão branco pequeno e redondo e ouvi *Bzzzzzzz!*

Um segundo depois, uma voz de homem disse:

"Pois não?"

"Hum... Estou procurando a terapia de grupo. Sobrevivendo ao Luto. Wendy me indicou. Você é Arnold?"

"É o Sr. Bartholomew Neil?"

"Sim."

"Wendy falou muito bem de você! Suba aqui! Terceiro andar!"

Ouvi outro zumbido e um clique, então empurrei a porta, que se abriu.

Dava para sentir o cheiro emanando da cafeteria: grãos moídos, leite vaporizado, quente como respirar sob um cachecol de lã em um dia muito frio.

Havia uma escada estreita e um corrimão de madeira. As paredes foram pintadas de verde-água.

Subi.

Quando cheguei ao terceiro andar havia um homem louro com um cavanhaque também louro e bem-aparado esperando no vão da porta. Vestia um suéter marrom de malha com cotoveleiras de couro, calça de veludo verde-musgo e sapatos de camurça que pareciam uma versão muito cara do tipo de sapato que se usa para jogar boliche.

Dei uma olhada em seu escritório e então percebi que a sala inteira era amarela: sofá amarelo, tapete amarelo, paredes amarelas e várias pinturas abstratas de flores que pareciam terem sido feitas com finas lâminas de ouro dobradas.

Era totalmente bizarro.

"Bartholomew!", exclamou ele estendendo a mão, que apertei. Seu aperto de mão era perfeito, nem muito forte, nem muito fraco. "Bem-vindo à terapia de grupo para o luto! Entre!"

Incluí todos esses animados sinais de pontuação porque ele estava muito entusiasmado. Eu me senti um pouco confuso sobre a terapia de "grupo" porque não havia mais ninguém na sala.

"Sou o Dr. Devine, mas pode me chamar de Arnie. Estou muito feliz que você tenha decidido se juntar a nós. Como se sente hoje?"

Seu uso da primeira pessoa do plural me deixou muito desconfiado, pois estávamos sozinhos.

Mas os olhos de Arnie me pareceram sinceros, e tive a impressão de que ele realmente estava interessado, como se quisesse me ouvir. Ele parecia ser um cara legal, um bom médico.

"Estou bem", respondi.

"Bom. Bom. E aí, o que Wendy contou sobre nós?"

"Nós?", perguntei, incapaz de deixar aquilo passar em branco pela terceira vez.

"Max e eu."

"Max?"

"Ela não lhe falou sobre Max?"

Dr. Devine pareceu surpreso, o que me deixou muito ansioso. Rugas de preocupação surgiram em sua testa.

“Na verdade ela não me disse nada, a não ser que eu me beneficiaria por vir aqui”, menti.

Eu não queria falar sobre os problemas pessoais de Wendy com os estudos, porque não tinha a intenção de fazer fofoca.

“Ai, meu Deus”, disse Dr. Devine. “Por onde começar? *Por. Onde. Começar?*”, perguntou ele, olhando para o chão. “Max e você foram reunidos por vários motivos que já vou explicar. Mas antes que ele chegue, e acho que não temos muito tempo, eu queria avisá-lo sobre... o comportamento de Max.”

“Como assim?”

“Bem, Wendy realmente deveria ter dito que...”

“Que merda, hein?”, disse um sujeito assim que entrou na sala. “Que merda. Que *merda!*”

“Oi, Max! Que bom vê-lo hoje! Estávamos justamente falando de você. Este é Max, Bartholomew. Ele também está de luto. Bartholomew, este é...”

“Por que *ele* está aqui, caralho?”, perguntou Max em pé junto à porta.

“Ora, Max”, disse Arnie. “Já conversamos sobre isso.”

Max olhou para mim e, em seguida — um pouco mais calmo —, repetiu:

“Que merda, hein?”

Fiquei sem palavras.

“Vamos nos sentar?”, sugeriu Arnie.

Max ergueu as mãos como se aquilo não importasse e, em seguida, sentou-se na outra extremidade do sofá amarelo.

Ele parecia ter a minha idade, mas usava uns óculos marrons de velho, com lentes grossas, o que me fez desconfiar de que pudesse ser cego. Por trás daquelas lentes, suas pupilas me lembraram lesmas idênticas, dispostas em aquários paralelos. Max vestia calça preta, sapatos pretos, camisa roxa de botões com manga comprida e um colete preto, tudo cheirando a pipoca velha. No bolso do peito havia um crachá dourado com seu nome impresso.

MAX
COMO POSSO AJUDÁ-LO?

Quando Arnie apontou para a outra extremidade do sofá, eu me sentei.

Arnie se acomodou em uma poltrona de couro amarelo e cruzou as pernas.

“Bartholomew, a sala amarela é uma fortaleza de palavras. O que quer que você diga na sala amarela ficará na sala amarela. Então, fique à vontade para falar livremente. Você está seguro aqui. Em troca, devo lhe pedir para ser um cavaleiro da confiança. Um guardião de segredos. Um cálice sagrado para as verdades que Max lhe confiar. E nós seremos seus cálices de palavras. Consegue nos ajudar a defender nosso castelo, Bartholomew? Você pode ser um cavaleiro da confiança?”

“Que merda, hein?”, murmurou Max antes que eu pudesse responder. Quando olhei, ele estava balançando a cabeça.

“Max, você gostaria de dizer alguma coisa?”

“Isso aqui não é a merda de um castelo, Arnie. Dá um tempo, porra.”

“Tudo bem, Max. Por que você não apresenta o grupo para Bartholomew? Bem-vindo...”

“Apresentação? *Foda-se isso!*”, exclamou ele.

“Você vai descobrir, Bartholomew, que, embora Max pareça ser rude, na verdade há um homem gentil por trás de tudo isso. Por essa razão, decidimos juntar vocês dois.”

Devo ter erguido as sobrancelhas ou algo assim, porque Arnie disse:

“Você parece confuso.”

“O que estamos fazendo aqui?”, perguntei. “Vai ser como falar com Wendy?”

“Boa pergunta”, disse Max. “Uma pergunta boa da porra.”

Ele meneou a cabeça como se quisesse dizer que não estava debochando de mim.

“Sim”, começou Arnie. “A sala amarela é para conversar. Vocês são livres para falar o que pensam. Mas o objetivo aqui hoje é unir os dois, para que possam apoiar um ao outro ao longo do processo de luto.”

Max expirou por entre os lábios. Arnie pediu:

“Max, você poderia, por favor, contar a Bartholomew por que está de luto?”

O rapaz expirou com mais força por entre os lábios.

“Max?”

Ele ficou uns bons quinze segundos olhando para o teto e apertou os joelhos com as mãos antes de dizer:

“Alice era minha melhor amiga e, agora, ela morreu, porra.”

“Sim, ela morreu, Max. Sinto muito por isso.”

“Por acaso você matou ela, caralho?”

“Não, eu não a matei”, respondeu Arnie.

“Então por que diabo você sente muito?”

“Sinto muito pela sua perda. Sinto muito que tenha que passar por este processo de luto. Sinto muito que Alice já não esteja mais dando o conforto que você já teve e espero que encontre uma maneira de seguir em frente.”

“Ei, não faltei ao trabalho nenhuma vez.”

“Talvez você *devesse* tirar uns dias de folga.”

“Foda-se.”

“Bartholomew, pode nos dizer, por favor, por que está de luto?”

“Minha mãe morreu de câncer.”

“Câncer?”, perguntou Max.

Ele se virou e me encarou com olhos arregalados.

“Câncer no cérebro. Os médicos o descreveram como se fosse uma lula com tentáculos, e...”

“Foda-se o câncer! Foi isso que levou a minha Alice também. Foda-se o câncer. *Foda-se.*”

Arnie perguntou:

“Como você se sente em relação ao câncer, Bartholomew?”

“Hum... não sei. Não *gosto* do câncer. Ele matou minha mãe”, respondi.

“A sala amarela é uma sala *segura*”, afirmou Arnie. “Se quiser, pode falar de forma mais intensa sobre os seus sentimentos. Você não precisa ser educado como é quando está fora da sala amarela, no mundo real. Lembre que esta é uma fortaleza de palavras.”

“Foda-se o câncer!”, exclamou Max.

Concordei com a cabeça.

“Como tem sido para você desde que sua mãe morreu, Bartholomew?”, perguntou Arnie.

“Um inferno, não é?”, opinou Max. “Um maldito inferno.”

“Hum... estou me *adaptando*. Eu amava minha mãe. Ela era uma boa amiga, além de ser minha mãe. Mas não estava bem no fim. Ela mudou.”

“Minha Alice também mudou”, revelou Max. “Ela começou a mijar em tudo. Na cama. Nas minhas roupas. No sofá. Ela mijava em toda parte. Foi assim que descobri que ela não estava bem. Era como se estivesse com a mente toda fodida.

“Mamãe também ficou desse jeito. Ela precisou usar fraldas.”

“Foda-se o câncer.”

“Sim”, concordei.

“Max, você gostaria de contar a Bartholomew o que você mais sente falta de Alice?”, perguntou Arnie.

Ele olhou para o teto, e realmente pensei que Max iria chorar.

Por fim, ele expirou por entre os dentes outra vez, como um pneu furado, empurrou para cima os desajeitados óculos marrons no nariz e disse:

“Porra, sinto falta de ter alguém para me receber quando chego do trabalho após a última sessão e minha irmã já está dormindo. Alice sempre ficava acordada me esperando. Sempre. Sinto falta dela sentada no meu colo enquanto eu via televisão. Sinto falta do jeito que ela ronronava quando eu fazia carinho atrás da porra da orelha dela. Sinto falta de como ela ficava o dia inteiro sentada na janela, apenas curtindo o sol.”

“Espere aí... Não estou entendendo”, falei.

“O que você não está entendendo?”, perguntou Arnie.

“De quem você está falando, Max?”

“Da Alice, porra!”

“Que relação ela tinha com você?”, quis saber.

“Droga, ela foi tudo para mim. Durante quinze anos, porra.”

“Então, ela era... *sua esposa?*”

“Que merda, hein?”, disse Max. Seu rosto ficou vermelho como se eu tivesse jogado água fervente nele. “Você acha que sou algum tipo de pervertido, porra?”

“Está tudo bem, Max”, falou Arnie. “Nós não contamos para Bartholomew que Alice era uma gata.”

“Eu disse que ela se sentava na porra da janela, certo?”

“Pessoas podem se sentar nas janelas”, retruquei.

Max desprezou minhas palavras com um gesto e, em seguida, disse:

“Sinto falta da Alice, porra, e não tenho vergonha de dizer isso. Ainda mais aqui, na merda da sala amarela, onde supostamente posso me lamentar com franqueza, porra. Ela era malhada e mais leal do que qualquer pessoa já foi para mim, caralho. Não dou a mínima se era uma gata ou não. Merda! Sinto falta dela. Podem acreditar!”

“Fale”, disse Arnie. “Conte-nos tudo. Bote para fora. Estamos ouvindo. Aqui é um lugar seguro.”

“Você não dá a mínima para a porra da minha gata morta! Ninguém dá!”, disse Max para mim e, em seguida, enxugou os olhos. “Que merda, hein?”

Você sussurrou no meu ouvido, Richard Gere. Bem, talvez eu estivesse apenas fingido que você estava sussurrando no meu ouvido, pensando no que Richard Gere diria ou faria. *Diga a ele que você quer ouvi-lo falar sobre a gata. Amenize a dor dele. Seja compassivo. Lembre-se dos ensinamentos de Dalai Lama.*

Eu me recordei de uma frase que li no livro *Uma mente profunda*, do Dalai Lama. “É importante que entendamos quão abrangente é o

sofrimento.” Lembrei-me do Dalai Lama dizendo que é fácil sentir pena de um velho mendigo, porém, é muito mais difícil sentir pena de um jovem rico. Ele também disse que “toda existência condicionada é caracterizada pela dor”. E que todos os tipos de pessoas são “escravizadas” por “fortes emoções destrutivas”.

Assim, seguindo o conselho do seu líder espiritual, falei para Max: “Eu gostaria de ouvir sobre a sua gata, Alice. De verdade.”

Max examinou meu rosto por uns dois segundos, provavelmente tentando descobrir se eu estava falando sério, então disse:

“Porra, Alice foi a melhor gata que já existiu.”

Voltei a fingir, e você, Richard Gere, na minha imaginação, sussurrou no meu ouvido: *Note como os músculos dele estão relaxando. Observe a inclinação de seus ombros. Descontraídos. Ele precisa falar. Ouça. Alivie o sofrimento dele. Seja compassivo e a compaixão retornará para você. Preste atenção nas palavras de Dalai Lama.*

Max continuou falando sem parar sobre sua gata por mais meia hora. Ele me disse que a achou em uma caçamba de lixo em Worcester, Massachusetts, atrás do cinema onde trabalhava antes de se mudar para a Filadélfia para morar com a irmã. Ele estava levando o lixo da noite para fora quando ouviu um gatinho miando. Teve que rasgar “um milhão de sacos de lixo” antes de encontrar o animal. Havia outros seis gatinhos ali dentro, mas todos estavam mortos.

“Eu queria matar o filho da puta que colocou aqueles gatinhos em um saco de lixo. Que merda é essa? Quem faz uma coisa dessas?”

Ele teve muito medo de que alguém o encontrasse ali ao lado dos gatos mortos “com lixo e gatinhos mortos espalhados ao redor da porra dos meus pés” e o acusasse de ter matado os gatos, por isso enfiou a gatinha viva no casaco e foi até a loja de conveniência mais próxima para comprar a “merda de um leite”. Era tarde da noite, e a mulher que trabalhava na loja de conveniência por trás “da porra de um vidro grosso” viu a gatinha e animadamente saiu de sua caixa de vidro para acariciá-la. Ela deu tanta atenção à gatinha e foi tão boa

com Max, mostrando-lhe onde ficava a comida de gato e deixando-o alimentar a gatinha ainda na loja, que Max decidiu dar ao animal o nome da vendedora.

“Pensei: que merda, hein?”, disse Max. “Então perguntei qual era a merda do nome dela e ela disse que era Alice, porra. Então foi esse o nome que dei a minha gata.”

Max começou a explicar como — usando uma pena presa a uma corda e catnip — treinou sua gata para miar sob comando e também para percorrer uma pista repleta de aros e miniobstáculos. “Como aquela porra que os cavalos saltam, só que menor, para gatos filhotes.” E disse que, quando Alice se tornou adulta, Max a ensinou a falar com ele.

“Ela realmente falava com você?”, perguntou Arnie. “Ou você apenas *fingia* que Alice podia falar? Como a maioria das pessoas faz quando conversa com seus bichos de estimação.”

“É, essa merda mesmo. Só fingia”, respondeu Max.

Fiquei bastante interessado nele neste momento.

Ele falou muito mais sobre Alice, listando quais eram os tipos de alimentos de que ela gostava — “Atum em lata era a comida favorita dela, porra!” — e como gostava de perseguir os pontos vermelhos de luz que ele projetava na parede com “a merda de um laser”. Também contou que Alice “pulava e corria durante horas”, que os dois gostavam de assistir aos boxes de DVDs do *Doctor Who* original e que ele pensava em Alice sempre que estava trabalhando, rasgando “a merda dos ingressos” na “merda do cinema”, porque essa era “a porra do trabalho”, ser a “merda de um bilheteiro” na “merda de um cinema”, e aquilo era “uma merda realmente chata!”.

Falei para ele que trabalhar no cinema parecia ser interessante, ainda mais porque dava para ver os filmes de graça, e Max disse:

“Ver os filmes? Uma merda! Você tem que se sentar ao lado de imbecis desconhecidos e nunca sabe qual deles está gripado ou quem vai trazer a porra de um bebê chorão. E trabalhar nessa merda de cinema é uma merda. Você acaba vendo *partes* de cada filme e depois nunca mais vê o resto, porra. Quinze minutos desse

filme, quinze minutos daquele outro. Todas as malditas partes se misturam e formam a merda de um filme Frankenstein interminável. Você nunca chega a ver a coisa toda do começo ao fim, caralho. Nunca. E, porra, sabe qual é a pior parte?"

"Qual?", perguntei.

"Não permitem a entrada de gatos. Que merda, hein? Alice adorava filmes! Por que a pessoa não pode levar seu gato? *Que porra é essa?* É por isso que eu sempre preferi assistir a filmes em casa, porra."

"Você gosta dos filmes do Richard Gere?", perguntei.

"Richard Gere? *A porra do Richard Gere?*", exclamou Max. "*Foda-se o Richard Gere!* Que merda, hein?"

"Ele é meu ator favorito, na verdade", falei em sua defesa, mesmo você sendo tecnicamente um dos atores favoritos da minha mãe. "É um humanitário corajoso."

"Ah, eu gosto do Richard Gere", comentou Arnie, que estava escutando nossa conversa com uma expressão de satisfação. "Ele se saiu muito bem em *Chicago*."

"Foda-se o Richard Gere", repetiu Max. "Foda-se ir à merda dos cinemas. Sinto falta da Alice. Realmente sinto uma falta do caralho da Alice. *Porra!*"

Nesse momento houve um longo silêncio.

Max parecia estar derretendo.

Você foi compassivo, sussurrou você, Richard Gere, no meu ouvido. *Deixou de pensar em si mesmo*.

Então Arnie olhou para seu relógio de pulso e disse:

"Infelizmente nosso tempo está quase se esgotando, senhores. Bartholomew, você terá mais tempo para falar na próxima semana."

Assenti.

"Max, obrigado por compartilhar tudo isso esta noite."

"Que merda, hein?", disse ele e, em seguida, deu de ombros, como se compartilhar não fosse grande coisa.

"Posso fazer uma pergunta?", falei.

"É claro", respondeu Arnie.

“Por que tudo aqui é amarelo?”

“Pesquisas psicológicas mostram que a cor amarela — ou seja, amarelo-vivo — pode fazer as pessoas se sentirem mais confiantes e otimistas. Isso, é claro, contribui para o processo de luto. Ironicamente, amarelo-pálido pode ter o efeito contrário. Então, vamos de amarelo-vivo. É tudo muito científico. Sou médico, você sabe”, disse Arnie, e piscou para mim.

“Ah”, falei.

“Mesma hora semana que vem?”

Max expirou por entre os dentes, ajeitou seus grandes óculos e, em seguida, levantou-se em um salto. Também me levantei, e Arnie nos acompanhou até a porta.

“Foi uma ótima sessão, rapazes. Sinto que fizemos um grande progresso esta noite. Sejam gentis consigo mesmos esta semana. Sofram brava e abertamente. Abracem o processo. Boa noite.”

Max e eu descemos a escada até a ruazinha. Eu o segui até a Walnut Street.

“Max?”, chamei.

“Que merda, hein?”

“Você diz isso para todo mundo... o tempo todo?”

“O quê?”

“Que merda, hein?”

Ele assentiu.

“A não ser quando estou na merda do trabalho. Eles me demitiriam. Lá, simplesmente mantenho a porra da boca fechada e rasgo a merda dos ingressos.”

“Sua gata conseguia mesmo falar através da mente?”

“Porra, ela conseguia, sim! Arnie não sabe disso. Arnie não entende. Ele não acredita em mim, porra, mas é verdade. Costumávamos conversar o tempo todo, merda. Alice e eu.”

“Acredito em você.”

“Acredita?”

“Sim.”

Ele enfiou a mão no bolso da jaqueta e tirou dali uma coleira de plástico cor-de-rosa.

“Essa era a porra da coleira dela.”

Max estendeu-a para mim. Eu a peguei.

Havia um pingente de prata em forma de coração.

ALICE

“Que pingente legal”, falei.

Max pegou a coleira de volta, enxugou os olhos e murmurou:

“Que merda, hein?”

Ficamos ali olhando para nossos sapatos por alguns minutos.

Em seguida, Max disse:

“Você quer beber a merda de uma cerveja em algum lugar?”

“Tipo... em um bar?”

“Fodam-se os bares! Bares são lugares onde otários tentam encontrar alguém para foder. Em um pub. A porra de uma cerveja na merda de um pub.”

Pensei no meu objetivo de tomar cerveja em um bar com um amigo de idade apropriada e decidi que em um pub era ainda melhor, porque eu realmente não queria ficar perto de otários querendo copular.

“Quantos anos você tem?”, perguntei para Max.

“Trinta e nove, porra. Você quer tomar uma cerveja ou não, merda?”

Também tenho trinta e nove anos, como você já sabe, Richard Gere.

A sincronicidade de Jung.

Unus mundus.

Unus mundus!

“Sim, eu gostaria muito de beber uma cerveja em um pub com você.”

“Está bem. Então venha, porra.”

Max saiu andando bem depressa, e eu o segui por uns seis ou sete quarteirões antes de entrarmos em um pub escuro com grades ao redor do bar e fotos da Irlanda pelas paredes.

Nós nos sentamos em bancos e apoiamos os pés nas barras de bronze, assim como fazem na televisão.

Foi incrível.

O barman era um sujeito gordo de testa franzida.

“O que vai ser?”

“Duas cervejas, porra”, disse Max.

O barman inclinou a cabeça para um lado e estreitou os olhos.

“De que tipo, porra?”

“De que porra de cerveja você gosta?”, perguntou Max.

“Não sei”, respondi, porque não costumo beber cerveja.

“Duas Guinness, porra”, pediu Max.

“Está bom, porra”, respondeu o barman, jogando dois pequenos círculos de papelão no balcão à nossa frente.

Havia uma televisão acima das prateleiras com garrafas de bebidas alcoólicas, e estava passando um programa no qual as pessoas tinham que percorrer uma pista de obstáculos. Um caminho com trinta centímetros de largura separava uma piscina de um muro alto, de onde saíam luvas de boxe que empurravam as pessoas na água caso não tomassem cuidado. Vimos algumas delas tentando atravessar, e todas foram derrubadas. Cada vez que alguém caía, ouviam-se barulhos de desenho animado que soavam como molas ou assobios agudos. Então uma mulher enorme conseguiu atravessar a pista, com braços e pernas abertos feito uma aranha, e todos aplaudiram.

“Doze e cinquenta, porra”, disse o barman ao colocar as cervejas escuras diante de nós, em cima dos pequenos círculos de papelão.

“Você deve sete dólares a ele”, disse Max. “Isso aqui não é a porra de um encontro.”

Peguei minha carteira e dei sete dólares para o sujeito.

Max e eu brindamos, demos um gole em nossas cervejas cremosas e assistimos aos homens e mulheres tentando correr sobre

cerca de uma dúzia de bolas que flutuavam na água. O objetivo era chegar a uma espécie de plataforma. Toda vez que alguém caía no lago, ouviam-se mais barulhos de desenho animado, as pessoas no pub torciam ou se lamentavam, e Max ria baixinho, erguia sua cerveja e gritava:

“Que merda, hein?”

Não falamos nada, mas por mim tudo bem. Eu estava feliz por simplesmente ter alcançado um dos meus objetivos de vida.

Quando terminou a cerveja, ele disse:

“Vamos nessa, porra. Preciso ir para casa ver se minha irmã está bem.”

Ao terminar a cerveja, perguntei:

“Algum problema com a sua irmã?”

“Não”, respondeu Max. “Ela só não sente tanta falta de Alice quanto eu. Ela é meio estranha, porra, mas é da família.”

Pergunte por que a irmã dele é estranha, sussurrou você no meu ouvido, Richard Gere, então fiz isso.

“Ah, ela está sempre com a porra do cabelo na frente do rosto. Trabalha na merda da biblioteca. Finge ser muito tímida, e aconteceu uma merda com ela há alguns anos. Mas está bem agora. Só um pouco fodida, porra. E fica preocupada se não sabe onde estou. Eu não disse para ela que ia tomar uma cerveja com você porque nem sabia quem era você antes desta noite, porra.”

Parecia que todas as minhas costelas tinham sido esmagadas e que meu coração estava em chamas.

Eu acabara de tomar uma cerveja com o irmão da Meninatecária.

Padre McNamee chamaria isso de “Comunhão”.

“Que porra tem de errado com você?”, perguntou Max. “Parece que está cagando nas calças.”

“Estou bem”, consegui dizer. “Mas preciso ir.”

“Que merda, hein?”, exclamou Max enquanto eu me afastava no meio da noite.

Andei depressa por mais ou menos uma hora até chegar em casa. Padre McNamee estava ajoelhado na sala, rezando.

“Padre McNamee”, chamei.

Ele abriu um dos olhos e disse:

“Sim, Bartholomew?”

“Tenho algo para lhe dizer. Algo que vai parecer loucura.”

“Pelo visto vamos precisar de álcool.”

Padre McNamee gemeu ao se levantar, nos serviu uísque e bebemos na cozinha enquanto eu lhe relatava a história toda — tudo o que acabei de contar, revelando que eu estava loucamente apaixonado pela Meninatecária, admitindo isso para alguém pela primeira vez, o que me fez sentir surpreendentemente bem.

Quando terminei, ele sorriu para mim e disse:

“Fico feliz por você. O amor é uma coisa linda.”

“O que você acha que isso significa?”

“O que quer dizer com *o quê?*”

“Eu ter sido reunido aleatoriamente com o irmão da Meninatecária.”

“Por que você a chama de Meninatecária?”, perguntou o padre, sugando os lábios e semicerrando os olhos.

Eu não sabia o motivo, então falei:

“O fato de eu ter sido apresentado ao irmão dela. Você acha que isso significa alguma coisa?”

“Eu não saberia dizer.”

“Poderia ser uma intervenção divina?”

“Ultimamente, Deus e eu não temos conversado muito. Mas estou feliz por você, Bartholomew. Felicidades!”, disse ele, erguendo o copo e tomando um grande gole de uísque.

Terminamos nossas doses e nos servimos de outra.

Eu me sentia brilhando: estava muito entusiasmado e feliz, mas o padre McNamee parecia distante.

Fui para a cama um pouco tonto.

Sonhei com minha mãe novamente, só que desta vez ela não corria nenhum perigo.

Mamãe e eu estávamos sentados no quintal, tomando o chá que ela preparava com a hortelã que cultivávamos nas jardineiras das

janelas. Era uma noite quente e úmida de verão. Ouvíamos trovões ao longe e, de vez em quando, víamos o clarão de um relâmpago. Dava para sentir a eletricidade no ar. Mamãe olhou para mim e perguntou:

“Por que acha que Richard chama você de ‘garotão’?”

Ela fez as aspas no ar com as mãos ao dizer “garotão” e falou essa palavra com uma voz grave, como se estivesse tentando imitar a forma que um homem falaria, embora ela não soasse nem um pouco como você, Richard Gere. E, pela expressão dela, dava para ver que não tinha gostado do apelido que você me deu.

“É melhor do que ‘retardado’”, falei.

Mamãe deu um tapinha no próprio joelho e riu até ficar sem fôlego, até as lágrimas escorrerem pelo seu rosto.

Finalmente, após se acalmar, ela comentou:

“Quem poderia imaginar que você tem problemas mentais? Você é mais inteligente do que a maioria das pessoas, mas a maioria das pessoas não mede a inteligência da maneira correta.”

Desviei o olhar e, quando me voltei, mamãe tinha virado um passarinho amarelo.

Aquele pássaro cantou para mim por mais ou menos um minuto e depois voou em direção aos relâmpagos que caíam a cada segundo, parecendo flashes intermitentes.

“Mamãe!”, gritei.

Então acordei.

Seu fã e admirador,
Bartholomew Neil

“UMA VEZ QUE NÃO SOMOS CAPAZES DE SUPORTAR A VISÃO DE SUA MISÉRIA”

Prezado Sr. Richard Gere,

Wendy veio me visitar usando óculos escuros.

Os óculos tinham grandes lentes ovais que pareciam ovos deitados (os lados menores apontando para suas orelhas, os maiores apoiados na ponte do seu nariz). A armação era branca. Ocupavam a maior parte do seu rosto e faziam seu nariz parecer pequeno como o de um coelho.

“Olá, padre McNamee”, cumprimentou Wendy ao passar por ele, que estava rezando de joelhos na sala.

Ele permaneceu imóvel, com as mãos comprimidas, mas, em seguida, abriu um dos olhos e tentou nos sugar com ele. Era como ver o espiráculo de uma baleia surgindo à superfície da água. Padre McNamee sugou todo o ar da sala.

Ou talvez fosse como olhar para um poço, sentindo vontade de se afastar para não cair lá dentro, mas, ainda assim, se inclinando um pouco mais para perto.

Então, seus olhos se fecharam e ele voltou a rezar. Wendy e eu fomos até a cozinha.

Ela se sentou, tirou o casaco, mas ficou com os óculos escuros, o que achei estranho.

“Como foi a terapia de grupo?”, perguntou. “Arnie disse coisas muito boas sobre você.”

“Foi tudo bem. Melhor do que pensei que seria.”

Nesse momento dei um sorriso, e você, Richard Gere, sussurrou na minha mente: *Vamos lá. Conte para ela.* Você parecia muito orgulhoso de mim. Então falei:

“E depois realizei um dos meus objetivos de vida.”

“Sério?”, disse ela bem alto, com entusiasmo, e, em seguida, se inclinou na minha direção. “Qual?”

Olhei para o seu pequeno joelho — o esquerdo, que estava preto, porque ela usava meia-calça por debaixo da saia de lã —, sorri e disse:

“Tomei uma cerveja com um amigo de idade apropriada em um pub. E depois de apenas uma reunião com Arnie.”

“*Bartholomew!* Estou muito orgulhosa!”, exclamou ela, mas aquilo soou como falso entusiasmo, o que me deixou deprimido. “Quem foi o sortudo que saiu para beber com você?”

“Max.”

Suas sobrancelhas cor de laranja ergueram-se por trás dos óculos escuros de armação branca.

“Max, da terapia de grupo?”

“Duas pessoas formam um grupo? Achei que haveria mais de duas pessoas na terapia de grupo”, falei, porque eu realmente pensava assim e estava me perguntando por que havia apenas duas pessoas.

“Reunimos as pessoas em pares, como parceiros. Colegas de apoio. Não queremos sobrecarregar gente como Max e você com um grupo maior. Vocês precisam começar dando pequenos passos.”

“Max está sofrendo por causa de uma gata chamada Alice”, falei, apenas afirmando um fato.

“As pessoas sofrem por diversos motivos. É melhor não comparar nem tentar medir.”

Assenti, concordando plenamente, pensando que o Dalai Lama também concordaria caso estivesse ali.

“O que vocês dois beberam?”, perguntou Wendy.

“Guinness.”

“Hum! Adoro Guinness! Dizem que Guinness faz bem. É uma das cervejas mais saudáveis que existe. Acho que tem algo a ver com a cor escura fazer bem para o coração. Li em algum lugar. Isso me faz sentir melhor quando bebo cerveja. Por isso, sempre peço Guinness. Além do mais, você não consegue beber várias. Fico logo cheio. Portanto, também é uma cerveja segura. Fico feliz que você e Max...”

“Por que você está usando óculos de sol?”, indaguei.

Era uma pergunta lógica. As pessoas não costumam usar óculos escuros dentro de casa. Wendy nunca tinha usado óculos escuros em nossos encontros. E, no entanto, assim que as palavras saíram da minha boca, percebi que era uma pergunta pesada que modificaria o fluxo fácil e agradável da conversa. Era como se o poder houvesse mudado de mãos e eu tivesse me tornado o conselheiro — ao menos foi assim que me senti. Eu meio que senti que precisava me tornar o conselheiro, que algo precisava ser feito, e era eu quem teria que fazê-lo.

Wendy fez uma pausa e levou alguns segundos para pensar na resposta. Pensei ter visto seus olhos se voltarem para a esquerda, mas não dava para ter certeza por causa das lentes escuras que refletiam a luz do teto, formando dois círculos brilhantes em cada uma delas: luas gêmeas robôs.

Finalmente, Wendy disse:

“Eu estava jogando softbol com meu namorado e os amigos dele e levei uma bolada no rosto. Quer ver?”

Mesmo sem eu responder, ela tirou os óculos escuros. Seu olho esquerdo estava inchado, quase totalmente fechado. Manchas verdes, amarelas e roxas iridescentes tomavam sua cavidade ocular como em uma poça oleosa de gasolina.

“Considerando sua expressão, eu provavelmente deveria botar isso de volta”, disse Wendy.

Então, ela recolocou os óculos escuros, sorrindo, mas seu sorriso não era verdadeiro, e foi mais difícil de olhar para ele do que para o machucado.

Lembra-se do hematoma no pulso na semana passada? Ela não estava jogando softbol, sussurrou você, Richard Gere, na minha mente. *Ela precisa de ajuda. Essa mulher precisa ser salva.*

Olhei para o pulso dela, e ainda havia uma marca vermelha, embora estivesse consideravelmente mais branda.

O homenzinho furioso no meu estômago chutava e socava.

O problema dela era muito óbvio.

Comecei a suar.

"Bartholomew?", disse Wendy. "Você está bem?"

Assenti e olhei para os meus cadarços marrons.

"Você é que não parece muito bem."

Tentei manter minha boca fechada, como sempre.

"O que há de errado?"

Eu sabia que revelar o que estava pensando só me traria problemas.

"Bartholomew?"

Algo dentro de mim estava mudando.

"Você pode falar comigo. Está seguro aqui. Pode..."

Eu sabia que tinha perdido o controle quando as palavras começaram a sair.

Minha boca murmurou:

"Ao ver seu olho machucado, consegui sentir sua dor. Isso acontece comigo às vezes."

Eu disse isso antes que pudesse me conter. Eu não falava tão livre e abertamente assim havia muito tempo. Era como se você, Richard Gere, estivesse falando através de mim. Era como se eu estivesse atuando, talvez. Dizendo as palavras de um roteiro. E eu sabia por experiência própria que dizer essas coisas me deixava solitário, sem amigos. Eu não queria dizer aquilo.

Idiota!, gritou o homenzinho no meu estômago.

(Preciso dizer que tudo parece estar se revelando, ultimamente. Como se eu fosse uma flor que se abre para o mundo pela primeira vez. Não sei por que e também não tenho controle sobre isso. Flores não pensam: "Bem, estamos em maio, então me voltarei para o sol

e abrirei minhas pétalas.” Flores não pensam, apenas crescem, e, quando chega a hora, brotam cores de suas hastes e elas ficam belas. Não sou mais bonito do que quando minha mãe estava viva, mas sinto como se eu estivesse me abrindo, uma flor florescendo, um fósforo aceso, uma bela juba de cabelo se soltando de um coque. Sinto que muitas coisas antes impossíveis agora são possíveis e andei me perguntando se essa é a razão por eu não ter chorado nem ficado chateado quando minha mãe morreu. Será que as pétalas das flores coloridas choram e se lamentam quando não estão mais dentro do caule verde? Eu me pergunto se passei os primeiros trinta e oito anos da minha vida dentro do meu caule, dentro de mim mesmo. Tenho pensado em um monte de coisas, Richard Gere, e quando li sobre sua vida comecei a achar que você também teve pensamentos semelhantes, que foi por isso que abandonou a faculdade e não virou agricultor como seu avô, nem vendedor de seguros como seu pai. E é também por isso que muitas pessoas acharam que você era arredio, quando na verdade estava apenas tentando ser você mesmo. Li que costumava ir ao cinema sozinho quando estava na faculdade e que passava várias horas lá estudando a arte de atuar, contar histórias e fazer cinema. Você fez tudo sozinho. Isto, talvez, tenha sido quando você estava no caule, antes de florescer como Richard Gere, o astro de cinema internacionalmente famoso. Que cores vívidas você exibe agora! Mas não foi fácil para você. Descobri isso pesquisando sobre a sua vida. Você passou muito tempo nos palcos. Li em um livro que você morava em um apartamento em Nova York, sem calefação nem água corrente. E, então, fez muitos filmes antes de ficar famoso, sempre tentando ganhar os papéis que disputava com John Travolta e recebendo muito menos do que ele. Mas agora você é Richard Gere. *Richard Gere!*)

“Você é compreensivo”, disse Wendy, de modo um tanto sedutor, numa tentativa de me distrair do que eu estava me esforçando para comunicar, destacando o menos relevante, por ser sempre mais fácil de assumir.

Ela falou:

“Isso é bom. Gosto disso em você. As mulheres apreciam a compreensão. Talvez este seja um bom ponto de onde começar a trabalhar seu outro objetivo de vida: tomar um drinque no bar com uma mulher.”

Wendy não entendeu o que quis dizer quando falei que conseguia sentir a dor dela, embora você tenha entendido, Richard Gere. Você sussurrou no meu ouvido: *Eu entendo. Você está vendo com sua mente. Está juntando os fatos. Você consegue ver o sujeito. Seu rosto. O que ele faz com ela quando fica furioso. Você a vê tentando se defender dos golpes dele. Cobrindo o rosto com os braços finos e infantis, mas o homem é grande, forte, bonito, persuasivo, educado, repleto de apreço e respeitabilidade. E você a vê chorando sozinha em um quarto por bastante tempo antes que ele volte e ela cubra a cabeça para se defender, mas desta vez não bate nela. Ele diz que está arrependido. Diz que não sabe o que deu nele. Chega a chorar. Ele chora. Pede desculpas. Diz que a ama. Diz que está se esforçando para não perder a cabeça. Diz que foi espancado na infância, que aprendeu isso com o pai e está tentando romper o ciclo. Ele usa as palavras que ela cita no trabalho. Ela acha que pode salvá-lo, o que você admira. Ela já se considera uma má terapeuta antes mesmo de começar, porque, se não consegue resolver os problemas da própria vida, como pode ajudar os outros? Você a vê sozinha durante a noite, olhando através da janela do quarto, através de seu reflexo que mais parece o de um fantasma, tentando não enxergar a si mesma, tentando desesperadamente enxergar a si mesma. Tentando, falhando, sofrendo. Bartholomew, você é capaz de ver com a própria mente, o que é um grande dom. Não precisa esconder isso de mim. Embora eu entenda por que esconde do resto do mundo. Por que esperou tanto tempo para me contar sobre o seu dom e os problemas que lhe causou em sua vida até o momento. Como você fingiu não ser capaz de ver com a própria mente. Como tenta ser igual a todo mundo, mas não consegue. Como anteviu a morte de sua mãe muito tempo atrás, e você não precisa lamentar*

isso agora, porque se lamentou enquanto ela ainda estava viva. Como você consegue interpretar as pessoas quando permite que sua mente funcione da maneira que apenas a sua consegue funcionar. Como você sabe que esta é a sua vez. Exatamente agora. Que um presente muito, muito tempo atrás lhe foi dado, e você esperou todos esses anos para rasgar o papel de embrulho e tirar o presente da caixa.

Você lê a mente dela. Ou, talvez, apenas a sinta. De qualquer forma, você sabe que o nome do namorado dela é Adam, pois sussurrou no meu ouvido, enquanto Wendy falava sobre como impressionar uma mulher, dizendo algo a respeito de ouvir, gesticulando diante do rosto, escondendo-se por trás de seus grandes óculos escuros. Você acha que está ficando louco, Bartholomew. Esse é o seu pior medo. Bem, teste a sua mente. Diga "Adam" e observe como ela reage. Tente. Confie em mim. Basta dizer "Adam" para Wendy, e assim ela ficará sabendo que você tem um dom. Ela nunca mencionou o nome dele para você. Ela ficará sabendo que você claramente sabe o que a está magoando e então não precisará mais fingir para você. Assim como fiz por você, trazendo o seu dom à tona, pode fazer isso por ela.

Eu estava com medo de testar minha mente, temendo que eu fosse louco, temendo também que eu não fosse louco, mas que tinha esse estranho poder.

O que seria pior?

O que eu faria com esse poder?

O que aconteceria se eu fizesse papel de bobo na frente de Wendy?

Idiota!, disse o homem no meu estômago e, em seguida, deu chutes e socos. *Qualquer um que conversa com um Richard Gere imaginário definitivamente é retardado! E se você deixar escapar "Adam", com certeza Wendy vai achar que você é retardado! Você não tem nenhum dom especial. Não tem nenhum poder. Você é só um idiota estúpido que passou a vida inteira morando com a mãe até ficar gordo, feio, retardado, delirante e...*

Wendy gesticulava de forma mais enfática, falando sobre como toda mulher quer um homem gentil, como homens grandes e gentis são sexy. Escondendo-se por trás de seus óculos em forma de ovo, ela fingia não estar abatida, espancada, magoada e aterrorizada. Fingia para mim. Fingia para si mesma. E eu sabia que ela estava *me* chamando de homem grande e gentil.

Grande e gentil é apenas outro termo para retardado!, gritou o homenzinho furioso.

Está na hora de confiar em seus instintos, Bartholomew. Vou continuar dizendo "Adam" em sua mente até você falar, sussurrou você, Richard Gere.

Então, foi exatamente isso o que você fez.

Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam.
Adam. Adam.

Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam.
Adam.

Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam.

Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam.

Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam.

Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam.

Adam. Adam. Adam. Adam. Adam.

Adam. Adam. Adam. Adam.

Adam. Adam. Adam.

Adam. Adam.

Adam.

Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam.
Adam. Adam.

Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam.
Adam.

Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam.

Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam.

Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam.

Adam. Adam. Adam. Adam. Adam. Adam.

*Adam. Adam. Adam. Adam. Adam.
Adam. Adam. Adam. Adam.
Adam. Adam. Adam.
Adam. Adam.
Adam.*

Adam. ADAM. ADAM. ADAM. ADAM. ADAM! ADAM! ADAM! ADAM!

“Adam”, falei quando não consegui mais aguentar.

Imediatamente, Wendy parou de falar e suas mãos caíram ao lado do corpo.

Era como se uma tesoura gigante invisível tivesse cortado todas as suas cordas de marionete.

Rápido! Analise a expressão dela!, falou você. *O que está vendo?*

A boca de Wendy estava entreaberta, e ela logo ficou pálida. Era como se alguém tivesse puxado uma cortina branca diante de uma janela onde batia um sol forte.

“Por que você disse ‘Adam?’”, perguntou ela. Sua voz soava ansiosa.

A menina gentil e cheia de vida que queria que eu fosse beber em um bar com amigos de idade apropriada desapareceu.

Animado, você, Richard Gere, disse: *Olhe só! Isso prova tudo!*

“Adam fez isso com você, não foi?”, perguntei, minha confiança aumentando. “O hematoma no seu braço. O olho roxo.”

Veja como Wendy treme!, disse você. *Alivie a dor dela. Acabe com o segredo. Pratique compaixão.*

Wendy abriu a boca para falar, mas, em seguida, se levantou, pegou seu casaco colorido e, toda apressada, se dirigiu à porta da frente.

“Sinto muito”, falei, seguindo-a. “Sinto muito. Talvez eu não devesse ter...”

“O que há de errado?”, quis saber o padre McNamee ainda de joelhos na sala de estar observando Wendy sair.

Ele olhou para mim e perguntou:

“O que aconteceu?”

Idiota!, gritou o homem furioso no meu estômago. *Retardado!*
Minhas axilas estavam úmidas, e senti a testa molhada. Fui tomado por um enjoo e você sumiu, Richard Gere.

Desapareceu.

Eu conseguia ouvir minha respiração.

“Está tudo bem, Bartholomew”, disse o padre McNamee. “Vamos lá fora tomar um pouco de ar.”

Ele abriu a porta e saí na tarde fria.

Ele veio atrás de mim.

Olhei para a rua, mas Wendy já não estava lá. Ela deve ter andado muito depressa, e comecei a me perguntar se chegou a correr.

Tentei pensar — o que a reação dela realmente significava?

O que eu tinha provado?

Richard Gere?, fiquei chamando em minha mente, mas você não respondeu. Era como se estivesse gritando em uma caverna totalmente vazia e ouvisse apenas ecos.

“Respire”, disse padre McNamee. “Inspire. Expire. Inspire. Expire. Devo pegar uísque?”

Fiz que não com a cabeça.

“O que aconteceu?”, perguntou.

Levei um minuto para pensar, e o ar frio refrigerou meu peito e me acalmou consideravelmente.

Então contei ao padre McNamee o que de fato havia acontecido na cozinha, só que, por razões óbvias, não mencionei você, Richard Gere. Nem citei o homem furioso no meu estômago, principalmente porque eu não queria dizer a palavra *retardado*.

Quando cheguei à parte sobre ter ouvido o nome *Adam* em minha mente, padre McNamee olhou para mim como se eu tivesse lhe dado um tapa, mas ele disse em seguida:

“Com o fato de ela estar usando óculos escuros dentro de casa e ter hematomas no braço, *qualquer um* poderia ter deduzido que nossa Wendy está vivendo um relacionamento abusivo. Mas saber o nome do sujeito, bem, *isso* é alguma coisa. Se ela já tivesse

mencionado o nome dele, se houvesse a menor possibilidade disso, ela não teria saído daqui às pressas como se estivéssemos possuídos por demônios, certo?"

"O que você quer dizer?", perguntei.

"Não sei", respondeu o padre McNamee. "Há alguns anos, eu teria facilmente dito: 'Meios misteriosos, Bartholomew, meios misteriosos', sem pensar duas vezes. Mas não posso mais fazer isso."

Encarei o padre McNamee, e ele parecia ter sido arrombado e roubado outra vez.

Ele desviou o olhar e disse:

"Você está bem o bastante para sair em uma missão?"

"Uma missão?"

"Independentemente da minha crise de fé e da sua misteriosa habilidade para saber o nome de homens violentos que nunca conheceu, é bastante claro que nossa amiga Wendy está em apuros."

"O que vamos fazer?"

"O que qualquer ser humano decente faria. Vamos pegar nossos casacos, está bem?", disse o padre McNamee, e, então, saímos andando pela rua.

Padre McNamee andava a passos largos e rápidos, e foi difícil acompanhá-lo.

"Para onde vamos?", perguntei.

"Até a fonte", respondeu o padre.

"Como eu sabia que o namorado de Wendy se chama Adam?", perguntei.

"Durante a maior parte da minha vida, eu teria dito algo como: 'Você tem trinta e nove anos. Foi católico durante todo esse tempo. Realmente precisa que eu lhe explique de onde vêm os poderes milagrosos?' Mas não posso dizer isso para você hoje à noite, Bartholomew. Já não sou mais padre, e por um bom motivo."

Pensei sobre o que ele estava querendo dizer e eu gostaria que você, Richard Gere, falasse comigo, mas você não estava com a gente naquele momento. Senti sua falta. E eu queria saber qual

conselho Dalai Lama me daria. Eu estava curioso com relação a isso. Estava claro que tão cedo eu não conseguiria respostas com o padre McNamee.

Ele subiu três degraus até a varanda de uma casa geminada e tocou a campainha. Eu estava atrás dele na calçada. Uma mulher de meia-idade com rolos no cabelo e uma camisola rosa atendeu. Ela fumava um cigarro, e suas pernas nuas tinham a mesma cor azul-clara dos icebergs.

“Padre McNamee!”, gritou ela, sorrindo. “Que surpresa! Por onde andou? Estávamos todos muito preocupados com você! Padre Hachette disse que você teve um colapso nervoso! Está tudo bem?”

“Sim”, respondeu o padre McNamee. “Bem, para dizer a verdade estou cansado. Mas não é por isso que estamos aqui.

A mulher olhou para mim por um segundo e perguntou:

“Vocês querem entrar?”

“Imagino que você conheça Bartholomew Neil da missa”, disse ele, ignorando o convite. “Bartholomew, esta é a mãe de Wendy, Edna.” Voltando-se para a mulher, ele acrescentou: “Wendy é conselheira de Bartholomew. Isso faz parte dos estudos dela.”

Ergui a mão e dei um sorriso.

Edna sorriu de volta para mim e disse:

“Eu me lembro de você da missa de sábado à noite. Eu me sento na frente, do lado esquerdo.”

Assenti, mesmo que eu não a tivesse reconhecido e a gente nunca tenha conversado. (Na missa, geralmente fico observando as janelas com vitrais, nunca as pessoas ao meu redor.)

“Precisamos do atual endereço de Wendy”, informou padre McNamee.

“Por quê? O que aconteceu?”

“Ainda não temos certeza”, disse o padre.

Edna encarou o padre outra vez, como se não tivesse entendido o que ele dissera, e então falou:

“Falhei como mãe.”

“Tenho certeza de que não...”

“É verdade, tudo bem. Wendy foi morar com o namorado, um homem mais velho. Acho que ele é médico”, disse Edna. Seus olhos ficaram vermelhos e vidrados. “Nem sequer o conheço, o que me preocupa, ainda mais porque Wendy parece diferente. *Mais rude*. E me sinto responsável, mas como eu poderia pagar os estudos dela? Mal consigo pagar nossa hipoteca! Quando peço para conhecê-lo, Wendy muda de assunto. É como se estivesse me punindo. E ela parece estar triste o tempo todo. Desde que se mudou. Isso parece certo para você, padre?”

“Não, não parece.”

“Que tipo de problemas ela está enfrentando? Ele é cruel com ela?”

“Precisamos do endereço. Estamos tentando ajudar”, respondeu o padre.

A mulher balançou a cabeça, olhou para as próprias mãos e murmurou algo — talvez uma oração — antes de desaparecer por alguns minutos. Padre McNamee não se virou para me olhar, o que me deixou nervoso.

Quando Edna voltou, entregou ao padre um pedaço de uma caixa de cigarro com um endereço rabiscado no verso e disse:

“Wendy é uma boa menina. Ela tem bom coração, mas é ambiciosa. E eu sou só uma pessoa comum. Isso é tão horrível assim? É minha culpa?” A mãe de Wendy enxugou os olhos e fungou. “Nós não tivemos muita sorte. Repita que você vai ajudá-la.”

“Vou tentar”, garantiu o padre McNamee.

Ele assentiu de modo tranquilizador e depois abraçou a mulher. Notei que o cigarro dela emitia uma pequena coluna de fumaça atrás da cabeça do padre McNamee enquanto ela o envolvia pelo pescoço.

“Sei que você não é mais padre, mas pode rezar por mim agora?”, indagou ela quando os dois se afastaram. “Só uma breve oração?”

Padre McNamee baixou a cabeça e disse:

“Pai, abençoe esta mulher, sua filha, e lhe dê a paz prometida no seu coração. Fique conosco hoje, Jesus. Enxergue-nos através dos

enigmas de nossa vida pessoal e nos ajude a ver a beleza da nossa natureza... eternamente atrofiada. Amém.”

“Amém”, repetiu a velha senhora, solenemente. Ela estendeu a mão e acariciou as bochechas coradas do padre McNamee. “Deus o abençoe.”

Deu para sentir o cheiro persistente da fumaça de cigarro enquanto o padre McNamee examinava o endereço em sua mão e traçava mentalmente uma rota. Logo estávamos caminhando depressa outra vez pela calçada.

“Você realmente acredita que há beleza em nossa natureza atrofiada?”, perguntei, imaginando se eu poderia ser bonito, no fim das contas. Definitivamente, eu estava confuso havia décadas.

“Acredito”, respondeu o padre McNamee.

“Como pétalas de flores coloridas escondidas dentro de um caule?”

Padre McNamee parou de andar, sorriu para mim por trás de sua barba, e disse:

“A beleza está dentro de todos nós, Bartholomew. Às vezes, ela apenas se esconde. Isso é certo.”

Padre McNamee andava rápido o bastante para me fazer suar, apesar de ser uma noite fria.

Finalmente chegamos a um triplex na esquina da South com a Third Street. Padre McNamee tocou a campainha e ficou apertando-a por bastante tempo. Ao soltá-la, ouvimos a voz de um homem:

“Você não precisa tocar sem parar.”

“Adam?”, chamou o padre McNamee no interfone.

Silêncio.

“Quem é?”

“Somos amigos da Wendy. Poderia abrir a porta para a gente, por favor?”

Mais silêncio.

Padre McNamee tocou a campainha novamente.

“Com quem estou falando?”, perguntou Adam.

“Amigos da Wendy.”

“Qual é o seu nome?”

“Bartholomew Neil”, respondeu o padre McNamee, o que me surpreendeu.

“Padre McNamee?”, disse Wendy.

Dava para reconhecer que era a voz dela. Visualizei suas sobrancelhas cor de laranja em minha mente, sua pele branca, quase translúcida.

“Não sou mais padre. Eu mesmo me destituí. Lembra-se? Mas, sim.”

Alguns segundos depois, a porta se abriu e Wendy surgiu ali, usando seus óculos escuros em forma de ovo, uma calça preta justa e um moletom marrom da Temple University que era grande demais para ela.

“Entrem”, disse ela.

Segui padre McNamee pelo primeiro andar do triplex, onde havia um sofá de couro marrom-claro, uma mesa de centro de vidro, um tapete preto tão felpudo quanto um cão, um grande armário de ferro com dezenas de garrafas e uma enorme cadeira de couro. Aquela era a casa de uma pessoa rica. Deu para notar isso no mesmo instante.

“Como você arranjou esse endereço?”, perguntou Wendy ao padre McNamee.

“Sua mãe me deu.”

“Por quê?”

“Eu pedi.”

“*Por quê?*”

“Estávamos preocupados. Bartholomew e eu. Você foi embora correndo...”

“Desculpe. Eu não estava me sentindo bem mais cedo.”

Padre McNamee ergueu suas sobrancelhas brancas espessas.

“Por que vocês não sobem para conhecer Adam?”, perguntou Wendy.

“Adam, você diz. Esse é o nome do sortudo? *Adam?*”

“Não é um nome tão incomum assim”, disse Wendy e, em seguida, deu um riso forçado. “Vamos lá em cima conhecê-lo.”

Nós a seguimos, subindo uma escada de ferro em espiral até chegarmos a uma copa/cozinha. Um homem bonito usando um jaleco azul-celeste se levantou quando nos viu. Parecia ter a minha idade, sendo ao menos dez anos mais velho que Wendy. Em cima da mesa havia dois pratos e duas taças de vinho. Eles estavam comendo carne vermelha, rabanetes e aspargos.

Adam tinha olhos azuis, cabelo castanho com um corte respeitável, apesar de ser desgrenhado como o seu, Richard Gere. Wendy nos apresentou. Ele apertou minha mão com força, me machucando um pouco.

“Ouvi falar bastante de você”, disse ele. “Sinto muito pela sua mãe.”

Assenti e, em seguida, fiquei encarando meus cadarços marrons. Não acho que Wendy devesse falar sobre nossas sessões com mais ninguém, pois isso viola a confidencialidade terapeuta-paciente. Comecei a achar que não devia ter contado nada a meu respeito para Wendy.

“Aceita uma bebida?”, perguntou Adam.

Logo, estávamos sentados em uma grande mesa de madeira, com uma taça de vinho nas mãos.

Tomei um gole, e o vinho tinha gosto de bebida cara, ou talvez achei que tivesse, pois não sei quase nada sobre vinho.

“Então... a que devemos a honra?”, perguntou Adam, num tom que sugeria que ele preferia estar comendo sua carne vermelha e seus rabanetes, e foi exatamente isso que começou a fazer. “Não quero deixar um bom filé Kobe esfriar”, acrescentou, como se pudesse ler minha mente. “Se eu soubesse que vocês vinham eu teria...”

“Estamos preocupados com Wendy”, revelou padre McNamee.

“Por quê?”, perguntou Adam enquanto mastigava, parecendo completamente desinteressado.

“Talvez porque pareça que ela enfrentou dez rounds com o atual campeão dos pesos pesados”, respondeu padre McNamee, “de quem não me lembro o nome, mas que deve ser bom de porrada e de deixar Wendy desse jeito”.

“Vocês conhecem Wendy. Qualquer coisa que um homem faz, ela pode fazer melhor. E não tente contrariá-la. Não, ela vai jogar softbol contra os homens e pronto!”, disse Adam e depois sorriu para Wendy. “Ela é tão competitiva que rebateu com o rosto uma bola direta na terceira base. Sem se esquivar. *Admirável*. Você tem que admitir.”

Wendy retribuiu o sorriso dele, mas não disse nada. Ela parecia dura como papelão.

Adam disse “admirável” de uma forma que me fez acreditar que ele estava falando a verdade. Era como assistir a um programa de televisão. Ele parecia o apresentador — o mocinho —, como se tudo o que dissesse fosse seguido pelas risadas de centenas de pessoas que amavam aquele cara. Ele era esse tipo de pessoa — o tipo que consegue fazer você querer acreditar em mentiras, o tipo que faz você se sentir burro e feio e também constrangido para expressar as próprias ideias, independentemente de você ter certeza de que está certo, e ele, errado.

Padre McNamee ficou bastante tempo olhando para Adam. Era quase como se padre McNamee tivesse entrado em transe.

“Por que está me olhando desse jeito?”, perguntou Adam ao padre McNamee. “O que está fazendo?”

Surgiram redemoinhos nos olhos do Padre McNamee, os quais começaram a sugar.

“Tudo bem. Pare com isso. Você está começando a me assustar.”

Dava para sentir o poder.

Eu meio que esperava que os pratos e os talheres comessem a deslizar em direção ao padre McNamee.

Desviei o olhar.

“O que há com esses caras?”, perguntou Adam para Wendy. Em seguida, ele tomou um gole de vinho.

Padre McNamee continuou encarando Adam.

Dava para notar que os redemoinhos estavam começando a realmente assustar o sujeito.

Os redemoinhos estavam sugando a cor de sua pele.

Um gigantesco elefante cor-de-rosa preencheu a sala e começou a nos esmagar nas paredes, tornando cada vez mais difícil respirar.

“Pare de olhar para mim”, pediu Adam ao padre McNamee.

Padre McNamee inclinou-se para a frente e continuou encarando.

“Você me disse que o grandalhão era maluco, mas não me falou que o padre também era doido”, disse Adam para Wendy.

O homem furioso no meu estômago começou a ficar muito irritado.

“Eu nunca, nunca usei as palavras *maluco* ou *doido!*”, afirmou Wendy para mim.

“Escute”, disse Adam. “Por que está me encarando?”

Padre McNamee continuou a olhar.

“Pare de olhar para mim!”, exclamou Adam. “Pare com isso!”

Padre McNamee encarava de forma tão intensa que começou a tremer um pouco.

“Horrrível”, disse padre McNamee. “Horrrível o que deve ter acontecido com você na infância. Já aconselhei muitos abusadores, e todos foram abusados. Você aprendeu isso, e deve *desaprender* também.

“Saia da minha casa!”, ordenou Adam.

“*Horrrível!*”, repetiu padre McNamee, inclinando a cabeça. “Você está arrasado.”

Adam levantou-se em um pulo da cadeira e contornou a mesa, como se estivesse prestes a atacar padre McNamee. Mas Wendy também ficou de pé e botou a mão no peito de Adam.

“Está tudo bem. Eles estão indo embora.”

“Quero eles fora daqui!”, exclamou Adam, com os olhos arregalados e as veias saltando.

“Tudo bem”, disse Wendy, massageando suavemente seus bíceps. “Vá lá para cima. Vou fazer eles irem embora.”

“Juro que se esses dois palhaços não estiverem fora daqui quando eu...”

“*Vou cuidar disso.* Você tem coisas mais importantes com que se preocupar. Deixe que eu lido com eles. Isso não é nada. Não se preocupe.”

Adam nos encarou por desconfortáveis dez segundos.

“Fora! Quero vocês fora da minha casa!”, gritou, antes de subir com passos pesados a escada em espiral.

“É melhor vocês irem”, afirmou Wendy, trêmula.

Padre McNamee segurou o rosto dela entre as mãos. Ele tirou seus óculos escuros e o olho roxo parecia ainda pior do que antes. As cores haviam se dissipado, mas o dano parecia mais acentuado e permanente, como se tivesse fixado em sua pele para sempre.

“Você não quer voltar a morar com sua mãe, eu sei. Acha que seria um passo atrás. Sei que ela está deprimida. Sua mãe pode ser opressiva. Financeiramente, Adam lhe oferece uma vida boa. Ele paga os seus estudos. Compra coisas legais para você. É até bonito. Parece ser uma chave brilhante para uma vida melhor e mais bela. Você acha que pode salvá-lo, mas não é assim que salvamos as pessoas.”

“Eu me machuquei jogando softbol”, insistiu Wendy, mas ela estava chorando, e sua voz a fazia soar como uma criança.

“Você pode morar comigo e com Bartholomew”, ofereceu o padre McNamee. “Venha com a gente agora, e será mais fácil para você. Se ficar, ele vai bater em você de novo quando formos embora. Você sabe disso. Ele não consegue se conter. Está doente. E, não se engane, você faz parte dessa doença agora. Você o está mantendo doente. Dando continuidade ao ciclo. Precisa ir embora imediatamente. Por ele e por você.”

“Foi um jogo de softbol. Terceira base. Levei uma bolada direta no olho”, disse Wendy, mas ela olhava para os chinelos, e sua voz saiu baixa e suave como penas soltas.

“Nossa porta está aberta para você, a qualquer hora do dia ou da noite”, disse o padre McNamee, abraçando Wendy em seguida.

“Vamos, Bartholomew.”

Começamos a descer a escada em espiral.

“Como você sabia que o nome dele era Adam?”, perguntou Wendy para mim.

Ela estava apoiada no corrimão, nos observando descer. Colocara de volta os óculos escuros. Suas palavras furiosas ecoaram na minha mente. “*Como você sabia disso?*”

Não consegui pensar numa resposta, então apenas dei de ombros.

Mas então me lembrei de uma frase do livro do Dalai Lama, *Uma mente profunda*:

“Devemos trabalhar para alimentar o bem-estar dos outros, uma vez que não somos capazes de suportar a visão de sua miséria.” Dalai Lama disse isso. Para mim, é difícil olhar seus hematomas. Foi por isso que viemos parar aqui. Isso é tudo que posso explicar agora.”

“Nossa casa está aberta para você!”, gritou o padre McNamee da escada. Em seguida, fomos embora.

Enquanto andávamos para casa, não dissemos nada um para o outro.

Acho que nós dois sabíamos o que estava acontecendo com Wendy — como se nossos passos lentos fossem preces capazes de salvá-la —, e, embora tivéssemos feito o possível para protegê-la, não havia mais nada que pudéssemos fazer no momento.

A energia do Padre McNamee parecia ter se esgotado. A minha também.

Assim que chegou em casa, ele se ajoelhou, começou a implorar ao Todo-Poderoso e só parou tarde da noite, quando a campainha tocou.

Era Wendy.

Todo o lado esquerdo do seu rosto estava inchado e ferido. Seus dentes estavam cobertos de sangue. Sua postura era de derrota.

“Eu sou muito burra. Muito fraca”, disse Wendy, sua voz soando como a de uma criança, e senti pena dela.

Eu queria acabar com a sua dor, principalmente porque ela estava dizendo o que o homenzinho furioso no meu estômago diz o tempo inteiro. Eu sei como é horrível ouvir essas coisas sobre nós mesmos e acreditar que é tudo verdade.

Ela entrou em colapso no nosso sofá e começou a chorar e a gemer nos braços do padre McNamee, enquanto ele acariciava suas costas e eu apertava minhas mãos até deixar a pele vermelha.

Quando ela parou de chorar, padre McNamee a cobriu com um cobertor e sussurrou:

“Você está segura aqui. E pode ficar o tempo que quiser.”

Wendy estava dormindo em posição fetal.

“Ela precisa descansar”, murmurou padre McNamee, e então eu o segui até o segundo andar.

Ele parou no corredor e me entregou seu cantil. Era de prata e tinha umas palavras gravadas:

HOMEM DE DEUS

Cada um de nós tomou grandes goles de uísque. Senti minhas entranhas esquentarem. Quando lhe devolvi o frasco vazio, ele deu dois tapinhas no meu rosto, sorriu e disse:

“Fizemos um bom trabalho esta noite.”

“Eu não fiz nada.”

“Fez, sim”, disse padre McNamee, parecendo muito orgulhoso.

Abri a boca para falar, mas as palavras não saíam.

Eu estava confuso.

“Boa noite, Bartholomew”, disse o padre, por fim.

“Boa noite”, respondi.

Ele entrou no quarto da minha mãe e fechou a porta.

Eu tinha me livrado de todas as coisas dela, doando a maior parte para o brechó mais próximo, mas aquele continuava sendo o quarto dela — o lugar onde dormiu por muitas décadas —, por isso era estranho imaginar nosso padre dormindo ali. No entanto, senti que mamãe não se importaria que o padre McNamee usasse sua cama,

porque ele era seu padre favorito, um homem que ela acreditava ser integralmente bom.

Fiquei no corredor me perguntando se eu poderia receber algum crédito no que padre McNamee tinha feito para ajudar Wendy. Mas não cheguei a qualquer conclusão.

Então vim para o meu quarto lhe escrever esta carta.

Seu fã e admirador,

Bartholomew Neil

DE FATO HAVIA PADRÕES NO UNIVERSO

Prezado Sr. Richard Gere,

Wendy ficou três dias sem se levantar do nosso sofá, e durante todo esse tempo padre McNamee ficou rezando no quarto da minha mãe, que está se tornando o quarto *dele*. Isso faz meu cérebro doer um pouco.

Os últimos dias têm sido um período confuso para mim, pois não tenho certeza se gosto de ter tantas pessoas na casa da minha mãe — especialmente Wendy, que minha mãe nunca conheceu. Eu estava começando a ter a impressão de que minha mãe nunca tinha morado ali e não gosto nem um pouco disso.

Mas tentei me lembrar do que Dalai Lama disse sobre compaixão em *Uma mente profunda*: “Quando nosso coração está repleto de empatia, um forte desejo de eliminar o sofrimento alheio surge dentro de nós.” Era evidente que Wendy estava sofrendo. Quero que meu coração se encha de empatia, quero ser o mais parecido com você que puder. Por isso, estou tentando.

Padre McNamee levou torradas com manteiga, suco de laranja, macarrão com queijo e café para Wendy, mas ela não tocou em nada e passou a maior parte do tempo com o rosto enterrado nas almofadas do sofá. Eu a ouvi ir ao banheiro tarde da noite e me perguntei como ela havia conseguido se segurar durante o dia inteiro. Seus hematomas no rosto faziam a transição do roxo para o amarelo. Padre McNamee disse que isso significava que Wendy estava se curando do lado de fora, mas ainda não no interior. Ele falou que Wendy se sentia envergonhada, principalmente porque

“trocara de papel comigo”. A princípio, não entendi o que isso significava, mas depois de mais ou menos um dia me dei conta de que ele queria dizer que era eu quem estava tentando ajudar Wendy a passar por um período difícil, sendo que era ela quem deveria estar me auxiliando. Entendo por que isso a fazia se sentir uma fracassada, e comecei a me perguntar se Wendy tinha uma mulherzinha no estômago que gritava e a xingava.

Tentei falar com ela, ou com seu corpo coberto enroscado no sofá. Primeiro, eu disse que sentia muito pelo que acontecera. Perguntei se devíamos denunciar Adam à polícia e me ofereci para ir com ela, segurar sua mão o tempo todo enquanto ela relatava a violência que aquele homem cometera — cheguei a contar para ela como achei difícil ter ficado sozinho enquanto tinha que falar com as pessoas do hospital e com as assistentes sociais sobre o câncer em forma de lula que estava comendo o cérebro da minha mãe, como eu gostaria que alguém tivesse segurado minha mão e ficado ao meu lado —, mas Wendy não respondeu, nem sequer fez contato visual comigo. Então, perguntei se ela queria me aconselhar sobre como conseguir tomar cerveja com uma mulher em um bar, pensando que, talvez, caso recuperássemos nossos papéis originais, isso a ajudaria a se sentir melhor e mais normal. Mas Wendy nem sequer ergueu a cabeça. Em seguida, tentei conversar com ela sobre o clima e as notícias, sobre as quais eu tinha lido na internet da biblioteca, mas ela não respondeu. Continuou com a cabeça enterrada nas almofadas do sofá. Então fiquei só ouvindo os pássaros obstinados (ou preguiçosos) do lado de fora da janela da cozinha, pensando em como essas pequenas criaturas aladas cantavam sem parar, independentemente de quem morreu, de quem apanhou ou de quem se sente um fracasso miserável.

As aves são constantes como o sol.

Ontem à noite, eu queria assistir a um filme, porque estava sentindo necessidade de alguma “magia do cinema”, como minha mãe costumava dizer. Ela e eu sempre víamos algum filme quando um de nós estava deprimido ou quando alguma coisa ruim acontecia

no mundo. “Precisamos da magia do cinema”, dizia minha mãe segurando uma fita de videocassete e sacudindo-a como se fosse um pandeiro. Então, escolhi um de seus vhs favoritos — *A força do destino* —, sacudi-o e disse: “A magia do cinema!”, como se aquelas palavras e o fato de sacudir a fita pudessem curar Wendy. Mas me esforcei muito para acreditar no poder da crença. Wendy continuava deitada com a cabeça enterrada nas almofadas, sua posição habitual, então me sentei no chão, com as costas apoiadas na base do sofá, como costumava fazer quando eu era adolescente e minha mãe estava deitada.

Ao ouvir a sequência de abertura do filme, em que você — no papel de Zack Mayo — diz ao seu pai alcoólatra que quer ingressar na Marinha e pilotar jatos, meu ex-padre começou a estourar pipocas no micro-ondas, o que me surpreendeu, porque fazia quase sete horas que ele estava rezando na mesa da cozinha. Por isso, pensei que ele estava concentrado numa tentativa de conversar com Jesus.

Ver você na televisão depois de todas as nossas várias conversas foi bastante surreal, ainda mais porque esta foi a primeira vez que eu via um dos seus filmes desde a morte da minha mãe, e eu nunca vira nenhum sem ela. Achei que ficaria triste, que sentiria falta dela, mas vê-lo me deixou orgulhoso por saber que o conheço, se é que isso faz algum sentido. Eu já tinha visto *A força do destino* um milhão de vezes, mas foi a primeira vez que assisti como seu amigo. Foi uma experiência totalmente diferente, o que me fez pensar se você, Richard Gere, consegue ver um filme de forma normal, pois, à essa altura, provavelmente conhece todos os atores de Hollywood. Sendo assim, a cada vez que assiste a um filme, você não está vendo estranhos fingindo, e, sim, pessoas com quem já trabalhou e, portanto, já conversou e provavelmente até mesmo já tomou drinques em um bar.

Padre McNamee sentou-se no chão ao meu lado e colocou uma grande tigela de pipoca entre nós. Ele estava bebendo seu uísque em uma xícara de café, e falei “Não, obrigado” quando me ofereceu

um gole, porque eu queria ver o filme totalmente consciente e uísque me deixa com sono, às vezes.

Algumas pipocas ficaram presas na barba dele.

Vimos você treinando para se tornar piloto, Richard Gere, vimos você fazer amor, vimos você fazer amigos, vimos você andar de moto, vimos você dançar, vimos você fingir ser um homem problemático, perturbado. Mas, quando você foi flagrado escondendo sapatos extras e fivelas de cinto em um alçapão no teto, e um furioso Louis Gossett Jr. tentou obrigá-lo a abandonar o programa — forçando-o a fazer várias flexões, molhando seu rosto com uma mangueira e insultando você de inúmeras formas muito humilhantes, enquanto todos os outros estavam de licença —, você deve lembrar que o Sr. Zangado Gossett Jr. lhe disse: “No fundo você sabe que todos esses rapazes e essas moças são melhores do que você. Não é mesmo, Mayo?”

Eu meio que senti que você e eu éramos muito parecidos nesse ponto.

O homenzinho furioso no meu estômago chutou, socou e gritou: *Idiota! Você não é nada parecido como o astro do cinema Richard Gere, nem com o personagem que ele está interpretando no filme, que é uma entidade completamente diferente (e fictícia!)*! E você é apenas um idiota que finge não ser capaz de ver a diferença, porque não fez nada com a própria vida e nunca fará, por isso prefere a ficção à realidade. Eis a sua realidade: todo mundo é melhor do que você! Todo mundo! Você nem mesmo conseguiu manter sua mãe viva, seu retardado!

E, enquanto o homenzinho no meu estômago chutava, socava e gritava, passei a pensar nele como uma miniatura particular de Louis Gossett Jr.

Como bem se lembra, no filme você gritou: “Não, senhor! Não, senhor!” Percebi que eu estava gritando com você na vida real, na sala de estar da minha mãe, quando padre McNamee olhou para mim e perguntou:

“Você está bem?”

Assenti. Algumas lágrimas escorreram pelo meu rosto antes que eu pudesse enxugá-las e, em seguida, vimos o furioso Louis Gossett Jr. tentar convencê-lo a desistir, obrigando-o a fazer agachamentos, e finalmente levou você a gritar: "Não tenho nenhum outro lugar para ir! Não tenho mais nada!"

Lembro que minha mãe sempre chorava quando você dizia isso, e talvez fosse porque ela não teve nada além da casa e de mim durante tantos anos. Ela sempre quis mais. Queria o conto de fadas, mas, em vez disso, teve câncer no cérebro, mesmo tendo sido uma boa mulher que nunca fez nada de errado nem mal a ninguém.

Padre McNamee e eu ficamos ali sentados até o filme acabar. Mas eu só olhava para a tela sem deixar as imagens e os sons entrarem em minha mente.

Eu meio que me recolhi profundamente em uma sombra escura dentro do meu crânio, me escondi no sótão empoeirado da minha mente que raras vezes recebia visitas e pensei em minha mãe. Que ela não está mais aqui comigo. Onde ela poderia estar, como deve ser o paraíso.

Sinto falta dela.

Sinto *mesmo* falta dela.

E apesar de saber que isso é egoísmo, eu gostaria que ela estivesse comigo assistindo ao filme, acariciando o topo da minha cabeça, em vez de estar com Wendy e padre McNamee. Queria que nada tivesse mudado. Queria que a vida fosse justa. Esses pensamentos deixaram o homem furioso no meu estômago com tonturas e náusea.

"Bartholomew?", chamou o padre McNamee, cutucando meu braço. Olhei para ele, que parecia preocupado. "Você está bem?"

Assenti.

Dei uma olhada por cima do ombro para Wendy, e sua cabeça ainda estava enterrada nas almofadas.

"Estou cansado", falei.

"Não seria melhor você ir para a cama?"

Eu queria perguntar ao padre McNamee se deveríamos estar fazendo mais alguma coisa para ajudar Wendy, se era errado desejar que minha mãe ainda estivesse aqui comigo e não no céu, qual era a próxima coisa que faríamos e como eu seguiria em frente pelo resto da vida. Mas eu sabia que ele ia dizer que tudo seria revelado no tempo de Deus e não no nosso, que devíamos simplesmente esperar que Deus falasse comigo, para eu começar a ouvir Sua voz, que precisávamos ser pacientes. Ou, pior ainda, ele falaria que já não era mais padre e que Deus não conversava mais com ele. Como eu já sabia a essência do que meu conselheiro espiritual diria, cheguei à conclusão de que essas perguntas seriam inúteis.

Então fui para o meu quarto, apaguei a luz, abri mão da consciência e mergulhei rapidamente em outro mundo.

Sonhei outra vez com a minha mãe, e ela veio se sentar na beirada da minha cama.

“Mamãe!”, falei no sonho, e imediatamente tentei abraçá-la, mas ela era um fantasma, então meus braços atravessaram seu corpo. “Podemos conversar?”

Ela sorriu e fez que sim com a cabeça.

Mamãe estava com sua aparência do final da vida, embora tivesse cabelo e nenhuma cicatriz da cirurgia.

Era ela mesma, do jeito que estava antes das alterações que sofreu com o câncer em forma de lula.

“O que devo fazer com o resto da minha vida?”

Ela deu de ombros.

“Não sei nem o que eu quero. Nunca soube. Muito menos como conseguir. Na verdade, não sei absolutamente nada!”

Ficamos nos olhando por alguns instantes.

Quando ficou claro que ela não ia me responder, falei:

“Eu gostava de morar com você, mamãe. *Muito*. Sinto sua falta. Estou muito perdido.”

Mas então ela começou a desaparecer.

“Aonde você vai?”, gritei. “Não me deixe!”

Ela sorriu mais uma vez antes de desaparecer, e acordei, suando, com alguém fazendo *shhhhhh* no meu ouvido.

Meu coração começou a bater acelerado, porque pensei que talvez mamãe tivesse voltado de verdade, ou que eu tivesse sonhado que ela havia morrido de câncer e que estava me acordando na época anterior à sua morte. Mas eu não conseguia ver nada, porque as luzes estavam apagadas e as cortinas, fechadas.

“Quem está aí?”, perguntei, afinal.

“Não tenho nenhum outro lugar para ir”, disse uma mulher em meio à escuridão, parafraseando sua fala mais memorável em *A força do destino*, certamente um dos filmes favoritos da minha mãe. Mas essa não era a minha mãe, dava para perceber pelo cheiro da mulher: um toque de damasco, limão e gengibre emanava de suas roupas.

Depois de alguns instantes, chamei:

“Wendy?”

Eu conseguia ouvir sua respiração no escuro.

“Você acha que sou um fracasso?”, perguntou ela.

Tentei entrever o rosto de Wendy, mas meus olhos não focavam. Por fim, perguntei:

“O quê?”

“Você... acha... que... sou... um... fracasso?”

“Não.”

“Você acha, sim.”

“Por que acharia?”

“Porque devo ajudar as pessoas a levar uma vida saudável, mas, mesmo assim, deixo um homem abusar física e psicologicamente de mim, pois ele tem dinheiro, poder e influência.”

“Talvez você estivesse apenas tentando encontrar sua turma”, falei, lembrando-a de quanto ela gostava de falar sobre isso. “Talvez você apenas tenha esbarrado com um pássaro mau.”

“Um pássaro mau”, repetiu ela, e depois riu. “Por que fiz isso? Mesmo que acidentalmente, Bartholomew? Pense.”

“Não sei. Talvez porque ele seja bonito, rico e persuasivo? Talvez você estivesse fingindo, escondendo coisas de si mesma?”

Ela riu baixinho em meio à escuridão, o que me deixou desconfortável.

“Eu teria que abandonar a faculdade caso deixasse Adam. Essa é a dura e simples verdade. E, se eu saísse da faculdade, meu futuro se apagaria de forma dramática. É estatisticamente comprovado.”

“Por que você teria que abandonar a faculdade?”

“Ele paga minha mensalidade. E me dá comida, casa e... tudo de que preciso.”

“Talvez outra pessoa possa fazer o mesmo”, sugeri.

“Acho que não.”

“Você poderia arranjar um emprego.”

Ela riu outra vez de uma maneira que pareceu que eu estava, ao mesmo tempo, certo e errado.

“Nós não queremos que você seja abusada por ele”, falei.

“Você não quer que ninguém seja abusado, não é mesmo?”

“Não, não quero.”

“Mas, ainda assim, as pessoas continuarão sendo abusadas. O abuso sempre existiu, desde os primórdios. E *sempre* existirá, quer você se importe ou não. Você se tranca na casa da sua mãe e na biblioteca, assim não tem que se preocupar com todos nem com *ninguém*. Nem precisa participar do jogo. Deve ser muito fácil para você.”

A voz de Wendy estava fria.

“Tento ajudar todos que conheço”, falei. “Mas não tenho como conhecer todo mundo. Você está certa. Tenho limitações. Mas conheço você. E quero ajudá-la. De verdade.”

Houve um longo silêncio.

“Por quê?”, perguntou Wendy.

“Por que o quê?”

“Por que você se importa comigo? Por que quer me ajudar? Sério. Quero saber. Tem alguma razão religiosa?”

“Porque você é uma pessoa muito legal. Tentou...”

“Eu *não* sou uma pessoa legal.”

“Claro que é.”

Wendy riu, o que fez parecer que eu tinha sido atingido no rosto por uma pedra de gelo.

“Menti para você sobre não ir bem na faculdade apenas para que fosse se consultar com Arnie. Na verdade, tenho uma média bem alta. Sou uma das melhores da minha turma. Meu plano era transferir você para o Arnie, para não ter que trabalhar mais com você.”

Ha! Eu disse! Idiota do século!, gritou o homenzinho furioso, e comecei a me sentir mal.

“Você mentiu para mim. Por quê?”, perguntei para Wendy.

“Porque não sou uma pessoa muito legal.”

O homenzinho no meu estômago levou uma parte de minhas entranhas à boca e começou a roer com os dentes afiados enquanto cravava as unhas dos pés em forma de garra no meu intestino.

“Por que você não quer trabalhar comigo? *Por quê?* Preciso saber a resposta. Quero ouvir de você.”

Wendy não falou nada, mas o homenzinho no meu estômago parou de mastigar para dizer: *Porque você é um idiota. O mais baixo dos baixos. Um homem que só foi amado pela mãe, que está morta. Um retardado! Um conjunto de átomos que deveriam ser reciclados no universo. Um grande monte de merda!*

Senti que ela estava se inclinando na minha direção. Por uma fração de segundo, fui aquecido por seu hálito, e então seus lábios tocaram minha bochecha esquerda e sua mão, a bochecha direita.

“Você é uma pessoa melhor do que eu”, murmurou ela no meu ouvido. “E odeio você por isso.”

Ela saiu do meu quarto, e fiquei sentindo o calor de sua mão e de seus lábios no meu rosto. Suas palavras queimaram em meus ouvidos durante horas enquanto fiquei deitado de costas encarando a escuridão.

Por algum motivo, aquilo me lembrou de quando Tara Wilson me enganou e me resgatou no porão do colégio, mas nunca voltou a

falar comigo depois daquela manhã. Ela fingia ser uma desconhecida hostil e indiferente sempre que nos cruzávamos no corredor. De alguma forma, eu sabia que a mesma coisa aconteceria com Wendy. A história estava se repetindo. De fato havia padrões no universo.

Quando o sol nasceu, desci a escada, e Wendy tinha ido embora. Ela deixou um bilhete:

Vou resolver as coisas com Adam. Por favor, não se metam. Por meio deste, renuncio ao cargo de conselheira de luto de Bartholomew. Se quiser continuar com a terapia, Arnie o tratará de graça, afinal, ele tem financiamento, e Bartholomew é o tipo certo de cobaia. Nunca mais quero ver nenhum de vocês dois. Por favor, respeitem minhas vontades.

Wendy

Padre McNamee leu o bilhete e saiu apressado de casa, sem se dar o trabalho de abotoar o casaco. Eu o segui. Era difícil acompanhá-lo, porque ele estava andando muito rápido.

Fiquei me perguntando o que Wendy queria dizer com “cobaia” e porque eu era o tipo certo. Não gostei de como aquilo soava, mas sabia que não era um bom momento para perguntar ao padre McNamee, porque seu rosto estava vermelho e ele respirava com dificuldade, como acontece sempre que está extremamente agitado.

Paramos na casa da mãe de Wendy, mas a garota não havia passado por lá. Padre McNamee explicou a situação, dizendo que estávamos tentando ajudar Wendy, mas ela nos deixou no meio da noite. Com isso, Edna começou a chorar.

“Nunca fui uma boa mãe”, disse ela.

“Reze”, sugeriu padre McNamee. “Reze. Acredite. Tenha fé.”

Em seguida, o padre baixou a cabeça e rezou em silêncio antes de fazer o sinal da cruz e se virar para ir embora.

(Eu me perguntei se ele estava fazendo aquilo instintivamente, fingindo, ou se tinha se acertado com Jesus.)

“Padre?”, chamou a mulher enquanto ele se afastava. “Padre, espere! *Por favor!* Não sei o que fazer!”

Fiquei ali na calçada, querendo consolar a mulher, mas sem saber como.

“O que devo fazer?”, gritou ela.

Era óbvio que o padre McNamee não ia voltar, então corri para alcançá-lo.

“Edna está realmente perturbada”, falei.

Ele não respondeu.

Depois de alguns quarteirões, percebi que estávamos indo para o triplex de Adam. Fiz o melhor que pude para acompanhar o padre McNamee, que estava suando em bicas e com a respiração muito ofegante.

Quando chegamos, o padre bateu com o punho na porta, apertou o botão do interfone e gritou:

“Abram!”

“Wendy não quer falar com vocês”, disse Adam pelo interfone.

“Ela é só uma menina, seu desgraçado!”, gritou padre McNamee no quadrado cinza que parecia um microfone. “Ela tem metade da sua idade!”

“Vocês têm que ir embora. Ela quer ficar comigo. Wendy fez a escolha dela. E vou chamar a polícia se não forem embora imediatamente.”

“*Wendy!*”, gritou padre McNamee no interfone, com uma força que me assustou. “Ele não vale a pena! Fuja deste monstro enquanto pode, antes que ele acabe com o que você tem de melhor e...”

“Estou chamando a polícia”, avisou Adam. “Se vocês estiverem aqui quando a viatura chegar, vou denunciar os hematomas com os quais Wendy voltou após ter estado sob seus cuidados.”

“*Wendy!*”, gritava padre McNamee feito um louco.

As pessoas na rua pararam para observar, e eu podia sentir seus olhares em nós. Um homem começou a filmar a cena com a câmera do celular. Eu me perguntei se ele ia postar a fúria do padre McNamee na internet.

Tudo acontecia rápido demais.

A polícia estava chegando.

O homenzinho abria caminho através dos meus intestinos com um furador de gelo.

Adam era muito mais convincente do que padre McNamee e eu. Dava para notar isso só de olhar para ele. Além do mais, era médico. Wendy corroboraria sua história porque precisava dele para pagar os estudos. Os policiais certamente acreditariam mais nele do que em nós. Eu sabia disso. E a verdade me apavorava.

“Temos que ir embora”, falei para o padre McNamee. “Temos que ir *agora*.”

Ele olhou para mim, e seus olhos já não eram redemoinhos sugando tudo ao nosso redor. Em vez disso, suas pupilas estavam menores do que pequenos flocos de neve negros. Ele parecia estar ficando cego.

Seu dedo escorregou do botão do interfone.

Ergui os olhos e vi Wendy na janela. Trocamos olhares antes de ela se virar. Parecia tão assustada quanto eu.

“Isso não deveria ser assim”, disse padre McNamee. Mas era como se falasse para si mesmo, como se olhasse através de mim. “O que está acontecendo?”

“Temos que ir”, falei, puxando-o pelo braço.

O padre me deixou levá-lo. Era como se ele tivesse se tornado um menino assustado, e eu, o seu pai.

Por alguma razão, tive uma sensação de déjà-vu, como se eu já tivesse feito aquilo.

Após seis ou sete quarteirões, ele sacou seu cantil e bebeu tudo ali na esquina, até finos fios dourados escorrerem dos cantos da boca.

Padre McNamee estava se descompondo rapidamente.

Lembrei-me do que padre Hachette dissera sobre transtorno bipolar.

Sempre que fico deprimido vou à estação de tratamento de água atrás do museu de arte observar o rio correndo, isso me ajuda.

Eu tinha um pouco de dinheiro no bolso, por isso chamei um táxi, enfiei o padre McNamee lá dentro, puxei-o para fora quando chegamos ao museu e ficamos bastante tempo observando o rio, apenas olhando para a água e ouvindo seu som.

Por volta do meio-dia, quebrei o silêncio ao perguntar:

“Padre, você está bem? Estou preocupado.”

“Deus falou com você sobre Wendy?”

“Não”, respondi, e era verdade.

Olhei em volta procurando por você, Richard Gere, mas não estava em parte alguma.

Padre McNamee olhou para o sol e disse:

“Talvez Wendy não fizesse parte do plano, afinal de contas. O que você acha?”

“De qual plano?”, perguntei.

“O plano de Deus. Para você. Para nós. Para agora. O que teve início com a morte da sua mãe. Isto. Agora. O ciclo no qual estamos. A tangente que nos afastou do passado e nos colocou no presente.”

Eu não sabia o que dizer.

“Você acredita que Ele tem um plano para todos nós, Bartholomew?”

Mamãe costumava dizer que Deus tinha um plano para cada um de nós, mas não falei nada, porque não estava me sentindo muito confortável respondendo a perguntas sobre Deus para o padre McNamee.

“O que você ouve, Bartholomew?”, perguntou o padre, levando a mão em concha à orelha e inclinando a cabeça. “Agora. Ouça. Ouviu alguma coisa? O que é?”

“O rio correndo?”, falei, semicerrando os olhos.

Ele ergueu a orelha mais um pouco antes de dizer:

“Fico me perguntando se essa é a voz de Deus.”

“*O que é a voz de Deus?*”

“O rio. O que a correnteza diz?”

Dei de ombros.

“Será que poderia ser nossa sarça ardente, Bartholomew?”

Eu continuava sem saber o que dizer.

Ficamos ouvindo por uma hora, mas só escutei o barulho constante do rio.

Parecia que o padre estava esperando que eu dissesse algo profundo, e o homenzinho no meu estômago ficou o tempo inteiro me chamando de retardado e me dizendo para manter minha boca grande e gorda fechada. Eu estava dividido entre as esperanças do padre e as dúvidas do homenzinho.

“Estamos perdidos”, afirmou o padre McNamee, por fim, e depois começou a andar.

Eu o segui em silêncio por horas, e, quando chegamos em casa, estava na hora do jantar, mas nenhum de nós foi para a cozinha.

Padre McNamee caiu de joelhos na sala, sem nem tirar o casaco. Ele juntou as mãos e inclinou a cabeça. Em seguida, perguntou:

“De que adianta?”

Então, subiu a escada e trancou-se no quarto da minha mãe.

Segui para o meu quarto e escrevi esta carta para você. Esperava que você aparecesse para mim novamente para que pudéssemos conversar, mas isso não aconteceu.

Seu fã e admirador,
Bartholomew Neil

SUA MÃE CONTOU SOBRE A TEORIA DELA?

Prezado Sr. Richard Gere,

Você já se deu conta de que os problemas do Tibete com a China pioraram no ano em que você nasceu?

1949.

O ano exato em que você — Richard Gere, amigo do Dalai Lama e defensor do Tibete — nasceu.

Foi quando a China virou um país comunista. Eles invadiram o Tibete pouco depois, talvez enquanto você aprendia suas primeiras palavras.

O que acha desse fato?

Coincidência?

Sincronicidade?

O que Jung diria?

Você acredita em destino?

Ou que o universo tenha um ritmo?

Deve acreditar, se você crê no Dalai Lama, que reencarnou e foi destinado a ser um líder espiritual.

Dois eventos completamente sem relação — o seu nascimento e a conversão da China ao comunismo — que ninguém teria como saber que acabariam ligados de uma maneira muito importante e, talvez, até mesmo predestinada.

Eu queria saber o que Dalai Lama teria a dizer sobre isso.

Alguma vez você já perguntou a ele?

Muito antes de ficar doente, minha mãe sempre dizia: “Para cada coisa ruim que acontece, uma coisa boa também acontece. É assim que o mundo permanece em harmonia.”

Sempre que várias coisas boas aconteciam para nós, mamãe dizia: “Sinto muito por quem está se ferrando para equilibrar tudo isso.” Ela acreditava que nosso bem significava que alguém em algum lugar do mundo estava passando por maus bocados. Realmente ficava deprimida quando tínhamos sorte. Mamãe odiava pensar nos outros sofrendo para que pudéssemos desfrutar a vida.

Você acredita nisso?

Que para alguém ganhar, outra pessoa tem que perder; que para alguém ficar rico, vários outros têm que ficar pobres; que para alguém ser considerado inteligente, muito mais gente deve ser classificada como medíocre ou abaixo da inteligência média; que para alguém ser considerado extremamente belo, deve haver uma infinidade de pessoas comuns ou extremamente feias. Não dá para ter o bem sem o mal, o rápido sem o lento, o quente sem o frio, em cima sem embaixo, luz sem escuridão, redondo sem plano, a vida sem a morte. E é por isso que não dá para ter sorte sem também ter azar.

Será que talvez não possa haver Tibete sem a China?

Bartholomew Neil sem Richard Gere?

Mamãe costumava dizer que ficava grata quando algo de ruim acontecia com a gente, porque isso significava que alguém estava vivenciando o bem.

Como na vez em que ela perdeu a carteira com o dinheiro da comida da semana, quando ainda faltavam vários dias para recebermos o cheque da pensão.

Ela disse:

“Bem, vamos passar um pouco de fome esta semana, Bartholomew, mas quem quer que encontre minha carteira vai comer bem. Talvez precisasse do dinheiro mais do que a gente. Quem sabe a mãe de uma criança desnutrida encontre nosso

dinheiro, e a criança vai comer frutas frescas esta semana. Vai saber?”

Ou como na vez em que minha mãe e eu estávamos jantando em um restaurante de frutos do mar para comemorarmos seu sexagésimo aniversário. Ela adorava siri cozido com gengibre, e por isso sempre fazíamos uma extravagância em eventos especiais, como aniversários em que completávamos uma idade redonda. Vestíamos nossas melhores roupas, comíamos em um restaurante caro, chegando até mesmo a usar nosso cartão de crédito de emergência, o que quase nunca fazíamos porque não tínhamos fundos e minha mãe sempre dizia que as taxas de juros poderiam custar nossa casa se não fôssemos cuidadosos. Mas enquanto estávamos jantando, fingindo ser ricos por uma noite em algum restaurante situado em um antigo barco ancorado no rio Delaware, enquanto fingíamos que a vida era magnífica, maravilhosa e luxuosa, que éramos pessoas ricas e importantes, que, sem pensar duas vezes, poderíamos pedir para os garçons nos trazerem comida originalmente encontrada debaixo d'água, um bando de adolescentes perigosos e degenerados invadiram nossa casa. Picharam frases repugnantes e imagens pornográficas nas paredes — coisas como GRANDES PIROCAS CABELUDAS! ao lado do desenho de um pênis gigante com testículos cobertos de pelos pubianos, e MERDA ESPORRADA acima da cabeceira da cama da minha mãe com uma seta apontando para baixo, onde um desses rapazes fizera o número dois e, em seguida, aparentemente, ejaculou nas próprias fezes.

Não fazia qualquer sentido.

Era perverso.

Revoltante.

Horível.

Inimaginável.

Eles também entupiram as pias e deixaram as torneiras ligadas, então todas transbordaram. Quebraram todos os espelhos, pratos e copos que tínhamos. Esguicharam mostarda e ketchup no sofá inteiro. Derramaram leite nos tapetes. Jogaram rodelas de frios no

teto, deixando-o pontilhado de mortadela, presunto e salame, que acabaram caindo em cima de nós mais tarde. Jogaram nossos crucifixos na privada e mijaram em Nosso Senhor e Salvador.

Por quê?

Lembro-me de, ao chegar em casa depois do jantar, ter visto a madeira da moldura do batente da porta, que estava entreaberta, lascada. Logo me dei conta de que algo terrível tinha acontecido.

Era como olhar para baixo e ver um buraco no lugar do seu estômago, sabendo que suas pernas tinham desaparecido. Era como se minha mãe e eu tivéssemos engolido uma granada ativa cada um.

Quando vimos o estrago, mamãe simplesmente suspirou e ligou para a polícia, mas não vieram de imediato, e ao chegarem, horas depois, fizeram apenas algumas perguntas genéricas antes de dizerem: "Registraremos uma ocorrência." Padre McNamee, porém, chegou poucos minutos depois de minha mãe ter ligado para ele, armado com uma lista telefônica e várias garrafas de vinho. Ele reuniu uma dúzia de membros da igreja e iniciou uma festa da limpeza. A água foi escorrida, o vidro, varrido, as camas, lavadas e esterilizadas, e as paredes ainda foram pintadas com tintas e pincéis que alguém milagrosamente encontrou no nosso porão. Padre McNamee lavou nossos crucifixos com água benta, usando um cotonete para alcançar o espaço entre a cruz e a coluna de Jesus, dizendo: "Senhor, espero que goste que cocem suas costas!" Lembro-me dos homens e das mulheres da igreja trabalhando a noite inteira, bebendo vinho sem parar, conversando, até mesmo cantando.

Foi quase divertido.

Quando o sol nasceu, minha mãe preparou café da manhã para todo mundo, e um dos vizinhos trouxe pratos para usarmos. Antes de comermos, demos as mãos em um círculo, e padre McNamee rezou e agradeceu a Deus pela chance de provar que as pessoas são boas e muitas vezes tomam conta umas das outras quando têm oportunidade. Ele pediu que Deus gravasse aquela noite em nossa

memória como um exemplo do que verdadeiros discípulos de Cristo são e podem ser quando convocados: pessoas que ajudam os vizinhos com compaixão no coração e vinho na barriga, prontos e dispostos a superar qualquer coisa feia (sem importar a magnitude da tragédia). E então comemos feito uma família.

Mamãe e eu nunca tínhamos recebido tantas pessoas juntas.

Quando todos foram embora, ela comentou:

“Não foi uma bela festa de aniversário?”

“Como vamos saber que isso não vai se repetir?”, perguntei.

“Você não se divertiu, Bartholomew? Eu adoraria ter outra festa assim. Foi ótimo ter todas aquelas pessoas aqui para celebrar meu sexagésimo aniversário!”

“Como vamos saber que esses bandidos horríveis não vão invadir nossa casa outra vez?”

“Não vamos saber!”, exclamou minha mãe, quase como se não se importasse que invadissem, talvez até *querendo* que isso acontecesse de novo. “Não sabemos nada. Mas podemos escolher como reagir a tudo que acontece com a gente. Sempre temos uma escolha. Lembre-se disso!”

Lembro que senti medo, como se eu não conseguisse ser como minha mãe e nunca seria. Que talvez eu fosse um católico ruim. Até mesmo um ser humano inferior. Quem sabe até Jesus me considerasse um retardado, porque tive dificuldade para comemorar o que acontecera com a gente. Não acreditei necessariamente que a festa da limpeza ocorrera pela violação que fomos obrigados a suportar.

“O que digo desde que você era criança?”, perguntou minha mãe enquanto me colocava na cama nova, insistindo que eu precisava dormir um pouco depois de ter ficado acordado a noite inteira. “Sempre que algo de ruim acontece com a gente, uma coisa boa acontece. Normalmente com outra pessoa. Essa é A Sorte do Agora. Precisamos acreditar. Precisamos. Precisamos. Precisamos.”

Ela deu um beijo no meu nariz, puxou as cortinas e fechou a porta ao sair.

Dava para sentir o cheiro da tinta secando, e eu não conseguia dormir porque fiquei pensando em pessoas invadindo meu quarto e urinando no meu travesseiro.

Por que alguém faria isso?

Como minha mãe não se sentia afetada?

Embora padre McNamee tivesse prometido instalar uma porta com uma tranca mais pesada, será que aquilo aconteceria outra vez?

Teria sido culpa minha de algum modo? Será que, por eu ter vinte e poucos anos e ainda não ter conseguido fazer nada da vida, exceto morar com minha mãe, eu merecia ter minha casa arrombada? Se eu tivesse um emprego, talvez morássemos em um bairro melhor. Se eu fosse uma pessoa normal, talvez não atraísse energia negativa e má sorte.

Será que Deus estava me punindo?

Esse tipo de coisa só acontece com idiotas!, gritou o homenzinho no meu estômago. *Claro que é culpa sua! Homens mais inteligentes não têm esse tipo de problema!*

Mas, então, decidi seguir o conselho da minha mãe e pensei em cada coisa ruim que acontecera naquela noite, dividindo-as por atos.

1. Alguém escolheu nossa casa.
2. Alguém sugeriu um plano de ação.
3. A porta foi arrombada.
4. Dezenas de palavrões foram pichados (cada um contado como uma coisa ruim).
5. Mais de uma centena de objetos de vidro e espelhos foram quebrados (contados um a um).
6. As pessoas foram ao banheiro fora do banheiro dezenas de vezes (todas as vezes foram contadas).
7. Leite, condimentos e frios foram desperdiçados (cada peça e cada grama contados).
8. Tenho certeza de que eles disseram palavrões ao praticarem todos os atos descritos acima (cada palavrão contado).

9. Eles apagaram seus cigarros no chão e deixaram garrafas de cerveja por toda parte (cada bebida e cigarro contados).
10. Urinar em Jesus deveria valer como diversas más ações, talvez uma para cada mililitro de xixi? (Além disso, será que contaria como nudez?)

Quando estimei o número de más ações individuais cometidas por cada uma das pessoas que destruíram nossa casa, o resultado facilmente superou duzentos, e, talvez, se a teoria da minha mãe estivesse certa, isso significaria que mais de duzentas coisas boas aconteceram ou aconteceriam em breve em todo o mundo com desconhecidos. Ou poucas coisas incrivelmente boas (que valem mais do que inúmeras coisas ruins) aconteceram ou aconteceriam por causa dos vários terríveis eventos que ocorreram na nossa casa.

Então, tentei pensar no que essas coisas boas poderiam ser: talvez um bebê doente no Zimbábue receberia remédios, doados pouco antes de ele entrar em coma fatal; talvez um mendigo faminto em São Francisco encontraria um bife ainda quente em uma lata de lixo atrás de um restaurante cinco estrelas e jantaria sob uma lua cheia; talvez uma jovem em Tóquio encontraria o amor da sua vida ao colidir com a porta do motorista de um carro que andava lentamente, porque ela estava cantando de olhos fechados e sua futura alma gêmea estaria ao volante e se sentiria tão mal com esse acidente bizarro que lhe convidaria para tomar um café; talvez um aluno de uma escola primária em Paris se lembraria de repente da fórmula matemática da qual precisava para passar em uma prova e, assim, evitaria ficar de castigo por ter tirado uma nota ruim; talvez uma mulher russa em uma prisão siberiana se lembraria de quando sua boa avó a levava para passear de trem, e, assim, mudaria de ideia ao estar prestes a matar outra prisioneira cravando um garfo em uma veia saliente do pescoço dela; talvez um homem na Argentina encontraria as chaves do carro que perdera em uma campina onde tinha ido tomar sol e, dessa forma, poderia voltar a tempo de buscar seu filho de seis anos no treino de futebol

enquanto um pretense sequestrador atravessava o campo atrás de crianças perdidas; talvez um asteroide do tamanho do Sol a caminho da Terra seria desviado do seu curso por uma estrela que explodiu e não acabaria mais com a humanidade daqui a sete mil anos-luz...

Não lembro se esses foram os exemplos exatos em que pensei quando tinha vinte e poucos anos, mas essa é a ideia. Quando me sentei na cama pensando nas várias coisas boas que aconteceriam ao redor do mundo para compensar e anular as coisas horríveis que ocorreram comigo e com minha mãe, comecei a entender porque ela acreditava na Sorte do Agora. Acreditar — ou até mesmo fingir — faz a pessoa se sentir melhor com o que aconteceu, independentemente de ser verdade ou não.

E o que é a realidade senão a forma como nos sentimos sobre as coisas?

O que mais importa no fim do dia, quando nos deitamos na cama sozinhos com nossos pensamentos?

E não é verdade, estatisticamente falando — se acreditarmos ou não na sorte —, que o bem e o mal devem ocorrer ao mesmo tempo no mundo todo?

Bebês nascem no exato momento em que pessoas morrem; pessoas traem seus cônjuges, gozando em pecado, enquanto noivas e noivos trocam olhares apaixonados e dizem "aceito"; algumas pessoas arranjam empregos enquanto outras são demitidas; um pai leva o filho para um jogo de futebol enquanto outro homem decide nunca mais voltar para casa onde mora com o filho e se muda para outro estado sem deixar o endereço; um sujeito salva um gato de asfixia, retirando-o de um saco de lixo, enquanto outro homem no lado oposto do mundo joga um saco cheio de gatinhos em um rio; um cirurgião no Texas salva a vida de um rapaz que foi atropelado por um carro enquanto um homem na África mata uma criança-soldado com uma rajada de metralhadora; um diplomata chinês nada na água fresca de um mar tropical enquanto um monge tibetano queima até a morte em um protesto político. Todos esses

opostos acontecerão, quer a gente acredite ou não na Sorte do Agora.

Entretanto, depois que nossa casa foi arrombada, para mim ficou difícil acreditar e fingir estar feliz como minha mãe. Talvez porque sempre fui cético, ou porque eu não tenha sido tão forte quanto ela, quem sabe por ser estúpido, retardado, simplório, imbecil.

No dia seguinte eu estava muito ansioso, então fui à São Gabriel e encontrei padre McNamee em seu escritório, escrevendo cartões de aniversário personalizados para cada membro da igreja que nascera nos meses que estavam por vir.

Pedi que me promettesse que ninguém jamais invadiria nossa casa novamente.

“Você conhece a teoria da sua mãe, não é? A Sorte do Agora?”, perguntou ele.

“Conheço.”

“Você acredita que é verdade?”

“Tentei fingir que era ontem à noite.”

“E?”

“Ajudou. Admito. Por algumas horas. Mas ainda fico preocupado que...”

“Reze.”

“Para quê?”, perguntei. “Para que nossa casa nunca mais seja arrombada?”

“Não. O que acontece com as *coisas* não é importante. Reze para seu coração ser capaz de aguentar tudo o que acontecer com *você* no futuro. Seu coração tem que continuar acreditando que os acontecimentos neste mundo não são tudo ou nada, e sim simples variáveis transitórias sem importância. Além dos altos e baixos diários da nossa vida, há um propósito maior, uma razão. Pode ser que a gente ainda não veja nem entenda o motivo, talvez nossa mente humana seja incapaz de compreender totalmente, apesar de tudo nos levar a algo maior.”

“O que quer dizer com isso, padre?”

Ele riu, bem-humorado, depois lambeu e selou um envelope e prosseguiu:

“Não foi bom ver nosso rebanho se mobilizar na noite passada? Eles tinham outras coisas para fazer, sabe? Mas, quando souberam o que havia acontecido com vocês, seus corações os instruíram, e eles entraram em ação no mesmo instante e simplesmente ajudaram.”

“E daí?”, falei, me perguntando como isso poderia me proteger de futuros arrombadores.

“Você queria dormir em uma cama encharcada de urina, ontem à noite?”

“Não.”

“Bem, essas pessoas garantiram que isso não acontecesse.”

“Não tenho certeza se entendo como...”

“Isso também é A Sorte do Agora. Isso também faz parte da filosofia da sua mãe.”

“Não entendo como isso vai nos proteger de futuros vândalos”, falei.

“Você está fugindo do assunto!”, disse padre McNamee, sorrindo como se eu fosse uma criança, como se estivesse prestes a despentear meu cabelo mesmo eu sendo um homem adulto.

“Qual é o propósito?”

“Um dia você vai entender, Bartholomew. Sem eu ter que explicar. Você vai entender. Prometo.”

Richard Gere, não tenho certeza se entendo melhor agora do que naquela época.

Mesmo assim, andei pensando que bem podia ter acontecido quando minha mãe morreu, para equilibrar o mal do câncer no cérebro em forma de lula que acabou com a vida dela. Venho tentando fingir que A Sorte do Agora provocou algo extremamente belo quando ela morreu, porque minha mãe estava repleta de amor, o suficiente para acabar com algo muito, muito ruim. Mas atualmente estou achando bem difícil acreditar na filosofia dela.

Padre McNamee não respondeu nada quando perguntei sobre isso à noite, na praia, após o enterro. E, ultimamente, devido ao seu

comportamento maluco, tenho muito medo de perguntar outra vez, ou até de mencionar "A Sorte do Agora" para ele. Tenho a impressão de que o padre está tendo dificuldade para fingir, especialmente porque ele nunca mais falou sobre a filosofia da minha mãe.

No entanto, o fato de você ter nascido no mesmo ano em que a China se tornou uma ameaça para o Tibete me dá esperança, porque talvez você realmente tenha sido concebido para compensar o mal que o governo chinês faria contra o Tibete. Parece uma prova. Significativa demais para ser coincidência. Jung concordaria com isso.

E caso você seja uma resposta ao plano da China de invadir o Tibete, isso me ajudaria a acreditar na filosofia da minha mãe, o que me deixa esperançoso em relação ao futuro depois da morte dela e à vida em geral.

Encontrei esta citação do Dalai Lama acessando a internet na biblioteca: "Lembre-se de que não conseguir o que se quer, algumas vezes, é um tremendo golpe de sorte." Isso parece estar de acordo com o mantra da minha mãe.

Também achei esta outra citação do Dalai Lama: "Há um ditado tibetano que diz: 'A tragédia deve ser utilizada como fonte de força.' Não importa que tipo de dificuldade, quão dolorosa é a experiência, se perdermos a esperança, esse será o verdadeiro desastre."

O que você acha?

Podemos encontrar áreas comuns aqui, Richard Gere?

Será que nossa correspondência por carta será o bem originário da morte da minha mãe?

Será que você vai me ajudar a passar para a "próxima fase da minha vida", como Wendy queria que eu fizesse quando ainda estava por perto, antes de descobrirmos o segredo dela?

Acho que coisas mais estranhas aconteceram.

E este é o único resultado esperançoso que tenho disponível para mim no momento. Por isso, é importante que a gente continue com o fingimento, mesmo não acreditando cem por cento.

Seu fã e admirador,
Bartholomew Neil

NÃO ENTENDI QUE TIPO DE MATEMÁTICA MAX ESTAVA USANDO, MAS ELE PARECIA TÃO ANIMADO QUE NÃO O INTERROMPI

Prezado Sr. Richard Gere,

Depois que Wendy foi embora, padre McNamee parou de rezar e começou a beber ainda mais do que descrevi anteriormente.

Uísque Jameson direto do gargalo, cerca de uma garrafa por dia. Ele chama isso de "ritual irlandês de purificação".

Às vezes, o escuto vomitar no banheiro tarde da noite, embora ele nunca tenha deixado nada sujo. A descarga da privada é acionada diversas vezes. Sua ânsia de vômito me faz lembrar da minha mãe no fim da vida, após os tratamentos. Mas, infelizmente, minha mãe não tem me visitado nos sonhos, então não tenho sido capaz de consultá-la.

Tento falar com padre McNamee através da porta trancada do quarto, perguntando se precisa de ajuda, mas ele apenas responde: "Estou bem. Indo ladeira abaixo. Só preciso ficar sozinho."

Assim como a época em que Wendy ficou no sofá, tentei tomar conta do padre McNamee da melhor forma que pude, deixando queijo-quente ou miojo à sua porta. Algumas vezes ele come no meio da noite, outras, deixa tudo frio e intocado para eu recolher pela manhã.

Bato à porta antes de cada refeição e pergunto se ele quer se juntar a mim na cozinha, mas ele me encara apenas por um breve

segundo antes de desviar o olhar e continuar em silêncio. Às vezes ele está na cama, outras, de pé, olhando fixamente pela janela.

Ele também não fala à noite, não caminha comigo nem sequer ouve a sinfonia dos pássaros durante o café da manhã.

Depois de um ou dois dias nessa situação, comecei a ficar preocupado.

Fui à São Gabriel pedir ajuda ao padre Hachette.

Encontrei-o no escritório da igreja, jogando paciência no computador, parecendo muito entediado. Assim que me viu, ele disse:

“Por que não veio à missa, Bartholomew? Sua mãe ficaria seriamente decepcionada com você.”

(Você acha que o uso da palavra *seriamente* para descrever a teórica decepção da minha mãe morta foi de mau gosto?)

É verdade que minha mãe não ia querer que eu faltasse à missa, e, como eu não tinha uma boa resposta, tentei mudar de assunto.

“Padre McNamee não está bem.”

“Edna me contou sobre sua tentativa de salvar a filha dela”, contou padre Hachette. “Muito dramático. Muito dramático *mesmo*.”

“Por que está sorrindo?”, perguntei.

“Não estou sorrindo”, respondeu ele, embora evidentemente estivesse sorrindo, como se soubesse de algum segredo e gostasse de estar escondendo-o de mim.

Seus dentes amarelos pareciam pedaços petrificados de milho, e o jeito que me olhava fazia as rugas em seu rosto parecerem mais profundas do que o habitual. Eram tão cavernosas que me perguntei se ele tinha que limpá-las com cotonete.

O homenzinho furioso no meu estômago acordou e começou a trabalhar.

“Você não está preocupado com Wendy?”, perguntei.

“Na verdade, fui visitar Adam e ela. Edna foi comigo. Nós quatro tivemos uma bela conversa ontem.”

“É mesmo?”

“Rezei com eles. Nosso papo foi muito produtivo. Depois Wendy se confessou comigo, aqui na igreja. Vamos apenas dizer que, para aliviar sua consciência, Bartholomew, as coisas estão melhorando para nossa jovem amiga. Então, não se preocupe muito com ela.”

Era difícil acreditar que padre Hachette tenha sido capaz de fazer o que padre McNamee não conseguira. Além disso, eu sabia que ele não deveria ter me contado que Wendy se confessara, pois confissões são sigilosas. Era como se ele estivesse se gabando, como se quisesse que eu acreditasse que ele era um padre melhor do que padre McNamee. Padre McNamee nunca teria se gabado desse jeito. Nunca. Nem trairia a confiança de um paroquiano.

“Ela está bem mesmo?”, perguntei, pensando que era Adam quem deveria se confessar, não Wendy, e imaginando o que exatamente ela dissera. Será que ela mencionou as coisas nocivas que me dissera na última noite que ficou na nossa casa? Quanto padre Hachette *realmente* sabia?

“Ela está lutando contra a própria alma. Adam também. Eles têm muita coisa para resolver.”

“Ele é mau, você sabe. Bate nela. Não viu os hematomas?”

“As pessoas não são boas nem más. É muito mais complicado do que isso. *Muito* mais.”

“O que há de complicado quando um homem bate em uma mulher repetidas vezes?”

Padre Hachette olhou para sua escrivadinha, tirou um cigarro do maço, bateu duas vezes o filtro e o acendeu.

“Por que você veio aqui hoje, Bartholomew?”

Percebi que ele não ia falar sobre Wendy — e, para ser justo, talvez isso tivesse relação com manter a confidencialidade do que foi confessado —, então perguntei:

“Como posso ajudar o padre McNamee a superar a depressão?”

Padre Hachette franziu a testa, soprou fumaça pelo canto da boca e por cima do ombro esquerdo e respondeu:

“Você deve vir à missa, Bartholomew. Deve continuar o que você e sua mãe sempre fizeram. A rotina da nossa fé compartilhada vai

salvar você. No final, as rotinas vão salvar todos nós.”

“Está bem, eu virei. Mas e quanto ao padre McNamee?”

Padre Hachette sustentou meu olhar por um momento constrangedor e então disse:

“Deixe-me adivinhar. Ele está bebendo muito. Está dizendo que Deus o abandonou. Está quieto e de mau humor, sozinho no quarto colocando as tripas para fora à noite no banheiro. Esse é o ritual dele. Altos e baixos. Esse é o padrão. E aposto que ele culpa você por não ouvir a voz de Deus, por não lhe fornecer instruções divinas. Estou muito longe da verdade?”

Ele não estava muito longe da verdade, como você sabe, Richard Gere, mas não parecia que padre Hachette ia me ajudar nesse dia.

“Não entendo”, falei. “Você me disse para procurá-lo quando precisasse de ajuda. Foi à minha casa especificamente para oferecer ajuda. Aquilo era mentira?”

“Estou feliz que você tenha vindo, Bartholomew. São Gabriel é seu lar espiritual. Mas você precisa trabalhar em *você mesmo*. Precisa sofrer o luto da sua mãe e, em seguida, começar uma vida nova sem ela. Deus pode ajudá-lo a realizar essa tarefa.”

“Mas você não quer ajudar o padre McNamee? Não está interessado na depressão dele?”

“É como tentar combater um furacão sem nada nas mãos, socando o vento e a chuva. Só um idiota tentaria. Você precisa esperar. Confie em mim. Tenho alguma experiência com isso. Padre McNamee vai ficar bem no fim das contas. Ao menos, sempre ficou.”

“Então por que você foi até a casa da minha mãe e ofereceu ajuda?”

“Sinceramente? É com *você* que estou preocupado, Bartholomew. Não com padre McNamee.”

“Comigo?”

Ele balançou a cabeça lentamente por trás de um fino fio de fumaça de cigarro que dividia seu rosto ao meio.

“Por quê?”

Padre Hachette soltou mais algumas vezes a fumaça do cigarro, olhou para as próprias mãos como se houvesse algo escrito nelas e então disse:

“Você ainda não sabe por que padre McNamee foi morar com você, não é mesmo?”

“Para me ajudar a superar a morte da minha mãe. Para me ajudar a seguir com a minha vida.”

Padre Hachette sorriu, e percebi quão fino era seu pescoço envolto naquele colarinho preto e branco, como uma linha de pesca conduzindo um flutuador vermelho e branco.

“E, no entanto, é você quem quer ajudar padre McNamee agora. As coisas se inverteram. Está vendo só?”

“Por que está falando assim comigo?”

“Assim como?”

“Por enigmas. Como se eu fosse lento de raciocínio. Muito burro para saber a verdade.”

Porque você é um retardado!, gritou o homenzinho furioso.

“Desculpe, Bartholomew. Olhe, estou em uma posição injusta. Tenho certa vantagem, porque sei mais do que você foi capaz de intuir. Mas não cabe a mim dizer o que precisa saber.” Ele apagou o cigarro em um cinzeiro de bronze cheio de guimbas. “Ele já mencionou Montreal?”

O homem no meu estômago congelou ao ouvir a palavra *Montreal*, porque esta supostamente é a cidade natal do meu pai.

“Então ele ainda não falou com você sobre isso”, observou padre Hachette. “Humm.”

Eu queria perguntar ao padre o que significava Montreal.

O homenzinho no meu estômago gritava: *Use as palavras, idiota! Ele tem informações de que você precisa! E ainda assim você fica aí sentado de boca calada, feito um idiota. Pergunte a ele sobre Montreal! Pergunte sobre o seu pai!* Ele deu algumas boas cutucadas no meu baço com os dedos do pé em forma de garra.

Mas eu não conseguia fazer minha boca se mexer, Richard Gere. Esperava que você fosse aparecer para mim, para que me orientasse

naquela situação, mas você não se materializou, e me perguntei se o fato de eu fazer parte de uma igreja católica tinha algo a ver com isso, considerando que você é budista. Talvez Igrejas Católicas limitem sua capacidade de aparecer para mim, quase como um campo de força confessional.

“Posso lhe dizer o seguinte”, começou padre Hachette ao se dar conta de que eu não ia abrir a boca. “Padre McNamee pode não merecer sua ajuda, mas ele definitivamente precisa dela. Ele precisa de salvação. Por isso ele foi morar com você. O drama faz parte do processo espiritual dele. É um homem difícil. Mas é um homem de Deus. Ao menos, faz o melhor que pode.”

“Então o que devo fazer?”

“Rezar.”

“Só rezar?”

“E ser paciente.”

“Eu deveria estar ouvindo a voz de Deus?”, perguntei, esperando que ele dissesse que isso era ilusório, ridículo e, assim, me deixasse fora daquilo.

Padre Hachette sorriu, inclinou a cabeça para a direita, balançou o indicador para mim três vezes e disse:

“Sempre.”

Ficamos nos olhando pelo que pareceu ser uma hora. Ele parecia sentir pena de mim, e comecei a odiá-lo, mesmo que odiar um padre seja um pecado capital, e um dos mais terríveis, eu acho.

O homem no meu estômago estava destruindo meu sistema digestório. Ele estava totalmente furioso.

“Só isso?”, perguntei ao padre Hachette quando o silêncio ficou insuportável.

“Ah, quase esqueci. Tente forçá-lo a tomar isto.”

O padre enfiou a mão na gaveta e tirou dali um pequeno frasco laranja. Ele o agitou, e os comprimidos lá dentro soaram feito uma cascavel furiosa.

“O que é isso?”, perguntei ao pegar o frasco.

“Estabilizadores de humor. Lítio. As instruções estão no rótulo.”

Assenti.

“Diga ao padre McNamee que sinto falta dele. Rezo por ele todos os dias, e por você também, Bartholomew. Sei que não está contente comigo, mas estou lhe oferecendo o melhor que posso, considerando as circunstâncias incomuns. Queria poder tornar tudo mais fácil para você, mas só posso oferecer minhas orações diárias neste momento. Logo você vai entender.”

“Obrigado”, falei antes de sair.

De volta em casa, bati na porta do quarto da minha mãe e disse:

“Padre Hachette está rezando por você, padre McNamee. Ele mandou um remédio.”

A porta se abriu.

Os olhos do padre McNamee se transformaram, mais uma vez, em minúsculos flocos de neve negros.

Ele pegou o frasco laranja da minha mão, saiu apressado pelo corredor, jogou as pílulas na privada, deu descarga e voltou para o quarto, fechando a porta ao entrar.

Parecia um touro louco correndo pelo corredor, avançando em direção a uma capa vermelha imaginária.

Era como se ele tivesse se tornado uma pessoa completamente diferente.

“Por que você fez isso?”, perguntei diante da porta.

“Não vou tomar remédios!”

“Por quê?”

“Esses remédios me fazem mijar o tempo todo. E também me deixam gordo. Ou mais gordo!”

Depois de passar uma noite quase em claro, assisti à missa matinal para compensar o fato de ter perdido a da noite de sábado. Depois da missa, padre Hachette me perguntou se eu conseguira fazer o padre McNamee tomar as pílulas. Quando lhe contei o que tinha acontecido, ele apenas balançou a cabeça e depois riu com conhecimento de causa.

“Vou continuar rezando”, afirmou ele.

Nada demais aconteceu até eu ir à terapia de grupo com Arnie e Max. Foi quando passei a sentir que talvez Deus estivesse mesmo começando a falar comigo, ainda que só circunstancialmente.

Cheguei cedo à sala amarela, antes de Max. Arnie usava gravata, colete e calça combinando — como se estivesse faltando apenas o paletó de um terno de três peças — e pareceu muito feliz em me ver.

“Que bom que você decidiu continuar com a terapia, Bartholomew”, disse ele. “Por favor, sente-se.”

Sentei-me no sofá amarelo.

Arnie sentou-se em sua cadeira amarela.

“Fiquei sabendo que você não está mais trabalhando com Wendy”, contou ele de forma que sugeria que ficara sabendo de muito mais do que isso.

Assenti.

“As coisas ficaram um pouco pessoais demais?”, perguntou com gentileza.

Aquiesci outra vez, porque era a coisa mais fácil a fazer.

“Sinto muito por isso. Wendy é uma *jovem* terapeuta. Ainda está aprendendo.”

“Ela está bem?”

“Wendy?”, disse ele, o que foi estranho, porque a quem mais eu poderia estar me referindo? “Está. Mas não é seu trabalho se preocupar com ela. Wendy não é sua responsabilidade. Era ela quem deveria estar ajudando *você*, e não o contrário. Ela me falou um pouco sobre seu tratamento e seu progresso, mas talvez você mesmo prefira me contar.”

“Contar o *que* exatamente?”

“Onde você parou com Wendy. Que tipo de coisas estavam trabalhando. Suas interações com ela. Você poderia falar sobre isso. Como o aconselhamento de luto estava progredindo.”

“Você quer saber sobre o meu objetivo de vida?”, perguntei.

“Como?”

“Meu objetivo de vida. Wendy disse que era importante ter um. Quer saber qual é o meu?”

“Claro”, respondeu Arnie, cruzando as mãos sobre o joelho.

“Quero beber em um pub com uma mulher da minha idade, uma mulher que algum dia poderia se tornar minha esposa. Acho que, com trinta e nove anos, estou pronto para meu primeiro encontro. Ao menos, quero acreditar nisso. No passado, era algo difícil de acreditar, especialmente quando minha mãe estava por perto. Você acha que esse meu objetivo de vida é possível, apesar de eu nunca ter tido um encontro e não ter o costume de consumir álcool de forma recreativa com mulheres?”

“Com certeza”, disse Arnie, sem qualquer hesitação. “É um objetivo de vida bom, possível, adequado à sua idade, saudável e extremamente positivo, que eu o encorajo a realizar. Como posso ajudá-lo com isso?”

Fiquei animado em saber que Arnie me ajudaria a conquistar a Meninatecária, tanto que eu estava prestes a lhe contar tudo sobre minha paixão secreta quando a porta se abriu.

“Que merda, hein?”, disse Max ao entrar na sala.

“Bem-vindo de volta à fortaleza das palavras, Max”, falou Arnie. “Estou muito feliz em vê-lo aqui.”

Max apontou para mim e disse:

“Vim resgatar você. Precisamos dar o fora dessa merda *agora mesmo!*”

“O quê?”, perguntei.

Max parecia agitado e determinado. Eu nunca tinha sido resgatado, e, devo admitir — mesmo sem entender ainda do *que* exatamente eu estava sendo resgatado —, a preocupação de Max foi lisonjeira.

“Ora, Max”, disse Arnie. “Já conversamos sobre o que aconteceu. Você não precisa participar do estudo se não...”

Max agarrou meu braço e me colocou de pé.

“Confie em mim, porra. Arnie é um mentiroso. Nem é humano, porra! Ele quer nos levar para longe, muito longe, nos trancar em uma sala e nos filmar. Precisamos dar o fora daqui. *Agora mesmo, porra!*”

“Deixe-me explicar, Bartholomew”, pediu Arnie. “Talvez Max não esteja sendo muito razoável.”

“Foda-se, Arnie! Foda-se sua fortaleza de palavras. Foda-se a cor amarela. Não vou ser seu rato de laboratório, caralho. Você finge que se preocupa com a gente. Deveria ter vergonha, porra. Se ao menos tivesse sentimentos! Confiei em você! Eu lhe contei tudo! Inclusive sobre Alice! *Foda-se tudo isso!*”

Então Max agarrou meu pulso, me puxou com força, e saí tropeçando atrás dele.

“Bartholomew, você nem vai ouvir meu lado da história? É óbvio que Max está agitado, e talvez não seja a melhor pessoa em quem confiar neste momento.”

“Vá se foder, Arnie! Vá se foder!”

Max me puxou para fora da sala amarela. Descemos a escada, cruzamos a ruazinha e chegamos à Walnut Street.

Arnie veio correndo atrás de nós, dizendo:

“Isso é injusto. Não tenho nem chance de me explicar? Bartholomew, eu posso ajudá-lo. Você ainda nem sabe o que aconteceu. Posso ajudá-lo a alcançar seu objetivo de vida.”

Max não parava de dizer “Vá se foder, Arnie. Vá se foder, Arnie. Vá se foder, Arnie”, como se fosse um canto mágico capaz de nos proteger enquanto escapávamos.

“Bartholomew!”, chamou o terapeuta. Ele agarrou meu ombro, me virou e me fitou nos olhos. “Não acha que ao menos deveria me ouvir? Não acha que deve isso a si mesmo?”

“Ele é um mentiroso, porra!”, gritou Max, agarrando meu braço e me puxando pela Walnut Street. “Não podemos confiar nele, porra! De jeito nenhum!”

Como ele era irmão da Meninatecária e eu já havia passado por uma terrível experiência com Wendy e com a terapia em geral, decidi ir com Max. Pensei que, caso fosse necessário, eu poderia conversar com Arnie mais tarde e que Max tinha muito mais chance de me ajudar a realizar meu objetivo de vida de tomar uma cerveja com sua irmã, porque, afinal, eles eram parentes.

“Desculpe”, falei para Arnie.

“Tudo bem, então. Você sabe onde me encontrar, Bartholomew. Quando cair em si”, disse Arnie. Então, finalmente parou de nos seguir. “Você precisa de ajuda. E Max não poderá lhe dar essa ajuda.”

“Vá se foder, Arnie!”, gritou Max por cima do ombro.

Eu me perguntava como Arnie sabia do que eu precisava, pois tínhamos nos encontrado apenas uma vez e eu mal tinha falado. Ouvimos principalmente Max falar. Arnie não me conhecia mesmo.

Tive um pensamento engraçado: depois da morte da minha mãe, ninguém realmente me conhece além de você, Richard Gere. Pessoa alguma no planeta inteiro. Nem mesmo padre McNamee sabe tanto sobre mim quanto você. Não há mesmo mais ninguém.

Você acha isso estranho?

Triste?

Patético?

Interessante?

“Para onde estamos indo?”, perguntei para Max quando estávamos longe o bastante de Arnie.

“Para a porra daquele pub.”

“O que aconteceu entre você e Arnie?”

“Essa história exige consumo de cerveja, porra. *Muita* cerveja, caralho.”

Acabamos no mesmo pub em que Max me levara antes, em uma pequena mesa no canto, bebendo Guinness e olhando fotos emolduradas de campos irlandeses extremamente verdes, rochosos e, muitas vezes, nebulosos. Max virou uma caneca inteira em um único girar do pulso, empurrou seus óculos enormes nariz acima, arrotou alto e pediu mais duas Guinness, embora eu ainda não tivesse tomado nem um gole da minha.

“Você vai precisar de outra assim que ouvir isso, porra”, disse Max. “Confie em mim!”

Tomei um gole cremoso e, em seguida, ouvi a história dele.

De acordo com Max, Arnie tinha ligado para ele e perguntado se gostaria de fazer parte de um estudo. "Que porra de estudo?", indagara Max, e Arnie explicara que, às vezes, os terapeutas colocam os pacientes na "merda de um ambiente controlado" para estudar seu comportamento e aumentar a "merda de seu conhecimento" sobre "a porra da espécie humana", disse ele, e ainda ajudar as cobaias no processo.

"Arnie me acertou na merda do meu ponto fraco, porque disse que lá haveria uma gata, *e realmente havia, caralho!*"

Aparentemente, Max foi orientado a encontrar Arnie em West Philly, na "merda de uma faculdade chique". Ao encontrá-lo, foi levado para "a porra de um edifício enorme que parecia um hospital, mas não era hospital merda nenhuma, porque Arnie chamou aquilo de laboratório". Isso deixou Max apavorado por diversas razões que explicarei um pouco mais adiante.

Max foi levado até um escritório e apresentado a um homem que usava "a merda de um jaleco branco de laboratório", que perguntou sobre a possibilidade de fazer perguntas a Max e "gravar a porra de suas respostas". Então o sujeito de jaleco branco se virou para uma câmera apoiada na "merda de um tripé".

Max quis saber quando ia poder ver a gata que lhe prometeram, e o médico disse que aquilo seria "a porra da sobremesa".

Fizeram todo tipo de pergunta aparentemente aleatória a Max, a maioria das quais ele se recusou a responder porque eram "pessoais para caralho". Max contou que perguntaram se ele tivera relações sexuais com algum homem ou alguma mulher recentemente, e Max disse: "Porra! Vocês passaram do limite nessa! Que merda, hein?" Mas não pareceram se importar por ele não ter respondido às perguntas, o que era "estranho para caralho". Diziam que Max estava indo bem, embora só estivesse ficando irritado, recusando-se a responder e suando na cadeira. "Não estou gostando disso, porra. Onde está a merda da gata?", perguntava Max, e eles continuavam lhe prometendo que estavam muito perto da parte em que poderia acariciar a gata. Max disse que, em seguida, fizeram perguntas ainda

mais estranhas, tipo se ele já teve “pensamentos suicidas”, “reações extremadas à crítica”, “sonhos vívidos” e “se *realmente* acreditava em alienígenas”, o que o deixou apavorado por causa do que tinha acontecido com sua irmã. O médico confessou estar particularmente interessado em sua crença de que a gata Alice era telepata.

Max pediu mais duas cervejas, pois terminara sua segunda caneca.

Eu só tinha conseguido beber metade da primeira caneca, então havia quase um litro e meio de Guinness no meu lado da mesa.

“O que aconteceu com sua irmã?”, perguntei.

A mera menção à Meninatecária deixou minha boca seca, como se alguém tivesse me enfiado areia quente goela abaixo.

“Ainda não cheguei nessa parte da história, *porra!*”, gritou Max. Ele então contou que o levaram até o fim da “merda de um longo corredor” que não tinha janelas, portas nem qualquer outra coisa, apenas paredes brancas, teto e luzes no alto. No fim do corredor havia uma “caixa estranha para caralho” na parede. Com a ponta do indicador direito, o médico tocou a caixa, que começou a emitir uma luz verde. Em seguida, uma voz falou: “Reconhecido. Porta se abrindo. Olá, Dr. Biddington.” Então a porta se destrancou automaticamente e deslizou com um som sibilante, como se a atmosfera ali dentro “tivesse a pressão controlada, como a porra de um avião ou a merda de um submarino”. O médico entrou e Arnie e Max o seguiram. Lá dentro não havia janelas, relógios nem “a porra de uma televisão”. Tudo era branco, as cadeiras, tapetes, paredes, a bancada, “tudo, caralho”! Havia bolas pretas no teto de cada sala, e quando Max perguntou o que era aquilo, informaram que havia câmeras ali dentro.

“Miau!”, Max ouviu, e a “porra de uma gata malhada de pelo curto e tamanho médio” apareceu e começou a ronronar e a se esfregar na perna dele. O médico disse que Max poderia dar à gata “a merda do nome que quisesse” e que ela parecia “para caralho com Alice. Era muito, muito parecida com Alice, porra”! Tinha até “a merda de uma mancha preta” ao redor “da porra do olho”! Max chegou a ficar com medo de que tivessem clonado “a merda da gata morta”, o que

o "fez suar para caralho", porque "que tipo de pervertido anda por aí clonando a porra dos gatos mortos das pessoas? *Que merda, hein?*". Então ele começou a se preocupar que talvez estivesse em uma nave espacial, porque o interior das espaçonaves é sempre "branco para caralho". E o longo corredor parecia a "merda de uma rampa de entrada", "como se estivéssemos entrando na porra de um avião". E, se ele estivesse em uma nave espacial, isso queria dizer que Arnie e o Dr. Biddington não eram humanos, e sim alienígenas.

Max perguntou o que eles queriam, por que o haviam levado até aquele lugar.

O médico perguntou: "Você gostaria de morar aqui com a gata por algumas semanas? Digamos... umas três semanas?" E Max respondeu: "Nem fodendo!"

Então Arnie começou a falar com ternura, dizendo que pagariam dez vezes o que ele ganharia em um ano trabalhando "na porra do cinema" e que, no fim, ele poderia ficar com a gata, que dariam amostras grátis de pílulas capazes de ajudá-lo a aliviar a "merda da sua ansiedade" e que a comida seria "boa para caralho". Tudo o que precisava fazer era ficar naquela sala durante vinte e um dias com a gata, mas sem sair ou ter qualquer contato com o resto da "merda do mundo".

"Nós íamos observá-lo", afirmou Arnie. "E fazer perguntas de tempos em tempos. Mas é só isso. Você não precisaria fazer nada além de brincar com a gata."

Eu estava pasmo e questionei se a história de Max poderia ser verdadeira.

"Então eles só queriam que você ficasse naquela sala com a gata?"

"Que merda, hein?", disse Max, balançando a cabeça com os olhos arregalados. "Estranho para caralho, não é mesmo?"

"Por que pagariam para você brincar com uma gata por três semanas?"

"Não sei, porra. Mas, de repente, enquanto estava ali, apavorado para caralho com a merda do clone da Alice ronronando aos meus pés, percebi que a sala definitivamente era a porra de uma nave

espacial. Matemática. Foi isso que usei para descobrir. A porra da matemática.”

“Matemática?”, perguntei.

“Que merda, hein?”, disse Max, assentindo com confiança. “Três semanas é tempo suficiente para viajar para outra galáxia se colocarem a porra da nave em velocidade de dobra.”

Não entendi que tipo de matemática Max estava usando, mas ele parecia tão animado que não o interrompi. Talvez você entenda, Richard Gere, porque é muito mais esperto do que eu.

“Então tudo fez sentido, porra. E foi aí que descobri... que a merda do Arnie é a porra de um... alienígena... caralho!”, exclamou Max, fazendo pausas para adicionar um efeito dramático. “Um alienígena da merda do espaço sideral que adora a cor amarela. Eles estão em toda parte, você sabe. E não vou deixar você passar pelo que a porra da minha irmã passou. Nem fodendo. Não vai acontecer, porra. Não no meu turno.”

“Você disse *alienígena*?”, perguntei.

“Não acredita em alienígenas, porra? O universo é grande para caralho. A probabilidade está do lado dos alienígenas. Esses escrotos existem! Como você pode *não* acreditar, merda?”

“Não sei”, respondi. “Nunca pensei muito sobre isso.”

Como eu estava realmente interessado em descobrir mais informações sobre a Meninatecária, falei:

“Max, você já leu Jung? Já leu *Sincronicidade*?”

“Você quer dizer *Synchronicity*? A merda de um álbum do The Police? Aquele que tem a porra da música ‘King of Pain’?”

“Não, é um livro escrito por Carl Jung. Explica que não há coincidências. *Unus mundus*.”

“De que merda de mundos e fundos você está falando, hein? E que porra isso tem a ver com alienígenas? Ou com a merda da nave espacial onde quase fiquei preso por três semanas?”

“Escute”, falei. “Antes de nos conhecermos, vi sua irmã na biblioteca. Várias vezes. Digamos que senti certa conexão com ela. Venho observando o trabalho dela na biblioteca há anos e...”

"*Minha irmã? Elizabeth, porra?*"

"Sempre quis falar com ela, mas eu tinha muito medo."

"*Por quê?*"

"Essa não é a questão", respondi, porque não queria contar para Max que estava apaixonado pela irmã dele. Eu não sabia como ele assimilaria essa informação.

"Qual é a merda da questão, então?", perguntou Max.

"Minha mãe morreu há algumas semanas. Com isso, passei a ter uma conselheira de luto chamada Wendy. Ela me recomendou Arnie, que simplesmente me apresentou ao irmão da Meninatecária. Pense nisso. *Quais são as probabilidades?*"

"Quem diabo é Meninatecária?"

"A garota que quero conhecer há anos! *Sua irmã!*"

"Que merda, hein?"

"Sincronicidade!"

"Você quer conhecer minha irmã, porra?"

"Mais do que qualquer coisa no mundo."

"Não precisa de merda nenhuma de sincronicidade para conhecer minha irmã. Vou levá-lo para conhecê-la agora mesmo, porra. Sem problemas. E ela pode falar sobre os alienígenas que a sequestraram. Que merda, hein?"

Eu não conseguia acreditar na minha sorte, Richard Gere.

Era difícil não pensar na filosofia da minha mãe: A Sorte do Agora.

Mais uma prova: o mal da morte da minha mãe conduziu diretamente ao bem de poder me encontrar com a Meninatecária pela primeira vez.

Talvez Arnie fosse um alienígena que tentara persuadir Max a embarcar em sua nave espacial, mas o bem que equilibrava o mal suscetível de sua falsidade certamente estava ocorrendo naquele instante.

Nunca na vida tive tanta certeza de algo.

Eu não me importava com o que a Meninatecária me diria quando eu finalmente conseguisse falar com ela. Poderia recitar a Declaração da Independência setenta e seis vezes em tom monocórdio, sem

fazer qualquer contato visual comigo, mas meus olhos estariam fixos em seus lábios lindos e carnudos. E eu não teria que me preocupar em parecer um anormal ou em não conseguir dizer nada quando a conhecesse, porque Max estaria comigo.

Max é muito falante.

Ele explicaria por que eu tinha ido até ali, me dando uma razão legítima para estar na mesma sala que a Meninatecária.

Max me forneceria uma ponte natural, um motivo para que eu e a Meninatecária conversássemos, mesmo que acabássemos falando sobre alienígenas.

Minha fantasia estava prestes a se tornar realidade.

Eu estava prestes a realizar um objetivo de vida.

Enquanto eu andava até o apartamento da Meninatecária, escoltado por seu irmão de sangue — notando a crescente quantidade de lixo e cacos de vidro nas ruas, além do aumento de casas abandonadas e trancadas com ripas de madeira —, pensei em todos os eventos aleatórios aparentemente sem relação que precisaram ocorrer em sequência para me colocar naquela situação, naquele exato momento no espaço e no tempo.

Eu me perguntava se haveria realmente matemática para esse tipo de coisa.

Como se talvez alguma divisão secreta do governo tivesse elaborado uma equação para a vida da gente, como se bastasse a pessoa ligar as variáveis da sua existência para obter um resultado garantido.

órfão + gordo + desempregado + feio + mamãe é sua única amiga x mamãe morre –
você está se aproximando dos 40 anos

conselheira vítima de violência + padre bipolar + apaixonado pela Meninatecária x
possível terapeuta alienígena + Guinness em um pub irlandês

É igual a onde estou agora!

Isso é loucura?

Nunca fui muito bom em matemática.

Porém...

Quem poderia negar A Sorte do Agora?

Quem?

Era tão óbvio...

Você apareceu para mim durante alguns passos e sorriu, como se estivesse orgulhoso. Você fez sinal de positivo com o dedão para mim, Richard Gere, e deu para ver que estava emocionado por mim.

Basta ser você mesmo, foi o que você disse, me incentivando. E então riu daquele jeito do Richard Gere astro de cinema. E seja confiante. Mulheres adoram confiança. Lembre-se disso. Dê o conto de fadas a ela. O que sua mãe queria, mas nunca teve. Como nos meus filmes, mas, dessa vez, na vida real. Não pense demais. Confie nos seus instintos. Quebre o ciclo. Acredito em você, Bartholomew Neil. Richard Gere acredita em você! Dalai Lama também acredita em você. Sua Santidade me disse isso pessoalmente.

Senti como se o destino finalmente estivesse do meu lado e então fui ficando ainda mais confiante a cada passo que dava.

Obrigado por estar aqui, Richard Gere.

Você é um amigo de verdade.

Sua amizade me tornou um homem melhor.

E é bom compartilhar tudo isso com alguém.

Seu fã e admirador,

Bartholomew Neil

DE ACORDO COM CIENTISTAS, A TECTITA SE FORMOU QUANDO METEORITOS MAIORES COLIDIRAM COM A SUPERFÍCIE DA TERRA MILHÕES DE ANOS ATRÁS

Prezado Sr. Richard Gere,

Aposto que você está se perguntando por que minha última carta não deu os detalhes da história do meu primeiro contato com a Meninatecária. Ela, aliás, deverá ser tratada a partir desse momento como Elizabeth, pois não gosta de ser chamada de Meninatecária.

“Sou uma mulher. Não uma menina”, afirmou Elizabeth por trás daquela cortina de cabelo castanho, quando descobriu que eu a chamava de Meninatecária. “E, oficialmente, também não sou bibliotecária.”

Sua voz era... relutante, abatida e bela, talvez como um pássaro com uma asa quebrada cantando sozinho no deserto, achando que ninguém está ouvindo. Se é que isso faz algum sentido, o que provavelmente não faz.

Ela era apenas voluntária na biblioteca, talvez à espera de um sinal, mas falarei mais sobre isso depois.

Bem, tenho pensado muito no que aconteceu, e o fato é que tudo parece bastante inacreditável, como se ao contar exatamente o que aconteceu você fosse me chamar de mentiroso, fosse até mesmo pensar que enlouqueci ou que estou fazendo a coisa toda parecer

mais importante do que realmente foi. Talvez, quando eu tiver terminado de contar tudo, você prefira acreditar que estou mentindo, mas não há nada que eu possa fazer a respeito.

Demorei alguns dias para processar tudo isso, antes de registrar no papel.

(Tenho medo de que você não aprove minhas decisões mais recentes porque faz dias que não aparece para mim. Por quê? Você está trabalhando em um filme importante? Será que está com o Dalai Lama? Planejando um de seus jantares para o movimento Tibete Livre a fim de arrecadar fundos? Talvez você esteja visitando monges tibetanos sofrendo nas alas de queimados de algum hospital distante após fracassadas tentativas de autoimolação. Caso seja isso mesmo, diga a esses monges queimados em tratamento que espero que seus esforços se mostrem úteis e que eles não estejam sentindo muita dor.)

No entanto...

Você nunca vai acreditar no que estou prestes a dizer, porque eu mesmo mal consigo crer: estou escrevendo do norte de Vermont, embora eu não saiba em que cidade estamos.

Max e a Meninatecária estão no quarto de um motel, dormindo em camas de solteiro — sei disso porque ele perguntou várias vezes ao gerente do motel se o quarto tinha duas camas separadas, “com a merda de um espaço entre elas, hein, porque esta é minha *irmã*” —, padre McNamee está rezando no nosso quarto e eu estou aqui, tremendo, sentado em uma cadeira de madeira do lado de fora, no estacionamento, cercado por bancos de neve, escrevendo ao lado do nosso carro alugado, sob os vários bilhões de estrelas que compõem a Via Láctea, as quais só notei porque os proprietários do motel apagaram o grande cartaz onde está escrito MOTEL FAMILIAR PARADA DE DESCANSO HOSPITALIDADE em letras néon gigantes na cor verde-espacial.

Max insistiu que eu usasse “a merda de um cristal de tectita” marrom, dourado e brilhante pendurado em um cordão de couro no meu pescoço enquanto eu estivesse sentado ao ar livre no campo, porque isso supostamente vai me proteger de abduções alienígenas.

Como, não sei dizer exatamente.

Max arranhou isso em um site chamado:

Reaja! Proteja-se de Alienígenas Agora!

Aparentemente, o risco de ser abduzido por alienígenas aumenta muito quanto mais distante a pessoa estiver de uma cidade grande. Por isso, Max e Elizabeth estão usando três cristais de tectita cada um, mas ele disse que é preciso trabalhar para chegar a três, então eu deveria começar usando apenas um. Padre McNamee falou que confiava no Todo-Poderoso para protegê-lo; portanto, não está usando um cristal de tectita antialienígena.

Max também disse que, se eu olhar tempo suficiente para o céu noturno do norte de Vermont, com certeza acabarei vendo um OVNI. "Procure as porras de umas esferas de luz que se movem depressa pelo céu e então se detêm subitamente e começam a pairar", disse Max, antes de me deixar aqui fora para que eu pudesse escrever para você, argumentando que estava "cansado para caralho" e que já vira "OVNIs suficientes, porra". Mas não estou realmente interessado no espaço ou em formas de vida extraterrestres, ainda mais depois que Max me contou histórias horríveis sobre esses seres que vêm de muito, muito longe e quais são seus planos para nós.

Padre McNamee disse que, tecnicamente, Jesus, Deus, o Espírito Santo, Satanás, anjos e demônios são extraterrestres, pois não são "deste mundo". Mas isso foi tudo o que ele disse sobre alienígenas. Bem, também falou que não é oficialmente errado um católico usar um cristal de tectita especial antialienígena, por isso não sinto nenhuma culpa, embora é provável que mamãe não teria aprovado ou compreendido a necessidade disso. Era bom ganhar presente de um amigo. Acredite se puder, Richard Gere, este foi o primeiro presente que já recebi de alguém, além da minha mãe. A vida está mesmo melhorando.

Acho que minha mãe não acreditava em extraterrestres, mas nunca conversamos sobre esse assunto.

Esta também é a primeira vez que saio da região da Filadélfia (se considerarmos South Jersey Shore parte da Filadélfia, como a maioria das pessoas faz). Embora seja emocionante estar viajando para o norte, prestes a deixar o país, também é um pouco aterrorizante, ainda mais porque finalmente vou encontrar meu pai biológico, que supostamente está vivo e morando em Montreal. Padre McNamee tem mantido contato com ele, o que vou explicar em breve.

Os últimos dias têm sido frenéticos, e demorei esse tempo todo para organizar meus pensamentos antes de poder expressá-los para você em uma ordem que fizesse sentido.

Depois que conheci a Meninatecária — quer dizer, Elizabeth —, voltei para casa naquela noite e encontrei padre McNamee ajoelhado na sala, rezando, o que era um progresso, porque, afinal, ele não estava bêbado no quarto da minha mãe nem vomitando no banheiro.

Quando ele abriu um dos olhos, não estava pequeno como um floco de neve negro, mas novamente começou a sugar tudo ao redor como o espiráculo de uma baleia. Vi que a tempestade em sua mente havia passado.

“Preciso de um passaporte”, falei.

“*O quê?*”

“Preciso de um passaporte.”

O padre analisou meu rosto por um instante e disse, em seguida:

“Como você sabe que vamos para Montreal?”

“*Montreal?*”

“Montreal”, repetiu ele. “Sim. Minha cidade natal.”

“Estou indo para Ottawa, não para Montreal.”

“*Ottawa?*”

“Ottawa.”

“Não, com certeza você quer dizer Montreal.”

“Ottawa.”

Padre McNamee parecia perplexo.

“Quanto tempo demora para tirar um passaporte?”, perguntei.

“Você não vai acreditar, mas...”

O padre enfiou a mão no bolso do suéter e tirou dois passaportes.

“Um passaporte para mim?”

“E um para mim também. Lembra quando tiramos foto naquela loja?”

Ele tinha me falado que os retratos eram para os registros da igreja. Isso foi algumas semanas antes de minha mãe morrer. Acho que assinei algo também.

“Por que você quer ir para Ottawa?”, perguntou ele.

“Por que tirou passaportes para a gente?”

“Está na hora de você conhecer seu pai. Ele mora em Montreal.”

“Meu pai foi martirizado”, falei. “Assassinado pela Ku Klux Klan.”

“Essa foi só uma historinha que sua mãe contou para você não ter que se perguntar por que não tem pai há tantas décadas. Ela estava fingindo. Protegendo você. Seu pai está vivo. E concordou em nos encontrar no Oratório de São José, em Montreal, diante do coração preservado do Santo Irmão André, que está sendo exibido como relíquia sagrada.”

“O quê? Por quê?”, perguntei. “Meu pai está mesmo vivo? Você mantém contato com ele? Tem um coração humano preservado em exposição?”

Eu não sabia ao certo qual dessas perguntas era a mais absurda.

“Sim, o coração do Irmão André está preservado, coberto por um vidro, e seu pai está vivo. Vamos encontrá-lo lá, porque Santo Irmão André era um grande curador. E você e seu pai precisam de cura.”

Eu não tinha certeza se acreditava no padre McNamee. Não achava que meu pai estivesse realmente vivo. Se fosse o caso, por que não entrou em contato comigo antes? Por que minha mãe mentiu para mim?

Mamãe nunca mentiu.

Nunca.

Ainda mais sobre uma coisa tão importante.

Até mesmo o homenzinho no meu estômago estava do meu lado dessa vez. Ele não chutou, não arranhou, não fez nada. Em vez

disso, cruzou os braços, presunçoso, e usou o fundo do meu estômago como rede, porque nós dois sabíamos que padre McNamee estava errado.

“Conte por que você acha que deve ir para Ottawa, Bartholomew”, pediu o padre.

Pensei na sincronicidade de Jung ao segui-lo até a cozinha, onde ele nos serviu café.

“Então?”, perguntou ele.

Contei tudo o que contei para você na minha última carta, Richard Gere.

Padre McNamee sorriu quando mencionei a teoria de Max sobre Arnie ser alienígena. Deu para notar que o padre não acreditava que Arnie era alienígena, mas ele não contestou isso nem me interrompeu, o que foi legal.

(A habilidade de ouvir com educação é uma coisa rara, não acha?)

Então, continuei a história da seguinte maneira:

“Quando chegamos ao apartamento de Max e Elizabeth, a primeira coisa que notei foi a cor das janelas. Eles tinham grudado uma espécie de adesivo em cada uma delas, para que virassem espelhos e não desse para ver de fora o que acontecia ali dentro”, contei ao padre McNamee.

Quando perguntei a Max sobre as janelas, ele respondeu:

“Proteção contra abdução alienígena, porra.” Ele abriu a porta e gritou: “Elizabeth! Tenho companhia, caralho. Ele já foi verificado! Você não precisa se esconder! Confie em mim, porra!”

Entramos em uma sala de estar. Havia um velho sofá xadrez com alguns rasgos no tecido, de onde despontava o estofamento amarelado. Diante do sofá tinha uma mesa de centro de madeira toda arranhada, sob a qual havia um tapete trançado cujas cores tinham sido aspiradas havia muito tempo. A televisão era muito velha — não era plana com um design simples, e sim um cubo enorme e pesado.

“Fique aqui, porra”, ordenou Max. “Sente-se.”

Sentei-me no sofá.

Max entrou no cômodo ao lado, que imaginei ser uma cozinha, porque dava para ver a lateral de uma geladeira verde-abacate que parecia pertencer a um museu de antiquíssimos utensílios de cozinha.

“Que merda, hein, Elizabeth? Temos companhia!”

Ouvi os dois cochichando.

“Ele não é a merda de um Homem de Preto. Aliás, nunca usa preto, porra. Já tomei cerveja com ele duas vezes, caralho! Salvei ele do Arnie, e se o cara é um alienígena, e se a porra do Arnie queria capturar Bartholomew, bem, faça as contas! É bem seguro supor que Bartholomew é humano, merda. Já ouviu falar da porra de um alienígena vindo à Terra capturar outra porra de alienígena? Isso não faz sentido, caralho!”

Houve mais sussurros antes de Max dizer “Foda-se!” e arrastar Elizabeth pelo pulso até a sala. Ele se sentou no sofá e disse:

“Bartholomew, meu amigo: conheça Elizabeth, a porra da minha irmã. Elizabeth, minha irmã: conheça Bartholomew, a porra do meu amigo.”

Elizabeth apoiou a palma das mãos nas coxas e olhou para elas, escondendo o rosto atrás de seu longo cabelo castanho. Ela estava usando uma calça vermelha justa, um suéter marrom largo e coturnos pretos.

“Você conhece Bartholomew da porra da biblioteca”, disse Max. “Ele chama você de Meninatecária, cacete.”

“Na verdade, só Meninatecária”, falei, usando uma recém-adquirida confiança de Richard Gere. Fingindo.

Delicado como um astro de cinema.

Era de se esperar que eu estivesse prestes a sofrer um ataque cardíaco, mas considerando todas as incríveis coincidências que levaram àquele exato momento, tudo parecia fadado a acontecer, tornando minhas deficiências irrelevantes.

“Por quê?”, perguntou ela. “O que isso significa? Meninatecária?”

“É só um apelido que inventei”, respondi.

“Não sou uma menina, sou uma mulher. E também não sou bibliotecária de verdade. Apenas uma voluntária.”

“Caramba, Elizabeth. Seja legal, porra. Ele é meu *amigo*. Ele quer conhecer você, caralho. Quando foi a última vez que alguém quis conhecer você, porra?”

“Por que você quer me conhecer?”, perguntou ela. “E, por favor, me chame de Elizabeth.”

“Eu...”, falei, mas não consegui pensar em uma resposta que não me fizesse parecer pervertido.

“Ele quer conhecer você há anos, porra! Que merda, hein?”

“Por quê?”, repetiu Elizabeth.

Senti que eu estava começando a suar. Minhas têmporas estavam úmidas, minhas axilas, quentes. E foi então que você, Richard Gere, me possuiu e começou a falar:

“Bem. Tenho prestado atenção em você. Você parece especial.”

“Não sou especial.”

“É, sim.”

“Especial como, hein?”, perguntou Elizabeth.

Ela virou as costas para mim e passou a olhar para a parede com os ombros caídos.

“Bem, para início de conversa, gosto da forma cuidadosa com que você arruma os livros, devolvendo-os aos seus devidos lugares nas prateleiras. Você é sempre delicada. Dá uma batidinha com o indicador em cada um deles, como se estivesse recompensando os livros por terem fornecido uma boa experiência de leitura ao frequentador da biblioteca que o pegou emprestado, incentivando o livro a continuar sendo um grande recurso para todos. Gosto também do fato de você não jogar fora os exemplares antigos antes de inspecioná-los para ter certeza de que não são recuperáveis. Você não abre mão deles desnecessariamente, e acho que essa é uma qualidade bela e rara em uma mulher, quer dizer, *em uma pessoa*. Realmente admiro pequenas coisas como essas. A maioria das pessoas não perde tempo com coisas pequenas, muito menos

aproveita o máximo delas. Minha mãe costumava aproveitar ao máximo as coisas pequenas, mas agora ela está morta.”

“Você me observa fazendo isso tudo”, disse ela, olhando para mim por cima do ombro, através de uma cortina de cabelo liso e castanho.

“Observo”, falei. “Na verdade, é a melhor parte do meu dia, sempre que você está na biblioteca. Definitivamente você é a melhor bibliotecária que eles têm por lá.”

“Já disse que sou só voluntária. Eles nem me pagam.”

“Isso não importa para mim.”

Ela se levantou e saiu em disparada para a cozinha.

“Que merda, hein?”, disse Max, e depois a seguiu.

Eu ouvi os dois sussurrando na cozinha. Quando voltaram, Elizabeth disse:

“Conte nossos problemas para ele, Max.”

“Isso é pessoal para caralho!”

“Estamos sendo despejados”, revelou Elizabeth. “Isso não é ótimo?”

“Que merda, hein? Isso é um negócio de *família*.”

“E importa que os outros fiquem sabendo?”, disse Elizabeth para Max. E, voltando-se para mim, ela acrescentou: “Estamos falidos.”

“Sinto muito por isso”, falei.

Max balançou a cabeça para mim.

“O que vocês vão fazer?”, perguntei para Elizabeth.

“Temos dinheiro suficiente para ir para Ottawa”, respondeu ela. “Então vamos para lá. Por mais louco que possa parecer. Não temos nenhum plano depois disso.”

“Não precisamos ir, porra”, disse Max.

“Prometi para você”, afirmou Elizabeth. “E sempre cumpro minhas promessas.”

“O que tem em Ottawa?”, perguntei.

“O Parlamento dos Gatos, porra”, disse Max.

“O quê?”, exclamei.

“É um local onde as merdas dos gatos andam livremente ao lado do que, essencialmente, é a porra da Casa Branca do Canadá. É um dos melhores lugares do mundo, caralho, embora eu só tenha lido a respeito. Faz mais de dez anos que quero ir lá. É meu sonho, porra.”

“Prometi que levaria Max ao Parlamento dos Gatos no aniversário de quarenta anos dele”, disse Elizabeth. “Alugamos um carro. Partiremos daqui a alguns dias. Quando formos oficialmente despejados. Não sabemos o que faremos em seguida. Não é emocionante?”

O sarcasmo de Elizabeth era assustador. Ela reagia como um animal feroz encurralado, suas palavras pareciam garras afiadas.

“Por que vocês estão sendo despejados?”, perguntei.

“Ficamos sem dinheiro, porra, por estarmos economizando para a viagem. Não pagamos a merda do aluguel.”

“E se você fizesse aquele estudo com Arnie? Ele não ofereceu...”

“Ele é um alienígena, lembra, porra?”

“Ah, sim”, falei. “Esqueci.”

“Temos dinheiro suficiente para chegar ao Parlamento dos Gatos”, disse Elizabeth. “Mas não fazemos ideia do que vai acontecer depois disso.”

Max olhou para mim, nervoso, e ergueu as sobrancelhas. Ele tapou a boca com a mão e murmurou:

“*Que merda, hein?*”

“Será que meu irmão já contou sobre meu... sequestro?”

Não falei nada.

“Você acredita em abduções alienígenas, Bartholomew?”

Eu sabia o que queriam que eu respondesse, então falei que sim. Eu *não* acreditava em abduções alienígenas, mas entendi que era importante que eu acreditasse naquele momento, que aquilo era uma questão fundamental para Max e Elizabeth. Caso ela se tornasse minha namorada, eu precisava garantir aquilo a eles.

“Porra, Elizabeth, podemos confiar nele. É um sujeito bom para caralho”, disse Max, o que me fez sorrir. “Eu o verifiquei enquanto bebíamos Guinness. Que merda, hein?”

“Então está bem. Por que você não conta para ele, Max?”, falou Elizabeth. “Conte minha história para ele. Por que não? Vamos ver o que ele diz. Talvez ele possa até mesmo nos salvar, como o Príncipe Encantado. Por que não?”

Engoli em seco, porque Elizabeth estava invocando linguagem de conto de fadas, Richard Gere, assim como Vivian Ward em *Uma linda mulher*.

Sincronicidade.

Unus mundus.

“Tudo bem, porra”, disse Max.

Ele começou a contar a história de quando sua irmã estava caminhando às margens “da porra do rio Delaware” em uma noite de verão, quando viu sobre a água a “merda de uma bola branca de energia” que parecia pulsar e irradiar “como se a mais bela estrela que você já viu tivesse suavemente baixado à Terra feito a porra de um dente-de-leão dançando ao sabor da merda do vento”.

Era tão “hipnotizante, porra” que ela a seguiu por horas, sem pensar, completamente cativada por sua beleza. Mas não importava quão rápido ela andasse, a “porra da esfera de luz gigante” continuava a mesma distância, e ela parecia não conseguir se aproximar. Elizabeth andou durante o que lhe pareceu uma eternidade, sem sentir cansaço nem sede. Então, de repente — “PUFT! CARALHO!” — ela percebeu que estava no exato lugar onde vira a luz brilhante pela primeira vez, como se não tivesse andado nada, na verdade. Ela olhou para a “porra do celular dela” e percebeu que o tempo não passara. Na realidade, ela notou que era mais ou menos cinco minutos *antes* do momento em que vira a luz. Nesse instante, ela suspeitou que poderia estar ficando “louca para caralho”.

Elizabeth não conseguiu dormir naquela noite. Continuou tentando se lembrar do que havia acontecido naquele espaço de tempo em que seguiu a bela luz no céu, porém, quanto mais tentava, mais aquilo recuava para a parte escura e esquecida de sua mente. Quase como “a porra de um sonho” que parece muito vívido pela manhã,

mas que acaba sendo completamente esquecido na “merda da hora do almoço”. Por mais que tentasse, Elizabeth não se recordava de detalhe algum, embora suspeitasse de que muito mais tivesse acontecido com ela do que simplesmente ver uma “luz na porra do céu”.

Ela ficou tão ansiosa que o aperto no peito se tornou insuportável. Elizabeth começou a achar que estava tendo um ataque cardíaco.

No dia seguinte, ela foi para a emergência do hospital e, depois de alguns exames que provaram que não havia nada de errado com seu coração nem com seu sistema circulatório, ela aceitou o conselho médico que recebeu e se internou em uma clínica de saúde mental. Lá deram remédios para ela, a fizeram repousar, comparecer a “malditas aulas de canto obrigatórias” e conversar com terapeutas sobre sua infância, sua adolescência e sua idade adulta “em vários detalhes, porra”.

Depois de algumas semanas nessa clínica, ela começou a se lembrar do que realmente acontecera.

Naquela noite fatídica ela foi capturada por um OVNI através da “merda de um raio trator” que a teletransportou do rio até um laboratório educacional da mente, que era todo branco. Havia homens do espaço com “as porras de umas cabeças alongadas”, “as merdas de uns olhos pretos brilhantes” e “corpos pequenos para caralho”. Os braços e as pernas deles eram finos como salsichas, a pele era verde-limão e manchada como a “da porra de um sapo”.

Ela foi amarrada a uma mesa de operação por “umas merdas de umas cordas elétricas”, e, embora tenham feito experiências com ela, Elizabeth não sentiu qualquer dor ou medo. A boca dos alienígenas não se movia, mas ela ouvia as vozes deles em sua cabeça, que eram graves e “sonoras para caralho”. Disseram: “Isso tudo já vai acabar. Não adianta resistir. Apenas relaxe. Estamos fazendo isso para o bem da sua espécie. De onde viemos, você é o que chamamos de ‘herói da ciência’, porque seu breve desconforto resultará em grandes avanços que beneficiarão milhões em toda a galáxia. Não se preocupe. Em breve, vai retornar ao seu planeta.”

Em seguida, Max acrescentou um “Que merda, hein?”, arregalando os olhos e balançando a cabeça com entusiasmo.

Olhei para Elizabeth, que parecia estar analisando minha reação à história, mas, ao encontrar meu olhar, ela deu de ombros, o que pareceu estranho.

Como faltou várias semanas ao trabalho e nem sequer avisou seu chefe que estava em um hospital se recuperando da “merda de uma abdução alienígena”, Elizabeth perdeu seu emprego em uma agência de publicidade. Por isso, passou a viver de suas economias e trabalhando como voluntária na biblioteca, porque “sempre adorou histórias de amor, porra”.

“Foi quando me mudei da merda de Worcester para cá!”, disse Max.

Elizabeth olhou para mim por trás da cortina de cabelo castanho e comentou:

“História maluca, não é mesmo?”

De volta à cozinha da minha mãe, falei para o padre McNamee:

“Então Max me convidou para ir com eles até o Parlamento dos Gatos em Ottawa. E Elizabeth disse que não se importava se eu fosse ou não. O que você acha que significa tudo isso? Eu ter tido essa experiência e você já estar com os passaportes?”

“Não faço ideia”, respondeu o padre McNamee. “Mas quero conhecer essas pessoas. Deus não arma coincidências. Pode apostar nisso.”

No dia seguinte, levei padre McNamee ao apartamento de Max e Elizabeth. Ele falou sobre o Oratório de São José, em Montreal, e de como tinha planejado me apresentar ao meu pai no mesmo lugar onde, quando adolescente, ouvira pela primeira vez o chamado para se tornar padre. Explicou de forma bastante simples que Deus havia parado de falar com ele, mas ainda acreditava que me juntar ao meu pai agradaria ao Todo-Poderoso, fazendo com que Ele retomasse o contato.

“Talvez devêssemos viajar juntos”, sugeriu padre McNamee.

“Não somos muito religiosos”, explicou Elizabeth, o que foi meio constrangedor, porque dava para perceber que ela e Max achavam que padre McNamee estava completamente louco. “Só vamos ver o Parlamento dos Gatos porque Max adora gatos. É em Ottawa. Não em Montreal.”

“A porra do Parlamento dos Gatos!”, exclamou Max.

Talvez sentindo que estava perdendo a batalha, padre McNamee acrescentou, me surpreendendo:

“Bem, tenho dinheiro para financiar a viagem. Se permitirem que a gente viaje com vocês até Ottawa, e se nos acompanharem até Montreal — as cidades ficam a apenas duas horas e meia de distância de carro —, divido esse dinheiro com vocês.”

“Quanto dinheiro?”, perguntou Elizabeth.

“O suficiente para pagar o aluguel do carro, a gasolina, os hotéis e a comida para nós quatro”, disse o padre.

“Por que você pagaria tudo isso?”, questionou Elizabeth.

“Vocês são amigos de Bartholomew. Ele gosta muito de vocês. Isso basta para mim.”

“Não sou amiga dele”, retrucou Elizabeth. “Nós nos conhecemos ontem.”

“Ele é *meu* amigo, porra”, disse Max. “E quanto mais gente, menor é a chance de abdução alienígena, Elizabeth. É um fato comprovado, porra. Além do mais, merda, estamos falidos. Você disse que nem sabia se tínhamos dinheiro suficiente para fazermos isso, caralho.”

Elizabeth olhou para o teto de sua sala de estar e engoliu em seco diversas vezes.

“Podem achar que é um palpite”, começou padre McNamee, “mas realmente acredito que isso estava para acontecer. E acredito mesmo que Max e Bartholomew já se decidiram. Não acha que poderia ser divertido?”

“Sim, porra!”, exclamou Max.

“É o seu aniversário”, disse Elizabeth para o irmão. “É o seu presente.”

Então, de alguma forma surpreendente, ficou tudo combinado.

Esta manhã, lotamos um Ford Focus alugado e seguimos para o norte.

Elizabeth e padre McNamee se revezaram na direção, porque Max e eu não temos carteira de motorista.

Como se fôssemos crianças, e estivesse nos contando uma história para dormir, padre McNamee falou sobre a vida do Santo Irmão André Bessette, que era um órfão de doze anos, frágil, que ficava doente com frequência, sem instrução, mas que acreditava firmemente no poder de São José. Várias pessoas passaram a acreditar que Irmão André tinha poderes de cura, mas ele sempre negou isso, chegava até a ficar irritado quando sugeriam que podia fazer milagres. Ele disse que era São José quem realizava os milagres. Ainda assim, com a esperança de ser curada, gente de toda parte ainda vai ao oratório que ele construiu.

“Seu coração está exposto”, disse padre McNamee. “Fui inspirado por essa história quando jovem. Ainda sou.”

“É o coração dele de verdade?”, perguntou Elizabeth por trás do seu cabelo, ignorando completamente o que o padre estava querendo dizer.

“Sim.”

“Que merda, hein?”, disse Max, trincando os dentes.

“O coração foi roubado na década de 1970, mas depois foi recuperado.”

“Por que alguém roubaria o coração dele?”, perguntei.

“Não faço a menor ideia”, disse padre McNamee.

“Como eles o recuperaram?”, indagou Elizabeth.

“Se bem me lembro, encontraram em um porão”, respondeu o padre.

Elizabeth permaneceu em silêncio no banco da frente, se escondendo atrás do cabelo, enquanto eu a observava pelo espelho lateral. Tive a impressão de tê-la ouvido suspirar baixinho.

Ninguém disse nada por bastante tempo.

Apenas dirigimos para o norte. Nós quatro observando a neve suja recolhida e amontoada ao lado da estrada, até que acabamos

cansados, precisando muito de comida e repouso.

Foi assim que acabei escrevendo para você do estacionamento de um motel ao norte de Vermont, com a respiração condensando no ar e a mão vermelha de frio.

Estou segurando meu novo cristal e olhando para o céu à procura de esferas de luz, mas ainda não vi nenhuma.

Max me deu o cristal de tectita durante o jantar. Comemos em uma lanchonete chamada Green Mountains Food. Ele estendeu os braços sobre a mesa do reservado e colocou-o em volta do meu pescoço para me proteger. Enquanto isso, Elvis cantava "Don't Be Cruel" no jukebox.

Elizabeth disse que, de acordo com cientistas, a tectita se formou quando meteoritos maiores colidiram com a superfície da Terra milhões de anos atrás.

"Então, essa porra aqui", disse Max, atraindo olhares de desaprovação dos clientes ao redor, "conecta você com o que está além da merda da atmosfera da Terra, porque esteve em contato com o grande e maldito desconhecido lá em cima". Ele apontou para o teto e prosseguiu: "A porra da teoria do impacto. Os meteoros atingiram a Terra com tanta força que os materiais voaram até a porra do espaço e, em seguida, caíram de volta no nosso planeta, feito malditos astronautas de pedra."

Max bateu os punhos na mesa para simular o impacto dos meteoros atingindo a Terra.

"E a conexão com a merda do espaço significa proteção, porra", disse ele, balançando seu indicador gordo para mim. "Confie em mim, caralho. Conheço essas coisas. Muito mais do que essa merda de gente comum."

Dava para notar que Max precisava fingir que aquilo era verdade, e que talvez Elizabeth estivesse participando do jogo. Dessa forma, rapidamente assenti e dei um tapinha na reluzente rocha cor de bronze pendurada no meu pescoço.

"Que merda, hein?", disse Max, balançando a cabeça. "Proteção do caralho."

Balancei a cabeça em resposta (ou, ao menos, assenti).

Então, jantamos em silêncio, mas juntos, como uma família. Eu não me lembrava da última vez que tinha jantado com mais de duas pessoas. Talvez tenha sido depois que aqueles adolescentes invadiram nossa casa, destruíram tudo e fizeram suas necessidades nas nossas camas.

Eu achava reconfortante ter pessoas ao meu redor. Era como estar envolto em um cobertor com uma xícara de chocolate quente nas mãos durante uma noite de inverno rigoroso.

Queria que você estivesse aqui, Richard Gere. Você teria gostado bastante da refeição... bem, ao menos de ter compartilhado a comida.

“Comunhão”, falei para o padre McNamee quando ele tomou um gole de uísque do seu cantil.

“De fato.” Ele sorriu para Max e Elizabeth.

Então, havia apenas o som de facas e garfos sobre pratos brancos, músicas antigas tocando suavemente ao fundo e outros clientes comentando sobre o tempo, os políticos locais, esportes, fofocas e sobre a qualidade da comida que estavam consumindo.

Padre McNamee continuou cantarolando “Don’t Be Cruel”, mesmo depois que a música acabou. Cantarolou ao longo de todo o caminho até o motel enquanto dirigia o Ford Focus e ainda deve estar cantarolando deitado na cama no quarto.

No nosso quarto do motel, antes que eu viesse até aqui escrever para você, Richard Gere, padre McNamee disse que minha mãe adorava Elvis e que ela chegou a ver um show dele certa vez, antes de eu nascer.

Ele disse que “Don’t Be Cruel” era uma de suas músicas favoritas. Eu nunca soube disso.

Seu fã e admirador,
Bartholomew Neil

ELES GOSTAVAM MAIS DE ALFACE DO QUE DE CENOURAS

Prezado Sr. Richard Gere,

Quando chegamos à fronteira com o Canadá, fomos obrigados a esperar em uma fila e, em seguida, parar nosso Ford Focus na cabine de inspeção da patrulha da fronteira. Era como se aproximar de uma ponte, só que não havia nenhuma estrutura metálica gigantesca ligando duas porções de terra e também não havia água nenhuma. O que eu quis dizer com isso é que tinha várias filas de carros e pequenas cabines, por onde era preciso passar dirigindo, embora não tivéssemos que pagar pedágio.

Quando chegamos à nossa cabine, um homem alto e de bigode — com uma voz grave, rouca e irritada — pediu para ver nossos passaportes.

Padre McNamee os entregou, e o sujeito olhou para cada um de nós por mais tempo do que parecia necessário, às vezes abaixando-se diante da janela do padre, para confirmar se rosto de cada um de nós condizia com o das fotos. Nosso inspetor canadense usava um uniforme de aspecto oficial e não parecia nada contente.

“Negócios ou lazer?”, foi logo perguntando, quase sem abrir a boca.

A forma como sua testa estava franzida sugeria que com certeza havia uma resposta errada, e ele suspeitava de que daríamos essa, o que me deixou nervoso.

“Depende, na verdade, de como você vai encarar o assunto”, disse padre McNamee.

Elizabeth estava no banco do carona, olhando pela janela, escondendo o rosto da visão do homem.

“O que há de errado com ela?”, perguntou ele.

“Situações como essa a deixam desconfortável, só isso”, respondeu padre McNamee.

“Para onde vocês estão indo?”

“Para Montreal e depois Ottawa. O Oratório de São José é a atração principal.”

“O Parlamento dos Gatos”, retrucou Max do banco de trás, conseguindo abster-se de dizer um palavrão. “A porra do Parlamento dos Gatos”, sussurrou, de forma quase inaudível, mas com um olhar expressivo.

“Já fui padre”, acrescentou ele rapidamente, o que me fez imaginar que ouvira o palavrão de Max e estava tentando agradar o agente da patrulha de fronteira, considerando que vários canadenses são católicos, ao menos segundo padre McNamee.

“O que você faz agora para ganhar a vida?”, perguntou o oficial.

“Estou aposentado”, respondeu padre McNamee.

“Padres podem se aposentar?”

“Olhe, só preciso fazer uma viagem rapidinha por seu belo país. Podemos dizer que é uma espécie de peregrinação. Uma peregrinação muito necessária.”

O agente da patrulha de fronteira ficou alguns segundos olhando para o padre McNamee, comprimindo os lábios com tanta força que começaram a ficar brancos.

O padre sorriu para o sujeito.

“E quanto a você, moça?”, perguntou ele. “*Moça?* Poderia se virar e olhar para mim, por favor?”

“O quê?”, disse Elizabeth, sem olhar para o homem.

“O que você faz para viver?”

“Eu era voluntária numa biblioteca.”

“E agora?”

Elizabeth permaneceu em silêncio.

“Banco de trás?”, perguntou ele, apontando o nariz para mim.

“Sim?”, respondi.

“O que vocês fazem para viver?”

“Sempre trabalhei na porra de um cinema”, disse Max. Dava para sentir a raiva na voz dele. Parecia muito ansioso. Dava para notar que ele estava no limite. “Que merda, hein?”

“Não há necessidade de dizer palavrões, chefe. Tente se controlar, está bem?”

Ergui os olhos e pude sentir o agente da patrulha de fronteira olhando para mim por trás de seus óculos escuros espelhados.

“Eu cuidava da minha mãe”, falei, contando a verdade.

“Isso não é um trabalho, é?”

“Foi tudo o que fiz até hoje.”

“O que você faz agora?”

Eu não sabia como responder, então permaneci em silêncio.

“Nenhum de vocês tem um emprego de verdade”, concluiu ele, por fim. Dava para notar que ele nos odiava, que achava que éramos todos retardados.

Você é retardado!, gritou o homenzinho no meu estômago.

“Que tipo de grupo *especial* você tem aí, padre?”, perguntou o sujeito.

“Um grupo *muito* especial. O mais especial que uma pessoa poderia ter! Filhos especiais de Deus. Garanto a você.”

A testa do agente da patrulha de fronteira estava toda franzida.

“Sua mãe é a sua principal fonte de renda, Chefe Dois?”, perguntou ele, apontando para mim.

Levei um segundo para perceber que eu era o Chefe Dois, mas, quando me dei conta, respondi:

“Ela era minha mãe.”

“Você não cuida mais dela?”, quis saber ele. “O que aconteceu? Sua mãe demitiu você?”

“Ela acabou de morrer com câncer no cérebro”, disse padre McNamee. “E nossa viagem tem um caráter memorial. Você está sendo bastante insensível, não acha?”

A nuca do padre ficou vermelha, e dava para perceber que ele estava com raiva.

Vi os olhos do padre refletidos nos óculos escuros do sujeito. Seus olhos estavam sugando o entorno novamente, feito grandes redemoinhos.

O agente bateu nossos passaportes na palma da própria mão uma dúzia de vezes, como se estivesse decidindo o que fazer com a gente.

“Bem-vindos ao Canadá”, disse ele, por fim, entregando nossos passaportes ao padre McNamee.

“Ufa!”, disse o padre ao fechar a janela e sair com o carro. “Pensei que ele fosse nos revistar. E tenho meia dúzia de garrafas de uísque Jameson não declaradas no porta-malas!”

Seguimos em silêncio por uns dez minutos. Percebi que o agente da patrulha deixara todos nós extremamente ansiosos. Mas não falamos sobre isso, apenas olhamos através das janelas.

“Que merda, *hein?*”, disse Max, quebrando a tensão. E depois riu da própria piada.

Elizabeth gemeu.

Quando ninguém disse mais nada, Max acrescentou:

“Estamos na porra do Canadá, *hein?*”

Padre McNamee riu como se finalmente tivesse entendido a piada e, quando perguntei o que era tão engraçado, disse que as pessoas no Canadá costumavam terminar as frases com “*hein?*”.

“Isso é um estereótipo que vai ofender os moradores locais”, comentou Elizabeth.

“Que merda, *hein?*”, repetiu Max com uma voz engraçada, me dando uma cotovelada.

Eu ri, mesmo sabendo que Elizabeth não queria que eu risse.

Então, ficamos bastante tempo sem dizer mais nada.

“Não gostei daquele agente da patrulha de fronteira”, falei para o meu reflexo na janela.

Ninguém respondeu.

Enquanto seguíamos pela paisagem plana coberta de neve suja, passando por vários silos com nomes franceses escritos, avançando cada vez mais para o norte em nosso vizinho setentrional, parecia que o mundo não era de fato redondo, e sim uma enorme mesa em que algum gigante fizera um diorama chamado Canadá. Eu não parava de pensar nas perguntas que o agente da patrulha de fronteira tinha feito.

Será que aquelas perguntas eram capazes de nos definir como pessoas, medir nosso valor, nossa bondade e se somos ou não visitantes seguros?

Aonde você vai?

O que faz para viver?

Negócios ou lazer?

Será que as respostas comprovam se nossa vida importa e se somos dignos de sermos admitidos no Canadá?

Se somos perigosos?

E para que fazer perguntas, ainda mais considerando o fato de que poderíamos facilmente ter mentido e dito qualquer coisa que passasse pela nossa cabeça?

Qualquer criminoso que se prezasse seria um mentiroso competente e poderia muito bem passar pela patrulha de fronteira. Mas pessoas como eu, largadas à própria sorte, falhariam todas as vezes.

Eu queria que tivéssemos dito que éramos médicos tentando curar o câncer no cérebro e que íamos para um laboratório subterrâneo secreto nos territórios do norte e estávamos em uma missão oficial com o objetivo de salvar o mundo. Por isso, não tínhamos tempo para responder a perguntas triviais e estúpidas.

Padre McNamee poderia ter dito: "Afastem-se, Patrulha de Fronteira, pois estamos aqui para realizar grandes feitos que vão surpreendê-los", e nós teríamos ficado muito orgulhosos. "Não ouse nos impedir, porque vocês não vão querer deter o progresso de toda a humanidade!"

Você, Richard Gere, certamente teria sido capaz de sair dessa situação com facilidade e graça. Você, Richard Gere, teria encantado a patrulha de fronteira e passado por aquilo com muito menos dificuldade. Mas a verdade é que você não teria que representar, porque o agente da patrulha o teria reconhecido no mesmo instante como um famoso astro de cinema e o teria acolhido no Canadá sem fazer uma pergunta sequer, exceto, talvez, pedindo um autógrafa ou que você tirasse uma foto com ele, passando os braços pelos ombros um do outro, sorrindo como se fossem amigos havia décadas.

Por que nunca fazem perguntas difíceis para as pessoas que são muito boas em responder a perguntas difíceis, enquanto gente como eu está sempre sendo forçada a fazer coisas aparentemente impossíveis?

A pior parte era saber que, se padre McNamee não estivesse com a gente, o agente da patrulha não nos teria deixado entrar no Canadá. Ele provavelmente teria nos prendido e nos jogado na cadeia, porque Max, Elizabeth e eu teríamos ficado assustados e gaguejado durante a parte das perguntas e respostas, e o agente não teria sido capaz de entender por que estávamos agindo tão — como ele diria — estranhamente.

Idiota!, gritou o homenzinho, e nesse momento acreditei nele.

Nada realmente importante aconteceu até chegarmos a Montreal.

Padre McNamee reservara um hotel de luxo para a gente. Estacionamos no subsolo e poderíamos nadar na cobertura, porque havia uma piscina aquecida que ficava metade ao ar livre e metade em ambiente fechado. Max e eu demos uma olhada nela, mas não entramos porque eu não sei nadar — na verdade, tenho pavor de água —, e nem eu nem Max havíamos trazido roupas de banho.

De pé no deque da cobertura, observando o vapor subir da piscina em meio ao ar de inverno, Max disse:

“Como a gente vai pagar essa porra? Elizabeth e eu estamos falidos! Este hotel deve custar dinheiro para caralho! Que merda, hein?”

“Padre McNamee disse que Deus proverá”, respondi.

“Você acredita mesmo em Deus, porra?”, perguntou Max.

“Sim”, falei. “Você acredita mesmo em alienígenas?”

“Sim, porra”, disse Max.

“O que você vai fazer depois de visitarmos o Parlamento dos Gatos?”

“Não sei, porra”, falou Max. “Trouxemos todas as nossas roupas. Deixamos a merda da nossa chave no apartamento. Não pagamos o aluguel do último mês. Somos sem-teto, merda.”

“Você não está preocupado?”

“*Porra*”, disse Max, assentindo e erguendo as sobrancelhas.

“Também estou preocupado.”

“Por que *você* está preocupado, porra?”

“Porque não sei o que fazer sem minha mãe. Nem tenho certeza de como minhas contas estão sendo pagas. Tipo a de luz, de água, a da televisão a cabo e todas as outras que minha mãe costumava pagar.”

“Você não está pagando esses filhos da puta?”

“Não.”

“Alguém está pagando esses filhos da puta, ou eles já teriam cortado o serviço. Nada é de graça, porra.”

“Quem estaria pagando?”

“Como é que eu vou saber, porra?”

Antes, toda vez que eu pensava nisso, minha cabeça começava a doer.

Assim que eu soubesse quem estava pagando minhas contas eu ficaria devendo dinheiro a uma pessoa real. Verdade seja dita, eu não estava particularmente ansioso para desvendar esse mistério, pois eu não tinha dinheiro nenhum.

Eu me virei e observei a cidade de Montreal.

“É incrível estarmos aqui juntos. Você tem que admitir”, falei. “Chega a ser extraordinário.”

Max assentiu.

“Nunca pensei que conheceria o Canadá.”

“Nem eu, porra.”

Estávamos em uma espécie de plataforma de concreto, de costas para a piscina, olhando por cima de um muro de um metro e meio.

“Acho que para muitas pessoas normais, comuns, isso não seria grande coisa”, falei.

Max assentiu novamente e disse:

“Por que você acha que acabamos ficando tão diferentes da merda do mundo? Você pensa nessa porra? Pessoas como você, eu e Elizabeth... Por que nós existimos, porra?”

Pensei sobre isso e então — depois de vasculhar meu cérebro todo em busca de uma resposta para a primeira questão de Max e não encontrar nenhuma — respondi à segunda pergunta, dizendo:

“O tempo todo.” Após mais ou menos um minuto cheguei a uma conclusão e arrisquei: “Talvez porque o mundo precise de pessoas como nós?”

“Para que, porra? Não fazemos nada, merda! Eu só rasgo ingressos na porra do cinema! Qualquer um poderia fazer isso!”

“Bem, se não houvesse gente estranha e incomum para fazer coisas esquisitas ou não fazer nada, não poderia existir pessoas normais que fazem coisas úteis e normais, não é?”

“Que merda, hein?”

Max olhou para mim.

“A palavra *normal* perderia todo o sentido se não tivesse um oposto. E se não houvesse pessoas normais, o mundo provavelmente desmoronaria. São essas pessoas que cuidam de todas as coisas normais, como se certificar de que há comida no supermercado, entregar a correspondência, instalar semáforos, fazer nossos banheiros funcionarem direito, cultivar alimentos em fazendas, pilotar aviões com segurança, garantir que o presidente dos Estados Unidos tenha ternos limpos para usar e...”

“Uma ajudinha?”, disse uma voz. “Está muito frio para sair da piscina!”

Quando nos viramos, encontramos uma bola de praia aos nossos pés.

Uma família devia ter nadado por baixo da divisória e saído na parte descoberta da piscina, atrás de nós.

“Que merda, hein?”, sussurrou Max ao chutar a bola colorida para o sujeito.

O homem agarrou a grande bola com as mãos, abaixou-a para que pudéssemos ver seu rosto e disse:

“Obrigado!”

Ele parecia uma versão mais jovem de você, Richard Gere. Bonito, confiante, com barriga, peito e braços musculosos. O cabelo desgrenhado — apesar de estar molhado — parecia ter custado muito dinheiro e esforço para cortar e manter. Ele também lembrava um daqueles modelos de cueca que a gente vê nas propagandas que saem no jornal de domingo. A esposa dele usava um biquíni verde e, embora não fosse nenhuma Cindy Crawford, era tão bonita quanto Carey Lowell, que é muito linda, como você sabe muito bem. Havia um menino e uma menina entre eles — talvez com cinco e sete anos, ambos louros com dentes brancos e brilhantes, o tipo de criança que vemos sorrindo na televisão enquanto comem cereais no café da manhã —, e todos brincavam com a bola de praia, rindo e tentando pegar flocos de neve com a língua. Nesse instante, percebi que estava nevando.

O vapor saindo da pele deles parecia a alma de cada um, elevando-se e misturando-se acima da cabeça de cada um em uma dança alegre e harmoniosa que fez meu peito doer.

“Que merda, hein?”, sussurrou Max novamente, empurrando com o indicador seus óculos enormes nariz acima.

Era como se ele estivesse dizendo o que ando pensando com muita frequência: *O que há de errado com a gente? Por que somos tão estranhos? Por que isso — a família normal na piscina — parece tão certo e o que temos e somos parece tão errado em comparação?*

Mesmo que minha mãe e eu nunca tivéssemos nadado ao ar livre no inverno em uma cobertura de hotel com vista para uma cidade estrangeira, aquela cena me deixou com saudade dela. Fiz uma

rápida oração, pedindo que Deus deixasse minha mãe aparecer para mim nos sonhos ao menos mais uma vez.

O homem que parecia uma versão mais jovem de você, Richard Gere, continuava nos encarando. Demorou algumas espiadelas para eu perceber que o fato de estarmos olhando fixamente para eles estava começando a incomodá-los.

Dois homens disformes, estranhos, feios, usando botas e casacos fora de moda olhando para alguém é a receita para um mal-entendido, não é?

“Vamos”, falei.

Max concordou e me seguiu.

Não precisou de qualquer explicação.

Ele sabia o mesmo que eu, provavelmente porque levou o mesmo tipo de vida que eu, mesmo que seus detalhes pessoais tenham sido — e sejam — bem diferentes dos meus.

Metaforicamente, nós — e nossas histórias — éramos iguais.

Fomos para nossos respectivos quartos, tomamos banho e nos vestimos para ir comer.

Padre McNamee nos levou à Velha Montreal e jantamos em um restaurante pequeno e elegante. O padre perguntou se poderia fazer os pedidos para todos nós, e, quando concordamos, ele me surpreendeu, falando em francês.

Quando o garçom se foi, Max disse:

“Que merda, *hein*, francesinho?”

Ele estava de olhos arregalados, balançando a cabeça, impressionado, como se o padre tivesse feito um truque de mágica.

“Espero que me perdoem”, disse padre McNamee. “Esta é nossa última ceia.”

“Como assim?”, perguntei.

“Tudo vai mudar amanhã, quando você conhecer seu pai”, respondeu o padre, parecendo muito desconfortável. “Nada mais será o mesmo depois disso.”

Balancei a cabeça, só para facilitar as coisas.

Estava nevando lá fora, e, através da janela embaçada, ficamos observando os flocos caírem.

O garçom chegou com o vinho tinto e as taças. O padre experimentou, aprovou, e, em seguida, o garçom nos serviu.

“A novos começos, por mais estranhos que possam ser”, disse padre McNamee, erguendo sua taça.

Brindamos e bebemos.

Baguetes e uma receita francesa de sopa de cebola gratinada — pequenas tigelas marrons redondas cobertas com queijo borbulhante — vieram em seguida.

O padre partiu uma baguete em quatro pedaços, entregou um para cada um de nós e disse:

“Nós quatro estamos em pontos cruciais da vida. O milagre de termos nos encontrado e de estarmos aqui e agora, juntos, é mesmo extraordinário.”

Elizabeth e Max não disseram nada. Em vez disso, morderam o pão e começaram a mastigar.

“Se molhar na sopa fica melhor”, comentou o padre, enfiando, em seguida, a baguete no queijo de sua tigela até o pão ficar marrom e começar a se desfazer.

Todos fizemos a mesma coisa.

“Como você se sente em relação ao encontro com seu pai, Bartholomew?”, perguntou padre McNamee, examinando a própria sopa.

Eu não sabia o que responder.

Na minha mente e no meu coração, meu pai estava morto havia anos, e tinha uma parte de mim, lá no fundo, onde vive o homenzinho, que queria deixar as coisas assim.

Outra parte de mim ainda não acreditava que encontrar meu pai era ao menos uma possibilidade, apesar de o padre McNamee parecer muito confiante e de nunca ter mentido para mim.

“Parlamento dos Gatos daqui a dois dias, certo?”, disse Max.

“Isso”, respondeu o padre. Ele balançou a cabeça e olhou pela janela para as pessoas bastante encasacadas que passavam pela

calçada.

O garçom voltou e disse:

"Lapin."

Quatro pratos foram colocados diante de nós.

Carne com molho, ervilhas e cenouras.

"Bon appétit", disse o garçom antes de ir embora.

Começamos a comer. A carne estava macia e saborosa e parecia derreter feito manteiga na minha boca.

"O que é isso?", perguntou Elizabeth depois de engolir.

"Coelho", respondeu o padre. "Gostou?"

Elizabeth engasgou, cuspiu a comida e saiu correndo do restaurante.

Fui atrás dela.

Ela estava vomitando na neve amontoada entre a rua e a calçada, então segurei seu cabelo e esfreguei suas costas, como minha mãe costumava fazer quando eu ficava enjoado na infância. Todos no restaurante nos observavam pela janela.

Max e padre McNamee chegaram em seguida, e o padre perguntou:

"Você está bem?"

Elizabeth assentiu e disse:

"Só preciso de um pouco de ar. Deixem-me em paz, por favor. *Por favor!*"

Quando saiu andando pela rua, o padre disse:

"Vá atrás dela, Bartholomew!"

"Eu?"

"Que merda, hein, Elizabeth!", gritou Max. "Estamos tendo um jantar grátis. Já não era para você ter superado essa porra?"

O padre sorriu, piscou e disse:

"É sua grande chance. Vá."

Está nevando na Velha Montreal. Que lindo!, comentou você, Richard Gere. De repente você surgiu ali, com um casaco de couro e um cachecol xadrez, sorrindo para mim, seus olhos brilhando como meu novo cristal de tectita. *Use o encanto do momento! Comece o*

romance agora! Pode fazer a Meninatecária se apaixonar por você! Olhe ao redor. Esta cidade é toda charmosa! Use isso, garotão!

“Ela não gosta de ser chamada de Meninatecária”, falei para você enquanto eu corria atrás de Elizabeth.

Não importa, garotão. O que importa é que você vai ficar sozinho com a garota dos seus sonhos na Velha Montreal enquanto a neve cai suavemente ao seu redor. O amor é iminente. Você não pode falhar. Este é o seu momento. Dalai Lama diz: seja compassivo e tudo dará certo. Basta ser gentil. É tempo para o amor. Este é o momento perfeito. Dê a ela o conto de fadas!

“Ela está enjoada! Vomitou na neve!”

Esta é A Sorte do Agora, não é?

O mal que virá para o bem!

O outro lado da mesma moeda.

O universo está mandando um sinal. O universo colocou você nesta exata posição por um motivo. Agora é o seu momento, Bartholomew. A Sorte do Agora! Lembre-se da filosofia da sua mãe. O que ela diria para você? O que sua mãe diria para a gente?

Você parecia muito orgulhoso de mim, Richard Gere, e eu me perguntava como você tinha me encontrado no Canadá. Então me lembrei das cartas que eu escrevera, explicando para onde eu estava indo. O fato de você ter vindo me ajudar — ainda mais sabendo como você é ocupado com sua carreira e com os compromissos oficiais do Dalai Lama — significou tanto, tanto para mim que quase comecei a chorar.

Obrigado, Richard Gere.

Obrigado um milhão de vezes.

Com um amigo como você, senti que realmente não poderia deixar de impressionar Elizabeth.

Legal esse cristal de tectita, você disse quando o viu escapar do meu casaco com zíper enquanto eu corria pela calçada atrás de Elizabeth, tentando não escorregar no gelo.

“Obrigado”, respondi.

Você piscou, balançou a cabeça, fez sinal de positivo com sua elegante luva de couro e, em seguida, desapareceu feito um fantasma.

Quando alcancei Elizabeth, percebi que ela ainda estava abalada, então andei ao lado dela durante uns sete quarteirões, recuperando o fôlego e permitindo que ela descarregasse a energia ruim na caminhada, como eu já havia feito com o padre McNamee.

Decidi esperar que ela falasse primeiro, antes que eu dissesse qualquer coisa.

Quando chegamos ao rio Saint Lawrence, Elizabeth parou e disse:

“Max me pediu para garantir que você usaria seu cristal de tectita o tempo todo.”

“Sim”, falei, dando um tapinha no cristal com a luva. “Não tirei desde que ele me deu.”

Ela tirou outro colar de couro do bolso do casaco e falou:

“Max disse para você usar este também. Você fez por merecer, usando o primeiro por mais de vinte e quatro horas. Pelo que meu irmão pesquisou, as chances de abduções alienígenas são maiores perto de rios. Então, de acordo com Max, você vai se beneficiar com uma proteção extra.”

Peguei o outro cristal de tectita e obedientemente coloquei-o junto ao primeiro. Foi difícil fazer isso usando luvas de inverno, mas consegui.

Ficamos ali em silêncio por algum tempo.

Então, Elizabeth disse:

“Você provavelmente acha que sou louca por ter agido daquele jeito agora há pouco.”

“Não”, respondi.

“Sim.”

Ela olhou para mim sob suas belas sobrancelhas, através da cortina de cabelo castanho que, no momento, pendia de um chapéu roxo de tricô feito à mão.

Mordi o lábio inferior e balancei a cabeça.

Ficamos olhando para o rio durante o que pareceu meia hora.

Por fim, ela disse:

“Você pode achar que esta é uma explicação sentimental idiota, mas tive coelhos quando era criança. Minha mãe os comprou para criar e vender, mas o cara que os vendeu mentiu para nós, e não demorou até que descobríssemos que nossos dois coelhos eram machos. Mamãe logo perdeu o interesse, como sempre acontecia, ou então estava com preguiça demais de encontrar uma fêmea. Ela os deixou de lado, começou a fingir que não existiam, provavelmente porque seu orgulho a deixava com vergonha por ter sido enganada. Assim, adotei os coelhos abandonados como animais de estimação e comecei a amá-los. Adorá-los. Eu conversava com eles. Cheguei a roubar comida para eles de uma fazenda ali perto. Contei meus segredos, sussurrando em suas orelhas longas e aveludadas durante horas a fio.”

Eu não sabia o que dizer, embora isso obviamente explicasse por que ela vomitou.

Aquilo me deixou muito triste.

“Max nunca os amou tanto quanto eu”, disse ela, começando a caminhar ao longo do rio.

Balancei a cabeça e a segui.

“Você não vai dizer nada?”, perguntou Elizabeth.

“Vou.”

“Diga alguma coisa.”

“Alguma coisa.”

“Não foi engraçado.”

Eu não estava tentando ser engraçado, então fiquei com vergonha. Nesse momento, senti o homenzinho no meu estômago rindo de mim, rolando dentro da minha barriga, chegando a chorar de tanto rir, porque eu estava falhando de uma forma horrível.

Andamos cerca de um quarteirão.

Então ela disse:

“Os nomes dos meus coelhos eram Pooky e Moo Moo. Eles gostavam mais de alface do que de cenouras. Era de se esperar que

coelhos preferissem cenouras, mas não aqueles dois. Talvez fossem coelhos estranhos.”

Eu não sabia o que dizer.

“Max adora gatos”, continuou ela.

De algum modo, recuperei a voz e comentei:

“Sim, ele adora. Alice era uma boa gata?”

“Ela era uma gracinha. Mas era a gata do *Max*, não minha. Pooky e Moo Moo eram meus. Nunca existirá outro Pooky nem outro Moo Moo.”

“Mãe era minha”, falei antes que eu pudesse de fato pensar no que queria dizer. “Também nunca existirá outra mãe para mim. Ela era única.”

“Você realmente amava sua mãe?”

“Sim. Você amava a sua?”

“Eu a odiava. Costumava fantasiar sobre matá-la enquanto ela dormia. Cortar o pescoço dela com uma faca de carne. Às vezes eu imaginava passar a lâmina em seu pescoço, abrindo ali um enorme sorriso vermelho. Outras vezes eu apenas esfaqueava a jugular dela repetidamente. Desculpe. Sei que isso é muito doentio. Mas, nossa, como eu queria matar minha mãe quando era pequena!”

“Por quê?”

“Por um milhão de razões. *Infinitas razões.*”

Caminhamos por mais alguns quarteirões, as mãos enluvadas nos bolsos.

“Minha mãe matou Pooky e Moo Moo e me fez comê-los quando eu era criança.”

Eu não soube o que dizer sobre isso.

“Ela só me contou o que eu estava comendo depois que terminei. Com um sorriso, como se estivesse arrematando uma piada. Você não pode imaginar a culpa que senti. Durante meses senti Pooky e Moo Moo dentro de mim, tentando sair do meu estômago. Ela fez chaveiros com os pés deles e me deu de presente no Natal seguinte. Gritei quando abri o embrulho e comecei a chorar. Ela me chamou de esquisita, ingrata, mimada, fraca e boba. Então riu de mim e

disse para Max que a irmã dele era sentimental. Ela usou exatamente essa palavra. *Sentimental*. Como se fosse uma falha de caráter. Como se fosse horrível ter sentimentos. Admitir que você sente falta das coisas. Cuidar delas. Até mesmo amá-las.”

“Quantos anos você tinha?”

“Sete.”

“Por que ela matou seus coelhos?”

“Nós éramos pobres. Não tínhamos comida. Não podíamos mesmo nos dar o luxo de alimentá-los. Minha mãe era uma psicopata. Eu sou uma azarada. Todas essas coisas.”

“Padre McNamee não sabia que...”

“Como ele poderia saber?”

“Sinto muito”, falei.

“Você não fez nada errado”, disse Elizabeth.

Senti como se eu tivesse falhado terrivelmente no quesito romance, pois só conseguimos conversar sobre os traumas de infância de Elizabeth e seus pensamentos adolescentes de matricídio.

Difícilmente aquela conversa se tornaria romântica.

“Diga algo de bom”, pediu. Elizabeth parou de andar e me encarou, fitando meus olhos com um desespero assustador. “Por favor! Qualquer coisa. Diga algo agradável. Algo que me faça sentir que o mundo não é um lugar terrível. Estou acabada, Bartholomew. Não me importo mais. Diga algo que faça com que eu me importe. Vamos. Diga uma coisa boa. Uma coisa boa e verdadeira. Se você puder fazer isso, então, talvez, apenas talvez...”

Não chegou a terminar a frase, mas suspirou, e me perguntei o que ela ia dizer.

Elizabeth continuou procurando meus olhos, mas eu não tinha a menor ideia do que deveria dizer em resposta. Eu esperava que você, Richard Gere, aparecesse para me ajudar, porque, em todos os seus filmes, você sempre sabe o que dizer para as mulheres nessas situações, mas, infelizmente, você não se materializou.

“Como o quê?”, falei, tentando ganhar tempo.

“Alguma coisa agradável sobre sua mãe, talvez.” Ela estava soluçando, os olhos cheios de lágrimas. “Algo que me faça esquecer que acabei de comer coelho, que não tenho onde morar. Que minha vida tem sido uma brincadeira sádica e cruel, que tudo vai acabar logo.”

“Acabar?”, perguntei.

Eu odiava vê-la tão triste, mas eu não sabia ao certo o que fazer.

“Conte alguma coisa sobre a sua mãe. Algo agradável”, falou Elizabeth, ignorando minha pergunta. “Muito fofo. Você parece ser um homem fofo, Bartholomew. Então, por favor, por favor, por favor. Algo fofo.”

Pensei a respeito. Havia um milhão de coisas agradáveis para escolher entre as lembranças da minha mãe.

“A primeira coisa fofo que passar pela sua cabeça”, disse ela. “Não pense. Apenas fale. *Por favor*. Você deve ter boas lembranças da sua mãe se a ama tanto assim. Deve ser fácil para você! Preciso ouvir alguma coisa fofo. Até mesmo *sentimental*.”

De repente, eu estava falando sem pensar — as palavras fluíram para fora de mim como ar — e fiquei completamente surpreso por estar tagarelado. Era como se ela tivesse encontrado meus botões de quente e frio, fazendo, assim, as palavras subitamente jorrarem da minha torneira.

“Quando eu era criança, minha mãe me disse que se eu escrevesse uma carta para o prefeito da Filadélfia — primeiro foi o prefeito Frank Rizzo e depois William Green — pedindo permissão especial para visitar o prédio da prefeitura, eu poderia observar a cidade da alta cúpula sobre a qual está William Penn. Então eu escrevia muitas cartas e passava dias pensando em um argumento convincente para justificar por que eu deveria ter essa permissão especial. Escrevia que eu estava me esforçando muito na escola, que eu era um bom filho, sempre cumprindo todas as minhas tarefas na hora certa, fazendo tudo o que minha mãe mandava, prometendo que votaria em todas as eleições quando tivesse idade para isso — uma promessa que tenho cumprido religiosamente, pois minha mãe

me ensinou que é meu dever patriótico como americano — e contando que eu ia à missa toda semana e tentava ser um bom católico.

“Então eu escrevia a carta várias e várias vezes até minha letra ficar boa o bastante para ser lida por um prefeito de verdade que fora oficialmente eleito. Eu dava a carta para mamãe ler, e, quando a deixávamos na caixa de correio do bairro, nós dois cruzávamos os dedos e esperávamos que o prefeito ficasse comovido e nos deixasse visitar a prefeitura. Porque, afinal, eu vinha sendo um bom menino.

“Eu sempre recebia uma resposta manuscrita e personalizada mais ou menos uma semana depois, dizendo que eu era um bom menino e que tinha sido autorizado a visitar a prefeitura. Mamãe e eu seguíamos a pé e de mãos dadas pela Broad Street, notando a prefeitura ficar cada vez maior, pegávamos o elevador até o topo do prédio — que, aliás, já foi um dos edifícios mais altos do mundo e, até 1987, o mais alto da Filadélfia — e observávamos de cima a Cidade do Amor Fraternal, notando como a Filadélfia fora projetada em ângulos retos, como uma grande rede construída pelo mais meticuloso dos urbanistas, que estava bastante determinado a garantir que ninguém nunca se perderia. Eu ficava muito orgulhoso de estar tão alto no céu olhando lá para baixo, sabendo que eu tinha merecido aquilo por ser um menino exemplar.”

Dava para ver a emoção nos olhos de Elizabeth, e eu esperava estar indo bem até o momento, porque meu coração estava acelerado, e minhas luvas, encharcadas de suor.

“Só depois de me tornar adulto descobri que qualquer um tem permissão para subir ao topo da prefeitura, independentemente de ter sido uma boa pessoa ou não. Foi minha mãe que respondeu às cartas, fingindo que eram do prefeito.

“Então visitei o topo da prefeitura novamente depois de adulto, fiz o mesmo passeio, porém, é claro que não era mais tão especial, porque qualquer um podia fazer aquilo, e eu não tinha feito por merecer. O edifício não se ergueu majestosamente do asfalto

quando descí a Broad Street, a subida de elevador não fez meu coração disparar, não achei a vista tão espetacular assim, os ângulos retos dos quarteirões da cidade não me pareceram tão nítidos, e eu nem quis ficar lá por muito tempo, não sem minha mãe.”

“Ela parece ter sido maravilhosa”, comentou Elizabeth, e sorriu.

“Ela era.”

“Você sente falta dela.”

“Bastante.”

“Sinto muito pela sua perda.”

“Sinto muito que você tenha sido forçada a comer seus coelhos de estimação e sequestrada por alienígenas.”

Ela se sentou em um banco, e me sentei ao seu lado.

Observamos a neve cair do céu sobre o rio.

Pensei que Elizabeth observaria o céu noturno, tentando avistar OVNI's, mas ela não ergueu o queixo nenhuma vez.

Não estava interessada em OVNI's naquela noite, nem em falar sobre alienígenas.

De tanto assistir a filmes, eu sabia que estava na hora de abraçar Elizabeth. Meu coração quase explodia só de pensar na possibilidade de estar com o braço ao redor de outro ser humano, nossas costelas separadas apenas pelos nossos casacos.

Mas não a abracei.

Só continuamos sentados um ao lado do outro no banco até nossos chapéus estarem completamente cobertos de neve branca e nossos narizes ficarem vermelhos.

Quando ela se levantou, me levantei também.

Voltamos para o hotel em silêncio, deixando duas trilhas de pares de pegadas que logo seriam cobertas pela neve que caía e, em seguida, varridas para o lado, apagando então todas as evidências da nossa caminhada pela Velha Montreal. Pensei em quantos milhões de pessoas tiveram momentos tranquilos e significativos naquela cidade, momentos que foram muito importantes para quem os vivenciou, mas insignificantes para todos as demais pessoas do mundo.

Elizabeth abriu a porta do seu quarto com o cartão de plástico e, em seguida, disse:

“Boa noite, Bartholomew.”

“Boa noite”, respondi, em pé no corredor.

Ela ficou bastante tempo me encarando, com a mão na maçaneta e a porta entreaberta.

Depois, enfiou a mão no bolso e tirou outro colar de tectita.

Quando Elizabeth ergueu o cordão de couro, abaixei a cabeça. Ela colocou o colar em volta do meu pescoço e assentiu.

Assenti de volta.

“Max queria que você ficasse com isso quando fizesse por merecer. Você mereceu”, disse ela, e então entrou no quarto.

Foi engraçado, porque duas pedras de tectita realmente não pesavam, mas percebi o peso de três.

Não eram muito pesadas, mas palpáveis.

Era um ponto de inflexão.

Fiquei no corredor por algum tempo, me perguntando por que — depois de passar o dia inteiro com três pessoas — me sentia mais solitário do que jamais me sentira em toda a vida. Ainda assim eu não queria ir para o quarto ficar com o padre McNamee.

Eu queria continuar com Elizabeth. Ter ficado sentado ao lado dela em silêncio por mais cinco minutos teria sido divino.

Eu também queria ficar sozinho, o que foi confuso.

De algum modo, acabei sozinho na cobertura do hotel, ao lado da piscina fumegante que estava iluminada, emitindo um brilho azul e maravilhoso.

Olhei para a cidade e me perguntei se meu pai biológico estava realmente lá fora, em algum lugar, em Montreal.

Olhei para cima e imaginei onde estaria minha mãe.

Eu me sentei em uma cadeira e senti o frio no rosto enquanto observava flocos de neve evaporarem instantaneamente, assim que tocavam a piscina azul e clorada de água quente. Fiquei questionando se o que eu estava testemunhando poderia ser uma metáfora para nossa vida, como se fôssemos apenas pequenos

fragmentos caindo em uma dissolução inevitável, se é que isso faz algum sentido.

Fiquei ali sozinho pelo que pareceram horas, me sentindo um floco de neve no instante em que atinge a piscina aquecida, imaginando se aquilo realmente poderia ser toda nossa vida resumida no grande esquema do universo.

Mesmo minha mãe não tendo aparecido para mim, conversei com ela durante algum tempo, contando tudo o que tinha acontecido e perguntando se meu pai ainda poderia estar vivo. Mas a única resposta que tive foi o barulho do trânsito da rua ao longe, bem, bem lá embaixo.

Quando entrei no quarto de hotel em que eu dormiria, padre McNamee não estava roncando. Ele dormia tranquilamente, então tentei não fazer barulho e não acendi a luz. O quarto fedia a uísque, o que significava que o padre estaria mais uma vez de ressaca pela manhã.

Deitei-me na minha cama e pensei que eu estava no Canadá — e em quão estranho aquilo parecia — enquanto olhava para o teto.

Canadá, hein?

Não parecia real.

Como se talvez ali fosse apenas uma área desconhecida da Filadélfia, ou uma parte conhecida disfarçada, como se a cidade estivesse brincando de Halloween geográfico, por mais louco que isso pudesse parecer.

Então, enquanto o padre dormia, usei a minilanterna do meu chaveiro e escrevi esta carta para você. Eu me esforcei para terminar antes que chegasse a hora de ir para o Oratório de São José, quando poderíamos ver o coração preservado de um milagreiro e encontrar meu pai biológico pela primeira vez.

Seu fã e admirador,
Bartholomew Neil

ESTA É A COISA MAIS RACIONAL A SE FAZER NO MOMENTO, DADAS AS CIRCUNSTÂNCIAS INFELIZES QUE SUCEDERAM

Prezado Sr. Richard Gere,

Quando acordei no dia em que iríamos ao Oratório de São José para encontrar meu pai diante do coração preservado do Santo Irmão André, padre McNamee ainda estava dormindo, então olhei pela janela do nosso quarto de hotel e fiquei admirando a cobertura de neve fresca que caíra durante a noite. Parecia que a cidade tinha sido enterrada sob uma camada de areia branca e fina e estava emergindo outra vez conforme diversas marés de transeuntes matinais varriam as ruas e as calçadas.

Sorri para o meu reflexo na janela que se sobrepunha à cidade. Senti uma agradável leveza no peito, tomei banho e depois me vesti.

Deixei o padre dormir por mais algum tempo, pois havia duas garrafas de uísque vazias na mesa de cabeceira, embora fosse muito incomum ele continuar dormindo depois das seis e meia, independentemente de quanto tivesse bebido na noite anterior.

Eu estava bastante nervoso com a possibilidade de conhecer meu pai biológico, mas a maior parte de mim achava que meu encontro com ele era completamente impossível. Por isso, eu não estava *tão* nervoso, porque como alguém pode temer uma impossibilidade?

Padre McNamee não andava se comportando de forma muito estável, e eu não queria alimentar esperanças. Tinha certeza de que a ideia de conhecer meu pai em Montreal era mero produto da contínua batalha do padre contra a loucura. Provavelmente aquilo acabaria da mesma forma que nosso resgate de Wendy.

Mas me permiti pensar um pouco na possibilidade abstrata de conhecer meu pai. Decidi que, se isso de fato acontecesse, por exemplo, em um universo paralelo ou algo assim, eu deveria ficar bravo por ele ter nos deixado, ainda mais por ter me deixado quando criança. Eu era um menino muito impressionável e sofria mais sem pai do que sofreria se houvesse tido um — até mesmo um pai medíocre. Também deveria ficar bravo, principalmente, por ele não ter proporcionado um conto de fadas para minha mãe, porque ela merecia isso. Se alguma mulher merecia, era minha mãe.

Teoricamente falando, talvez eu devesse sentir tanta raiva dele quanto Elizabeth tinha da mãe, porque o que era pior: abandonar o filho ou fazer a filha comer seus coelhos de estimação? Decisão difícil.

No mundo real, porém, que é onde está minha vida, eu não sentia raiva.

Como eu poderia odiar um estranho?

Como eu poderia ter raiva de um homem que nunca conhecera?

Max ligou para nosso quarto e, quando atendi o telefone, ele disse:

“Estamos prontos. Que merda, hein? Vamos tomar a porra do café da manhã? Meu estômago está roncando, hein, caralho.”

“Padre McNamee ainda está dormindo”, sussurrei.

“Vamos comer sem ele. Tem a porra de um café da manhã grátis lá embaixo. Bolinhos e coisas assim. Mas existe a porra de um limite de tempo nessa bosta. É o que diz a merda do folheto que deixaram ao lado da cama, hein. O tempo é essencial quando se trata de tomar café da manhã na porra do Canadá.”

“Tudo bem”, murmurei.

Escrevi um bilhete para o padre, para que ele soubesse onde estaríamos, assim não ficaria confuso ao acordar. Então Elizabeth, Max e eu tomamos café com bolinhos no andar de baixo, no sofisticado saguão do hotel, sentados em canadenses bancos de couro vermelho.

“Hoje é o grande dia”, disse Elizabeth.

“Grande dia será quando formos à porra do Parlamento dos Gatos!”, retrucou Max. “Hein?!”

Assenti, olhei para o relógio na parede, vi que já passava das dez e disse:

“É melhor eu conferir se o padre McNamee já acordou.”

No corredor, do lado de fora do nosso quarto, bati na porta com força para que o padre soubesse que eu estava entrando, e talvez para acordá-lo caso ainda não tivesse se levantado. Então entrei.

Ele continuava dormindo.

“Padre?”, chamei. “Padre, está ficando tarde.”

Ele não acordou, então sacudi suavemente seu ombro e, em seguida, me senti como se estivesse sufocando.

Padre McNamee estava gelado.

Era como se ele tivesse virado pedra no meio da noite, porque estava frio, duro e mais branco do que a neve lá fora.

Meu lado racional soube imediatamente que ele estava morto.

Parte do meu cérebro estava sóbria, firme e funcionando muito bem.

Mas meu lado irracional assumiu o controle e começou a sacudi-lo com violência, gritando:

“Padre McNamee, acorde! Vamos ao Oratório de São José hoje! Lembra? Você prometeu que eu ia encontrar meu pai diante do coração preservado do Santo Irmão André Bessette! Você me prometeu um milagre! Acorde! Acorde! Acorde! Isso não é engraçado! *Acorde! Padre!*”

Mas ele não acordou, e o lado racional do meu cérebro sabia que ele não ia acordar, mas o problema era que o lado racional estava perdendo para o lado irracional da minha mente, e começava a

parecer que aquela batalha era uma causa perdida. A racionalidade estava sendo massacrada e se encontrava em uma desvantagem de ao menos dez pensamentos irracionais contra um racional. Comecei a tremer, a chorar e a sentir como se estivesse prestes a desmaiar e...

Então, Richard Gere, você se materializou naquele momento. Não acho que eu teria sido capaz de enfrentar aquela situação se você não tivesse aparecido.

Você surgiu.

Para me resgatar da irracionalidade.

Você surgiu.

Vestia um manto vermelho e amarelo de monge budista, e seus olhos brilhavam mais do que de costume.

Bartholomew, você disse para mim, Richard Gere. Chegou a hora do padre McNamee. O universo é assim. Nossa vida aqui na Terra é transitória. É o que deveria ser. Respire. Inspire. Expire. Repita. Inspire. Expire. Repita.

Você me ensinou boas técnicas de respiração, alongando a coluna, mas eu estava muito chateado para respirar corretamente.

“Ele ia me apresentar ao meu pai hoje! Por que Deus nos fez percorrer todo o caminho até Montreal com a intenção de me apresentar ao meu pai se Ele sabia que o padre McNamee ia morrer na véspera? Não faz sentido algum! Isso não faz sentido algum! Padre McNamee deve ter deixado algum tipo de bilhete explicando o que eu deveria fazer em seguida. Deve ter uma pista aqui que vai me explicar tudo.”

Comecei a revistar o quarto do hotel.

Você não vai achar nenhum bilhete, porque não existe, disse você, confiante.

“Como sabe?”

Richard Gere sabe tudo sobre sua vida, Bartholomew, porque Richard Gere vive dentro da sua mente, lá no fundo, no núcleo da sua consciência.

“Não entendo”, falei enquanto continuava procurando algum bilhete do padre McNamee, revistando a mala dele, as gavetas da mesa e da cômoda, enfiando os braços e as mãos debaixo da cama e não encontrando nada. “Não entendo! Por que Deus deixaria o padre morrer apenas algumas horas antes de completar sua missão? Antes que ele pudesse me apresentar ao meu pai de verdade? Por que Deus me deixaria sozinho no Canadá?”

Você sorriu como mamãe costumava sorrir para mim quando eu era menino e lhe fazia aquelas perguntas que intrigam as crianças, mas que todos os adultos sabem a resposta. Perguntas como: por que os pássaros cantam? Por que as árvores parecem mais bonitas quando estão perdendo as folhas no outono? Por que lutamos em guerras? Por que comer sorvete dá dor de cabeça? Ou por que as pessoas sempre riem de mim?

Você está sozinho? Não está viajando com outras pessoas?

Pensei no que você estava insinuando — que talvez tivesse um motivo —, mas não falei nada.

Você conhece os koans budistas?, perguntou você, Richard Gere.

“Não”, respondi, mesmo me lembrando vagamente de certa vez ter lido algo sobre isso na biblioteca.

No Ocidente, as pessoas muitas vezes pensam erradamente que os koans são enigmas, testes intelectuais, algo a ser resolvido. Mas uma interpretação mais correta seria a de que os koans são breves histórias sobre as quais meditar. Eles não têm resposta. Não podemos “resolver” ou “entender” estes koans mais do que podemos resolver ou entender uma estrela cadente, o rugido de um leão, o cheiro do orvalho fresco sobre as rosas ou a sensação da areia morna entre nossos dedos dos pés. Só podemos refletir a fundo sobre todas essas coisas e nos deleitar com o mistério. É um erro achar que há uma resposta ou uma solução correta, mas também é bom refletir. Dalai Lama concordaria com isso. Confie em mim. Ele e eu somos amigos.

“O que isso tem a ver com o padre McNamee ter morrido poucas horas antes de me dizer quem é meu pai biológico?”

Você sorriu para mim como se eu fosse uma criança.

Está me pedindo para resolver um koan? Não há resposta, Bartholomew. Nenhuma. Mas serve para refletir sobre a questão que reside no âmago da sua história atual. Suspeito de que você vai refletir sobre isso durante muitos anos, o que o deixará mais sábio. Isso tornará sua experiência da atual realidade ainda melhor.

“Então você está dizendo que esta história em que estamos envolvidos agora é um koan, algo que não tem significado, mas que serve para meditar?”

Possui um grande significado! Só não tem uma resposta.

“Você está me confundindo!”

Não, você está confuso independentemente da minha influência.

“O que eu faço?”

Vá chamar uma ambulância, Bartholomew. Esta é a coisa mais racional a se fazer no momento, dadas as circunstâncias infelizes que sucederam. Mas, primeiro, pegue o dinheiro e os cartões de crédito na carteira do padre McNamee.

“O quê? Por quê?”

Ele queria que você fizesse esta viagem. Você vai precisar de dinheiro para concluí-la. Confie em mim. Isto é totalmente aceitável. Padre McNamee gostaria que você pegasse o dinheiro e os cartões de crédito que ele reservou para esta viagem e a completasse em sua homenagem. Consulte seu coração e vai descobrir que o que estou falando é verdade.

Consultei meu coração, que concordou com você, Richard Gere.

Vi a carteira do padre em cima da mesa.

Vamos lá, disse você, Richard Gere, e fiz o que me falou para fazer. Esvaziei a carteira dele, enfiei o dinheiro e os cartões de crédito nos bolsos. E...

Vi algo que fez meu coração disparar, mas que também me surpreendeu ao me proporcionar uma calma aconchegante e profunda.

Agora esconda a carteira vazia na sua mala para que a polícia não a veja, disse a voz na minha cabeça, mas, já não era mais a sua voz,

Richard Gere.

Você tinha ido embora.

Não era a voz da minha mãe nem a do homenzinho furioso.

Será que era minha própria voz?

De qualquer modo, fiz o que a voz mandou, guardando a carteira do padre em um compartimento que ficava meio escondido atrás de uma pilha de cuecas brancas e limpas dentro da minha mala.

Bom, disse a voz. Agora, ligue para a recepção e diga para quem quer que atenda que você precisa imediatamente de uma ambulância.

Levou cerca de quinze minutos, durante os quais fiquei calmamente sentado na cama, sem conseguir pensar em nada, chocado e submisso.

Padre McNamee foi declarado morto no mesmo instante.

Dois homens corpulentos tiveram dificuldade para colocar o corpo sólido e roliço na maca, mas, com muito esforço e suor, finalmente o suspenderam. Em seguida, o cobriram com um lençol branco e o levaram embora.

Depois, dois policiais locais me interrogaram no quarto do hotel. Um era alto, com uma verruga na ponta do nariz, e o outro era baixo, com longas costeletas. Ambos seguravam lápis recém-apontados e blocos com espiral do tamanho de fatias de pão, onde anotavam furiosamente sempre que eu falava.

“Lamentamos a sua perda”, disse Costeletas.

“Infelizmente, temos que fazer algumas perguntas para você”, comentou Verruga.

“E pedimos desculpas antecipadamente se alguma das perguntas parecer desrespeitosa dadas as circunstâncias, mas temos que fazer nosso trabalho”, falou Costeletas.

Assenti.

“O que você estava fazendo no Canadá com o falecido?”, perguntou Verruga.

“Nós estávamos em uma peregrinação ao Oratório de São José. Planejavamos visitar o Parlamento dos Gatos em seguida.”

"*Parlamento dos Gatos?*", falou Verruga, anotando.

"Em Ottawa", acrescentei.

Os policiais trocaram olhares.

"Perdoe a pergunta, mas isso é um randevu?", perguntou Costeletas enquanto escrevia.

"O quê?"

"Hum... Bem... Um clube de cavalheiros. Um lugar onde você paga para as mulheres tirarem a roupa. Strippers."

"Não, o Parlamento dos Gatos é um lugar onde gatos selvagens podem vagar livremente. Acho que fica perto dos prédios do Parlamento, em Ottawa."

Os policiais se entreolharam outra vez, ergueram as sobrancelhas e, em seguida, continuaram fazendo anotações.

"Vocês beberam na noite passada?", questionou Costeletas, e apontou a borracha do lápis para as garrafas de uísque vazias.

"Eu, não. Mas padre McNamee bebia todos os dias."

"Você o encontrou morto esta manhã? Morto na cama?"

"Sim."

"Vocês estavam viajando com mais alguém?"

"Max e Elizabeth estão no saguão. Eles ainda não sabem o que aconteceu."

"Você gostaria que eu chamasse os dois?", ofereceu Verruga.

Olhei para ele, sem saber por que havia perguntado aquilo.

"Você parece em estado de choque", comentou Costeletas. "Talvez não devesse ficar sozinho."

Concordei com a cabeça.

Aquilo pareceu razoável.

"Max e Elizabeth, você disse? São esses os nomes que devo chamar?", perguntou Verruga, e, quando aquiesci, ele disse "Entendi" e saiu.

Costeletas andou até a janela e olhou para fora.

"Como você acha que ele morreu?", eu quis saber.

"Não sei. O mais provável é que tenha sido um ataque cardíaco. Talvez intoxicação alcoólica. Vamos ter que esperar os resultados da

autópsia para determinar a causa exata da morte.”

“Por que você acha que ele morreu?”, deixei escapar antes que pudesse me conter.

“Como assim?”

“Por que você acha que ele morreu? Estávamos tão perto... Ele me trouxe até aqui.”

“Não estou entendendo”, sussurrou o policial com costeletas, deixando de escrever cada palavra que eu dizia no seu bloco de anotação.

Baseado em seu olhar percebi que ele estava preocupado, como se talvez estivesse começando a ter medo de mim — eu já vira aquele olhar muitas vezes —, então não fiz mais perguntas.

“Essas coisas são sempre difíceis”, disse ele. “Talvez seja melhor deixar as perguntas mais importantes para outro dia. Um terapeuta de verdade deve estar melhor preparado para ajudá-lo com essas coisas.”

Achei que provavelmente ele tinha razão, mesmo que eu houvesse falhado de forma tão miserável com Wendy e Arnie. Quando olhei para meus cadarços marrons, o policial voltou a observar pela janela.

Poucos minutos depois, o mais alto deles voltou com Elizabeth e Max.

“Que merda, hein?”

“Ai, meu Deus! Não consigo acreditar. Você está bem, Bartholomew?”

Os policiais se entreolharam mais uma vez, e em seguida Costeletas disse:

“Vamos deixar vocês sozinhos agora. Mas precisaremos dos seus nomes, números do passaporte e endereços residenciais.”

Dissemos a eles nossos nomes e endereços, e Elizabeth deu o endereço antigo, sem explicar que haviam sido despejados, o que achei uma ideia inteligente, ela pensou rápido. Os dois copiaram meticulosamente as informações dos nossos passaportes antes de nos darem seus cartões e nos dizerem para entrarmos em contato

em vinte e quatro horas, depois de termos avisado a família do padre McNamee, a fim de que pudéssemos tomar as providências necessárias para que o corpo fosse mandado de volta à Filadélfia.

Então os policiais se foram.

"Mas que merda mais merda, hein?", disse Max, e deu alguns tapas na lateral da própria cabeça, como se estivesse tentando tirar ketchup de um frasco.

"O que aconteceu?", perguntou Elizabeth.

"Realmente não sei."

"Como ele morreu?"

"Acho que deve ter bebido até morrer na noite passada. Encontrei ele morto na cama."

"O que vamos fazer agora?", perguntou ela.

"Não sei."

"Não consigo acreditar que padre McNamee está mesmo morto", comentou Elizabeth.

"*Merda.*"

Max e Elizabeth se sentaram na minha cama desarrumada e ficamos bastante tempo em silêncio. Era como se estivéssemos dedicando um minuto de silêncio em homenagem ao padre McNamee. Wendy diria que estávamos "processando o que havia ocorrido, avaliando as informações relevantes".

Por fim, Elizabeth disse:

"Será que devíamos ir ao Oratório de São José?"

"Para quê?", perguntei.

"Padre McNamee ia querer que a gente fosse", disse ela. "Quem sabe seu pai está lá?"

"É! Que merda, hein?"

"Acho que não vamos encontrar meu pai hoje", falei.

"Como você sabe?"

Eu não disse nada para Max e Elizabeth naquele momento, mas, enquanto esvaziava a carteira do padre, encontrei uma foto de minha mãe, ele e eu tirada quando eu era criança. Estávamos na enorme roda-gigante de Ocean City, girando no céu, e no auge do

passeio o padre estendeu a câmera com o braço e tirou uma foto de nós três. Espremido entre os dois, eu parecia apavorado, mas mamãe e padre McNamee sorriam, dando a impressão de estarem muito felizes, sozinhos no céu com os braços ao redor de mim. (O jovem padre McNamee parecia muito comigo agora, no momento em que escrevo.) Essa foto por si só não teria me levado a desconfiar, mas então vi o primeiro nome do padre McNamee no cartão de crédito e confirmei isso quando passei para a polícia os dados do passaporte dele.

Seu nome era Richard.

Richard McNamee.

É engraçado o fato de conhecê-lo a vida toda, mas nunca ter ouvido ninguém chamá-lo pelo primeiro nome, e eu nunca ter pensado em perguntar qual era. Ele sempre foi padre McNamee. Até mesmo minha mãe o chamava de padre McNamee. Ou de padre. Nunca escutei ninguém chamá-lo de Richard.

Ou talvez eu *tivesse* ouvido, mas meu cérebro simplesmente não registrou.

Você acha isso estranho, Richard Gere?

Como se talvez alguma parte do meu inconsciente suspeitasse disso e estivesse me protegendo, não permitindo que minha mente se perguntasse qual seria o primeiro nome do padre McNamee.

Pensando bem, tenho certeza de que o nome completo dele constava no boletim semanal da igreja. Mas quem lê aquilo?

Mamãe começou a me chamar de Richard no fim da vida. Eu achava que ela se referia a você, Richard Gere, mas agora tenho certeza de que era Richard McNamee, seu grande amor. Agora também entendo por que o padre jantou tantas vezes na nossa casa ao longo desses anos e por que mamãe só se confessava com ele, que sempre esteve pronto para nos ajudar quando precisávamos, como naquela vez em que os adolescentes destruíram nossa casa. Entendi por que ele dedicara tantas missas para minha mãe logo depois que ela morreu, mesmo que eu não tivesse agendado, e por que ele chorara na praia depois do enterro, por que queria fazer

uma peregrinação ao Oratório de São José comigo — onde milagres aconteceram —, pois provavelmente achava que seria necessário um milagre para eu perdoar o fato de ele ter me enganado a vida inteira e de eu ter crescido sem um pai de verdade, mesmo tendo um excelente líder religioso no padre McNamee.

Mas, afinal, como um padre pode ser um excelente líder religioso se transou com sua mãe?

Tudo isso estava fazendo minha cabeça começar a latejar.

“*Bartholomew?*”, chamou Elizabeth.

“Vamos ao oratório”, falei, pensando que um milagre cairia bem naquele momento e que, já que tínhamos chegado até ali, podíamos muito bem conferir o que o Oratório de São José tinha a nos oferecer, se é que tinha alguma coisa.

Então peguei as chaves do Ford Focus, entreguei-as a Elizabeth e disse:

“Vamos arrumar nossas coisas e sair daqui. Já passou da hora de encerrarmos a diária.”

“Você está bem?”, perguntou ela.

“É. Que merda, hein?”

Max e Elizabeth estavam visivelmente assustados.

Balancei a cabeça e, em seguida, fomos embora.

Seu fã e admirador,

Bartholomew Neil

POBRE, OBEDIENTE E HUMILDE SERVO

Prezado Sr. Richard Gere,

Será que você acha que eu deveria ter sido mais sentimental em relação ao falecimento do padre McNamee?

Ou será que acha que eu deveria me sentir culpado, por tê-lo deixado tomar uma quantidade exorbitante de uísque e nunca ter sugerido que parasse de beber demais?

Será que você acha que eu deveria ter me manifestado quando ele disse que aquele jantar com coelho era nossa última ceia?

Será que você acha que sou idiota — retardado, até — por não ter descoberto antes o mistério do meu pai?

Você poderia me fazer um milhão de perguntas neste momento em nossa correspondência por carta, e acredito que provavelmente estaria certo, sobretudo porque não posso lhe dar o tipo de resposta que forneceria às “pessoas normais” certa compreensão, considerando como minha mente funciona. Mas, independentemente de tudo isso, tenho muitas perguntas para *você*, Richard Gere, amigo do Dalai Lama, fantasma dos meus pensamentos, correspondente, meu mentor de corte às mulheres e *suposto* amigo.

Se o padre *Richard* McNamee era o “Richard” a quem minha mãe se referia quando estava prestes a morrer — se ele era mesmo meu pai, e tenho praticamente certeza de que sim —, então por que você passou a aparecer para mim e continuou surgindo nessas últimas semanas?

Será que você é uma criação da minha mente, como um amigo imaginário?

Será que enlouqueci e o invoquei com minha imaginação, feito uma alucinação?

Ou você de fato aparecia para mim, porque surge para várias pessoas que estão necessitadas? Afinal, isso é exatamente o que você, Richard Gere, faz quando não está filmando, não é?

Talvez como parte da sua prática religiosa?

Isso poderia ser uma coisa budista?

Sei que você provavelmente vai dizer que nosso caso de confusão de identidades e o fato de você aparecer para mim é só mais um koan, algo para se refletir profundamente, mas nunca responder ou resolver.

O universo soluça, e nós, pobres tolos, tentamos descobrir o porquê.

Fiquei tentado a parar de escrever, ainda mais porque você não tem aparecido recentemente, justo no momento em que mais preciso de você! Mas a verdade é que passei a depender destas cartas. Registrar tudo, esvaziar minha mente tem se revelado bastante terapêutico. Isso me acalma de uma forma que nada mais consegue. Além disso, você é a única ligação que tenho com minha mãe, depois que padre McNamee, meu verdadeiro pai, faleceu.

Mamãe era sua maior fã.

Ela boicotou os Jogos Olímpicos de Pequim por você.

A esta altura, não há um substituto para Richard Gere na minha vida, e, portanto — independentemente de como eu me sinta nesse momento em relação a você —, nossa correspondência continuará.

Você acha que padre McNamee está no céu?

Padres que descumprem os votos dormindo com minha mãe são acolhidos pelos portões perolados de São Pedro?

Beber até a morte — ainda mais depois de declarar uma ceia como sendo sua última — é suicídio?

Será que padres potencialmente suicidas e adúlteros vão direto para o purgatório?

E para o inferno?

Por que estou fazendo estas perguntas a um budista?

Isso é ridículo.

Acho que você nem acredita em céu, purgatório ou inferno, não é mesmo?

Usando sua linguagem religiosa, padre McNamee definitivamente não alcançará o nirvana, não é mesmo, Richard Gere? Ao menos não nesta vida. Em geral, um homem que bebe duas garrafas de uísque e morre dormindo na cama não alcança o nirvana, eu acho.

Mas, no geral, ele era um homem bom. Sim, acho que podemos concordar nisso se resolvermos ser objetivos, não é?

Ele não se orgulhava de ter me abandonado, posso afirmar isso agora, pensando em retrospectiva. E o que quer que tenha acontecido entre padre McNamee e minha mãe aconteceu por amor. A luxúria não é digna de zelo, e o padre nunca nos negligenciou durante toda a minha vida.

Ele deve ter enfrentado grande conflito ao seguir sua vocação religiosa e, ao mesmo tempo, carregar consigo uma foto de mim, minha mãe e ele no alto da roda-gigante de Ocean City. Lá ele tinha liberdade para nos abraçar porque ninguém podia nos ver ali em cima, lá ele estava livre de seus votos e de sua vocação.

Acabamos indo ao Oratório de São José — Max, Elizabeth e eu —, caso não tenha perdido o interesse, caso ainda esteja lendo, Richard Gere.

Elizabeth foi dirigindo, e usei o GPS para descobrir o caminho. A voz robótica de uma mulher nos avisava quando virar e quantos quilômetros faltavam até a próxima rua. Uma tela de computador mostrava nosso movimento em um mapa, nos conectando com um satélite lá em cima, no espaço, o que é uma tecnologia alienígena, de acordo com o que Max explicou quando perguntei como aquela pequena máquina no carro poderia saber onde estávamos.

A voz que nos orientava definitivamente era a de uma máquina, mas ainda assim dava para perceber que a máquina era uma mulher, o que confundiu um pouco minha mente. Como máquinas podem ter sexo? E também tinha sotaque americano. Como máquinas podem ter nacionalidade? Não pode ser uma boa ideia fazer máquinas

falarem como pessoas de verdade, pode? Dando às máquinas identidades humanoides.

O Oratório fica em uma colina. É um grande edifício branco com escadarias, colunas e torres, além de uma gigantesca cúpula de cobre esverdeado no topo.

Supostamente, os peregrinos sobem ajoelhados os inúmeros degraus frios e duros que levam à entrada. A dor funciona como penitência. Acha isso estranho, Richard Gere? Não é mais estranho do que monges budistas se encharcando de gasolina e ateando fogo em si mesmos, você tem que admitir.

Do lado de fora, o Oratório de São José é lindo e impressionante.

De tirar o fôlego não seria uma expressão exagerada.

Observamos o Oratório do estacionamento.

“Que... merda... hein?”, disse Max lentamente, em um tom contido, erguendo as mãos para proteger os olhos do gelado sol de inverno.

Dava para perceber que ele estava maravilhado.

“É mesmo impressionante, até do ponto de vista de um ateu”, comentou Elizabeth.

Eu sabia que mamãe não gostaria que eu me apaixonasse por uma atea, ainda mais uma autoproclamada. Nem o padre McNamee, provavelmente. Mas os dois estavam mortos, e eu seguia sozinho meu caminho no mundo. Por isso, quando olhei para Elizabeth naquela manhã, senti meu coração clamar por ela e pensei: é melhor ser corajoso agora, Bartholomew, porque essas pessoas são tudo o que lhe resta e você vai precisar de força e coragem para mantê-los ao seu lado lutando contra a grande e sombria solidão que se aproxima.

Eram estranhos novos tempos, e, seja lá por qual motivo, Max e Elizabeth estavam ali comigo, me ajudando a enfrentar o dia, me ajudando a chorar por padre McNamee, e então decidi ali mesmo contribuir para nosso relacionamento dar certo, fazendo vista grossa para nossas pequenas diferenças. Realmente não acredito em extraterrestres, mas ainda assim estava disposto a usar três cristais

de tectita pendurados no pescoço. Eles não acreditavam em Deus, mas estavam dispostos a olhar para o coração preservado de um santo católico comigo e a acender uma vela para o recém-falecido padre McNamee. Talvez até mesmo se ajoelhassem comigo enquanto eu rezava pela alma da minha mãe e pela do padre McNamee.

“Você acha que vai encontrar a porra do seu pai ali dentro?”

Sorri e dei de ombros.

“Vamos ver.”

Comecei a andar, mas Elizabeth segurou meu ombro e disse:

“Espere!”

Quando me virei para olhá-la, ela afastou o cabelo do rosto, então tive uma visão completa e desobstruída dos seus olhos, do nariz e da boca. Ela era ainda mais bonita do que eu imaginava. Meu coração disparou.

“Não seria melhor deixar esta visita para mais tarde?, sugeriu ela. “Considerando o que aconteceu hoje com padre McNamee? Isso já foi um choque terrível, Bartholomew. E ainda não o absorvemos totalmente. Não sei o que seria pior: encontrarmos mesmo seu pai, ou não o encontrarmos. Isso pode ser demais para um dia só, e...”

“Está tudo bem”, falei fitando os olhos dela, que tinham o suave tom marrom-acinzentado dos cogumelos de uma pizza.

Notei que Max estava igualmente preocupado.

Talvez isso também fosse o que minha mãe chamava de A Sorte do Agora. O mal da mentira e da morte do padre McNamee levando ao bem de Max e Elizabeth estarem cuidando de mim agora. Certamente parecia que a filosofia da minha mãe estava em vigor outra vez, como se ela fosse ainda mais sábia do que eu achava que era quando estava viva comigo aqui na Terra. E isso quer dizer muita coisa, porque dei toneladas de crédito a ela.

Aos meus amigos preocupados, Max e Elizabeth, falei:

“Meu pai não vai estar lá. Não se preocupem. Cheguei a essa conclusão hoje cedo.”

“Como você pode ter tanta certeza, porra?”, perguntou Max.

“Porque padre McNamee era meu pai biológico.”

“O quê?”, disse Elizabeth.

“Que merda, hein?”, completou Max.

As sobrancelhas deles se ergueram.

“Meu inconsciente suspeitava disso havia muitos anos, mas só descobri agora.”

“Como você sabe?”, perguntou Elizabeth.

“Ele me disse”, respondi.

“Quando?”, quis saber ela.

“De manhã”, falei.

“Mas ele estava *morto* de manhã, porra!”, disse Max quando um grupo de freiras com trajas negros desceu de um ônibus Volkswagen e começou a nos encarar.

“Deus as abençoe, irmãs!”, gritei, acenando e sorrindo, porque elas pareciam ofendidas com o uso excessivo de palavrões por parte de Max. Isso já se tornara comum para os meus ouvidos, mas ainda irritava as outras pessoas.

“Deus abençoe *você!*”, gritou de volta uma freira que parecia bem mais jovem que as outras, e, em seguida, a maioria delas acenou.

“Padre McNamee sussurrou a verdade para mim do além-túmulo”, contei para Max e Elizabeth.

“Isso é uma coisa católica?, perguntou ela.

Ri e de repente me senti leve, como se tivesse revelado um enorme e sombrio segredo que ficara escondido dentro de mim por muito, muito tempo.

Eu ainda estava com medo do futuro, mas também me sentia livre, porque o maior mistério da minha vida não existia mais.

Eu me perguntava se inconscientemente tinha escondido o fato de que sempre soube, talvez para proteger padre McNamee. Mesmo quando criança, eu teria entendido que o padre assumir minha paternidade seria um grande escândalo em nossa paróquia, e teria impedido que ele fizesse todo o bem que fez como padre desde que nasci. Ele foi capaz de dedicar quase quatro décadas inteiras de atos altruístas porque minha mãe guardou seu segredo. Talvez eu

também fizesse parte de todo esse acobertamento, talvez eu só estivesse jogando junto, fingindo que não sabia, quando, na verdade, sabia. Tenho certeza de que minha mãe teria jogado feliz este jogo comigo. Pensando bem, foi o que ela fez, ao me contar que meu pai tinha sido assassinado pela Ku Klux Klan e que, portanto, era um mártir católico.

Todos jogamos o jogo, juntos.

“Talvez seja uma coisa da vida”, respondi para Elizabeth e, então, levei-os até o Oratório de São José.

Subimos várias escadas rolantes até a catedral principal, chamada de basílica, que era gigantesca e pareceria um pouco com o céu, caso o céu fosse uma catedral em estilo moderno.

“Parece o interior da porra de uma nave espacial”, sussurrou Max.

Dava para entender o que ele queria dizer, porque o concreto se erguia em grandes arcos e cúpulas, e havia até um anel de prata decorativo que mais parecia um OVNI suspenso sobre o altar.

Olhei para Elizabeth, que estava com os punhos cerrados.

Havia também esculturas em madeira de todos os discípulos, representados como gigantes compridos, espichados — como o que vemos refletido na casa de espelhos de um parque de diversões —, vestindo apenas mantos e com penteados dos tempos bíblicos. Encontramos facilmente meu xará Bartolomeu, embora ele estivesse rotulado com seu outro nome, Natanael. Ele segurava uma folha, os dedos indicador e médio da mão esquerda fazendo o sinal de paz e amor, as pontas dos dedos apoiadas no queixo.

“Esses filhos da puta parecem alienígenas”, murmurou Max, e tive que concordar, pois eram alongados e magros, parecendo mesmo ser de outro mundo. “Que porra isso quer dizer? As esculturas dos discípulos de Jesus foram talhadas para que parecessem gigantes alienígenas?”

“Não sei”, respondi.

“Padre McNamee saberia”, disse Elizabeth.

“Talvez”, sussurrei.

Então, observamos os outros apóstolos, que pareciam severos, espichados, emadeirados, empoeirados e, inclusive, alienígenas.

Sim, alienígenas mesmo.

Fiquei imaginando quantas orações foram enviadas deste edifício para o céu, como hoje em dia informações são enviadas para os satélites quando estamos em nossos carros e precisamos de orientação.

Sáímos da basílica, descemos as escadas rolantes e chegamos a um grande corredor com velas, onde era possível comprar uma e acendê-la pelas mais diversas razões, rezando para São José.

Fiz a doação solicitada, acendi para o padre McNamee uma vela branca em um copo de vidro vermelho e rezei para São José, pedindo para falar bem dele para São Pedro, solicitando que deixasse o padre atravessar os portões perolados do céu, embora ele tenha transado com minha mãe enquanto era padre, bebido até morrer e nunca tenha me contado que era meu pai. Mesmo assim, ele ajudou muitos membros da nossa igreja ao longo dos anos e vários não membros também.

Padre McNamee era um homem bom, rezei para São José, e estava sendo sincero.

Várias pessoas e inúmeros peregrinos acendiam velas e rezavam, algumas até choravam. Parecia um lugar santo, e Max, inclusive, evitou xingar por um tempo, o que interpretei como um grande sinal de respeito.

Passamos por paredes com centenas de muletas e bengalas de madeira penduradas, que tinham sido doadas por quem supostamente fora curado por Santo Irmão André, um porteiro ignorante e simples que dedicou a vida a São José e, inexplicavelmente, se tornou milagreiro.

Então fomos ao lugar do repouso final do Santo Irmão André.

Seu corpo foi colocado em um brilhante ataúde de mármore preto, sob um arco de tijolos. Uma cruz vermelha foi pintada na parede entre o arco e o ataúde. Há uma inscrição em latim que quer dizer: "Pobre, obediente e humilde servo de Deus."

Mas o coração de Santo Irmão André não estava lá.

Perguntei a uma peregrina onde eu poderia encontrar o coração, e ela apontou para uma cabine de informações. Em um mapa que me custou dois dólares canadenses, um homem me mostrou aonde ir.

Pegamos outra escada rolante e subimos um lance de escadas até uma sala de dioramas: o quarto do Irmão André, com um manequim dele no escritório, outro ao lado de uma cadeira, tudo por trás de vidros.

“Ele era muito baixinho”, comentou Elizabeth. “É difícil acreditar que um homem de aparência tão frágil seja responsável por tudo isso.”

“Sim”, falei, de pleno acordo.

Santo Irmão André não parecia o tipo de homem que realiza grandes coisas. Não parecia mesmo. Ele não era nada semelhante a você, Richard Gere.

Então, ao nos virarmos, nós vimos.

O lugar aonde padre McNamee queria que eu fosse.

Onde padre McNamee ouviu pela primeira vez a voz de Deus.

No lado oposto aos dioramas, cercado por grades de ferro, havia algo parecido com um cofre. Atrás do portão tinha um pilar cinza, e no seu topo havia uma caixa quadrada de vidro, cercada por uma pedra caprichosamente entalhada. Havia um coração humano dentro da caixa. A iluminação dentro do cofre era vermelha, de forma que parecia que estávamos olhando dentro do peito de um gigante usando uma imensa armadura que se abria para revelar um coração envolto em vidro.

“Que merda, hein?”, disse Max, voltando a falar palavrões.

“Você acha que é real?”, murmurou Elizabeth.

“Acho”, respondi.

“Quem arrancou essa porra do peito dele?”

“Não sei”, respondi, tentando não pensar no ato de arrancar o coração de um cadáver humano, nem me lembrar do cérebro dissecado de Charles J. Guiteau, preservado para sempre no Museu Mutter.

“O que você acha que os alienígenas pensariam se vissem este coração humano em exposição?”, perguntei para Elizabeth. “Se vissem tantas pessoas venerando o coração do Santo Irmão André, acendendo velas e rezando para São José?”

Elizabeth não respondeu. Em vez disso, apertou meu braço por cima do casaco e saiu.

Max balançou a cabeça para mim e seguiu a irmã.

Era quase como se eles soubessem que eu precisava ficar sozinho, e entendi isso assim que me deixaram.

Levantei-me e fiquei bastante tempo observando o coração do Santo Irmão André, pensando na pessoa que ele tinha sido.

Dizem que um milhão de pessoas compareceram ao seu enterro e passaram por seu caixão no frio rigoroso do inverno canadense.

Como isso aconteceu?

O que separa homens como ele de pessoas como Max, Elizabeth e eu?

Do resto do mundo?

Padre McNamee teria dito que o Irmão André tinha fé, que ele apenas acreditava mais do que as outras pessoas.

E me perguntei se a fé não era uma forma de fingir.

Também me perguntei o que padre McNamee teria dito caso estivesse comigo ali naquele momento, diante do coração do Irmão André, onde ouviu seu chamado pela primeira vez.

Será que teria me pedido perdão?

Teria dito que estava arrependido?

Teria declarado seu amor por mim, seu único filho? Será que havia deixado a igreja para finalmente me assumir como filho e ser meu pai?

Eu nunca teria essas respostas, mas ali, de pé, olhando para o coração de um milagreiro, comecei a sentir que isso tudo não importava, que, de algum modo, eu ficaria bem, apesar de minha vida ter perdido suas raízes.

Encontrei Max e Elizabeth em uma grande sacada com uma vista de Montreal de tirar o fôlego, e não só porque fazia frio lá fora, frio

suficiente para congelar desde os pulmões de alguém até seus dedos das mãos e dos pés.

“Obrigado por terem vindo aqui comigo”, falei para os dois.

“Sem problema, porra”, disse Max.

Elizabeth sorriu educadamente.

Então, ficamos mais alguns minutos observando a cidade de Montreal coberta de neve, enquanto inspirávamos e soltávamos o ar.

Era como se devêssemos estar ali, naquele tempo e naquele lugar, quase como se fosse algo predestinado. De algum modo, parecia certo.

Não sei.

Mas talvez.

Pensei sobre isso e decidi que não tentaria responder os maiores mistérios da vida — especialmente levando em conta tudo com o que eu estava lidando no momento —, então achei que era melhor me ater ao plano.

“Vamos para o Parlamento dos Gatos”, falei.

“Parlamento dos Gatos, porra!”, exclamou Max, e então entramos de volta para que pudéssemos sair do Oratório e embarcar no Ford Focus.

“Podemos ficar aqui o tempo que quiser, Bartholomew”, disse Elizabeth. “Se você precisar de mais tempo...”

“Estou pronto para ir”, afirmei.

Elizabeth fez uma coisa inesperada: ela puxou uma corrente de prata do bolso do casaco e a colocou em volta do meu pescoço.

“Mais um colar de tectita para me proteger de alienígenas?”, perguntei.

“Não. É uma medalha do Santo Irmão André que comprei na loja de presentes”, disse ela, e depois se afastou.

Peguei a medalha e a observei: havia o rosto enrugado de São Irmão André gravado em prata.

Eu sentia falta do padre McNamee, mas sabia que ele ia querer que eu seguisse da melhor forma possível. Eu tinha certeza disso.

E talvez aquele momento bom na sacada do Oratório com Elizabeth fosse algum tipo de herança.

Esse era um pensamento agradável.

Então corri atrás de Elizabeth, me sentindo mais vivo do que jamais havia me sentido em toda a vida, e seguimos para Ottawa no Ford Focus.

Seu fã e admirador,

Bartholomew Neil

ENTENDI AS MENSAGENS DOS NOSSOS BISCOITOS DA SORTE MELHOR DO QUE TINHA PENSADO

Prezado Sr. Richard Gere,

Sentado no banco de trás do Ford Focus, ouvindo a voz da mulher robótica dar as direções e observando a terra plana, branca e vazia passar, me senti muito cansado. Cansado demais para pensar em tudo o que acontecera, quanto mais para tentar entender qualquer coisa.

De algum modo, mesmo com Max gritando sem parar: "Parlamento dos Gatos, porra!", adormeci.

No sonho, despertei e estava no meu quarto, na casa da minha mãe.

Mamãe e padre McNamee estavam de mãos dadas, de pé ao lado da minha cama.

"Isso é um sonho?", perguntei aos dois.

Mas eles apenas sorriram de volta, parecendo extremamente orgulhosos.

"Vocês estão juntos no céu?"

Eles apenas continuaram sorrindo.

"Por que não falam comigo?", indaguei. "Por favor. Falem alguma coisa. Ao menos me digam se estão bem. Deem algum sinal."

Mamãe puxou padre McNamee mais para perto, eles se fitaram nos olhos e, então, simplesmente desapareceram.

“Mãe?”, gritei, tentando sair da cama, apenas para descobrir que eu não conseguia. O cobertor me puxava para baixo, detendo meu corpo, me envolvendo feito uma jiboia gigantesca. Eu nem conseguia livrar os braços. “Pai?”

Senti alguém me sacudir, então abri os olhos e me deparei com Max olhando para mim do banco do carona do Ford Focus.

“Que merda, hein?”

“Você estava sonhando”, disse Elizabeth, dirigindo. “Estava gritando.”

“Desculpe”, falei, ajustando o cinto de segurança.

“Elizabeth disse para acordar você, porra.”

“Obrigado.”

Ninguém falou mais nada, e olhei para meu reflexo na janela.

De repente, me senti tão vazio, tão só... e fiquei culpado, como se talvez eu não tivesse sido um filho bom o bastante para minha mãe ou para o padre McNamee, como se eu devesse ter dito mais vezes que os amava enquanto estavam aqui, ou sentido que eu deveria ter feito mais coisas — quem sabe só *uma* coisa — para deixá-los orgulhosos. Eu me perguntava se o fato de eu ser gordo, desempregado e sem amigos fazia com que eles se sentissem mal consigo mesmos, como se o amor dos dois tivesse gerado esse filho monstruoso que os constrangia continuamente. O pior pensamento era que mesmo se eu conseguisse fazer algo útil com minha vida no futuro, mesmo que um milagre acontecesse e eu, de alguma maneira, finalmente tomasse jeito, minha mãe e o padre McNamee não estavam mais por perto para ver. Eles morreram conhecendo o Bartholomew do passado, e eu não estava nem um pouco contente com o Bartholomew do passado.

Além disso, depois que descobri que o primeiro nome do padre McNamee era Richard, que eu tinha interpretado errado o fato da minha mãe ficar me chamando por seu primeiro nome, que Richard era uma identidade de duplo sentido — pelo menos na minha vida —, eu estava achando cada vez mais difícil fingir que você, Richard Gere, era meu amigo e confidente. E embora eu continue

escrevendo cartas para você, sinto como se estivesse escrevendo para um morto ou para uma criação da minha mente — um personagem fictício —, o que também me faz sentir um grandessíssimo idiota.

Escrever e conversar quando você aparecia para mim era algo que eu achava muito certo, por isso, agora me parece duplamente ruim. Por saber que era tudo falso, que eu estava enganado.

Independentemente de tudo isso, sinto que devo relatar o resto da história, talvez apenas porque preciso contar para *alguém*.

Quando chegamos a Ottawa, pedimos que o sistema GPS encontrasse um hotel para nós, e ele foi capaz de fazer isso sem qualquer problema.

Havia um serviço de manobrista, que usamos. Deram um pequeno pedaço de papel para Elizabeth em troca das chaves do Ford Focus.

Elizabeth me disse que eu precisaria usar meu cartão de crédito de emergência que minha mãe me dera havia muito tempo, porque a recepcionista poderia pedir meu passaporte quando nos hospedássemos, e seria necessário que coincidissem com o nome no cartão de crédito. Isso parecia lógico, então fiz o que ela sugeriu. Pedimos um quarto para nós três e dissemos que ficaríamos duas noites. Max ficou o tempo todo perambulando atrás de nós. Ele estava tão ansioso para conhecer o Parlamento dos Gatos pela manhã que planejava ir para a cama quanto antes, de modo que a noite passasse mais rápido.

“Está tudo certo, Sr. Neil”, disse a recepcionista, me entregando em seguida duas chaves retangulares.

Entramos no nosso quarto, que ficava no quarto andar, e Max imediatamente começou a se preparar para dormir, vestindo o pijama — que era estampado com silhuetas de gatos e tinha as seguintes palavras escritas em vermelho na altura do peito: O PIJAMA DO GATO —, escovando os dentes, lavando o rosto e, em seguida, se enfiando na cama mais próxima à janela.

“Hora de dormir, porra”, disse ele.

“Max, são só oito horas e nem jantamos ainda”, disse Elizabeth, mas ele começou a roncar assim que colocou a cabeça no travesseiro.

“Será que a gente deve ir jantar?”, perguntei, e Elizabeth assentiu.

Nós nos agasalhamos bem e saímos andando pela cidade nevada, sentindo o vento cortante que soprava do rio Ottawa.

“Aqui parece a Inglaterra”, disse Elizabeth ao passarmos diante dos prédios do Parlamento. “Relógios em altas torres e tudo o mais. Você já foi à Inglaterra?”

“Não. E você?”

“Nunca.”

“Mas você não disse que isso se parecia com a Inglaterra?”

“Acho que sim.”

Passamos bastante tempo caminhando meio sem rumo, observando a cidade e sentindo o frio em nossas bochechas. Foi bom andar depois de termos ido de carro de Montreal até ali.

Elizabeth parou diante de uma vitrine repleta de símbolos do horóscopo chinês, atrás da qual havia um gordo Buda de jade sentado com as pernas cruzadas.

“Quer comer aqui?”, perguntou ela.

“Claro”, respondi, e nós entramos.

Ela pediu *lo mein*, eu também. Esperamos em silêncio a comida chegar, enquanto uma melodia asiática tocava ao fundo, com flautas agudas soando feito uma caixinha de música abafada.

Achei que *lo mein* pudesse ter um sabor diferente no Canadá, mas não tinha.

Quando terminamos de comer, vieram os biscoitos da sorte.

Elizabeth leu o papel: A ÚNICA COISA ERRADA COM A HARMONIA É QUE, POR DEFINIÇÃO, ELA NÃO PODE DURAR.

O meu dizia: UM AMIGO É UM PRESENTE QUE VOCÊ DÁ A SI MESMO.

“O que querem dizer?”, perguntou Elizabeth.

Eu não fazia a menor ideia, então dei de ombros.

Ficamos ali por um tempo, bebendo o resto do chá verde, que viera em uma chaleira preta em forma de dragão e servimos em

pequenas xícaras brancas que tinham símbolos chineses azul-claros pintados.

“Por que você acha que estamos aqui juntos em Ottawa?”, perguntei. “Quer dizer, quais são as probabilidades?”

Ela observou o trânsito lá fora, e seu rosto pareceu ter virado pedra.

Quando paguei a conta, ela se levantou e fiz o mesmo. Depois caminhamos pela nevada cidade de Ottawa pelo que pareceram horas.

Elizabeth não disse uma palavra, eu também não.

Apenas andamos.

E andamos.

E andamos.

E mesmo estando muito frio, também não fiz nenhum comentário sobre isso, porque queria caminhar com Elizabeth para sempre e não queria fazer nem dizer qualquer coisa que pudesse encerrar prematuramente o fato de estar com ela.

Elizabeth parecia imersa em seus pensamentos, e, de alguma maneira, eu sabia que era melhor não dizer nada, por isso fiquei quieto.

No saguão do hotel ela me perguntou se eu gostaria de tomar um drinque com ela no bar, e concordei antes mesmo de perceber que estava prestes a cumprir o último objetivo de vida que me restava.

Elizabeth pediu um martíni Ketel One com gelo e azeitonas extras, e mesmo sem fazer ideia do que era aquilo eu disse que queria o mesmo.

As bebidas chegaram, e paguei com o cartão de crédito do padre McNamee.

Nós nos sentamos em luxuosas poltronas de couro, e o barman deixou uma tigela de nozes sortidas ao lado das nossas bebidas em uma mesinha que ficava abaixo dos nossos joelhos.

“Saúde”, disse Elizabeth, erguendo sua taça de martíni.

Mesmo que seu tom de voz não estivesse tão alegre, ergui minha taça e brindamos, assim como fazem na televisão.

Quando bebi, senti predominar o sabor das azeitonas. Gostei da queimação.

Eu estava bebendo meu primeiro drinque com uma mulher, mas não senti nada especial. Não foi como pensei que seria.

Tomei alguns pequenos goles.

Ela tomou vários.

Houve um longo e desconfortável silêncio, durante o qual deu para notar que Elizabeth estava tendo uma discussão com ela mesma no fundo da mente.

De repente, ela enfiou a mão na bolsa, pegou um frasco de comprimidos laranja e colocou-o na mesa, ao lado de sua taça.

“O que é isso?”, perguntei.

“Minha estratégia de saída”, disse ela.

“Não estou entendendo.”

“Sério?”

Fiz que não com a cabeça.

“Max e eu não temos para onde ir. Não temos casa. Nenhum parente. Prometi ao meu irmão que o levaria para conhecer o Parlamento dos Gatos em seu aniversário de quarenta anos. Vou cumprir essa promessa amanhã. Mas, então, não haverá mais nada. Não há opções. E estou cansada, Bartholomew. Estou mesmo cansada.”

Levei um segundo para entender o que Elizabeth dizia, mas, quando compreendi, peguei o frasco de comprimidos da mesa e sugeri:

“E se você vier morar comigo? Max também pode morar lá. Poderia funcionar. Como uma família.”

“Que tipo de família seríamos?”

“Do melhor tipo”, respondi.

Ela sorriu e olhou para o chão.

“Você só está sendo gentil.”

“O que tem de errado com isso? Talvez todas essas coisas, tudo o que aconteceu — minha mãe morrer de câncer, Max e eu nos conhecermos por acaso, todos precisarmos vir para o Canadá, eu vê-

la na biblioteca, percebendo que você era diferente, e até mesmo a morte do padre McNamee —, tenha acontecido porque nós três devemos ficar juntos.”

“Você tem noção de quanto isso parece louco, não tem?”

“Não sei. Parece louco? Apenas enumerei tudo o que aconteceu com a gente, todos os fatos, e então arrisquei meu melhor palpite.”

Eu não conseguia acreditar em como estava sendo confiante ao dizer aquilo, Richard Gere. Você realmente deve ter passado isso para mim.

“Nunca conheci alguém como você, Bartholomew”, disse ela, agitando o palito com a azeitona dentro da taça. “Admiro sua vontade de ser gentil de forma quase indiscriminada. Mas, infelizmente, é preciso muito mais do que bondade para sobreviver neste mundo.”

Entendi o que ela queria dizer, mas também compreendi que a filosofia da minha mãe era uma arma poderosa. Pensei que talvez eu pudesse aproveitá-la nesse momento, então falei:

“Eu adoraria que você morasse comigo, Elizabeth. Podemos fazer dar certo. Prefiro acreditar nisso, porque a alternativa...”, balancei seu frasco de comprimidos, “é tão, tão pouco atraente... Por que não tenta acreditar em mim? O que você tem a perder? Nós podemos arranjar um gato para Max! Ele poderia trabalhar no cinema, você poderia continuar como voluntária na biblioteca, e eu poderia...”

Eu não sabia o que poderia fazer, e isso começou a me deixar ansioso. Tudo o que eu tinha feito na vida foi cuidar da minha mãe e ser filho dela. Mas lá estava eu prometendo ser muito mais do que eu era, fingindo outra vez.

“Não estou bem”, disse Elizabeth. “Nem Max. Somos produtos danificados. Somos problemas, e nada mais. Você já se deu conta disso, não é? Não somos fáceis.”

“Também sou um produto danificado! Também tenho problemas! Sou uma bagunça! É perfeito!”

“*Não é perfeito*”, retrucou ela em um tom muito próximo ao de um grito. Dava para perceber que ela vinha lutando havia muito, muito

tempo, e que já não restava muita coisa em seu tanque de esperança. “*Nada disso é perfeito!* Não vou me permitir esperar a perfeição. O perfeito não existe para pessoas como nós, Bartholomew. *O razoável.* É isso que eu quero. *Apenas o razoável.* Se eu pudesse ter uma existência razoável, acho que ficaria muito grata.” Ela balançou a cabeça e olhou para o próprio colo. Vi seus lábios se movendo por trás da cortina de cabelo castanho, e dava para notar que Elizabeth estava discutindo consigo mesma outra vez. Então, de repente, ergueu os olhos e disse: “De qualquer modo, não acho que consigo executar meu plano de saída. Eu nunca seria capaz de fazer isso com Max. E agora estou jogando meus problemas em cima de você.”

Ela balançou a cabeça, olhou para o teto e, em seguida, voltou a olhar para o próprio colo.

Ficamos algum tempo em silêncio enquanto tomávamos nossos martinis.

Então tive uma ideia que parecia um pouco estranha, mas ainda assim a levei adiante, porque senti que aquele momento me forçava a ser mais do que normalmente sou.

“Finja que eu sou você”, falei para Elizabeth. “Pense no que diria se estivéssemos em um filme, em resposta à minha oferta para que você e Max morem comigo na casa da minha mãe como se fôssemos uma família.” Em seguida, fazendo uma voz feminina, em falsete, uma voz hollywoodiana excessivamente dramática no estilo Vivian Ward/Julia Roberts, continuei: “Se aceitarmos sua gentil oferta, você acha mesmo que poderemos fazer isso funcionar, Bartholomew? Você realmente acredita? Nós não pediríamos muito. Não ousaríamos. Mas você acha que poderíamos, talvez, existir juntos de um jeito *razoável*? Porque isso é tudo o que espero: uma existência razoável.” Minha voz começou a tremer nesse momento. Eu não sabia bem por quê. “Isso é tudo o que eu me atreveria a pedir. Não somos gananciosos, mas a vida realmente não tem sido generosa para mim nem para Max. Então você tem que ser sincero

comigo aqui, Bartholomew. Você acredita mesmo que é possível ter uma existência razoável?”

Elizabeth esvaziou a taça.

“Eu não fui abduzida por alienígenas.” Ela afastou o cabelo do rosto. Estava tremendo. “Os médicos ligaram para Max em Worcester enquanto eu me recuperava no hospital porque, nas informações do meu seguro, o nome dele constava como meu parente mais próximo. Ele pegou um trem para a Filadélfia naquela noite e ficou louco quando me viu. Max é um cara simples, mas tem um coração enorme. De verdade. Não entende que coisas terríveis acontecem todos os dias com pessoas do mundo inteiro. Coisas horríveis. Como ser... como...” Elizabeth olhou para baixo, e a cortina de cabelo mais uma vez caiu sobre seu rosto. “Eles estavam bêbados, eram desumanos e nunca foram levados à justiça. A cabeça de Max não poderia aceitar isso porque, afinal, como seria possível proteger sua irmã de algo tão terrivelmente aleatório como ser atacada às margens do rio Delaware a caminho de casa após tomar uma bebida depois do trabalho em uma noite clara de quarta-feira no outono? Atacada até suas coxas ficarem cheias de sangue. Então, Max e eu inventamos a história dos alienígenas no hospital — quase como se fôssemos crianças de novo —, e continuei com aquilo só para mantê-lo calmo. Ele insistiu em morar comigo para que pudesse me proteger dos alienígenas, e as coisas se desenrolaram a partir daí. Mas é mesmo uma bela história entre irmão e irmã, se conseguir encará-la da maneira certa, e...”

Elizabeth me lançou um olhar que parecia um pouco feliz e um pouco à beira das lágrimas.

Quando ela forçou um sorriso, balancei a cabeça, porque sabia que era isso o que eu deveria fazer, mesmo estando aterrorizado por dentro, sem sequer saber quem estava pagando as contas da casa da minha mãe, e talvez eu nunca descobrisse agora que padre McNamee estava morto. Eu também não tinha certeza se uma existência razoável era realmente possível para *mim*, quanto mais para nós três juntos.

Eu não tinha certeza de nada, na verdade.

Mas eu acreditava ser capaz de fingir outra vez para Elizabeth, fingir ser mais forte do que realmente era, porque isso era o que o momento exigia de mim, e foi o que fiz. Fingi ser forte e tentei demonstrar compaixão por ela. Fazendo isso, eu me perguntava se padre McNamee e minha mãe ficariam orgulhosos, Richard Gere. Tenho certeza de que Dalai Lama ficaria feliz com minhas atitudes naquela noite, porque Elizabeth começou a chorar ali mesmo, e não foi pouco. Ela soluçava sem parar até que a abracei, então também comecei a chorar, porque eu sentia muita falta da minha mãe, padre McNamee se fora e eu estava só começando a entender aquele fim, que eu nunca teria um pai, que não havia mais mistério, que tudo estava resolvido, certo e acabado, e que Elizabeth não tinha sido abduzida por alienígenas, e, em vez disso, vivenciara algo ainda mais terrível do que fizeram os adolescentes que invadiram nossa casa: mijaram na minha cama, cagaram na cama da minha mãe e jogaram nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo na privada... E como acabamos no Canadá? E por que nossas vidas eram muito mais estranhas do que a vida das pessoas comuns?

Será que havia alguma esperança para nós?

Enquanto Elizabeth chorava no meu ombro, decidi — quer fosse verdade ou não — acreditar o bastante na Sorte do Agora a ponto de agir. Inclusive para arranjar um emprego se precisasse, para que eu pudesse oferecer a Elizabeth o conto de fadas, como você fez tantas vezes em seus filmes, Richard Gere.

Mamãe nunca teve o conto de fadas, mas talvez Elizabeth tivesse. Talvez.

“Vocês dois estão bem?”, perguntou o barman, e quando ergui os olhos percebi um fio de cabelo de Elizabeth grudado na minha boca. Havia várias pessoas no bar do saguão olhando para a gente.

Quando notou que todo mundo nos observava, Elizabeth saiu correndo do bar. Eu a segui.

No elevador, eu não soube o que fazer.

Ela ainda estava chorando, embora muito menos. Mesmo assim eu tinha a impressão de que ela não queria ser tocada, consolada nem que falassem com ela.

Seu rosto estava vermelho, seu nariz escorria, e ela ficava esfregando-o com a manga do casaco.

Fiquei quieto.

Quando chegamos à porta do nosso quarto, ela se recompôs e disse:

“Não quero acordar Max, está bem? E não quero que ele fique sabendo sobre nada disso. Amanhã é o grande dia dele. Vamos torná-lo bonito para ele, *combinado*? É o que nos resta. Vamos torná-lo bonito para todos nós, *está bem*?”

Assenti.

Elizabeth enfiou o cartão na fechadura, e o pequeno retângulo ficou verde, mas ela não abriu a porta.

“Se dormirmos em lados opostos da cama, você promete não rolar para o meu lado? Promete manter pelo menos trinta centímetros de distância entre nós dois o tempo inteiro?”

“Prometo”, respondi.

“Podemos mesmo morar com você até darmos um jeito na nossa vida?”

“Sim. Eu gostaria muito. E não há limite de tempo também.”

“Promete? Você não vai mudar de ideia?”

“Nunca.”

Elizabeth assentiu novamente e meio que piscou lentamente. Consegui perceber isso, mesmo ela se escondendo atrás do cabelo outra vez.

Era como se estivesse fazendo um pedido e selando-o com a piscadela. Ou ao menos foi o que imaginei.

Entramos no quarto, mas não acendemos as luzes.

Ela se trocou no banheiro, e vesti meu pijama enquanto a porta estava fechada.

Depois que ela saiu, joguei o frasco de comprimidos dela na privada e dei descarga. Eu não queria que ela tivesse uma estratégia

de saída.

Ela escolheu o lado direito da cama, então fiquei abraçando a borda esquerda durante a noite toda.

Não me permiti dormir, porque queria manter minha promessa. Eu não queria correr o risco de rolar acidentalmente e encostar em Elizabeth no meio da noite.

Então, fiquei ouvindo a respiração dela e de Max enquanto eu observava os números elétricos verde-alienígena do despertador.

Às quatro e cinquenta e sete Elizabeth murmurou:

"Bartholomew?"

"Sim", sussurrei em resposta.

"Desculpe se assustei você esta noite."

"Você não assustou."

"Sério?"

"Sério."

Às cinco e quatorze Elizabeth murmurou:

"Obrigada."

"Obrigado também", falei.

Então, apenas ficamos ali no escuro durante duas horas, até Max acordar e começar a pular no meio de nós na nossa cama enquanto gritava sem parar:

"PARLAMENTO DOS GATOS, PORRA!"

Preciso admitir que, apesar de tudo o que tinha acontecido, o entusiasmo infantil e desenfreado de Max elevou consideravelmente meu espírito.

Era bom ter amigos.

E comecei a achar que entendi as mensagens dos nossos biscoitos da sorte melhor do que tinha pensado.

Seu fã e admirador,
Bartolomeu Neil

OS GATOS DE RUA DA COLINA DO PARLAMENTO

Prezado Sr. Richard Gere,

Max nos contou tudo o que precisávamos saber sobre o Parlamento dos Gatos enquanto andávamos por Ottawa rumo ao evento principal.

Segundo a lenda local, uma colônia de gatos de caça extremamente talentosos manteve os edifícios do Parlamento livres de roedores até a década de 1950, quando passaram a preferir o veneno como método de exterminação de ratos e ratazanas. Por caridade, as pessoas que cuidavam dos edifícios do Parlamento e arredores continuaram alimentando os gatos ao longo das décadas. Pouco tempo depois, alguns moradores se uniram e criaram um espaço especial para que os gatos de rua da Colina do Parlamento vivessem juntos, como uma família, ou uma colônia.

Atualmente, há duas casinhas cercadas por barras de ferro espaçadas o suficiente para que seus moradores se esgueirem através delas quando bem entenderem. Cada casinha branca tem um telhado e quatro portas sob uma espécie de toldo, que funciona como um lugar para os gatos se esticarem e se deitarem. Um minibandeira do Canadá vermelha e branca se agita no topo da casa à esquerda.

Há um calçadão para os gatos passearem que é mantido sem neve. Acho que os cuidadores dos gatos limpam o local quando necessário.

Tigelas de comida de gato são deixadas em vários pontos ao redor e nas casinhas, e, de acordo com Max, voluntários cuidam diariamente da colônia.

Mesmo que eu nunca tenha ido e é provável que eu nunca vá à Inglaterra, decidi que a área em torno da Colina do Parlamento realmente se parece com esse país.

A parte de trás do edifício do Parlamento é arredondada como uma catedral, com várias espirais pontudas. Também parece uma nave espacial, embora eu não tenha dito isso para Max.

Quando chegamos de manhã logo cedo, um dia depois de padre McNamee ter se juntado à minha mãe no céu ou no purgatório, Max explicou muito do que falei acima e, em seguida, saiu na nossa frente. Foi correndo feito um garoto travesso assim que viu o primeiro gato a distância.

“Parlamento dos Gatos, porra!”, gritou ele e deu alguns pulos enquanto corria. “Parlamento dos Gatos, porra! Finalmente estou aqui, porra!”

“Você já se sentiu tão feliz assim?”, perguntou Elizabeth, e sinceramente acho que nunca fiquei tão eufórico dessa forma em toda a minha vida.

Max se agarrou às grades quando chegou ao santuário dos gatos e observou os poucos felinos que estavam do lado de fora, tomando sol pela manhã.

Elizabeth parou de andar, e fiquei ao lado dela, talvez a uns seis metros de distância de Max, lhe dando um momento de privacidade.

Quando finalmente nos aproximamos, suas bochechas estavam listradas com as lágrimas congeladas, que se concentraram na parte inferior do queixo, como se fossem uma pequena barba.

Seus lábios tremiam.

Ele continuou soluçando e resfolegando.

“Você está bem?”, perguntou Elizabeth.

“É lindo para caralho.”

“Os gatos?”, perguntei.

“Claro, porra! Mas também a merda do fato de que as pessoas cuidam de gatos de rua. Gatos! Por todos esses anos. Eles os alimentam. Dão abrigo. Não se esqueceram dos gatos quando os animais já não tinham mais merda de função alguma. Esses gatos são completamente inúteis para a sociedade agora, mas as pessoas os alimentam mesmo assim. Isso não é lindo para caralho? Não é *humano* para caralho? Entende o que estou querendo dizer, porra? A porra do Parlamento dos Gatos é o lugar mais bonito do mundo, hein? Vocês estão vendo, né? Toda essa beleza, porra.”

Elizabeth e eu assentimos enquanto observávamos um gato listrado e outro cinza malhado tomando café da manhã, mordiscando pequenos pedaços de ração.

“Olhem para eles! Apenas olhem, porra. É lindo! Lindo para caralho! *Isso existe!*”

Depois de uns vinte minutos, Elizabeth e eu fomos até um banco ali perto e ficamos observando Max desfrutar do Parlamento dos Gatos.

Algumas crianças acompanhadas de suas mães pararam para olhar os gatos e, ao ficarem ao lado de Max, a semelhança era impressionante. Para um homem que dizia ao menos um palavrão em cada frase — até nas que tinham apenas duas ou três palavras —, seu coração era definitivamente infantil.

“Meu objetivo de vida era tomar um drinque com você”, falei para Elizabeth.

“Max me contou”, disse ela. “Foi por isso que convidei você para tomar um drinque no bar ontem à noite. Para talvez ajudá-lo a se sentir melhor sobre a perda tão repentina do padre McNamee. Achei que ao menos você poderia considerar alcançado seu objetivo de vida. Desculpe se estraguei tudo, compartilhando minha estratégia de saída. Não foi um bom primeiro encontro, foi?”

Meu coração deu um pulo ao ouvir a palavra *encontro*, mas fiquei tranquilo assim como Richard Gere ficaria e disse:

“Você pode compartilhar o que quiser comigo. De verdade. Nunca guarde para si. Acho que precisamos ser sinceros se pretendemos

ajudar uns aos outros.”

“Concordo. Obrigada.”

“Tenho um novo objetivo de vida. Você quer saber qual é?”

“Claro.”

“Algum dia — e não precisa ser logo, então, por favor não se sinta pressionada — eu gostaria de segurar sua mão por um breve período de tempo. Talvez só por um minuto. Pode ser atrás do Museu de Arte da Filadélfia, perto da estação de tratamento de água, enquanto ouvimos a correnteza do rio. É meu lugar favorito no mundo. Você vai gostar de lá, se é que já não conhece.”

Eu não conseguia acreditar que estava dizendo aquilo. Meu coração batia acelerado.

Mas no momento eu estava supertranquilo por fora, como Richard Gere estaria.

Suave como num conto de fadas.

Elizabeth sorriu e disse:

“Talvez um dia a gente possa ficar de mãos dadas atrás do Museu de Arte da Filadélfia, mas não hoje, obviamente, porque estamos em Ottawa. Isso terá que acontecer bem mais para a frente, se é que irá acontecer, porque tenho muita coisa para resolver. Tenho certeza de que nós três precisamos de ajuda e acho que devemos procurar quando voltarmos para a Filadélfia, está bem?”

“Entendo”, falei. E de fato entendia. “Devemos buscar ajuda. Nós *vamos* buscar ajuda.”

Elizabeth e eu ficamos sentados em silêncio por horas, enquanto Max admirava os moradores do Parlamento dos Gatos.

Fazia frio, mas não queríamos apressar Max, porque não sabíamos se ele ou qualquer um de nós alguma vez voltaria à capital do Canadá, muito menos àquele lugar, e mesmo que retornássemos de algum modo sabíamos que nunca mais seria igual. Haveria diferentes variáveis, uma equação totalmente diferente composta de circunstâncias muito distintas, o que era inevitável, porque a vida está sempre evoluindo e mudando, e, portanto, independentemente de quanto quiséssemos, nunca teríamos aquele momento outra vez.

Mesmo que tentássemos recriá-lo com todas as nossas forças, chegando até a vestir a mesma roupa, falharíamos, porque não dá para derrotar o tempo, só é possível desfrutar dele sempre que dá, à medida que ele se estende indefinidamente.

A certa altura, um grande gato preto começou a se enroscar nas pernas de Max, descrevendo o sinal de infinito. Quando Max se abaixou para acariciá-lo, o animal ergueu a cabeça para alcançar sua mão, recebendo um belo carinho atrás das orelhas. O gato fechou os olhos em sinal de apreço. Max fez o mesmo. Eles pareciam se comunicar. Gostaria de saber se Max estava praticando sua telepatia com gatos.

“Vocês viram isso, porra? Como a porra daquele gato *me* escolheu para se comunicar?”, gritou Max para nós quando o gato foi embora. “Que merda, hein?”

Elizabeth e eu sorrimos, porque Max estava muito feliz.

Sorrir realmente não fazia sentido se considerássemos todo o contexto. Sem dinheiro, sem um trabalho “real” e nenhuma ideia do que faríamos quando voltássemos à Filadélfia, nem de quem estaria pagando as contas, que foram integralmente quitadas, mas que continuavam chegando à casa da minha mãe. Para ser sincero, nós três éramos uma trágica confusão emocional.

Mas, de algum modo, o simples fato de ver um homem adulto desfrutar da companhia de um gato selvagem numa manhã fria de inverno em Ottawa, ver Max vivendo e apreciando integralmente aquele momento... Bem, de alguma forma era o bastante para aquele tempo e aquele lugar.

O bastante para nos sentirmos bem.

Mais do que o suficiente para nos fazer sorrir.

E isso é tudo o que eu gostaria de compartilhar com você, Richard Gere, mesmo que ainda haja muito mais nessa história. Por exemplo, como levamos o corpo do padre McNamee de volta para os Estados Unidos; que a família dele não falou comigo no enterro, apesar de nunca termos contado a ninguém a verdade sobre ele ser meu pai biológico; que um homem alto vestindo um terno caro se

aproximou de mim, apertou minha mão com firmeza e, enquanto agarrava meus ombros e me fitava diretamente nos olhos, disse: "Dicky tinha muito orgulho de você" e, como não respondi, ele acrescentou: "Eu e ele crescemos juntos, sabe? Fomos melhores amigos na escola. E, de onde venho, cuidamos dos nossos melhores amigos, portanto não se preocupe com nada... *Isso fica apenas entre nós dois, hein?*" Então ele piscou e pisquei de volta duas vezes para selar minha promessa de não contar a ninguém, nem mesmo a Max e Elizabeth; como padre Hachette também ajudou nós três a encontrar uma terapeuta que nos aconselharia individualmente e também em grupo, o que ela chamava de "unidade familiar", a um custo que podíamos pagar; que Elizabeth passou a ir comigo à missa de sábado à noite, mesmo que ainda não acredite oficialmente em Deus; que Wendy caiu no choro quando, usando outra vez seus grandes óculos escuros, pediu ajuda financeira à Universidade Temple — na esperança de escapar de Adam de uma vez por todas — e um belo conselheiro financeiro chamado Franklin a consolou, levou-a para jantar e, no fim das contas, arranjou para ela um fantástico pacote de ajuda financeira e empréstimo, livrando-a de Adam e dos abusos dele. Sei tudo isso porque Franklin e Wendy estão assistindo à missa de sábado à noite na São Gabriel, e às vezes vamos todos à pizzaria local, onde fico feliz de observar o rosto e os braços de Wendy, porque ela já não tem mais hematomas pelo corpo; que fui promovido a gerente no meu novo emprego naquele restaurante de fast-food no centro da cidade chamado Wendy's — sincronicidade? —; que Elizabeth foi oficialmente contratada para trabalhar meio expediente pela Free Library of Philadelphia; que Max ainda ganhou um aumento na "porra do cinema", então finalmente somos capazes de pagar nossas contas sem qualquer ajuda do meu novo amigo canadense alto e bem-vestido, que me liga de vez em quando para dizer: "Dicky está no céu olhando para baixo com um sorriso no rosto, hein?" Isso sempre me faz sentir bem, como se eu tivesse me tornado, por fim, um homem adulto capaz de deixar o pai orgulhoso.

Como você sabe, houve um grande intervalo entre o primeiro lote de cartas e as últimas, Richard Gere. Desculpe por minha correspondência ter sido interrompida tão abruptamente, mas ando um pouco sobrecarregado com tudo o que aconteceu nesse curto período de tempo. Para ser sincero, acho estranho escrever outra vez. Isso me faz sentir um pouco maluco, ou talvez me lembre de quão incrivelmente enlouquecida estava minha mente — e quem sabe volte a ficar caso eu não tome cuidado, caso eu não cuide de mim mesmo.

Nossa nova terapeuta, que se chama Dra. Hanson — uma senhora baixinha cujo coque de bailarina serve como alfineteira para seus utensílios de escrita —, disse para mim que seria bom terminar de contar minha história a você, nem que seja para dizer adeus, para encerrar oficialmente o capítulo Richard Gere na minha vida.

“Feche o ciclo Richard Gere”, disse ela. “É muito importante para seu inconsciente que você encerre isso.”

Ela também falou que era necessário dizer para você — e, assim, admitir para o meu inconsciente — que não fui cem por cento sincero nas minhas cartas, que as embelezei um pouco aqui e ali para tornar as coisas mais interessantes. A Dra. Hanson afirma que fiz isso porque estava com medo de não ser bom o bastante para me corresponder com alguém tão famoso e importante quanto você, Richard Gere. Mas, por favor, saiba que — embora a declaração anterior seja tecnicamente verdadeira —, metaforicamente falando, tudo o que escrevi para você também era cem por cento verdadeiro.

De certa forma, fui mais sincero com você do que já fui com qualquer pessoa em toda a minha vida, incluindo minha mãe. Então espero que você sinta orgulho disso, Richard Gere.

Agora estou tentando me esconder menos atrás de metáforas na minha vida real.

A Dra. Hanson diz que isso é importante.

Concordo com ela.

Elizabeth também.

A Dra. Hanson é mesmo uma pessoa talentosa, capaz de curar as outras. Talvez ela seja até um pouco como Santo Irmão André, mas no mundo moderno do aqui e agora, e não no sentido abertamente religioso.

Estou gostando da minha nova vida.

De verdade.

Estou vivendo sem minha mãe e estou bem.

Milagre?

Será que tivemos um?

Talvez.

Independentemente disso, sou grato.

Uma última coisa: agora, Elizabeth e eu ficamos de mãos dadas quase todos os dias.

É verdade.

Você está orgulhoso de mim, Richard Gere?

Estou me esforçando bastante para oferecer um conto de fadas para ela.

Então, acho que aqui, agora, neste exato momento, chega ao fim nossa correspondência.

Para sempre.

Não haverá outra carta.

Você pode passar para sua próxima missão ou, se nunca tiver sido real, no fim das contas, pode simplesmente deixar de existir para sempre.

Independentemente de você ser ou não apenas uma invenção da minha imaginação, agradeço por ter lido todas as minhas palavras, mesmo que nós dois estivéssemos apenas fingindo. Obrigado por ter estado presente quando eu não tinha mais ninguém e por simplesmente me ouvir sem julgar.

Desejo muita sorte em suas causas.

Acredito que você ainda libertará o Tibete, e vou comemorar esta realização quando isso acontecer.

E sinta-se livre para compartilhar a filosofia da minha mãe com Sua Santidade, o Dalai Lama.

Sentirei sua falta, mas realmente acho que esta tem que ser minha última carta.

Ordens da Dra. Hanson.

O Richard Gere você-eu imaginário se foi.

E há pessoas reais aqui comigo agora. Pessoas que devem continuar por aqui.

Adeus, Richard Gere.

Seu fã e admirador,
Bartholomew Neil

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial à minha esposa, Alicia Bessette; à minha europeia favorita, Liz Jensen; às editoras, a americana Jennifer Barth e a canadense Jennifer Lambert, por lerem os rascunhos e melhorarem drasticamente este livro de todas as formas possíveis; ao meu agente, Doug Stewart, por nunca deixar de acreditar no meu trabalho e em mim; a equipe inteira da Sterling Lord Literistic e a todos os agentes/scouts estrangeiros; aos diversos editores estrangeiros que tornaram este livro acessível aos leitores de todo o mundo; ao meu agente cinematográfico, Rich Green; à mamãe; ao papai, por ter me contado nos mínimos detalhes sobre o assassinato do presidente Garfield justamente quando eu precisava saber disso, mesmo que na época eu não tivesse percebido quão importante essa informação seria para este projeto (sincronicidade?); a Megan; Micah; Kelly; Aaron; vovó Dink; Pete; Barb e Peague, por me permitirem escrever em sua casa em Vermont; Bill e Mo Rhoda; Sr. Canadá (também conhecido como Scott Caldwell) e seus familiares, por terem fornecido alimentos deliciosos e nutritivos, bebidas alcoólicas, BeaverTails e abrigo quando fomos pesquisar sobre o Parlamento dos Gatos em Ottawa; ao Dr. Len Altamura; ao peruano Scott Humfeld; a Roland Merullo; Beth e Tim Rayworth; Evan Roskos; Mark Wiltsey; Kent Green; a todas as pessoas da HarperCollins (e todas as editoras no mundo inteiro) que trabalharam arduamente para promover este livro; a cada fã que já tenha dito ou escrito alguma coisa agradável sobre o meu trabalho; e a VOCÊ, por ter lido *A Sorte do Agora* JUSTO AGORA (sincronicidade?). Obrigado!!!

SOBRE O AUTOR

© Alicia Bessette

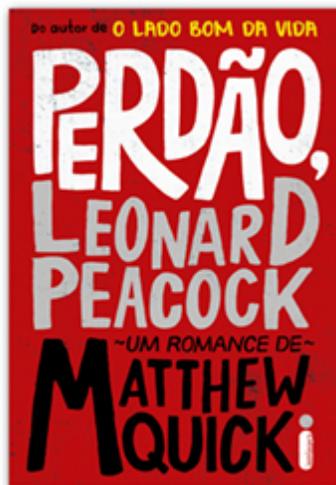


MATTHEW QUICK era professor na Filadélfia, mas decidiu largar tudo e, depois de conhecer a Amazônia peruana, viajar pela África Meridional e trilhar o caminho até o fundo nevado do Grand Canyon, reviu seus valores e, enfim, passou a dedicar todo o seu tempo à escrita. Ele então fez MFA em Creative Writing pelo Goddard College e voltou para a Filadélfia, onde mora com a esposa. As obras de Quick já foram traduzidas para mais de 20 idiomas e lhe renderam críticas elogiosas e menções honrosas importantes, entre as quais a do PEN/Hemingway Award. É também autor de *Quase uma rockstar*, *Perdão*, *Leonard Peacock* e do best-seller *O lado bom da vida*, cuja adaptação para o cinema foi premiada com um Oscar.

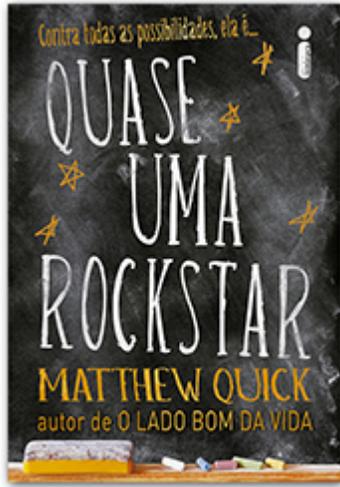
CONHEÇA OS OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



O lado bom da vida

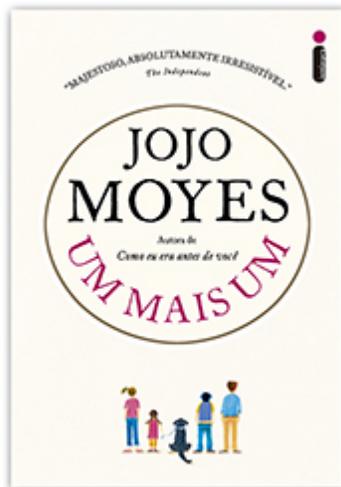


Perdão, Leonard Peacock

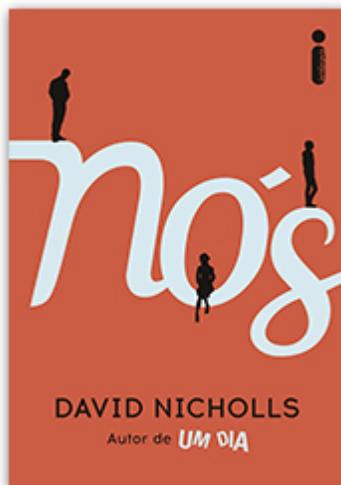


Quase uma rockstar

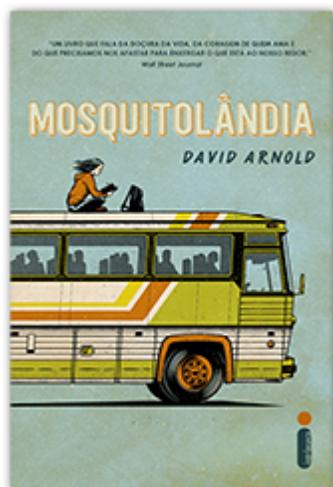
LEIA TAMBÉM



Um mais um
Jojo Moyes



Nós
David Nicholls



Mosquitolândia
David Arnold